

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL
Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas - NUCOGS

TIAGO MELGAREJO DO AMARAL GIORDANI

Tese

**Nomadismo e Sociedade de Controle: estudo sobre os “malucos” em uma tese
partida ao meio**

Orientadora: Dra. Cleci Maraschin

**PORTO ALEGRE
2016**

TIAGO MELGAREJO DO AMARAL GIORDANI

**Nomadismo e Sociedade de Controle: estudo sobre os “malucos” em uma tese
partida ao meio**

Tese de Doutorado para o Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Social e
Institucional, do Instituto de Psicologia,
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Dra. Cleci Maraschin

PORTO ALEGRE
2016

Banca Examinadora

Profa. Dra. Cleci Maraschin (Presidente – Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dra. Betina Hillesheim
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Prof. Dra. Inês Hennigen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Luis Arthur Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Francisco Serrano Tirado
Universidad Aberta de Barcelona – UAB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma maneira fizeram parte de meu percurso de produção de tese e me possibilitaram exercitar o corpo-pensamento, enquanto afetos alegres, para além das dicotomias e das naturalizações.

À Professora Cleci Maraschin por me acompanhar como orientadora e instigadora no percurso de formação como pesquisador.

Aos malucos pelos encontros generosos.

À banca de professores, Bethina Hilleshein, Inês Hennigen, Luis Arthur Costa, Francisco Javier Serrano Tirado, pelas contribuições importantes na banca de qualificação e fora dela, pois criaram condições para a escrita da tese e pelas contribuições que virão da leitura da tese.

Ao grupo de pesquisa NUCOGS, pelo espaço de troca afetiva e de produção de conhecimentos. Aos colegas e amigos do grupo, Carlos Baum, Poti Gaviolon, Erika Neres, Raquel Salcedo Gomes, Renata Kroeff, Grace Tanikado, Carlos Cardoso, Luciana Kraemer, Renata Bedin.

Ao grupo de pesquisa GESCIT (Grup d'Estudis Socials de la Ciència i la Tecnologia), pelos momentos felizes, inventivos e de produção de conhecimento. Aos colegas e amigos Enrique Baleriola, Pedro Torreron e Andres Seguel, em especial ao Professor Francisco Javier Serrano Tirado, por me acolher em seu grupo de pesquisa na Universitat Autònoma de Barcelona, pela possibilidade de discutir temas tão interessantes e instigantes em terras estrangeiras. Pelas orientações, ensinamentos e amizade.

Grupo de pesquisa da professora Inês Hellisgen, que me acolheu durante parte do período de doutorado. Espaço de discussões e reflexões bastante importantes para minha formação, pela amizade e espaço de parceria que o grupo oportunizou.

À professora Neuza Guareschi, pelo carinho e auxílio no percurso da tese.

Aos professores do PPGPSI, pela abertura ao diálogo, e ao secretário Israel Aquino, pela dedicação em resolver as demandas institucionais.

Aos amigos muito queridos da PUCRS, pelo carinho, amizade e parceria sempre e em todos os momentos.

Aos meus pais Luiz e Iara, pelos conselhos, carinho, acolhida e por estarem sempre ao meu lado.

Ao mano Jessye, parceiro de toda uma história de crescimento pessoal e profissional.

Ao meu filho Francisco, meu devir-criança, amigãozão, inspiração e força para fazer qualquer coisa.

À Luti, companheira incansável de todas as horas, insentivadora, instigadora, interlocutora. Uma admirável parceira, plena de carinho, amizade, afeto e amor.

RESUMO

Esta tese propõe uma experiência de escrita a partir do percurso do pesquisador atravessado pelo encontro com os Malucos de BR. Tal experiência baseia-se nas discussões realizadas por Deleuze e Guattari sobre literatura menor. Nesse sentido, experimenta-se a produção de um romance permeado pela influência dos estilos de Kafka e de Dostoiévski, na tentativa de trazer para o espaço de produção acadêmica a potência em termos de agenciamento e devir-outro possibilitado pela escrita literária. Utiliza-se da literatura, da música, de filmes e da produção acadêmica para constituir o desenho de seu mapa no acompanhar os malucos. O texto-tese nasce cindido em metades, como no romance *O visconde*, partido ao meio, de Ítalo Calvino. Uma das grandes metades seria composta pelo escrito de cartas e novelas, e a outra metade, pelo que se chama de romance. Escreve-se sob a inspiração da estrutura textual dos trabalhos de Kafka: cartas, novelas e romances. Inicia-se com as cartas, que funcionam como um fora-texto, um explicativo que não compõe o texto principal, mas é reunido ao seu lado, como uma legenda; após as cartas, o leitor vai encontrar o que se chama de novelas. Nelas, os textos estão com ares de acabados; é possível ver início, meio e fim. Também são os textos mais acadêmicos e duros. A última parte é a experimentação mais potente, no sentido de se permitir fazer uma escrita de um romance. Como um sempre inacabado. Nele, encontra-se o percurso de um personagem conceitual, o corpo, que opera polifonicamente, de modo singular, convocando um agenciamento coletivo. Investe em uma escrita polifônica, feita por diversos atores que se agenciam a personagens de histórias literárias, conduzindo-os a novas vidas. Toma-se a experiência da escrita do romance como um ponto de chegada, mesmo que inacabado, mas um ponto onde se faz necessário um corte na rede rizomática pela qual se anda.

Palavras-chave: malucos, arte, artesanato, biopolítica, literatura menor

ABSTRACT

This thesis proposes a writing experience from the researcher's trajectory in its intersection with 'Malucos de BR'. Such experience was founded on discussions about minor literature carried out by Deleuze and Guattari. In this sense, the production of a novel was experienced, influenced by Kafka and Dostoyevsky's styles, in an attempt to bring to the setting of academic production the potency in terms of both agency and becoming-other enabled by literary writing. Literature, music, movies and academic production were used to draw a map along the path with 'malucos'. The thesis-text was born divided in halves, like the novel *The Viscount*, by Italo Calvino. One of the big halves comprises letters and short stories, and the other consists of what has been called a novel. Writing was inspired by the textual framework of Kafka's works: letters, short stories and novels. At the beginning, the letters function as an outside text, an explanation that is not part of the main text, but it is positioned on its side, as a subtitle; following the letters, the reader finds what has been called short stories. The texts have a finished look; it is possible to notice its beginning, middle and end. These are the most academic and hardest texts. The last part is the most potent experimentation, in the sense of allowing oneself to write a novel. Like something always unfinished. The trajectory of a conceptual character is found in it - the body, which operates polyphonically, in a singular way, calling for collective agency. It invests in a polyphonic writing performed by several authors in agency with characters from literary

stories, thus leading them to new lives. The experience of writing a novel is taken as a point of arrival; despite being unfinished, it is a point in which it is necessary to cut the rhizomatic network on which one has roamed.

Keywords: 'malucos', art, craftwork, bio-politics, minor literature

SUMÁRIO

1. As cartas	9
1.1 Carta ao Leitor	9
1.2 Carta 1 – Um esquema	16
1.3 Carta 2 - Questões do Estudo	18
1.4 Carta 3 – Desdobrando os capítulos	20
1.5 Carta 4 – Modos de Operar a Pesquisa/ Procedimentos	22
1.6 Carta 5 – Sobre o autor	28
2. Prefácio de uma tese partida ao meio: o Romance, seu antes e seu depois-nada	33
3. Neoliberalismo, Biopolítica e Resistência	46
3.1 Os malucos e suas facetas em resistir	75
4. O Nomadismo e a Arte Menor	79
4.1 A arte e a vida em artesanato-malucos	104
5. Romance de Maluco	111
6. Referências Bibliográficas	209

Cartas

Carta ao Leitor

Porto Alegre, 21 de junho de 2016

Prezado Leitor,

É chegada a hora de enviar-lhe esta carta. Por vezes a apaguei, rasguei e pus no lixo. Tantas vezes tentei sua escrita e tantas vezes a reneguei. Mas depois de tanto tempo resolvi lhe fazer este envio.

Certa angústia carrega a tinta da pena em que te escrevo esta carta¹. Angústia pelo teu olhar. Pelo que vais conseguir olhar após o que te direi. Possivelmente esta inquietação é só minha e em nada interferiria em tua leitura, mas me ponho angustiado antecipadamente só por imaginar que a direção que te darei pode retirar as incompreensões e desvios possíveis de teu olhar ou de tua leitura. Desvios imprevisíveis e por isso tão sedutores, tão criativos.

Mas minha relutância foi vencida. Aceito o encontro do modo como for. Saiba que a qualquer momento que achares que esta carta não é mais necessária, podes parar com tua leitura. Vá adiante. Se tiver dúvidas, te sentir inseguro e quiser retornar para um ponto de algumas certezas volte pra cá, ela pode te segurar pela mão um pouco mais. Mas se o subsolo te fascina, te joga. Tenta entender, criar relações. Busca tua linha de compreensão. Independentemente se entenderes de forma diferente do que tento experimentar com essa escrita, pois, depois, podemos conversar sobre nossas produções. Faremos um texto-outro conjunto, então.

Te digo isto, amparado pelas palavras de Kastrup e Cabral, em um artigo que li, despreziosamente há tempos, chamado “Encontros que nos movem: a leitura como experiência inventiva” (s/a)². Nele apresentam a leitura como experiência inventiva e de produção de subjetividade. Ou seja, ler não é meramente decifrar ou compreender palavras, como afirma o paradigma do processamento da informação, mas experimentar. Qual a perspectiva de quem lê? Que efeitos se produzem no encontro entre texto e leitor?

A partir das afirmações de Roger Chartier, as autoras afirmam que “não existe à leitura”, mas diversas formas de ser leitor e que o sentido do texto não está dado, uma vez que sua construção ocorre na relação entre o leitor e a obra”(s/a, p.1).

¹ A alusão à escrita em papel e tinta ocorre pela memória de um corpo. Busca a relação com o tempo da escrita, com a forma e o desenho da letra. Não é tecla uniforme, igual, mas um fazer desenho. Como no desenho de uma cartografia, na produção de um mapa e não no decalque, na impressão da figura sobre o papel (Deleuze e Guattari, 2002). Retomar a caneta e a configuração do encontro entre escritor, caneta, tinta e papel. A configuração de um corpo múltiplo, que ainda em processo de construção espera pelas observações de seus interlocutores em narrativas.

² Tal trabalho constitui uma síntese da tese de doutorado de mesmo título defendida por Maria do Carmo Carvalho Cabral em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, sob orientação da Prof^a. Dra. Virgínia Kastrup.

Meu esforço, te pedindo participação, vai no sentido de que a condição para esta escrita se funde na possibilidade de outros escreverem junto. De que aqueles que lerem o texto, possam se colocar nos escritos, possam dialogar. Desta forma, assumimos que o texto não é pessoal, não trata de uma história que o escritor viveu. Traz para o texto escritos que estão abertos, que pedem para o leitor os terminar; que possibilitam a entrada do leitor e, assim, o texto passa a ser uma co-produção; uma produção entre leitor e escritor, ambos escrevendo o texto em tempos diferentes.

Então, vamos lá. O que estou fazendo?

Estou me lançando em uma aventura que não é apenas teórica, mas também de escrita. A experiência de uma escrita diferente. O texto tomado como uma experimentação que inquieta, desacomoda. Talvez não para ti, leitor, mas a mim, que agora me envolvo no ato de escrever. Já estava acostumado a escrever para meus pares, para a academia. Buscar autores, analisar seu pensamento. Tomar um fato social. Relacionar com analisadores e produzir as análises. Colocar tudo em um formato de artigo e ... “voilà”! Sem muita dificuldade, a não ser os processos analíticos.

Mas agora me propus uma escrita diferente. Um desafio ao modelo que estou acostumado. A proposta é uma escrita em *devenir-outro*, em *devenir-corpo*. Como Kafka em “Um relatório para uma academia”³. De macaco para humanos. O macaco fala, aprende e ensina. Também dissimula para poder pertencer. Quero uma escrita maluca, de maluco para acadêmico. Mas não sou maluco. Não tem problema, Kafka também não precisou ser macaco. Falamos então de uma escrita em *devenir*. Uma escrita *devenir-maluco*.

Embora a escrita maluca apareça mais no romance, ela opera pela tese como um todo: em sua estrutura, no modo como o texto é distribuído, na polifonia literatura-música-ficção. Mas antes, temos o prefácio de uma tese partida ao meio. Escrito em terceira pessoa, alguém que leu o romance-tese e conta para o leitor. Faz uma apresentação geral da tese. Já o romance de maluco é uma escrita mais próxima. Mais vivencial. Opera com alguns conceitos mas não está preocupado em nominar. Usa de uma linguagem coloquial e por vezes mais poética, musical. Conta um possível processo de alguns malucos.

Mas antes disso, faço uso de cartas. Cartas endereçadas a diferentes interlocutores. Alguns são teóricos, outros, apenas pessoas comuns. Isto não estará explícito na carta. Mas o leitor tem pistas para aproximar-se de quem é meu interlocutor. As respostas das cartas o leitor, também, não as terá. Fica por tua conta essa produção.

As cartas, como em um rizoma, ou nos platôs de Deleuze e Guattari⁴, serão datadas com referências importantes para a temática tratada e significativas para mim. No entanto, não será explicitado o motivo da datação. Será uma incógnita do texto. Guardam motivos de

³ Kafka, F. Um relatório para uma Academia IN: Um medico rural: pequenas narrativas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁴ Deleuze, G; Guattari, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1-5. São Paulo: Ed. 34.

quem escreve. Funcionam como se tivessem sido produzidas não para publicação, um “fora-texto”, como afirma Lourau⁵, quando discute análise de implicação em análise institucional. Tem a função de um corpo a mais para ajudar na compreensão do texto principal (Romance e texto acadêmico)⁶.

Nas cartas são apresentadas a temática da tese, os objetivos, o problema de pesquisa, a metodologia utilizada, um breve resumo de cada um dos capítulos e uma discussão sobre a noção de autor. Esta última carta funciona como um operador “entre”. Função “entre”, no sentido, que sua escrita, encerra a série das cartas como modelo de escrita informal e, ao mesmo tempo, inicia um formato mais acadêmico. Encerra a descrição do “vou fazer” e, inicia a fase do “estou fazendo”. Também tem sentido poético, um convite: Entre!

Toda a estrutura da tese está baseada na lógica de produção dos textos menores de Kafka. A saber: Kafka produziu, cartas, romances e novelas. Nas cartas constam suas comunicações pessoais, suas trocas, mas que não pertenciam diretamente às obras. Embora, hoje, podemos lê-las e identificar muito de seus textos nelas. Assim, uso as cartas como um fora-texto (Lourau, 2003) explicativo do que vou fazer na tese.

Os romances são considerados textos inacabados, não fechados. Desta forma, produzo uma aventura de escrita, pelo caminho de abertura, evidenciado, pelos malucos. Não busco defini-los, mas construir uma experiência de maluco e de escrita maluca. Sempre um inacabado. O próprio romance, como verão, não termina, simplesmente para de ser contado.

Já as novelas são os textos que chegaram a um fechamento. Neste sentido, a última parte da tese, conduz para uma produção mais afirmativa, em que a definição do objeto está mais bem construída. Seu propósito, seu procedimento e conclusão chegam a um desfecho. Seu estilo de escrita, também retorna ao modelo acadêmico tradicional.

Assim, intento um texto de feitiço Kafkaniano, coletivo, em que traço algumas linhas e tu vais completando-as. Nem tudo precisa ser dito. Há muito espaço para o não dito.

Mesmo lendo as instruções, que não dão conta de todo o texto, pois as mesmas não conseguem entrar em suas brechas, em suas ranhuras. Só passam em alguns de seus pontos de conexão. Neste sentido, apenas apontam um caminho possível para sua leitura/escrita. As indicações funcionam como picada aberta a facção em mata fechada. Significa que não são a melhor entrada ou a entrada certa, mas uma entrada forçada por alguém que estabeleceu certa intimidade com o texto. Podes fazer tua entrada, seja seguindo a picada já aberta ou fazendo a tua própria. De peito aberto sentindo o fio dos espinhos que penetram a carne, que rasgam a roupa e o corpo que a cobre. Ou entrar com máquina mais sofisticada, onde estás

⁵ Lourau, R. O campo socioanalítico. In: Altoé, Sônia (Org.). Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2003.

⁶ O mesmo recurso foi utilizado para analisar as obras de Kafka. Suas cartas foram tomadas como parte de suas produções, foram integradas, como um fora-texto, para leitura mais aprofundada de sua produções principais. Deleuze, G.; Guattari, F. Kafka: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

protegido de qualquer espinho, não que algum estilhaço das árvores caído, não possam adentrar tua armadura metálica e em tua carne encontrar paradeiro. Mas enfim, isto é uma escolha que só cabe ao leitor/escritor que por esta aventura escolher caminhar.

Outro elemento importante para a leitura da tese, é que ela foi escrita pensando em algumas músicas, ouvindo-as. Desta forma podes ler trechos da tese e fazer paradas para sentir o que te pede o corpo, aberto e vibrátil⁷ ao som, à letra, ao ritmo da música. Às vezes a pura sonoridade embalava os caminhos por onde a escrita viajaria ou estabeleceria paragem. Ouvir a música com os poros, portas abertas do corpo inteiro. Um perverso polímorfo na vida adulta. Não mais um conceito psicanalítico para a infância sensível, mas uma experimentação para um corpo mais letrado, uma forma de desorganizar a estratificação organizacional do corpo. Ouvir pelos ouvidos. Órgão-função. Buscar uma reorganização “órgão-outra-função”. Outros modos de ouvir a música.

Mais movimentos derivam e compõem a escrita. Ela constituiu-se por mais um platô. Movido pela sede de aventura e pleno do ímpeto guerreiro, o

[e]ntusista e inexperiente, não sabia que só podemos nos aproximar de canções lateralmente ou do lado da culatra. Saltou na frente da boca de fogo, de espada em punho, e imaginava assustar os dois astrônomos. Ao contrário, mandaram-lhe um canhão em pleno peito. Medardo di Terralba saltou pelos ares. (...) Costuraram, adaptaram, amassaram: sabe-se lá o que fizeram. O resultado foi que no dia seguinte meu tio abriu o único olho, a meia-boca, dilatou a narina e respirou. A dura fibra dos Terralba resistira. Agora estava vivo e partido ao meio (Calvino, 2011. P. 19-20).⁸

Como no conto “O Visconde partido ao meio”, de Calvino, a tese estará partida ao meio, duas metades, ou poderíamos dizer, múltiplas metades. Um jogo múltiplo de dois. Meios ou duplos, cisão ou duplicação? Dois Gêneros: um corpo; ou dois corpos em um Gênero? Ou ainda, um corpo e um gênero, ambos distintos. Como disse Estamira⁹: “O homem par ou o homem ímpar”. Contudo, de forma alguma, a composição busca uma dicotomia. Apenas tenta afirmar-se por meios distintos de escrita.

Uma parte com estilo literário, baseado nas produções kafkianas: Cartas e romances. Suas novelas ficam para a metade-outra, que trabalha de forma acadêmica, mais dura e os temas, de forma mais conceitual. Enquanto na metade-outra-romance, tento operar com os conceitos e dar vida a eles através dos personagens, contando também uma história possível, embora sempre inacabada, dos malucos de estrada. Na metade-outra-novela, discuto teoricamente tais conceitos. Há uma cisão, como cicatriz. O leitor a nota em função da brusca troca da escrita. Terá a sensação de uma falta de passagem ou de uma passagem muito rude de um trecho para outro. Isto não ocorre de todo, mas em alguns momentos, como marcações.

⁷ Rolnik, S. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. Conceito cunhado por Sueli Rolnik: o corpo vibrátil. “Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização” (p.32).

⁸ Calvino, I. O Visconde partido ao meio. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁹ Documentário “Estamira”. Dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha, lançado em 2005.

No conto, um visconde é bom e o outro é mau. Evidenciando o lado moral das atitudes do Visconde. Tanto bom e mau causam o descontentamento dos que cercam o personagem principal. Mas em nosso texto não trabalharei com tal oposição das metades. Não sei qual é boa e qual é má, talvez nem tenha bom e mau, pois se assim o fizéssemos estaríamos tomando a moral como referência para a escrita. Mas poderíamos pensar em bem e mal (Deleuze, Espinosa)¹⁰ e então, colocaríamos uma questão ética da própria escrita. Nem melhor nem pior o texto literário/acadêmico, mas ambos tocados pela sua potência, ambos compondo um agenciamento de potência.

Sobre as metades e seu desdobramento na tese, penso que nos serve a definição do senhor Palomar de Calvino: “Precisava conseguir ter presente por um lado a realidade informe e demente da convivência humana, que só gera monstruosidades e desastres, ...” – a escrita literária dentro da tese – “e por outro lado um modelo de organismo social perfeito, desenhado com linhas nitidamente traçadas, retas e círculos e elipses, paralelogramos de forças, diagramas com abscissas e ordenadas” – a escrita acadêmica tradicional da tese. (Calvino, 1994, p. 97)

A princípio temos muitas entradas ou saídas das catacumbas desta escrita. Em seus subterrâneos encontramos pequenas histórias que servem de amarração para a história de nosso personagem maluco, mas que podem render histórias paralelas em que outros se tornam protagonistas. Como, por exemplo, na história de Zossima, que tem como grande inspirador Nanser, um cientista considerado como excêntrico pelos seus, um tanto louco alguns diriam, em função de suas aventuras. Mas que para o corpo servem de grande potência de vida, pois toma aquilo que faz vibrar fora da norma, fora dos processos de normalização como referência para uma vida (não)planejada, no sentido de início meio e fim, mas de uma vida a ser vivida.

Sobre os personagens do romance. São retirados de suas histórias originais da literatura, e passam por um processo que os torna outros. São divididos ao meio como ocorreu com o visconde. E são recosturados como inteiros. Mas trocados. O bom de origem, se torna mau nesta história e, o mau de origem, se torna bom nesta história. Um jogo com as metades e com os inteiros. Uma alusão as dicotomias conceituais e sociais. Uma certa desessencialização dos personagens. Aqui, eles são feitos/escalados para desempenhar outros papéis. Segundo Pichon Rivière, isto até que seria considerado saudável. De certa maneira produz um encontro entre tais personagens. Em suas obras nunca se encontraram, mas nesta obra, faço que estabeleçam uma conversa, tomando de empréstimo suas falas e dizeres de suas obras de origem e as ponho em contato pelo texto que escrevo.

Nem tudo será explicado no texto. Existem coisas que ficarão em aberto, tal qual ocorre no conto “As jóias”, de Maupassant. Ou como acabei de fazer com relação a Pichon. Um exercício de completar a história, mas que não busca pela verdade. Faz, literalmente, do

¹⁰ Deleuze, G. Espinosa, filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002. / Deleuze, G. Espinosa e o problema da expressão. <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Expressão1.pdf>. / Espinosa, B. Ética, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

leitor um escritor da história, nem que seja em linhas imaginárias ou nas bordas das páginas do texto apresentado.

Porque escrever um romance? Primeiro porque me permite sair ou escapar de uma definição identitária sobre os malucos. Como em um romance, não é a história de um povo ou de um sujeito que estou buscando contar. Conto uma história que serve tanto a um, como a outro, e também a tantos outros que não pertencem a nenhum deles. Também, porque um romance é “uma obra narrativa que pode significar e ser fruída em muitos planos interpenetráveis” (Calvino, 2015a, p.32)¹¹

Todavia, é válido ressaltar, que todo o romance é contado baseado nas histórias reais dos malucos que encontrei pelas estradas ou pelas leituras de suas narrativas. Em acontecimentos que eles vivenciaram. Trabalho com as idéias de alguns malucos. Idéias estas coletadas nas conversas com eles, nas gravações disponibilizadas na internet, sejam elas de entrevistas ou de documentários, nos livros lidos, nos filmes assistidos.¹² Me apropriei de vários elementos trazidos por eles e tentei fazer com que os personagens falassem na língua dos materiais que encontrei disponíveis. De certa forma posso dizer que traduzi¹³ (como invenção de equivalentes) os materiais em personagens. Não são mera reprodução do material encontrado, pois para que existam, enquanto personagens, constroem uma nova vida, necessitam compor-se como outro. Assim como Pinóquio criado por Gepeto, ao ganhar vida, deixa de ser marionete e faz uma escrita distinta da que gostaria Gepeto. Os personagens desta tese-romance também o fazem. Distam-se e aproximam-se dos elementos que utilizei para criá-los.

Também são utilizados histórias de filmes. Pode haver algumas distorções na escrita, estas ocorreram no sentido de fazer uma adaptação para o texto literário, mas preservam a idéia do acontecimento. Não se trata do “eu” que fala, um eu pessoal, mas a constituição de um campo de possibilidade de enunciação (Rolnik, 2011).

¹¹ Calvino, I. Respostas a nove perguntas sobre o romance. In: Mundo escrito e mundo não escrito: artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015a

¹² Este ponto ficará mais detalhado nas cartas que seguem.

¹³ Tomo de empréstimo a noção de “Tradução” trabalhada por JULLIEN, F. O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. Neste, ele entende tradução como uma experiência arriscada, um “salto no escuro” nas palavras de Humberto Gessinger. Ou seja, nada é compreendido como evidente, mas a partir de um estranhamento. A língua, ou melhor, a palavra é tomada pela sua diferença e pela sua funcionalidade. Assim, não existe um conversor seguro, uma língua intermediária que seria utilizada para chegar a tradução de encaixe perfeito, mas o que fazemos é passar de uma diretamente para a outra. Não existe correlação segura e certa a ser encontrada. Não há distanciamento, não há neutralidade. Na tradução se está sempre implicado e construindo equivalentes que atuem por funcionalidade. Nada tem haver com similaridade ou analogia. Toma-se o lugar do outro para desempenhar uma função que supra o outro, mesmo que o realize de modos diferentes. Isso implica que, metamorfoses surgirão, até que o equivalente seja encontrado. O equivalente serve como um ponto de cruzamento entre as duas distintas línguas, mas que no ponto de cruzamento possam ser agenciadas por uma perspectiva do tradutor. É um trabalho nada fácil de ser executado e na grande maioria das vezes, faz-se através de erros, correções, incoerências, recorreções, novos erros e assim por diante.

Este texto assume um risco, e “ao se jogar, arrisca-se imensamente”¹⁴. O exercício na tese, não seria apresentar os malucos e falar teoricamente sobre eles, mas como um exercício de pensamento, tentar escrever um breve romance. Usar das discussões sobre a literatura para produzir sensações e derivar conceitos ou experiências de (des)subjetivação. Me arrisquei a este exercício. Talvez não tenha dado certo. Ao lerem o texto talvez entendam que o escrito ficou piegas, infantil e simples por demais. Esse é o risco que um novato (as vezes até um veterano) corre ao se jogar no precipício¹⁵. Quiçá a obra não seja grande coisa aos olhos de quem a lê. Porém, o mais potente deste exercício, foi o que possibilitou enquanto condição de pensamento. Ajudou a entender melhor os conceitos, a fazer vibrar as sensações, a tentar dar vida aos personagens, a fazer reverberar a história, não real, factual dos malucos, mas do acadêmico.

*A escolha por chamar o personagem principal de corpo, também não é aleatória, contudo faz eco com a discussão proposta por Espinosa em *Ética III*, além de trabalhada por Deleuze em dois livros, a saber: *Espinosa, filosofia prática*; *Espinosa e o problema da expressão*. A tentativa é mostrar o corpo potência; o corpo agenciamento; o corpo vida. Uma narrativa em que corpo, narrador, livros, músicas, filmes, leitor e acadêmico se mesclam, não em um amálgama, mas em uma máquina de produzir desvíos. Se alternam no protagonismo da narrativa e se metamorfoseem em outros a partir das conexões que estabelecem.*

Assim a tese assume suas duas caras, quando dá cisão entre o romance e a escrita acadêmica. Na primeira a produção, não tinha, a priori, uma regra definida de como ocorreria. Seus regramentos, margens e forma de operar foram surgindo durante a própria escrita. Me lancei para uma escrita-aventura, como um maluco vai a rua e faz malucagem, me joguei ao romance. É experimentação da forma de escrever e de como tentar fazer operar os conceitos. Também é a tentativa de contar um pouco sobre malucos, na perspectiva de “como se”, eles estivessem nos contando. Não sei o quanto consegui ser feliz neste propósito. Isto talvez você leitor possa me dizer melhor, nos momentos em que pudermos falar sobre o que já foi. Neste mesmo instante que te escrevo esta carta, já amadureço alguns pontos da escrita, entendendo que mais do que conceitual, deveria ela ter se preocupado em fazer com que o leitor pudesse ser levado a experimentar a viagem do maluco. Talvez, neste ponto, possa ter falhado, pois acabei por assumir o lugar de quem quer ser o tradutor da experiência para um terceiro. Como um contador de histórias. Mas hoje vejo que o mais interessante seria levar o leitor a experiência. Pois bem, logo me dirás.

¹⁴ Extraído do parecer escrito pela professora Dra. Betina Hillesheim para banca de qualificação desta Tese de doutorado.

¹⁵ Como o fez Ramón Sampedro, “El 23 de Agosto de 1968 cayó en el agua desde una roca. La marea había bajado. El choque de la cabeza contra la arena le produjo la fractura de la séptima vértebra cervical. Durante treinta años vivió su tetraplejia soñando con la libertad a través de la muerte” (Sampedro, R. *Cartas desde el infierno*. Barcelona: Editora Planeta, 1999, p. 2).

Perdoe minha informalidade, nesta carta. Mas precisei me chegar um pouco mais. Quero saber quem tu és? O que deseja? Por que me lêes? Bueno, talvez isto eu só descubra em outro momento, em outros encontros. Fico no aguardo de teus comentários.

Um forte abraço e obrigado por partilhar teu tempo comigo nesta jornada.

Tiago

Obs.: Já estava esquecendo. Uma das cartas está repleta de hiperlinks, criando buracos intermináveis no texto. Tais buracos, ou portas ou ainda espelhos te levam em direção aos subterrâneos. Como Alice, de Lewis Carroll, podes cruzá-los e estabelecer encontros intermináveis, que te levem para longe deste texto, e te façam perder-se em outros temas muito interessantes. Afinal que controle tens sobre as portas que estão por vir? Nesta carta cria-se a relação com o impossível. O impossível de ler todos os pontos de conexão que os textos dentro dos textos te possibilitarão. Mas isto não significa um impossível inabitável. Obviamente que só pode ser lida ou acessada se tua leitura for virtual. Não é meu objetivo que leias os hiperlinks, mas de trazer para o texto oficial, os outros oficiais não protagonistas que habitam o mesmo texto em produção. Ou, simplesmente de desenhar um rizoma, evidenciando que nos focaremos (conectaremos) nos pontos que compoem a tese, mas isso foi um recorte, com início e fim de um percurso nosso, todavia poderia(rá) ter inúmeros outros inícios, meios e fins, a depender de que pontos conectemos.

Carta 1 – Um esquema

Porto Alegre, 25 de março de 2010

Estimado amigo,

Muito me instigou seu interesse pela temática dos [andarilhos](#), tema de meu [trabalho](#). Confesso-te que inicialmente pensei em falar sobre [nômades virtuais](#), ou mesmo sobre [moradores de rua](#). Mas lendo um pouco mais sobre o tema, notei o meu [descaminho](#). Ou meu novo caminho.

Em função do engano inicial, tentarei explicar melhor a proposta. Talvez inicialmente seja interessante situá-lo na [problemática](#) que me ocuparei ao longo deste [percurso](#) de tese. O problema desta tese já aparece em muitas discussões, sejam elas em [rodas de bar](#), nos textos jornalísticos, noticiários e [artigos científicos](#). A todo [tempo](#) presente em nosso cotidiano, no [espaço público](#). Mas muitas vezes delimitações conceituais não abarcam toda a corrente que percorre tantas outras questões e [experimentações](#) que este texto tenta realizar. Também é importante ressaltar que esse texto não pretende dar conta da temática e da problemática, mas se imbui de fazer [ressoa](#)r por outros [modelos](#) este campo contemporâneo de discussão.

Assim, na tentativa de uma aproximação ao campo problemático, o [trabalho tem início](#) com a experiência de vida dos “[Malucos de BR](#)”¹⁶. Essa experiência trás algumas inquietações:

¹⁶ “Conhecidos no senso comum como “hippies” (título amplamente rejeitado dentro do “movimento”), os “malucos” ou “malucos de estrada”, ou “malucos de BR” (nomes pelos quais eles se reconhecem) são os protagonistas/atores sociais de uma expressão cultural, no Brasil, que apresenta características singulares, comportando uma cosmovisão, práticas, estilos de vida, fazeres e saberes que conferem as matizes características desta expressão”. Existem no Brasil desde a primeira metade do séc. XX.

Como pensar a vida que é vivida pelas/nas estradas? Como pensar o sempre a andar, com paradas somente como pontos de conexão, “entre”? Intermezzo. Como pensar o viver sem ter paradeiro fixo? Como pensar a ruptura com o sonho neoliberal e burguês de ter trabalho, casa, carro e família nuclear? Concebemos outras opções como legítimas escolhas? Um exercício de desdobrar o pensamento para afirmar uma vida que de dentro da sociedade de consumo se faça diferente. Como se organiza esta vida pela diferença? Arte? Menor? Arte-menor? Como se dá essa junção e em que ela implica na vida? Aproximar tais conceitos, suas ligações potentes e suas interferências. A junção entre arte, resistência, neoliberalismo e malucos parece apontar para as dimensões vividas, potentes, processuais e criativas destes elementos que coabitam simultaneamente o espaço da vida.

As trocas com a literatura, com a música e com os filmes são companheiros e auxiliares nesta escrita; parceiros na constituição do pensamento. Ajudam na compreensão e utilização dos conceitos e, principalmente, por seu potencial de desestabilização e de aceno a outros rumos ainda não construídos. Sua energia potencial faz nascer outros mundos e, constituem abertura ao pensamento que, pela insistência criativa e disruptiva das imagens, das falas, das letras, das sonoridades, de suas ligações e separações em textos escritos ou falados ocasionam outras alternativas não só sobre nossa experiência, mas também sobre nossos referenciais, bases teóricas e proposições. Sua interferência é irruptiva, não convocada, intrometida. Entra sem pedir licença e se instala nos modos de pensar, de sentir, de se emocionar, de escrever. Arrasta para um exercício de pensamento na pesquisa, convocando a um trabalho que compõe com o exercício profissional e o exercício da vida pessoal, sem separações claras e definidas. Funciona como um “movimento antiPalomar”¹⁷, isto é, não concebemos a existência da onda sem o mar, mas tomamos o mar junto com a onda, onde ambos se compõem. Arte copiando a vida e a vida copiando a arte, como no filme “Na natureza selvagem”¹⁸ ou no livro “Memória da casa dos mortos”¹⁹, por exemplo. A tese usa a literatura como fonte de apoio, inspiração e fundamentação teórica.

Aproximam-se e identificam-se com movimentos de contracultura. São uma “cultura viva e dinâmica, encontra-se em constante movimento, já que continua se mestiçando, dialogando e transformando-se, o que reafirma seu permanente frescor e contemporaneidade”. Acessado: 08/05/2016. Disponível: <https://belezadamargem.com/2015/02/28/malucos-de-estrada-ii-cultura-de-br/>

¹⁷ Alusão ao texto “Palomar na praia: Leitura de uma onda” do livro Palomar de Ítalo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Neste conto o autor faz a descrição de um pesquisador que tenta descrever o movimento da onda, separando-a do mar. O que seria apenas a onda? Onde ela começa e onde termina? Por fim termina frustrado e abandona o esforço. Não os concebe mais como separados, mas como processualidades.

¹⁸ Filme biográfico. Gênero drama, 2007. Escrito e dirigido por Sean Penn. Adaptação do livro de mesmo nome escrito por Jon Krakauer em 1996. O livro foi baseado nas anotações de viagens feitas por Christopher McCandless pela América do Norte até o Alasca selvagem.

¹⁹ Dostoiévski, F. Memória da casa dos mortos. Coleção L&PM Pocket, 2008a. O livro narra em forma

Já vai tarde a madrugada e o sono, me toma o corpo, o pensamento. Desta forma, não tenho mais condições para esclarecer melhor as questões problemas, mas tão logo recupere a esperteza do corpo, lhe envio a sequência do problema.

Um abraço carinhoso,

Tiago

Carta 2 - Questões do Estudo

Santa Maria, 12 de outubro de 2012

Prezado leitor,

Dando sequência a nossa última discussão, gostaria agora de definir melhor as questões que me acompanharam ao longo deste estudo.

A discussão sobre os nomadismos parece conectar uma relação entre o mercado econômico e as formas de resistência ao capitalismo neoliberal. De forma mais radical, o nomadismo constituiu-se como extremos entre a lésura e o estriamento (DELEUZE, GUATTARI, 2002), entre o cotidiano do sedentário trabalhador com vínculos afetivos e sociais bem definidos e os “malucos”, com uma soltura dos vínculos afetivos e sociais e dos modos de se relacionar com os bens materiais. Dentre o complexo e o amplo campo que está compreendido entre esses extremos (quantitativa e qualitativamente) encontramos diversos modos de experimentar a vida. Uma primeira ideia que se coloca é que um “maluco” torna mais visível a dimensão da vida modulada, conduzida pelos processos de governamentalização do sedentário. No entanto, entendemos que nômade e sedentário não definem por si só, modos de existir/resistir ao capitalismo. Pois, se configuram sedentários com grande mobilidade de trabalho, ou nômades com grande sedentarização de produção, que no contexto da sociedade de controle, de uma biopolítica neoliberal (TISSOT, 2008) a modulação se faz por composição com os mais variados elementos da diversidade. Deste modo, a produção do mercado se interessa mais por subjetividades do que por um bem concreto (no sentido estrito do termo). Portanto, é sobre a variância, a indeterminação, a diferença que o mercado corre atrás, seja ela apresentada tanto pelos malucos, que rompem com o hegemônico na afirmação de seu movimento contracultural, quanto pelos normalizados, que afirmam uma cultura plural sem deixar de ser homogênea e massificante. Pensar a volatilidade e fluidez do mercado econômico gerando os processos de produção que historicamente se constitui por movimentos estatizantes, territorializantes, implica tomá-las como incorporações da instabilidade na produção de regularidades. Ou seja, enquanto o mercado aguçava e instigava uma mudança constante e

de romance os anos em que Dostoiévski passou na prisão. Em 1849, ele foi condenado à morte por debater ideias 'revolucionárias'. Porém, minutos antes do fuzilamento, sua pena acabou sendo comutada por quatro anos de prisão e trabalho forçado na Sibéria.

intensa, acompanhamos a experiência nômade, recolocando a produção e a reinscrevendo através da criação de uma arte menor²⁰ que tenta suspender a lógica econômica em sua feitura, mesmo sem prescindir dela em sua relação de troca.

Neste sentido, faz-se importante realizar uma reflexão para pensar o neoliberalismo e lançar um olhar provocado sobre o artesanato dos "malucos" como arte menor. Num intuito de pensar os modos de produção de subjetividade no contemporâneo, em meio a um caldo de multiplicidade, de subjetividades capitais, ou regidas por uma lógica econômica. Uma lógica que discute e constitui embates (público x privado; Objetificação do eu pelos modos de consumo; repressão da máquina desejante; etc), mas que também em certos momentos (ex.: Primavera Árabe, no Oriente Médio e norte da África; Movimento 15M na Espanha; Manifestações de junho de 2013 no Brasil) se aproxima e se reafirma na experiência nômade, como transeunte neste percurso. Como quem conduz-se pelo devir-outro, justamente por não ter território, por estar em todos os territórios, por ser um constante caminhador, um explorador, um desacomodador de territórios. Um devir-nômade, como ser errante e sempre em deslocamento que se põe e põe o outro em movimento. Feito bárbaro que "injeta um sangue novo num corpo social lânguido e excessivamente amolecido pelo bem-estar e a segurança programados do alto" (MAFFESOLI, 2001, p. 22). Desta forma reafirma à lógica de fluidez, de volatilidade, resistência aos movimentos do neoliberalismo.

Uma carga de inquietação, um movimento constante, movendo-se por/em territórios incertos ou conhecidos, mas sem fronteiras, despercebendo e/ou desconsiderando demarcações territoriais, econômicas, políticas e sociais dos Estados globais: um transeunte ancestral. Assim o nômade, tendo a idade que for, tendo o sexo que tiver e pertencendo a qualquer classe social se constituem "malucos", como o nome indica, serve de certa forma de má consciência. Ele violenta, por sua própria situação, a ordem estabelecida, e lembra o valor da ação de pôr-se a caminho" (MAFFESOLI, 2001, p. 41), de movimentar-se pelo território global concretizando projetos de vida. Neste sentido, busco compreender como a experiência dos "malucos" em seu artesanato, considerado aqui como sua arte menor, pode se apresentar ora como efeito de modulação, ora como resistência aos modos de governo da vida neoliberais? Neste processo de camaleão, resistindo e/ou sendo modulado, encontramos diferentes expressões de nomadismo que estariam compondo a sociedade de controle em que vivemos. Assim, concebendo os processos nomádicos como interiores e constituidores da sociedade atual, interessa-nos compreender quais linhas de força e de fuga estão mobilizando os "malucos"? O

²⁰ Faz referência ao avesso do hegemônico, tensiona os processos de normalização, não se pretende à pureza. Faz jogo com o bastardo, aquele que integra a norma como diferença, como estrangeiro. Constitui-se como "uma raça oprimida, bastarda, inferior, anárquica, nômade, irremediavelmente menor. (Deleuze, G.; Guattari, F. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 140). É uma linha de fuga aos modelos de subjetivação pré-estabelecidos. Assim configura-se como um desviante desde dentro. Sistematicamente, poderíamos dizer que: 1º) "é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização"; 2º) "tudo nelas é político"; 3º) "tudo toma um valor coletivo" (Deleuze, G.; Guattari, F. Kafka por uma literatura menor. p. 35-36).

que faz pensar o pesquisador após o encontro com o jeito “maluco” de viver?

Posto isto, nossa questão principal não seria contrastar os nômades com os sedentários ou com os turistas, mas sim em pensar os “malucos” em um mundo que aceita práticas nômades, pois construiu formas de controle das circulações. Desta forma, nos perguntamos qual a potência da experiência dos “malucos” e de sua arte menor? Que poder e resistência emergem dali como linhas de fuga ao *status quo* da sociedade de controle?

Para nortear essa questão central procuraremos, através de uma perspectiva social, responder as seguintes perguntas:

- Como as práticas de artesanato e malabares dos malucos podem se constituir como resistência para o campo da arte maior?
- Em que medida o artesanato de rua e os malabares tensionam as políticas de trabalho oficializadas?
- Como os modos de vida dos malucos podem ser analisados no contexto neoliberal de investimento na vida?

Assim sendo, estas foram as considerações com relação a problemática que tentarei trabalhar ao longo desta produção. Espero que o estimado leitor possa me ajudar neste percurso.

Sem mais para o momento

Atenciosamente,

Tiago

Carta 3 – Desdobrando os capítulos

Barcelona, 15 de abril de 2014

Estimada amiga,

Sequem abaixo as instruções para a leitura do mapa que lhe enviei mês passado. Agora terás alguns detalhes sobre os percursos lá traçados. Mas ainda peço que mantenha todo material que te enviei em sigilo.

O campo problemático, sobre o qual já te falei em correspondências anteriores, possibilitou desenhar mapas que se desdobraram em outros problemas-menores, nos lançando a outros túneis²¹ de investigação. Tais túneis se ramificaram em quatro caminhos, internos à

²¹ Usamos o desenho de túneis, para destacar alguns eixos que norteiam o trabalho. Tais eixos vinculam-se da noção de conectividade do rizoma. Estão a todo instante conectados, mesmo que suas ligações não sejam vislumbradas de forma direta. Ora, podem ser conectados ou não, dependendo de quem faz o

temática, que figuram como experimentações de tal problema, ou mesmo como percursos de pensamento. Abaixo seguem algumas coordenadas, de forma ainda breve relacionada a cada parte do problema colocado.

MALUCOS: UM ROMANCE – Um primeiro túnel a ser explorado é uma montagem, sob forma de um romance em que contamos uma história possível de malucos. Trazendo um pouco do que fazem, por onde andam, suas atividades. Traçamos um mapa de suas ações pelo território, cuidando para não essencializá-los. Esta produção foi realizada um pouco em deriva, isto é, não seguiu um ordenamento linear para os fatos relatados. Foi sendo construído ao longo de muitos meses. Por vezes, as partes subsequentes do texto eram escritas antes mesmo de seus desencadeadores na história. Como se o efeito ocorresse antes da causa. Demonstrando em sua construção uma ruptura com as lógicas causais e baseando-se mais sob a noção de acontecimento²². Suas partes foram se conectando e dando sentido ao texto como um todo, que acabou por constituir uma história que, hoje, pode ser lida linearmente.

SOCIEDADE DE CONTROLE, NEOLIBERALISMO, RESISTÊNCIA– Para seguir o percurso dos malucos e constituir seu mapa, fez-se necessário conhecer melhor a geografia do terreno pelo qual transitam. Neste sentido nos imbuímos de pensar o contemporâneo, suas conexões, produções e implicações no processo de produção de subjetividade. Aqui lançamos mão de recursos como a literatura, a música, o filme, o artesanato tomando-os como promotoras de interferências, isto é, elas combatem e explicitam processos que se passam no presente, processos que constituem a produção não só de subjetividades, mas também do campo de vida dos malucos, bem como de dimensões da realidade. Nesta parte inicial trazemos de forma mais intensa as lógicas de controle e modulação biopolíticas e os processos contemporâneos e incessantes de “desconectar” as facetas criativas dos “malucos” e de seu artesanato em face ao mercado. Uma lógica que implica em rejeitá-los ou incorporá-los ao modelo pré-estabelecido. Sua arte é problema quando não pertencente ao circuito oficial das feiras de artesanato; quando não ocupam apenas os locais determinados pelo poder público e quando não estão cadastrados como artesãos de rua, certificados pelas entidades representativas de governo (prefeituras).

NOMADISMO

trajeto. Como ilustração podemos pensar na imagem de “Alice”, de Lewis Carrol, descendo ao mundo subterrâneo do “País das Maravilhas”, ou do romance de Dostoiévski, “Notas do subsolo”, descendo ao porão de si, de seu existencialismo; como alusão ao processo rizomático que cresce por baixo, alastrando-se em todas as direções e conectando-se em todos os caminhos.

²² “(...) para que um acontecimento aconteça, é preciso uma diferença de potencial, para que haja uma diferença de potencial precisa-se de dois níveis. Então algo se passa, um raio passa, ou não, um riachinho... É do campo do desejo. Mas um desejo é isso, é construir. Ora, cada um de nós passa seu tempo construindo, cada vez que alguém diz: desejo isso, quer dizer que ele está construindo um agenciamento, nada mais, o desejo não é nada mais” (O Abecedário de Gilles Deleuze. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos, s/a, p. 19. Disponível: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>).

Outro túnel aparece nas deambulações sobre o nomadismo. Pensamos junto com alguns autores sobre nomadismo, em especial, Deleuze e Guattari. Neste sentido, faz-se importante realizar uma reflexão/ligação com o neoliberalismo e lançar um olhar provocado sobre a produção dos “malucos” como arte menor. Tal interesse busca pensar os modos de produção de subjetividade no contemporâneo, em meio a diversidade e, da lógica econômica. Uma lógica que discute e constitui embates, mas que também em certos momentos se aproxima e se reafirma na experiência nômade. Tento entender o que propõem o percurso nômade. O que faz pensar e quais seus desdobramentos?

O *NOMADISMO, MALUCOS E A ARTE MENOR* – O próximo túnel que nos interessa seguir versa sobre o aprofundamento teórico dos termos artesanato, arte menor e nomadismo. Nosso intuito nessa parte da pesquisa foi buscar o que se passa nesses termos, bem como o que possuiria este poder de ligação indicada por nossos autores. E encontramos nosso apoio junto ao conceito de acontecimento, nos focando mais nos trabalhos de Deleuze e Guattari. Para montagem desta parte aproximamo-nos da literatura a partir de três autores de literatura nessa pesquisa: Fiodór Dostoiévski, Franz Kafka e Italo Calvino. Essa aproximação se monta a partir dos conceitos de Deleuze e Guattari, buscando extrair das obras literárias pontos de interferência e afirmação de outros possíveis que façam frente aos processos contemporâneos de produção de subjetividade. Utilizando aproximações de Deleuze e Guattari sobre o agenciamento e a noção de máquina de guerra como elementos centrais para a ligação entre os “malucos” e o artesanato como arte menor.

Acredito que com estas indicações já consegues ir formando um esboço do outro mapa que iremos construir a partir do primeiro que já te enviei.

Abraços e até breve.

Tiago

Carta 4 – Modos de Operar a Pesquisa / Procedimentos

Barcelona, 22 de julho de 2014

Estimado amigo,

Já faz muito tempo que não nos correspondemos. Acho que sua última carta chegou há mais de 5 meses. Sinto pela demora, mas estava debruçado em como constituir a metodologia do trabalho. Assim, nesta carta lhe envio o que pensei.

Neste processo de pesquisar, busquei romper com formas idealizadas de conceber os sujeitos da pesquisa, parti em caminhada, ávido e curioso, buscando com os homens do subsolo²³, da

²³ Dostoiévski, F. Notas do subsolo. Porto Alegre: L&PM, 2008.

transformação do ferro, da irrupção da revolta, que “com o bizarro dom da invenção”²⁴ produzem desvios e que nos dispõem a difícil tarefa de extrair outros desvios necessários ao processo de criação, importantes ao movimento da escrita desta cartografia.

A especificidade do campo de estudos dessa tese, no que diz respeito aos movimentos e práticas dos “malucos” em sua produção de uma arte menor, traz o caminho metodológico como um desafio porque inviabiliza e, ao mesmo tempo, tensiona o pesquisador a se aproximar e trabalhar com o “objeto” de estudos de forma que não o sedentarize e mantenha-o aberto a experimentação.

Para compreender os traçados, percursos, rotas, movimentos e velocidades turbilhonares da vida dos “malucos de estrada” através dos usos da arte com o corpo, da arte com malabares, da arte artesanato, desse movimento de vida em nosso contexto globalizado e neoliberal, utilizo como procedimento investigativo a cartografia, proposta por Deleuze e Guattari (2004) quando afirmam que o princípio da cartografia é “[...] aberto, é conectável em todas as suas dimensões [...] pode-se concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (p.22). Assim este método tem como objetivo “desenhar o plano de forças a qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e seu movimento permanente” (Barros; Kastrup, 2010, p. 57), quebrando, portanto, com os preceitos de uma metodologia linear, ou seja, algo com início-meio-fim. A cartografia, como uma estratégia de produção de conhecimento (Silva, 2005), é escolhida como condição ao pesquisar como uma ferramenta que nega as formas tradicionais de pesquisar e encoraja o pesquisador a acompanhar os percursos das resistências.

Assim, acompanhamos nossos autores quando dizem do aspecto rizomático dos termos, do exercício do pensamento e da realidade. Rizoma como rede a-centrada, onde as conexões se fazem por relação de contingência, por relações casuais e não de cunho obrigatório. Tal aspecto é a aposta de nosso procedimento de escrita, onde podemos conectar o discurso com os fragmentos múltiplos como: músicas, vídeos, fotos, trechos literários; conexões estas que não possuem essencialidade ou mesmo encadeamento preciso, mas que fazem relação contingencial e de expansão do pensamento. Aqui, a cartografia se fez mais potente por permitir a liberdade de conexão inusitada durante a pesquisa, bem como a não expectativa de encontrarmos pontos fixos, entradas ou conclusões a priori.

²⁴ Joquim, música de Vitor Ramil.

Ressaltamos que compreendemos a experiência cartográfica como uma perspectiva ético-estético-político²⁵, que possibilitará andar e compor o território que desejamos pesquisar. É para tanto se faz importante compreender melhor a experiência de ser um cartógrafo. Ocupando-se de diferentes e variadas fontes, de ordens não apenas oficiais ou tradicionais como a escrita e as produções teóricas, mas utilizando-se de filmes, de conversas informais, faz aparecer seus operadores conceituais. “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias” (Rolnik, 2006, p.65).

Deleuze e Guattari (2004) apresentam, na Introdução de “Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol.1” a cartografia como um dos princípios do rizoma. O rizoma é diferente do livro-raiz ou pensamento-raiz. O pesquisador, quando quebra com metodologias lineares, rompe com o pensamento derivado do livro-raiz. O pensamento-raiz aprende a imitar o mundo, as coisas, as pessoas, os códigos morais. Sua lei é a do Uno que se torna dois, organizando tudo e a todos em um universo dicotômico e binário. Essa noção de unicidade alimenta e alicerça um eixo essencial que origina todas as coisas, numa constante imitação da realidade que reproduz o mesmo. Reproduz, portanto, a visão cristalizada que procura o mercado econômico em isolado e tensiona o pensamento a imitar o que está posto, sem conseguir desestabilizá-lo. Partir para o questionamento do pensamento-raiz, a partir de uma perspectiva cartográfica é lançar-se a um sistema-radícula, como um pensamento que destrói as extremidades, um rizoma. Que questiona um “braço” do que pensa e, num ato de bravura, o decepa. Mas mantém o restante intacto, garantindo a identidade do pensar.

Para os autores, o pensamento se liberta da unidade quando consegue “fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, como força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1” (Deleuze; Guattari, 2004, p.14-15). O pensamento-rizoma inventa a multiplicidade e dela extrai o único. A arte menor dos “malucos”, num viés rizomático, pode ser compreendida como uma linha de fuga que cruza a teia composta pelos atravessamentos entre os modelos, as políticas voltadas ao trabalho e o

²⁵ “**Ético** porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. **Estético** porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. **Político** porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir.” (ROLNIK, 1993, p.7).

neoliberalismo. Uma teia/emaranhado que está composta por muitas linhas territorializadas e estabilizadas que não cansam de produzir seus fascismos (liberalismos, neoliberalismos, social-democracias). De forma que podemos partir da experiência da arte menor dos “malucos” como um ponto qualquer desse emaranhado, já que qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro. Significa, portanto, afirmar a independência de cada ponto da unidade original. Assim, o pensamento liberto das origens pode deslizar por qualquer ponto e se conectar a outros.

Desta forma, como já apresentado no projeto dessa tese, o percurso de estudo iniciou com filmes sobre a temática, em especial “Na natureza Selvagem” dirigido por Sean Penn (2007) e, posteriormente, foi ganhando corpo com a conversa com a “maluca de estrada” na sinaleira na cidade de Santiago/RS (descrita mais a frente). A escolha por entrar por esses pontos do rizoma já demarca a análise dos documentos relacionados à experiência de “malucos” como conexões importantes à cartografia de sua relação da arte menor com uma arte maior, como no livro Krakauer, J. (1998), “Na natureza selvagem: a dramática história de um jovem aventureiro” e o já referido filme “Na natureza selvagem”. Podemos compreendê-los como experiências de arte maior, por suas características de reproduzir o comércio capitalístico, mas que se inscreve numa experiência de resistência às normas homogêneas convencionadas socialmente. Outro ponto de conexão escolhido é o documentário “Malucos de estrada: a reconfiguração do movimento hippie no Brasil” produzido pelo “Coletivo Beleza da Margem” (2012) que objetiva disseminar a cultura dos “malucos de estrada” para que mais pessoas se apropriem de sua proposta. O documentário de 1h30min é utilizado por esse coletivo como estratégia para divulgar na internet e promover a cultura dos Malucos de BR.

Colocando-nos atentos as metamorfoses e processos

originados da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido (ROLNIK, 2006, p.67).

A intenção é seguir a pesquisa conectando pontos do rizoma a partir da experiência de acompanhar “malucos” em seus percursos. Acompanhar os “malucos” nos seus espaços de apresentação tanto com malabares, quanto na exposição de seus artesanatos, ou seja, contato direto com eles nas praças, esquinas, sinalieras. Estabelecer uma conversa sobre seus modos de vida e sua relação com o artesanato. Também sobre a relação de seu modo de vida com a sociedade neoliberal. Nosso acompanhamento não teve um tempo certo ou um prazo para acontecer. Tudo dependeu dos contatos que realizamos e dos tempos desses contatos. Acabou que

estivemos juntos desde o início do segundo ano deste trabalho e estendeu-se até o último ano. Conversamos com aproximadamente 30 malucos de estrada. Assistimos entrevistas e declarações por mídias alternativas (sites, blogs, vídeos no youtube) de mais ou menos uns 40 malucos. Estes tiveram nacionalidades diferentes (Espanhóis, brasileiros, argentinos, mexicanos, uruguaios, peruanos, entre outros). Uma polifonia de histórias de vidas agenciadas no romance de malucos, por meio dos encontros ali descritos. Por vezes a polifonia vibrava em um corpo, outras por vários corpos, sejam estes seres vivos ou não.

Nossa perspectiva, na estratégia de acompanhar os “malucos”, é a construção de um mapa aberto, um constante processo de produção que permita a experimentação contínua para “criar novas coordenadas de leitura da realidade, criando uma ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos” (Zambenedetti; Silva, 2011, p.4).

O princípio da multiplicidade esclarece que existe desterritorialização quando o múltiplo é tratado como substância, ou seja, que subsiste por si, sem qualquer dependência de qualquer do elemento original. É quando consegue acontecer sem estar referenciado a uma raiz matricial. É um agenciamento, portanto, quando ao multiplicar-se, consegue mudar de natureza à medida que aumenta suas conexões e inventa o fora desestabilizando o, então, estruturado. Nas palavras dos autores “as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (Deleuze; Guattari, 2004, p.17). Nesta linha, acompanhar as experiências dos “malucos” tem o desafio de produzir uma escrita de um plano de consistência das multiplicidades como a grade que contém o externo a todas multiplicidades (Deleuze; Guattari, 2004).

A cartografia das experiências nômades dos “malucos”, na medida em que se propõe a compreender os processos de resistência e de modulação ao modo neoliberal de produção, procurará pelas rupturas no rizoma, ou seja, pelas linhas segmentares que traçam linhas de fuga. Porém, embora se parta da compreensão do dualismo resistência/modulação, essas linhas não param de se remeter umas às outras e estão sempre em risco de encontrarem uma organização que reestrutifica o conjunto. No entanto, nas palavras dos autores “o bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada” (Deleuze; Guattari, 2004, p.18).

Acompanhando os caminhos e nuances inerentes ao fluxo dessa pesquisa, orientamo-nos no sentido de não construir procedimentos a priori, pois assim estaríamos tentando prever o que está por acontecer. Isto desprezaria a potência do inusitado e a surpresa do acontecimento. As pistas

que seguimos, neste itinerário cartográfico nos levam a um funcionamento que requer e necessita de dispositivos que se expressem por procedimentos e ações concretas (Benevides; Kastrup, 2009).

Se falo sobre "malucos" não é pela força descritiva, não tenho nenhuma pretensão de esgotar, de escrutinar, de decalcar, de retratar o que são eles. Meu foco esteve em fazer um mapa, em compor com a experiência dos "malucos" para pensar modos de capturas e de resistências ao neoliberalismo. Em fazer uma escrita por fragmentos ou por blocos. Kafka e sua literatura serviram de inspiração.

Kafka tem como sua marca a escrita por fragmentos. Uma ilustração interessante é o texto "A Muralha da China", em que os operários ao construir a muralha, a fazem por blocos e deixam entre um bloco e outro um gigantesco espaço. Estas brechas imensas, talvez nunca sejam fechadas. Um dos elementos interessantes no texto são justamente estas brechas, no espaço a ser utilizado por outro, que com seu pensamento completa ou produz mais um bloco próximo ou contíguo, ao por Kafka produzido. Assim, assumimos uma escrita por blocos, como na Muralha da China, uma escrita cheia de brechas, uma escrita que não protege de nada, embora, circunscreva uma borda, mas que está aberta a entrada dos estrangeiros. Permeável as entradas e saídas propostas por nossos interlocutores. De tal modo, esta escrita, "muralha furada", apresenta um modo de contar, que permanece ansiosa para conectar-se a outros pontos do rizoma-interlocutores.

Andar intermezzo. Tentar buscar uma borda, no limite das fronteiras, "onde a ciência nômade exerce uma pressão sobre a ciência de Estado, e onde, inversamente, a ciência de Estado se apropria e transforma os dados da ciência nômade" (Deleuze; Guattari, 2002, p. 27). Deleuze e Guattari se ocupam desta discussão e da distinção entre ciência de Estado e ciência Nômade em "Mil Platôs 5". Mostram o estriamento da Ciência de Estado e todo seu movimento no sentido de captura das criações realizadas pela ciência nômade. Mostra seu esforço na organização e ordenamento de como se deve produzir ciência. Poderíamos pensar nas normas de publicação, o que é publicável, como? De outra ordem mostram o espaço de abertura e disforme para a ciência nômade. Afastam-se dos teoremas e vinculam-se ao problema, que é afectivo.

Não queremos aqui descobrir a forma maluco de viver. O que intentamos é seguir sua singularidade e os fluxos que nos foi possível cartografar, desenhar enquanto mapa como expressão de potências em combate.

Te convidamos a nos tensionar, ajudando-nos a pensar...

E assim queremos proceder, deixando tudo interferir: tudo o que se confabula que nos produza afecção.

Abraços

Tiago

Carta 5 – Sobre o autor

Porto Alegre, 05 de setembro de 2015

Querido amigo,

“Durante este tiempo he trabajado mucho – hasta el punto de tener motivos para retractarme del suspiro de mi última carta que hablaba del verano que se ha ido el agua. Incluso he logrado hacer algo más, algo de que yo no me había creído capaz... La consecuencia, de todos modos, es que mi vida ha caído en cierto desorden durante las últimas semanas”²⁶.

Bueno, te escrevo, não para falar-te das desordens de minha vida, mas para discorrer sobre o tema da “função do autor” nas produções literárias, conforme mencionastes em nossa última correspondência. Fiquei com algumas inquietações sobre seu texto. De minha leitura confesso, que por vezes confundi: entendimento com interpretação. Não sei ao certo se compreendi o que querias dizer com o texto. Tomei a liberdade de te escrever e de consultar alguns outros escritores/autores que já haviam lido seu texto para clarear algumas ideias. O que te remeto é um compilado da compreensão que fiquei. Gostaria que pudesses fazer considerações, pois pretendo utilizar estes conceitos ao longo de uma produção que estou envolvido e que logo a publicarei.

Grato pela atenção

Um abraço Tiago

Partimos da noção Deleuziana de que todo enunciado é produto de agenciamentos coletivos de enunciação, entendendo-os como multiplicidades e não como povos ou sociedades (Deleuze; Guattari, 2004, p. 51), lançamo-nos a pensar o lugar/função do autor no texto contemporâneo. Tomando-o como campo de possibilidade para a autoria da obra dos malucos.

²⁶ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos: o Cómo se filosofa con el martillo. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 2013.

No texto “O que é o autor?”, Foucault (2001, p.20) aponta 4 principais elementos que caracterizam a função autor:

Eu os resumirei assim: a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela nasce, se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar.

Assim, essa função autor, estaria ligada a uma gama de instituições que exerceriam uma função repressora e controladora sobre os autores que burlassem a ordem instituída. Funcionaria como uma regência para o discurso aceitável; determinando a confiabilidade do conhecimento científico e a origem do texto literário. Esse processo implica na produção de uma espécie de ser racional, o proprietário do texto, seu autor; tal escritor não necessariamente ocupa um lugar real, mas permite o agrupamento de diferentes “eus”, ou seja, o escritor metamorfoseia-se em uma pluralidade de indivíduos, de posições na produção textual. Não é um eu que escreve, mas distintas posições discursivas ocupam acento na obra. A função autor é uma função enunciativa, ou seja, são os próprios textos que marcam e definem o autor, o que pode conduzir a pluralidade de “eus”.

Neste sentido, não há interesse em produzir uma descrição dos autores que nos auxiliam neste percurso de tese sobre os "malucos". Não é a reprodução de seus dizeres nosso foco, mas entender como constituíram certas regras para a formação de conceitos pelos quais operam em seus textos ou suas falas (Foucault, 2001, p.4) e que encontram ressonâncias neste texto. Nessa caminhada, a fala dos malucos entra em um campo discursivo que convoca a pensarmos sobre como se constitui seus enunciados de resistência e liberdade através do artesanato ou da legitimação de uma cultura "maluca".

A noção de autor que utilizamos atualmente é historicamente marcada pelo processo de individualização que atravessou todos os campos de produção do conhecimento (Foucault, 2001). As preocupações com o autor datam da Idade Média e, tem sua centralidade na busca por identificar, nominar aqueles que realizavam produções não aceitas para o período. Como por exemplo, quando a Igreja Católica, através do Papa Paulo IV, criou em 1559 o “Índex Librorum Prohibitorum”, que tratava-se de uma lista de autores e livros proibidos. Essa lista, que vigorou por mais de 400 anos, visava punir e proibir a exibição de autores incrédulos e irreligiosos. Mesmo

queimando suas obras, ainda assim, era importante descobrir quem era o autor, pois só assim poderiam capturar e julgar o herege (Cavalheiro, 2008).

De forma a romper com a correspondência entre autor e obra Foucault (2001) toma o autor como uma figura exterior e anterior em relação ao texto. Nesse sentido cria-se uma abertura, uma lacuna em que o autor entra em um processo de desaparecimento. Ele exemplifica este acontecimento através de duas produções da literatura: o herói grego que narrava a busca e efetivação de sua imortalidade por meio da morte gloriosa; e, Sherazade e suas mil e uma noites de produção de vida, investindo com seu discurso, de sacrifício em vida, no adiamento eterno de sua morte. Assim sendo, tanto escrita quanto fala, evidenciam o obscurecimento do sujeito autoral. Produz-se o apagamento do autor em detrimento do discurso, da linguagem (Monteiro, 2009).

Estabelece-se uma relação entre vida e morte do autor, ou melhor, na cultura ocidental evidenciamos a morte do autor. Investimos em uma escrita que evidencia o apagamento do autor, suas características individuais se esvaem. A obra, que em outros tempos garantia a imortalidade de quem escreve, agora está autorizada a matar seu autor. “[A] marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita” (Foucault, 2001, p.7).

Como ser autor, então? Como fazer aparecer o autor?

Mas isso não significa que o autor não exista. O que está em questão aqui é o desaparecimento do autor, ou melhor, a produção da função autor. A análise tem como ponto central a maneira de exercer a função autor, o modo como se faz esta produção (Foucault, 2001).

[O] que especifica um autor é justamente a capacidade de remanejar, de reorientar esse campo epistemológico ou esse plano discursivo, que são fórmulas suas. De fato, só existe autor quando se sai do anonimato, porque se reorientam os campos epistemológicos, porque se cria um novo campo discursivo, que modifica, que transfere radicalmente o precedente (Foucault, 2001, p.38).

O nome do autor se preserva, então, pela noção de escrita, isto é, o nome do autor vai definir um modo de ser do discurso. Assim o nome indica a não indiferença, a não cotidianidade e, evidencia a importância da palavra escolhida, o lugar dessa palavra, “trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status” (Foucault, 2001, p.13). Ou seja, é uma

quebradura frente a um grupo de discursos, que afirma um discurso distinto daquele primeiro bloco e, nessa diferença, impõe sua singularidade de ser.

Muitos textos que produzimos estão desprovidos da função “autor”, assim como muitos outros são providos por esta função. Mas o que convoca esta distinção? Segundo Foucault a “função-autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (2001, p.14).

Dizer que um autor fundou uma teoria, significa dizer que este exerce a função autor, pois tornou possível distinguir seus conceitos, textos e argumentos de uma área ou campo do conhecimento ao qual está ligado e tem pertencimento em termos de discursos (Foucault, 2001).

Ao empreender uma análise do discurso, Foucault (2001) coloca em exame o lugar do sujeito. Não no sentido de um sujeito originário, mas para apreender seus pontos de ligação, suas conexões, seus modos de funcionar e suas dependências. Seu interesse está focado nos modos como o sujeito pode aparecer no discurso, assim entendendo-o como função variável e complexa, assumindo lugares diferentes e especificações diferenciadas dependendo do discurso a que pertence. A função autor é somente uma possibilidade assumida pelo sujeito, dentre várias outras possíveis.

Neste sentido e, sob a tutela das ciências humanas, se pode afirmar a substituição do sujeito individual pelo sujeito coletivo, sem que isto seja tomado como a morte da existência do sujeito e do homem. Assim pensamos que, por exemplo, Kafka não é o único e exclusivo autor das suas cartas, romances e novelas, mas que estas nasceram na envergadura do desenvolvimento de um conjunto, que era obra coletiva. O que nos leva a conceber como "autor" destas obras, em última instância, a sociedade burocrática moderna do séc. XX e, no interior dela, Kafka como indivíduo particularmente importante (Foucault, 2001, p.30-31).

Pensar o texto como uma construção aberta, no sentido de uma co-produção, feita com a ajuda do leitor, ou como melhor explica Barthes (2004) quando propõe ultrapassarmos a distância existente entre o escrito e a leitura do escrito. Ele equipara escritor e leitor, tomando-os como co-implicados no processo de escrita ou de construção do texto, os dois são escritores. O escritor faz indicativo por onde anda e de que se alimenta, mas continua ávido pela espera das escritas do leitor que estão por vir.

Esta proposição feita por Barthes (2004) é sustentada no texto “A morte do autor”, quando estabelece a diferença entre escritor e autor. A escrita é o ato de ruptura com a origem, com a voz que contou o ocorrido, uma fuga do sujeito, uma despersonalização, descarnificação do eu concreto, onde o eu textual depara-se com a perda do “corpo que escreve”, isto é, o escritor é concebido como um sujeito linguístico, não existindo fora da linguagem, ele é onde existe produção textual. Portanto, a escrita é sempre do escritor e não do autor. Quando a escrita começa, inicia também a morte do autor.

Esta concepção de Barthes aproxima-se da concepção foucaultiana sobre a função autor. Não é uma morte real, mas um apagamento que trás a linguagem ficcional e suas unidades de sentido, de coerência para o campo do real, marcando secretamente o ponto de onde se emite a fala. Deste modo, revelam-se as condições de possibilidade em que o discurso foi inventado. Distancia-se do homem de carne e osso e evidencia-se um agenciamento propulsor “de um discurso trêmulo, independente de ser o homem particular um gênio criador ou o autor de uma desordem: ele transforma-se em (ou é!) um discurso” (Monteiro, 2009, p. 6).

Seguindo a trilha de Foucault (2002), entendemos que a função autor assume os modos de existência como marca própria, adotando as formas de movimento e funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade. A partir do uso do seu nome, dos recortes e delimitações feitos na produção textual, das características singulares na organização do texto, vai se permitindo ao sujeito desempenhar, em discurso, a função autor (Cavalheiro, 2008).

Aprofundar o exame da função autor nos leva a um caminho que implica em uma análise da noção de sujeito. De acordo com Foucault (2002), analisar uma obra do ponto de vista interno tem como correlação colocar em análise, também, o papel do sujeito. Seria o que o autor chama de análise arquitetônica da obra. Não nos referimos a um sujeito originário, mas os modos de funcionamento, as ligações, as concepções, as possibilidades vinculadas a tornar-se sujeito. Analisa-se, portanto, o sujeito como uma função do discurso (Cavalheiro, 2008).

Foucault (2002) não discute a formação dos discursos como passando por uma criação intersubjetiva dos falantes, para ele, os discursos determinam o sujeito. Falar de sujeito em Foucault é falar de sujeito do discurso, isto é, de uma dispersão de vozes.

Sendo que os discursos, para ele, não são entendidos como possuidores de uma unidade ou homogeneidade interna, mesmo que se refiram ao mesmo objeto, mas como um conjunto de enunciados heterogêneos. É a partir desse conjunto de enunciados que são moldados os dizeres do sujeito, sua representação no mundo e na vida social. Assim, falar em sujeito foucaultiano vai além do lugar-comum de que ele decretou a morte do sujeito. O que ele questiona, na verdade, é o homem essencial fonte da verdade, da liberdade, do conhecimento. Para ele, a origem do discurso não está em sujeitos individuais, mas em diferentes posições que ele ocupa na ordem do discurso. O sujeito sempre fala de algum lugar e, portanto, não é dono livre de seus atos discursivos (Cavalheiro, 2008). Isto nos faz pensar sobre o lugar do qual os "malucos" falam. O deslocamento que produziram para proferir seu discurso de "soltura". Soltura amarrada a um outro lugar que permite este enunciado. Como se ancora o discurso da soltura? Tal questão é possível porque sempre se fala de um lugar que estabelece a condição de possibilidade para o que vai ser dito, e, também, para o sujeito que está sendo construído neste discurso. Acompanhar os "malucos", significa acompanhar como os "malucos" são constituídas discursivamente e, da mesma forma, como estes sujeitos são produzidos.

Assim, o sujeito está em constante interação e conflito com o outro, que o vigia, disciplina e pune. As relações de poder, em Foucault, só podem ser estabelecidas entre homens com uma certa liberdade, isto é, aqueles que podem responder (Cavalheiro, 2008). Passado, presente e futuro constituem discursivamente o que somos enquanto corpo, fala e discurso. "Todos os tempos devem pulsar dentro de nós. O autor está tão morto quanto vivo. De fato, em determinados textos presenciamos o distanciamento autor/obra (Monteiro, 2009, p.8).

Enfim, façamos o seguinte, deixemos que a escrita se faça do modo que puder aparecer e se ao final entendermos que não existe autor, que o texto seja de Ninguém. Pois que o seja! Mais forte ainda será se Ninguém for Jasão²⁷.

2. Prefácio de uma tese partida ao meio: o Romance, seu antes e seu depois-nada

Venho pensando cada vez mais que deverei ser sempre um caminhante solitário da natureza. Meu Deus, como a trilha me atrai. Você não pode

²⁷ Odisséia de Homero. Alusão ao mito grego em que Jasão escapa do ciclope ao passar-se por Ninguém.

compreender esse incansável fascínio. Ao cabo de tudo, a trilha solitária é o melhor. [...] Jamais deixarei de vaguear (KRAKAUER, 1998).

Esta tese estabelece como contexto de pesquisa o nomadismo e a experiência da arte produzida pelos malucos. A experiência da arte no processo de elaboração e confecção dos artesanatos e no jogo de malabares, é aqui compreendida como menor, como devir-resistência às modulações do Aparelho de Estado²⁸.

Os malucos são vistos... pelas esquinas, pelos semáforos, pelas praças, pelas avenidas, transitando pelos mais variados espaços públicos, trazendo na mochila os materiais de trabalho e a vontade de movimento, de velocidade²⁹. Perambulam por espaços de grande circulação de pessoas, nos semáforos fechados e repletos de carros enfileirados a espera do sinal verde. Andam pelas praças mais movimentadas, nos horários de grande circulação de pessoas. De manhã cedo na hora de ir ao trabalho, a escola, a academia, ao meio dia e à tardinha os vemos apresentando-se como num circo de um artista só, ou apenas de uma dupla.

Os transeuntes, os motoristas de carros, ônibus, motos e seus passageiros, os apressados e os que passeiam, os compromissados e os distraídos, os exigentes e os condescendentes, todos são tidos como possível platéia/compradores. Os transeuntes são distraídos por breves instantes ou por longos períodos do dia por figuras vestidas com roupas coloridas, leves, às vezes desgastadas pelo uso, cheios de adereços pela cabeça, pelo tórax, pelas pernas, nos pés, em alguns momentos parecendo com personagens circenses, em outros com hippies. Usam cabelos compridos, com dreadlocks, curtos, raspados, cortes diferentes, estranhos. Usando piercings ou não, com tatuagens pelo corpo ou sem. Barbudos ou com barba por fazer. Assaltam nosso imaginário da concretude cotidiana da cidade lhe conferindo assento no picadeiro.

²⁸ “[A]parelho de Estado constitui a forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo, ou pela qual temos o hábito de pensar” (Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 5. São Paulo: Ed. 34, 2002. p. 113). “A mitologia indo-européia, tal como foi esmiuçada por Georges Dumézil, (...) os fenômenos da dominação e da soberania se caracterizam por tomarem como modelo duas divindades. De um lado está a figura do rei-mágico, déspota, inspirada por Varuna. Do outro lado, encontra-se a figura do sacerdote-jurista e legislador, que encontra correspondência em Mitra. A noção de soberania e sua prática necessitam desses dois elementos que se alternam, rivalizam e se complementam. Juntos, eles traduzem o duplo movimento que faz emergir e mantém o aparelho de Estado. Este paradigma é, portanto, o resultado de uma dupla articulação que o constitui como um estrato, uma forma mais ou menos fechada, com uma zona de interioridade que permite distinguir um centro” (Oneto, P. D. *A nomadologia de Deleuze e Guattari*. Lugar Comum N°23-24, pp.147-161).

²⁹ Conceito apresentado por Deleuze e Guattari (2002) como equivalente a movimento absoluto, isto é, apenas desenvolvido por nômades. Garante-lhes a condição de realizar deslocamentos sem movimento relativo, mas por intensidades, o que configura a não necessidade de sair do lugar. Daí a noção de ocupar o território.

Na mochila aberta, agora visualizamos os malabares³⁰, um conjunto deles, usados alternadamente ou não, nas apresentações. Também é possível visualizar as ferramentas, sempre portáteis, e a matéria-prima para fazer artesanato (pulseiras, colares, anéis, bonecos em arame, madeira, couro, desenhos, entre outros), elementos para a composição de uma arte menor. Os instrumentos de trabalho sejam eles o jogo de malabares ou as ferramentas de artesanato sempre articulados a lógica da mobilidade, isto é, de rapidamente poderem ser desmontados e remontados em outro local. De pouco volume e leves o suficiente para possibilitar deslocamentos pela cidade, intercidades, interestados, interpaises. Não são um fardo a ser carregado, também não são tudo, mas são o suficiente e necessário para os percursos por vir.

São andarilhos, hippies, malucos de estrada ou simplesmente malucos como se autonomizam. Compreendido nesta escrita como um tipo de nômade contemporâneo. Segundo a fala de alguns malucos com quem conversamos, eles têm no andar, no transitar, no movimentar sua organização de vida, sua experiência de vida, como um exercício de autoconhecimento e de tensionamento com o modo “civilizado”, sedentarizado de viver nas cidades. Não têm origem, mas começos, tampouco têm ponto de chegada, a não ser nos breves instantes de passagem, nas apresentações em picadeiros sinaleiras, praças, rodoviárias. O movimento giratório, turbilhonar³¹ é a própria realidade.

Vivem por trajetos, pela ligação destes trajetos, pode até escolher as rotas e destinos, mas elas nunca são o objetivo final. Nunca se tornam meta do deslocamento e jamais estão delimitadas. “Quero andar pelo mundo, conhecer lugares” (sic). O deslocamento vai se configurando no que for possível. Como se todos os lugares por onde passa, fossem ou configurassem paradas provisórias. Os lugares por onde passa, ou as cidades que fica para fazer malabares ou vender artesanato são sempre pontos de acesso para outro lugar. Neste sentido se configuram como pontos de passagem e não de ancoragem. Esses pontos estabelecem acesso a outro caminho já visto ou ainda não trilhado, dá acesso à rota que não é turística, mas que pode em algum momento também ser. Pode passar pelos pontos turísticos do mundo, mas sempre como acesso ao devir

³⁰ Jogos malabares, jogos praticados por indianos, chineses e outros povos, os quais consistem em lançar objetos para o ar, uns após outros, apanhá-los em seguida e tornar a lançá-los, com extraordinária agilidade, de modo que não caiam ao chão (DICIO, 2013).

³¹ Este conceito é apresentado por Deleuze e Guattari (2002, p. 52-53) como velocidade e, sendo assim, constitui o caráter absoluto de um corpo cujas partes irreduzíveis (átomos) ocupam ou preenchem um espaço liso, à maneira de um turbilhão, podendo surgir num ponto qualquer. Movimento característico da máquina de guerra.

caminho. Sempre ambiente provisório, de constante abandono da fixidez, de tensionamento ao sedentarismo.

Suas falas (dos malucos de estrada), potentes e desafiadoras, desconfortadoras, desconcertantes, às vezes, sempre muito presentes em nossa memória, passam a constituir este texto do modo como as mesmas me afetaram. Trago, entremeio as minhas palavras, as frases, os sentidos, os significados, os dizeres dos malucos. Na sequência busco (re)constituir uma explicação dada pelos malucos de como se sai deste nosso mundo “doido” e se entra no seu universo desatento, estranho e inapreensível, mas afirmativo da resistência aos padrões sociais pré-estabelecidos, como uma perspectiva de introdução do leitor à experiência nômade.

Imagine um círculo no solo. Sobre ele, um arco feito de pedras. Eleve estas pedras como se fossem agora montanhas, paredões de pedras dispostas como um arco. Olhando para baixo, ao fundo, vemos água, parada, como expressão de serenidade, de calma, mas de profundidade. Entre o topo das pedras e o início das águas distantes uns 15-20 metros, uma transformação de vida, muitas coisas impregnadas no ar, ainda não vistas e só sentidas após o salto. Com os pés próximos, postados sobre a montanha de pedras, à borda do precipício. Um breve olhar para o horizonte outro para baixo... Temor, angústia, receio, frio na barriga. A questão retorna: jogar-se ou não? Porque se jogar? O que se deixa para trás? O que se vislumbra por vir? Como se jogar? Dar impulso ou apenas soltar o corpo em queda livre? Um salto para o escuro, para o incerto. O corpo balança, os olhos visam o poço. O corpo se solta, os pensamentos se agarram querendo voltar, o corpo toma inclinação, os pés perdem o contato com as pedras. Não há mais retorno, agora é só devir acontecimento. Instantes de silêncio, respiração suspensa, presa. Um grande estrondo, o corpo imerso em outra substância, um abraço das águas, o retorno à superfície. Volto a respirar e no pensamento: estou vivo! Consuma-se a opção de entrada em outra noção de vida. Uma vida nômade, ou melhor, uma vida de maluco.

**A Pedra Mais Alta
(O Teatro Mágico)**

Me resolvi por subir na pedra mais alta
Pra te enxergar sorrindo da pedra mais alta
Contemplar teu ar, teu movimento, teu canto
Olhos feito pérola, cabelo feito manto

Sereia bonita sentada na pedra mais alta
To pensando em me jogar de cima da pedra mais alta
Vou mergulhar, talvez bater cabeça no fundo
Vou dar braçadas remar todos mares do mundo

O medo fica maior de cima da pedra mais alta
 Sou tão pequenininho de cima da pedra mais alta
 Me pareço conchinha ou será que conchinha acha que sou eu?
 Tudo fica confuso de cima da pedra mais alta

Quero deitar na tua escama
 Teu colo confessionário
 De cima da pedra não se fala em horário
 Bem sei da tua dificuldade na terra
 Farei o possível pra morar contigo na pedra

Sereia bonita descansa teus braços em mim
 Eu quero tua poesia teu tesouro escondido
 Deixa a onda levar todo esboço de idéia de fim
 Defina comigo o traçado do nosso sentido

Quero teu sonho visível da pedra mais alta
 Quero gotas pequenas molhando a pedra mais alta
 Quero a música rara o som doce choroso da flauta
 Quero você inteira em minha metade de volta

Os malucos, escolhidos para esta pesquisa, compreendem sua entrada na vida nômade como uma opção, uma escolha e não como uma desfiliação³² ou um infortúnio no trabalho, na família, no relacionamento amoroso, como apontam algumas pesquisas sobre andarilhos (NASCIMENTO; JUSTO, 2000. JUSTO; NASCIMENTO, 2005. NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009. PERES, 2001. PERES, 2002. PERES; JUSTO, 2005. CONCEIÇÃO, 2007). Os malucos são sujeitos homens e mulheres, de variadas idades, que escolheram viver em uma lógica nômade, que tomam como propósito de vida a errância. Não buscam a “segurança” de um lar, de um governo, de uma política social, pois a entendem como limitadora de suas possibilidades. Segurança é uma troca de entrega da liberdade por garantia de cuidado. Entrar em um albergue ou abrigo público significa seguir regras e normas bastante rígidas. Não poder consumir substâncias psicoativas (álcool, maconha, cocaína, crack entre outras), ter horário para dormir, horário para acordar, tempo para permanência, normas de conduta, regras de comportamento, convivência com outros, etc. Ter um lar significa, ter de limpar, ocupar, vigiar (trancar e destrancar portas, janelas) permanecer no local, sair sempre pensando em voltar, manter o local, “amarrar a minha vida a um ponto fixo”(sic). A propriedade privada estabelece, ela mesma uma relação de dependência entre o proprietário e o imóvel habitado. Alguns malucos, com os quais conversei, relatavam que não querem ser cuidados, não querem ter seu caminho marcado, sua vida mapeada,

³² Castel (2010, p. 69): “produção de vulnerabilidades sociais acopladas à perda do lugar de “trabalhador” para uma parcela da sociedade que, se instala em uma área de precariedade de suas condições materiais de reprodução”.

ou quando anseiam o cuidado, não desejam ter de dar algo em troca, ou ter de enquadrar-se em determinado comportamento para obtenção do benefício ou direito.

A vontade de conhecer os andarilhos, os malucos, começou a partir de um encontro em Santiago/RS com uma moça que estava na sinaleira. Cabelos com um corte muito diferente, pra não dizer bastante estranho. Repicados, partes raspadas, umas tranças, uns dreads. Diria que não encontrei uma forma para o corte. Roupas ao vento. Destreza no jogo de malabares. Carisma ao cumprimentar a plateia de motoristas em seus carros a espera do sinal verde. Irrompe a curiosidade... A curiosidade em saber sobre a moça, a arte e o jogo. Duas voltas na praça ao redor da dita sinaleira. Já não é possível mais andar. Tomado pela curiosidade, os malabares me fazem parar o carro e ir ao seu encontro cheio de inquietações, desejo e curiosidade.

Abordagem direta, um cumprimento e... “gostaria de falar contigo”... Sentamos e ao sinalizar para ela que não queria lhe tomar muito tempo, ela me disse que não existia tempo para ser perdido, só para ser vivido. E que se parei para conversar com ela poderia ser interessante. Afinal jogar malabares ela fazia todo dia, todos os dias.

Contou sobre a sua trajetória, sobre sua escolha, sobre como se jogou... Filha de uma família de muitas posses e bem reconhecida no interior do Rio Grande do Sul. Pai desembargador e mãe odontóloga. Educação sempre em escolas privadas, cursando universidade, curiosa pela vida, ou por outro modo de viver: se jogou.

Tentou se jogar quando tinha 14 anos, mas logo foi encontrada pelos pais. Decidiu que faria novamente tão logo completasse a maioridade. Assim, quando o 21 cronológico apareceu, sumiu no mundo. Buscando se perder da família, dos amigos, das referências. Se perder de si mesma. Sumir com os rastros, não deixar pistas, não ser encontrada. Não mais como quando com 14 anos.

Rise	Gonna rise up
(Eddie Vedder)	Throw down my ace in the hole
Such is the way of the world	
You can never know	
Just where to put all your faith	
And how will it grow	
Gonna rise up	
Burning black holes in dark memories	
Gonna rise up	
Turning mistakes into gold	
Such is the passage of time	
Too fast to fold	
And suddenly swallowed by signs	
Low and behold	
Gonna rise up	
Find my direction magnetically	
Erguer-se	
(Eddie Vedder)	
Tais são os caminhos do mundo	
Você nunca sabe	
Onde colocar sua fé	
E como ela vai crescer	
Vou me erguer	
Trazer de volta buracos e memórias ocultas	
Vou me erguer	
Transformar enganos em ouro	
Tal é a passagem do tempo	
Rápida demais para desistir	
E de repente engolida por sinais	
Abaxe-se e observe	

Vou me erguer
Encontrar minha direção magneticamente
Vou me erguer

Jogar minha pressa na estrada

Ela me afirmou: “Agora sou outra, quero me fazer de outro modo, romper com o que me constituiu e, me abrir para o que me constituirá. Romper com os medos e configurações de uma história que não quer mais ser vivida”. Notícias para a família? Somente uma ou duas vezes no ano, apenas para sinalizar que está viva. As ligações são rápidas, coisa de um minuto. Não é possível estender muito, também não há dinheiro para isto.

“Vida na rua não é fácil”. Já apanhou de companheiros, da polícia. Já foi mandada embora de algumas cidades pelo poder público. Já dormiu na rua, em calçadas, bancos. Ficou sem comer, sem lugar para dormir. Nem sempre se ganha o suficiente para comer, para viajar, para pagar um lugar para ficar à noite.

A viagem... “(...) essa se faz sozinha. É preciso estar só para ser livre, para se pensar. Limpar-se um pouco da zoeira e do eco que a voz dos outros tem sobre nossos pensamentos”. Pensamento semelhante, podemos acompanhar no fragmento, “A liberdade é a possibilidade do isolamento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo” (PESSOA, 1982, p. 456). Ela falou com a linguagem de quem vive o que o poeta traduziu em versos de quem faz poesia.

Segundo essa maluca, os equipamentos para jogar malabares são comprados em São Paulo, em função da melhor qualidade. Já a matéria-prima para o artesanato se consegue pelos lugares onde anda. Matéria-prima local. O aprendizado se dá nos encontros, nas rodas, nas paradas junto aos outros malucos.

Esse breve relato inicia nosso percurso com os malucos e nos leva a uma inquietação, um desconforto sobre os andarilhos, assim pensados inicialmente, mas que se transformariam em malucos ao longo do processo de conhecê-los. O aprofundamento da análise dos materiais disponíveis (produções em vídeo, música e textos produzidos ou disponibilizados no site do Coletivo Beleza da Margem³³) sobre o nomadismo me levou a mudar a denominação anteriormente utilizada, andarilhos, para utilizar a denominação usada por eles, a saber: malucos.

Um filme em especial assistido em 2010 - um pouco antes da aproximação com os malucos - “Na natureza selvagem” de Sean Penn (2007), produziu a inquietação necessária para no ano seguinte parar o carro e ir conversar com um maluco, no caso a

³³ Será melhor apresentado na sequência do texto.

maluca de estrada relatada acima. Algo já batia forte em mim, a partir do filme “Na natureza selvagem”, que ambientado nos anos 1990, relata parte da história de vida de Christopher McCandless (encenado por Emile Hirsch). Um jovem recém-formado, que decide abandonar sua vida de conforto e, viajar sem rumo pelos caminhos do mundo em busca da liberdade (talvez fosse melhor dizer redescoberta). Uma viagem que o leva ao Alasca selvagem e a um desafio supremo: compreensão e suspensão da própria vida.

Algumas questões podem ser colocadas acerca dessas aproximações com o tema: O que pode um maluco querer com sua experiência nômade? Como observadores de sua experiência podem pensar? Qual seu objetivo com sua arte? O que está buscando? Porque ocupa o espaço da cidade? O que faz nas cidades? Quais são os meios que dispõe para garantir sua sobrevivência e como o uso dos recursos circenses e de artesanato dialoga com essa garantia? Como compreende a arte em seu contexto nômade? O que entende sobre o nomadismo e sobre sua vida andarilha? Por quais caminhos descarrila nosso pensamento ou nos possibilita pensar? O que nos possibilita?

Inicialmente, quando a tese era projeto, nossa busca foi no sentido de aproximar os malucos das políticas sociais para compreender como se constitui a experiência nômade no neoliberalismo e como as políticas sociais se utilizam dessa experiência para atualizar o que lhe escapa. Neste sentido, intentava-se compreender como as políticas sociais atuam sobre os andarilhos e os movimentos que tem feito para acoplar a experiência nômade à sua ação sobre a população de rua. O pano de fundo da discussão era compreender as condições de resistência aos modos de governo engendrados no contexto contemporâneo.

No entanto, a análise das ações das políticas sociais foi revelando a inexistência de políticas direcionadas a esse público específico. O mais próximo que as políticas sociais têm chegado dos nômades/andarilhos é a partir de ações voltadas às populações em situação de rua, que em alguns momentos são nominados de nômades, no entanto, constituem uma população diferente daquela que tenho interesse em estudar. O distanciamento das políticas sociais e a aproximação com o conceito de nomadismo foi nos afastando das instituições e ações ligadas ao Estado moderno e nos conduzindo para um campo de discussão que tem maior proximidade com as experiências nômades: as práticas com artesanato e as práticas circenses. A produção de conhecimento sobre o nomadismo e os contatos que estabelecemos com os malucos nos conduziram à arte e, desta forma, ocorreu uma torção no projeto em que as políticas sociais são abandonadas enquanto foco para buscar uma maior receptividade à experiência nômade: sua arte

como produção contra hegemônica e desterritorializante, ou como denominado por Deleuze e Guattari (1997), como arte menor. A arte menor questiona o lugar do trabalhador da produção massificada e voltada para o consumo, e, recoloca o artesão no cenário da experiência. Porém, o artesão, em sua forma nômade, é desvinculado das estruturas oficializadas pelas políticas de trabalho; não possui carteira assinada, nem possui certificado de artesão ou vinculação a alguma associação de artesãos. Atua por conta própria e aprende suas técnicas com outros malucos-artesãos nos percursos das viagens.

A tese ocorre em meio ao contexto de forte expressão da Globalização e amplo desenvolvimento do Neoliberalismo no mundo, configurado pela mínima participação do Estado no mercado econômico; pela privatização das competências sociais do Estado; pela ênfase na livre circulação de pessoas, mercadorias, culturas, políticas; pela diminuição da proteção frente ao mercado internacional da organização de Blocos Econômicos entre outras transformações marcantes de nosso tempo. Assim pensar os malucos de estrada, implica em concebê-los como sujeitos discursivamente construídos, dentro desta temporalidade. Que discursividade é essa?

Segundo historiadores como Milton Santos (1997) esse período teve como marca inicial os séculos XV e XVI com as Grandes Navegações e as descobertas marítimas³⁴. Os continentes, através de seus governos e populações passaram a relacionar-se comercial e culturalmente, porém estes movimentos ainda eram bastante incipientes. No final do século XX efetiva-se de modo eficaz a globalização e o neoliberalismo³⁵ como modos hegemônicos de se experienciar a cultura, a economia, a política e o social. Especificamente, como acontecimentos históricos, temos a queda do socialismo no leste europeu e na União Soviética, marco da Globalização e na década de 1970 o neoliberalismo como amplificador do processo de globalização econômica. A busca por novos mercados consumidores, o desenvolvimento e utilização de recursos tecnológicos, a necessidade de baratear preços foram alguns dos catalisadores reativos para o enfrentamento da saturação dos mercados internos, da concorrência empresarial e também a forma de ampliar de modo eficaz e rápido os parceiros econômicos e

³⁴ Embora entendamos que existem outras produções, feitas por antropólogos, sobre os movimentos globais, e que estas remontam a períodos anteriores às grandes navegações; escolhemos a definição de Milton Santos como referencial, pois a consideramos marco para movimentos intercontinentais de grande escala.

³⁵ Para melhor compreensão desta relação indicamos a discussão feita por Michel Foucault no livro “Nascimento da Biopolítica”, São Paulo: Martins Fontes, 2008. Na próxima seção, apresentaremos de forma mais clara sua relação com a noção de produção de subjetividade.

comerciais das multinacionais. Neste sentido, ressalto o importante papel desempenhado pela internet³⁶, pela rede de computadores, pelas tecnologias de meios móveis, pela comunicação via satélite, que não apenas tornam mais baratos esses processos como também os tornam mais eficientes ligando os mais distantes continentes com o tempo da instantaneidade.

Outra configuração do modo globalizante de produção é a constante busca pela diminuição dos custos da produção industrial, nesse sentido, a elaboração de mercadorias passa a ser uma tarefa que envolve muitos países, configurando organizações complexas em que elaboração, matéria-prima, mão-de-obra, montagem, energia barata dificilmente encontram-se no mesmo local. O processo produtivo acaba por configurar-se como uma rede extremamente difusa, organizada e articulada.

Essas produções não ocorrem somente nesse tipo de indústria, mas também no campo da cultura. Produções interpaíses são costumeiras e incentivadas contemporaneamente como é o caso da produção cinematográfica brasileira. A partir de parcerias entre esfera pública e privada grande foi o desenvolvimento na produção de filmes no Brasil, resultando em 2003 no Programa Cinema do Brasil que unindo poder público e ações de produtores individuais aumenta muito nossa condição de elaboração e execução de filmes (VERÍSSIMO, 2013). Se retrocedermos dez anos e contarmos as parcerias estabelecidas pelo Brasil em coprodução com outros países, de lá até os dias de hoje, veremos esse número ser multiplicado por seis, isto é, de cinco saltamos para trinta e duas parcerias. Como exemplos podemos citar acordos de cooperação em vigência com:

Argentina, Alemanha, Canadá, Chile, Espanha, França, Itália, Portugal e Venezuela, além de ter participação em acordos multilaterais como o Convênio de Integração Cinematográfica Ibero-Americana e o Acordo Latino-Americano de Co-Produção Cinematográfica – dois instrumentos largamente utilizados pelos produtores brasileiros por meio de programas como o Ibermedia. [O] país também negocia novos acordos com países emergentes, como Índia, China e Israel (VERÍSSIMO, 2013, s/p).

As parcerias para elaboração e execução de filmes também têm seu fundo vinculado a modalidades de financiamento coletivo, conhecidas como crowdfunding. Esta busca angariar verbas para a realização de projetos que tenham interesse coletivo, através de múltiplas fontes de financiamento (MIRANDA, 2013). No Brasil podemos citar como exemplo a iniciativa na produção do documentário “Raul, o início, o fim e o

³⁶ Muitos malucos fazem uso da rede mundial de computadores para falar com amigos, ler notícias ou fazer parte de redes sociais, como facebook, por exemplo.

meio” de Walter Carvalho, assim como o longa-metragem “Colegas” de Marcelo Galvão. Outros exemplos de projetos que se utilizam do financiamento coletivo são: o curta de animação “Mar de paixão”, de André Dahmer, Arnaldo Branco e Allan Sieber, e o documentário “Cauby: começaria tudo outra vez”, de Nelson Hoineff (SALGADO, 2013).

Este ponto leva novamente aos malucos. Alguns malucos embarcam nesta forma de financiamento coletivo. O “Coletivo Beleza da Margem” empenhou-se na construção de um documentário chamado “Malucos de estrada: a reconfiguração do movimento hippie no Brasil”, na tentativa de estabelecer maior contato entrecultura dos malucos com a sociedade. “Acreditamos que este documentário será o ponto de partida para o amplo reconhecimento do “maluco de estrada” como expressão cultural brasileira” (BELEZA DA MARGEM, 2013, s/p). O documentário apresenta a riqueza cultural do universo da vida dos malucos. Sua escolha pelo financiamento coletivo se deve ao fato de acreditarem que a produção de forma independente possibilite “a liberdade de expressar vários assuntos e pontos de vista sem amarras institucionais ou de interesses de mercado. Além disso, o financiamento colaborativo por si só cria uma movimentação importante em torno da temática suscitando desde já a reflexão sobre o tema” (BELEZA DA MARGEM, 2013, s/p).

Para os malucos mostrar seu artesanato, falar sobre sua vida, seu modo de pensar, de vestir, sua poesia, seu desapego, sua cultura serve como dispositivo de apresentação, esclarecimento e diálogo com a sociedade. No sentido de discutir a atual condição dos malucos, muitas vezes ameaçados em função de processos repressivos e de preconceitos. Conforme o Coletivo “Beleza da Margem”, sua busca é na concretização de um diálogo entre diferentes cosmovisões, interesses e saberes, potencializando ao máximo o bem-estar coletivo. Entendem que a partir de discussões e reflexões, que configurem maior visibilidade aos malucos, possam surgir mais pesquisas, “passos esses entendidos como essenciais para o reconhecimento do “maluco” enquanto expressão cultural brasileira” (BELEZA DA MARGEM, 2013, s/p).

Visibilizar uma cultura e aprender a mover-se por deslocamentos que desafiam e instigam a resistência em tempos de controle da intimidade³⁷, nos parece um percurso interessante a ser tramado.

³⁷ Como exemplo ilustrativo, podemos trazer o ressentido escândalo envolvendo o Governo dos Estados Unidos na coleta de dados da vida íntima dos cidadãos a partir de registros telefônicos e servidores de empresas de internet.

Voltemos, então, para o entrançado que ocorre no romance. Que uso da arte se faz no romance de maluco? Acompanhando os rumos inventivos que acometeram a arte na passagem da arte moderna para a arte contemporânea, vemos a própria arte experimentando-se e reinventando-se enquanto campo estético. Trazendo sua potência ficcional para o campo do real, dos modos de viver, de existir (Pimentel, 2015). Ultrapassa tal fronteira (real-artístico-ficcional) e constitui região-outra de intensa permutação, performatividade. Deleuze nos apresenta a fabulação³⁸ (Deleuze e Guattari, 1997; Deleuze, 2013; Deleuze e Parnet, 2004) como um dispositivo de fazer arte fora de seus limites mais estritos, ou seja, um tensionamento sobre a própria noção do lugar e do que se entende por fazer arte. Neste sentido o que este texto-tese, tenta operar através do romance e de sua relação com o restante da tese é usar dos procedimentos fabulatórios/ficcionais fazendo “arte em tensão com aquilo que não é arte e não por criarem um espaço imaginário/fabuloso no interior do qual podem dar curso livre à sua imaginação” (Pimentel, 2015, p. 542), mas por operar com a criação de uma zona de indiscernibilidade entre ficção e real, entre o artístico e o não artístico, entre arte e artesanato (Deleuze e Guattari, 1997).

Portanto, o personagem “corpo”, vive no texto a indiscernibilidade entre a fala real, concreta dos malucos entrevistados, dos filmes assistidos, das músicas sentidas e, de percursos de malucos inventados pelo escritor da tese. É atravessamento, agenciamento coletivo, “um entre” a produção identitária de um indivíduo chamado corpo e de um corpo múltiplo, não identificável e não reduzível à unidade identidade. Tomar o corpo como vibração, como eco-caos, como sujeito do discurso (Foucault, 2002), como dispersão de vozes, no sentido de que muitas forças o atravessam, o colocam em movimento. Não é o uno. Ao mesmo tempo que afirma singularidade, faz-se pela diferença, pelo coletivo de vozes que o escritor faz operar através dele. Por vezes o próprio escritor fala por ele. Muitas falas de diferentes malucos, inclusive de localidades diferentes, estão reverberando no corpo. Igualmente, ocorre com os outros personagens que interagem com o corpo. Afóra que estas vozes também são vozes de outros modos de existência, ou seja, existências que, até aquele momento, habitavam textos clássicos da literatura moderna, e que hoje, incorporam o “corpo”, personagem e estrutura, deste escrito.

³⁸ Discutiremos melhor tal conceito mais a frente, no capítulo 4.

Um escrito influenciado por Kafka e Dostoiévski, que encontrou na polifonia sua função autor³⁹. Segundo Roman (1992-93), Bakhtin estudou a polifonia e baseou-a de forma experiencial nos escritos de Dostoievski. Trouxe do artista do subsolo a característica da plurivocalidade, ou seja, diversas consciências e vozes controversas, habitando o interior do texto, em pé de igualdade com o autor. São escritos dentro de escritos, não como hiperlinks, mas como costura de histórias dentro de histórias na composição de um discurso. Mais que isso, trazem outras obras para a organização interna de um discurso-outro. Ao mesmo tempo, que se produz o contraditório ou a multiplicidade de vozes, se mantém os dilemas como inacabados. Inconclusos permanecem os problemas, as contradições. Também não há um ponto apoteótico do texto, as vozes seguem e mantêm um equilíbrio, uma independência durante todo o escrito.

Desta forma o escritor tenta ultrapassar a distancia entre leitor e escritor, mas os concebe no sentido de co-produção, co-implicação no processo de escrita. O escritor vai mostrando seu percurso e seus recursos utilizados, mas fica sempre a espera da escrita que o leitor fará. Que outros elementos trará para compor junto? Mas no romance eles operam pelos corpos dos malucos. O corpo santo, doente, ágil, ladrão, violento, virtuoso. Varias vozes dos malucos ficam circulando pelas cenas do romance. As falas agenciadas pela escrita ligam-se rizomaticamente nas conversas realizadas ao longo de quatro anos com malucos latino-americanos, com músicas brasileiras, com filmes americanos e com literatura russa e européia. Estes elementos circulam direta ou indiretamente por entre e através dos personagens do romance, fazendo com que os malucos sejam, de certa forma, o próprio romance. Tomando-os como um corpo multiforme e por vezes inclusive contraditório, os personagens do romance de maluco, são vozes que habitam a diversidade da cultura e da vida de alguns malucos.

Nas palavras do escritor:

Tentamos uma cartografia pelo fabulatório, não como história simplesmente inventada, mas como agenciamento de indiscernibilidade entre real e ficcional. É o romance operando pela sua força de expressão em seu inacabamento. Uma cartografia dos malucos não serve só para compreender movimentos contemporâneos de uma vida nômade, mas principalmente, para trazer o que há de potência nesse exercício de pensamento aforístico para dentro dos muros Maiores de se fazer ciência.

Que se torne possível ser levado pelas práticas dos malucos, na expectativa que esses, desloquem meu pensamento. (Giordani, 2016, p.43)⁴⁰

³⁹ Conforme discutido anteriormente na carta 5.

⁴⁰ Texto em fase de escrita, ainda não publicado e aguardando considerações da banca.

Já se faz demasiado longo para um prefácio. Nas páginas que seguem encontrarás a discussão sobre biopolítica, resistência, arte e o romance dos malucos. Eles estarão tramados. “Espero que inquiete-se e divirta-se!”

3. Neoliberalismo, Biopolítica e Resistência

Ó criancinha pura e inocente! (...) vantagens, pessoas deixaram-nas de lado e lançaram-se por outro caminho, ao acaso, arriscando-se sem que ninguém ou nada que as obrigasse a isso, como se simplesmente não quisessem exatamente o caminho que lhes fora indicado e teimosa e voluntariosamente abririam outro, mais difícil absurdo, tateando no escuro quase as cegas? (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 30)

Trabalhamos com a noção de sujeito como construção histórica, que se transforma juntamente com a história que escrevem. E essa por sua vez, na medida em que é escrita, vai imprimindo uma inscrição nos próprios sujeitos constituidores da história. São práticas, modos de fazer, de acontecer. São efeitos dessas práticas e das relações sociais as quais se inserem. Um sujeito que é coletivo, com historicidade concreta, gestado num jogo cotidiano e complexo de combinações, desencontros, tensões e relações (BARROS, 2004).

O modo capitalista de produção não produz apenas produtos materiais, mas também reproduz a lógica produtiva e economicista nas relações cotidianas. O processo de produção “inclui a produção das relações sociais, produção na qual os indivíduos que produzem e as coisas produzidas se constituem pelas relações sociais, que engendram modos de subjetivação e formas de subjetividade” (BARROS, 2004, p. 94).

Falamos em múltiplas formas-subjetividade sendo geridas nos processos capitalistas de produção e de governo da vida. Também expressos na cultura e no modo de acessarmos serviços. O artesão e sua arte são expressões maiores ou menores desses modos de gestão da subjetividade capitalística: em sentido menor sempre como avesso, rasteira, e, maior como afirmação da ordem e da lei.

Neste sentido, em que os processos de subjetivação são foco, as problematizações e questões a que nos debruçamos são lançadas na direção das práticas e situações de vida dos “malucos”. No modo como pensam, elaboram e comercializam seu artesanato. São as situações do fazer na estrada, nas paragens e as relações que se derivam e se configuram a partir dessas práticas.

Interrogar os diferentes modos de subjetivação, ou melhor, seus processos visíveis no contemporâneo, nos possibilita questionar as formas-sujeito existentes. E com isso possibilita escapar as codificações pré-estabelecidas pelo capital (BARROS, 2004). Escapar tem o sentido de decodificar, permitir uma existência não codificada ou afastada de seu código, como um “não catalogado” (DELEUZE, 2006). A possibilidade de estar em movimento de criação de formas-subjetividades que configurem tensionamento com o modelo hegemônico dos processos em desenvolvimento do capital, depende exclusivamente dos agenciamentos que nos lançamos a experimentar, sem qualquer segurança fornecida a priori. Trata-se de buscar formas-criação que não sejam mera reprodução de diferença sobrecodificada. Permitir-se permutar com algo do pensamento nômade (DELEUZE, 2006), como metamorfose kafkaniana (DELEUZE, 1977) vai na direção na qual a invenção possa ser uma dimensão permanente.

Segundo Barros (2004) a falha, a variação, é o que permite a criação. Esta última não é reprodução, não é exercício mecânico, mas sim outramento, deriva, corpos rebeldes que na produção de sua artesanaria inventam modos de se relacionar com seus instrumentos, criando, poderíamos dizer, de forma arteira, arte e a si mesmos. De acordo com Kastrup (1999), evidencia ações que concebem ao processo criativo um maior número de variantes, essas entendidas como elementos ruptivos dos modos de fazer ordinários, prescritos ou das ações institucionalizadas de qualquer ordem. As variâncias podem ser observadas no processo de produção de um objeto pelos “malucos”, no sentido que a cada feitio, mesmo que para “repetir” este objeto, se inventa novamente, criando-se ou aprimorando-se a técnica utilizada. Um hibridismo, em que a diversidade de técnicas e a inventividade dos “malucos” artesãos, misturam práticas milenares (macramê, filigranas portuguesas, artesanato indígena) produzindo reconfigurações, adaptações e criações de um fazer novo, que se desconstrói pela construção de novas possibilidades. Todas as peças são únicas. O processo também é único, pois ocorre em distintos espaços. Lugares de produção, afetados por diferentes companheiros, assistentes, e platéia, imprimindo nesta relação e nesta prática um resultado inesperado e inovador. São desconfigurações dos modos apreendidos de fazer e reconfigurações de novos modos de fazer. Ações e práticas que põem os modos de produção de subjetividade em transformação.

A artesanaria dos “malucos” muito pouco tem de formalizada enquanto um modelo, no máximo algumas dicas passadas de boca em boca, de encontros e desencontros que um passa ao outro. O feitio é puro aprendizado, é aprendizado sob a experiência do

vivido, um construir de estratégias que vão sendo produzidas na medida em que o trabalho com a matéria-prima vai encontrando sua forma provisória. Uma invenção frente ao imprevisível, que subverte a norma através do uso de sua “inteligência prática” (KASTRUP, 1999) com engenhosidade, no seio das trocas e ações coletivas do movimento cotidiano de descodificação dos “malucos”, afirmados em sua arte menor.

Os “malucos” realizam, com sua arte, um processo de criação em que mistura o conhecimento já adquirido pela experiência vivida com o novo, enquanto, materiais e culturas por onde passa, fundindo assim como ferreiro (DELEUZE; GUATTARI, 2002), a tradição com experiências inovadoras.

O movimento menor, que em alguns momentos vislumbramos na arte dos “malucos”, compõe com linhas de força instituintes os processos de subjetivação que caminham em direção à ação⁴¹ criadora. Num sentido ainda mais potente que a solução de problemas, ou seja, em práticas que perturbam a ordem preestabelecida e organizadora do espaço social. Qualquer lugar público se torna espaço para a exibição da arte com o corpo ou da arte-artesanato. Não há pedido de “permiso” para o poder público, mas sim a ocupação, o uso do lugar. Num fazer que desfaz os modelos, que desacomoda os saberes, que inventa problemas e que abre veios novos e inunda rios de leitões secos ou já a muito contidos em suas margens. Brechas que permitem outros modos de experimentar a vida e fazer arte, dentro do modelo ordinário capitalista. São “[c]orpos desobedientes, subjetividades em desobediência que buscam transformar o trabalho nos seus objetivos e modos de organização” (BARROS, 2004, p. 111).

Ao contrário da proposta desobediente, o Estado tem como tarefa fundamental a normalização e normatização de todo e qualquer espaço sob o qual se estenda seu manto. Assim toma o espaço liso como elemento comunicante, mas subvertendo-o em espaço estriado, ou seja, a cada movimento que fuja da ordem preestabelecida, o Aparelho de Estado reatualiza suas políticas, suas propostas de ação, englobando o que anteriormente o escapava. Está ocupado em vencer o variante que não esteja catalogado, determinado, codificado. Isto não significa que não deseja o variante. Mas deseja o variante que está previsto, isto é, aquilo que varia conforme as possibilidades, ou melhor, as probabilidades racionalmente enformadas por uma lógica econômica e capitalizável. Para qualquer Estado, o importante é estabelecer um modo de controlar as variações, de saber sobre suas flutuações, suas derivações. De estimar os campos

⁴¹ Vincula-se a durabilidade, a uma existência não pela necessidade, mas pelas possibilidades que imprime ao ato de produzir uma ação que perdue a própria existência (ARENDDT, 2010).

possíveis a serem ocupados. Os destinos possíveis a serem transitados pelos viajantes, pelos migrantes, pelos “malucos”. Constitui-se uma zona de direitos sobre os fluxos, dando-lhes direções enquanto possibilidades de escolhas. Só se aceita o inexplorado conhecido, de trajetos determinados e direções estáveis “que limitem a velocidade, que regulem as circulações, que relativizem o movimento, que mensurem nos seus detalhes os movimentos relativos dos sujeitos e dos objetos” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 60). Para tanto, o Estado acaba por imprimir, sempre que possível, um processo de apreensão dos fluxos, das produções das populações, do comércio, das mercadorias e dos capitais, o que resulta em vigilância e controle sobre as possibilidades de transitar. Assistimos isso nas apreensões sobre os malucos, nas restrições a suas exposições, na não aceitação dos mesmos como artesãos, na vinculação de seu estilo de vida a uma vida de vagabundagem, criminalidade e drogadição.

Neste sentido, Deleuze e Guattari (2002) apontam a importante contribuição que Paul Virilio faz ao demonstrar que o poder político do Estado é feito pela polícia enquanto “vistoria”. E que as entradas e saídas das cidades passam a ser fiscalizadas e interditas por barreiras que frustram e impedem as massas e os transeuntes de livre passagem. Funcionam como filtros regulando quem entra e quem sai das cidades.

Seguindo essa análise foi possível que Charles Clarke, enquanto ministro britânico (2004-2006), pudesse fazer a seguinte afirmação: “Isso vai nos permitir assegurar, que só venham para o Reino Unido às pessoas dotadas das habilidades de que o país necessita, evitando, ao mesmo tempo, que os destituídos dessas habilidades se candidatem” (BAUMAN, 2008), propondo e anunciando um novo sistema de imigração em que atrairiam os melhores e manteriam afastados os indesejáveis. Um modo de rejeitar consumidores falhos, e de atrair bons investidores e empreendedores, de acordo com Bauman (2008). Ou mesmo, o que ocorreu em Belo Horizonte entre os malucos e o abuso de poder da prefeitura. Esta que com o apoio da polícia militar retirou à força, os malucos da Praça Sete, além de apreender-lhes as mochilas, cobertores e objetos pessoais⁴². Ou ainda, com o regramento da Lei 11.586, de 5 de março de 2014, sobre a livre apresentação dos artistas de rua em Porto Alegre, que acabou por impor limites à mesma. Destacamos o item: “Fica vedado ao artista de rua vender produtos quaisquer

⁴² Ministério Público arquiva inquérito sobre os abusos de poder da prefeitura de Belo Horizonte contra os artesãos da praça Sete. Acessado: 08/07/2015 Disponível: <https://belezadamargem.com>

que sejam, exceto quando dispor de alvará para o comércio ambulante”⁴³, o que interfere diretamente sobre o fazer dos malucos.

Maffesoli (2001), revisitando a obra de Platão sobre as Leis, encontra afirmações que nos serviriam muito bem, isto é, sem a devida identificação não diríamos que não são atuais. Demonstram uma preocupação com um ordenamento e regulação social, em que independentemente da motivação de chegada do viajante, este não deveria produzir alterações, salvo que tais modificações sejam pretendidas e concebidas como mudanças necessárias ao desenvolvimento e progresso local.

Nos processos de modulação da população o viajante sempre aparece como uma ameaça, pois assim como o “maluco”, por onde passa traz consigo a hibridização, a miscigenação das culturas e ganha destaque seu caráter de inquietude, de provisoriedade e sua temporalidade transitiva. O Aparelho de Estado ligado ao direito e ao processo de judicialização da vida atuam na constituição de operadores legais que regulamentam os fluxos, os itinerários possíveis, os modos de agir dentro do circuito que cabe a cada governamentalidade. Qualquer que seja seu trânsito: comercial, de lazer, religioso ou até mesmo vagabundo, deve passar, obrigatoriamente, pela aprovação do olhar do legislador. Serve como exemplo, o caso do cerceamento do ir e vir pelo modelo jurídico, ocorrido em abril de 2012. Temos como protagonista uma cidade brasileira, localizada no estado de São Paulo. A câmara de vereadores decidiu tirar os mendigos do caminho e agilizou a aprovação de dois projetos de lei. O primeiro autorizava colocar placas em vias públicas “para alertar a população a não dar esmolas”. E o segundo projeto, embasado no argumento de obstrução do trânsito, tornou ilegal qualquer ação de mendigos, vendedores ambulantes, sujeitos que limpam para-brisas dos carros e malabaristas em sinaleiras da cidade. O argumento se estrutura na alegação de existir “uma associação muito grande entre a mendicância, o tráfico de crack e os roubos e pequenos furtos que acontecem para abastecer essa cadeia de consumo” (BLANCO, 2013, s/p). E esta alegação possibilita que o uso da força (poder de polícia) possa ser empregado no sentido de reestabelecer a ordem e garantir o direito de ir e vir dos “cidadãos de bem”. Neste sentido o viajante é um indesejado, ou como afirma Maffesoli (2001), um desejado, mas fora dos limites da cidade.

O movimento não é exclusividade dos nômades, o Estado também o busca e o executa. Mas o movimento que este último almeja é sempre um movimento relativo,

⁴³ Prefeitura apresenta minuta para regulamentar arte de rua. Acessado: 10/12/2015. Disponível: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_cidade/default.php?p_noticia=179857

isto é, ao ocupar o espaço liso, logo o transforma em “movido”, descaracterizando-o de seu potencial móbil e estratificando seu campo de ação. Um espaço estratificado é um lugar codificado, isto é, com um regramento tal que as possibilidades são sempre limitadas. Desta forma, o Estado está empenhado em um investimento constante, em processos de decomposição, recomposição e transformação do movimento, ou seja, fazer com que a velocidade esteja regulada pelos e nos circuitos. O máximo de soltura, desde que dentro do circuito. Podemos traçar qualquer itinerário, qualquer linha, trajeto, rota, mas invariavelmente devem estar dentro dos circuitos (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

A ruptura com os circuitos é monitorada constantemente. Na sociedade de controle a modulação é contínua, nunca se termina nada, isto é, estamos sempre em processos de atualização, de formação (DELEUZE, 2008). Envoltos e envolvidos por moduladores de certificação, ou seja, “receber o certificado publicamente reconhecido e respeitado que confirma (com autoridade!) que se está na trilha certa, que ainda se está na competição, e que se tem permissão para manter vivas as esperanças” (BAUMAN, 2009, p. 19).

Os sujeitos expõem suas potencialidades materiais e imateriais no sentido de obter maior atenção, maior reconhecimento e aprovação com a intenção de continuar no jogo da sociabilidade (BAUMAN, 2008). O que está em questão são os novos tipos de sanções, de controles, de modulações. Em tempos de trabalho em casa (tutores de EAD – Educação à distância), trabalho temporário (contratação de funcionários em datas festivas, como natal e ano novo) as configurações exigem reconfigurações dos itinerários e produzem novos circuitos implicando novas circulações e distribuições dos produtos (DELEUZE, 2008). Teremos o operário-aluno, o executivo-universitário e para estabelecer relação com eles, teremos as máquinas cibernéticas, os ipods, os iphones, os Google glass e os computadores, entre outros.

Mas logo o certificado de aprovação pública perde seu valor, seu prazo de validade é curto. Sabemos que o que está disponível nas prateleiras hoje, seguramente depois de alguns dias não estará mais ali (BAUMAN, 2009). A atualização do currículo lattes é constante, obrigando o pesquisador a um ritmo de produção que muitas vezes descaracteriza o aprimoramento do conhecimento e o marca pelo ritmo empresarial de contínua produtividade. O controle contínuo implica comunicação instantânea (DELEUZE, 2008), ou seja, como nos modelos de qualidade total, é fazer e aparecer. É necessário propagandear, aprender a fazer o marketing de si mesmo. A tecnologia

costura imagem, som e touch. Quase todos têm facebook, celulares, cartões de créditos, contas em bancos. Passamos e somos notados, vistos pelas câmeras das lojas, das avenidas, das sinaleiras. Não há uma existência sequer que não deixe rastros atualmente.

As nuances da modulação lançam seus braços também sobre os próprios “malucos”, que representados pelo “Coletivo Beleza da Margem”, têm página na internet, conta no facebook, e objetivam serem notados, reconhecidos enquanto expressão cultural brasileira. E neste querer, um deslize talvez, imprimi-se a sobrecodificação do Aparelho de Estado.

Mas de dentro da lei, das notas que compõem a sobrecodificação, a máquina de guerra irrompe como indisciplina à norma e os “malucos” ocupam o espaço público com a produção e comercialização de seu artesanato na suposta ilegalidade.

A velocidade ou o movimento absolutos não são sem lei, mas essas leis são as do nomos, do espaço liso que o desenrola, da máquina de guerra que o povoa. Se os nômades criaram a máquina de guerra, foi porque inventaram a velocidade absoluta, como “sinônimo” de velocidade”. E cada vez que há operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita, que um novo potencial nômádico aparece, com reconstituição de um espaço liso ou de uma maneira de estar no espaço como se este fosse liso (Virilio recorda a importância do tema sedicioso ou revolucionário “ocupar a rua”) (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 60).

Mas o Estado, enquanto um tensionador constante faz réplica ao revés dos nômades, faz cerco através de apreensões dos materiais, das ferramentas e da artesanaria dos “malucos”, em praça pública como no caso do ocorrido em Minas Gerais, quando os fiscais da prefeitura retiram todo o material dos “malucos” e os expulsam do local com a alegação de que não é permitido aquele tipo de comercialização naquele espaço⁴⁴. A modulação e a “legal” obrigação de que os “malucos” se cadastrem como artesãos do Estado, estria, esquadrinha o espaço liso da praça pública e revela circuito e itinerário, limite da possibilidade de viver cidadão trocando a liberdade pela proteção do Estado de direito. Neste sentido o Estado apropria-se da máquina de guerra, mas sem efeito, pois

⁴⁴ Justiça ordena fim da repressão contra artesãos e a devolução dos artesanatos apreendidos, incluindo a exposição fotográfica “A beleza da margem”. Acessado: 08/05/2016. Disponível: <https://belezadamargem.com/2012/11/04/liminar-suspende-a-repressao-contra-os-artesaos-em-belo-horizonte-ordena-a-prefeitura-que-devolva-os-artesanatos-apreendidos-e-a-exposicao-fotografica-a-beleza-da-margem/>. Factóide sensacionalista do “Jornal O Tempo” criminaliza artesãos nômades e busca legitimar perante a população o abuso de poder da Gerência de Fiscalização da Prefeitura de Belo Horizonte. Acessado: 08/05/2016. Disponível: <https://pracalivrebh.wordpress.com/2011/05/07/factoide-sensacionalista-do-“jornal-o-tempo”-criminaliza-artesaos-nomades-e-busca-legitimar-perante-a-populacao-o-abuso-de-poder-da-gerencia-de-fiscalizacao-da-prefeitura-de-belo-horiz/>. Abuso de poder contra artesão nômades em BH. Acessado: 08/05/2016. Disponível: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2011/05/490421.shtml?comment=on>

no momento de sua captura, já não existe mais. Quando sob a tutela do Estado, já não é mais máquina de guerra, e sim aparato do Estado (DELEUZE; GUATTARI, 2002). O Estado sob ameaça de transbordamento, retalha tudo que lhe faça sombra, como foi o caso, por exemplo, das manifestações ocorridas no primeiro semestre de 2013 no Brasil, em que sob o poder de polícia, o Estado passa por cima do que não consegue ver, ou melhor, prever. Como letra menor as manifestações são organizadas e irrompem, sem que o poder público pudesse imaginar que se organizava enquanto acontecimento, tamanha mobilização e movimentação disparada pelas redes sociais.

A revolta dos “malucos” faz nascer um coletivo, que sobrevive do proibido, ou melhor, do artesanato não autorizado, pela apresentação das torções e contorções de seu corpo no jogo de malabares. Pela interrogação ao poder público sobre que atos são estes contra os “malucos” e que sentidos são produzidos ao expulsá-los do espaço público?

De acordo com Deleuze e Guattari (2002), o próprio Estado ao intensificar sua lógica de controle, multiplicando e ampliando os movimentos e as velocidades relativas, acaba por dar condições de reorganização e criação do espaço liso, pois estes não estão dicotomicamente organizados. Nasce aí o Coletivo Beleza da Margem, com uma exposição fotográfica, realizada por Rafael Lage. O foco são os malucos. Eles e suas produções se tornam os protagonistas estampados fotograficamente nas telas que tomam as calçadas da Praça da República em Belém do Pará, em uma exposição intitulada “Beleza da margem, à margem da beleza”. Este ato ocorre em várias outras cidades, como Belo Horizonte, São Paulo, Campo Grande, Rio de Janeiro entre outras. Além das exposições também ocorrem atos públicos que ganham apoio da população local. Também a produção de curtas como “A criminalização do artista – como se fabricam marginais em nosso país”. Aparição em programas de televisão. A produção de um livro chamado “Malucxs de Estrada”, de divulgação online. Até mesmo, um encontro em Brasília, com o Ministério da Cultura e com representantes do Departamento de Patrimônio Imaterial – DPI/IPHAN, e o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), no chamado “Encontro das BRs”. Tal encontro objetivou o reconhecimento do trabalho (artesanato) dos malucos como patrimônio da cultura popular brasileira⁴⁵.

O Estado, como capturador e conversor, acaba por produzir movimento absoluto e não apenas relativo. Faz isso quando eleva a produção do espaço estriado a tal índice

⁴⁵ Coletivo Beleza da Margem. Acessado: 21/09/2015. Disponível: <https://belezadamargem.com/page/2/>

que não se torna mais possível identificar o estriamento, ou seja, retorna a elaborar espaço liso no final do estriado. Como exemplo, e para melhor compreender o efeito do excesso da estratificação, podemos usar a noção de pixels. Os pixels são pontos de definição de imagens. Se existem em pouca quantidade como nas câmeras VGA (imagem com 480 pixels x 640 pixels = 0,307 megapixels) de celulares mais antigas, a imagem fica quadriculada, com pouca definição. Mas se utilizarmos uma câmera com padrão de imagem WUQSXGA (imagem com 4.200 pixels x 2690 pixels = 11.298 megapixels) não conseguiremos notar as linhas que compõem as imagens. As entenderemos como muito nítidas.

Assim, Deleuze e Guattari (2002) elaboram uma noção de nomadismo que acompanha uma máquina de guerra mundial, desenvolvendo tamanha organização, capaz de extravasar com os Aparelhos de Estado e atinge “aos complexos energéticos, militares-industriais, multinacionais” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 62), buscando dar caminho ao estriado.

Maffesoli (2001) relaciona e apresenta um elemento de ligação entre a sociedade e os “malucos”, quando afirma que na base das sociedades sempre existiram movimentos e fluxos de trocas, marcadamente vividos pelos mercadores, e que estes comerciantes continham certo status de errantes, pois viviam de cidades em cidades hibridizando com seus produtos e relações as culturas por onde passavam.

O que a primeira vista pode sugerir a inexistência de racionalidade econômica ou até mesmo improdutividade, guarda sempre uma ação reflexiva própria que imprime efeitos econômicos impossíveis de serem negados. Assim, Maffesoli elabora uma analogia em que a “circulação do sentimento, que é o aspecto mais visível da errância, introduz a circulação dos bens. Num movimento sem fim, o mercado, em todas as civilizações, é o lugar em que estabilidade e desestabilização se conjugam harmonicamente” (2001, p. 57). Assim como o Aparelho de Estado, pensado por Deleuze e Guattari (2002), é uma articulação dupla, isto é, exerce uma função que é ao mesmo tempo antitética e complementar, constituindo certa necessidade de existência e relação entre os supostos opositores, o que possibilita e configura seu caráter estriado.

O Estado tem um caráter formatador, no sentido de regrar os funcionamentos de tudo aquilo ao qual se aproxima. Ao chegar perto e apropriar-se “da máquina de guerra, tende aproximar a educação do cidadão, a formação do trabalhador, o aprendizado do soldado” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 79). Tudo que é movimento quando incorporado pelo Estado, passa a ser movimento regrado, conformado, “cidadanizado”.

O maluco de BR, torna-se um artesão com curso de formação ofertado pela prefeitura e, também por ela, passa a ser cadastrado e reconhecido oficialmente como artesão. Agora sim, pode expor na feirinha hippie.

A sedentarização traz a abdicação da sua condição nomadista, de inconformidade, de lisura, e faz pertencer ao estriamento do Estado para ter direito. O direito como uma excelente estratégia de governo das populações. A garantia de direito em troca de tua potência nomádica, de tua potência de guerra. Ser cordeiro do Estado de Direito, aderir à lógica de interesse do neoliberalismo e, assim, afirmar o contrato social.

O neoliberalismo pauta-se pela lógica do interesse, dos interesses de livre concorrência, que não sofrem regulação externa, isto é, o mercado e os interesses que ali se engendram são seus únicos reguladores. O Estado não deve interferir na economia diretamente, permitindo que o jogo de interesses possa fluir e se auto-organizar. Suas interferências se fazem presente através das políticas sociais, mas sempre no sentido de fortalecimento e ampliação da concorrência do espaço econômico (FOUCAULT, 2008).

As políticas sociais no contexto neoliberal, não objetivam mais assegurar benefícios e garantir condições que teriam sido perdidas no espaço concorrencial do mercado, isto é, não tem caráter compensatório, não funcionam como forma de compensar os percalços, as mazelas, as exigências e desvantagens provenientes da concorrência, mas funcionariam como uma ação do Estado no sentido de ampliar e dar condições de concorrência. Ou seja, as políticas sociais agiriam no sentido de aumentar o jogo concorrencial, de dar mais lenha para ser queimada no livre mercado dos interesses individuais. Colocar no jogo aqueles que por qualquer motivo tenham saído ou ainda não tenham entrado. Seria um modo de governar que evidencia a economia como regente das ações e modulações para com a população (FOUCAULT, 2008).

Seria, então o “maluco”, uma metáfora da encarnação do mercado concorrencial e individual, regido pelo interesse e elevado a uma potência “n” infinitesimal, ou seja, uma pulverização e intensificação do transitório em que quase tudo seria apenas passagem, usual, efêmero. Breves tempos de contato, projetos transitórios, compreendendo “projetos” segundo o uso feito por Pelbart (2009, p. 100) em *Vida Capital*, como “sendo sempre já uma aglutinação de uma matéria social pré-existente, ao menos virtualmente, é a capitalização de relações, afetos, ideias já em circulação, é a ativação de um caldo biopolítico em efervescência, de uma vitalidade social”. É um sujeito de uma volatilidade imensa, de uma completa desterritorialização.

Seguramente o “maluco” não encarna o mercado concorrencial, mas quem o faz é

o turista⁴⁶, esse sim é o representante por excelência do neoliberalismo, o sujeito inconstante que acompanha as flutuações do mercado. Já o “maluco” abre uma fissura nessa lógica. Acaba por se utilizar do regime capitalista, pelo pertencimento, pela condição de constituir-se internamente a esse regime. Mas irrompe de dentro pra fora, a revolta e a condição de transformação. Acaba por surfar por entre as lógicas. Faz uso do capitalismo para viver, mas tenta retirar o capitalismo de dentro de si. Tenta apagar ou diminuir sua rastreabilidade na sociedade de controle.

Para os malucos, a idéia de trocar e não depender do dinheiro lhes dava a condição de escapar da sobrecodificação financeira. Trocar pelo que precisar. O valor do trabalho é exatamente o valor do que estiver precisando naquele momento. Se precisar comer, o trabalho vale o prato de comida. Se precisar de passagem, o trabalho vale o preço da passagem. Se precisar de estadia, o trabalho vale a estadia. Se não estiver precisando, naquele momento, de nada, o trabalho vale o que o observador entender ser o valor do trabalho manual.

Mas como os modos de vida dos malucos podem ser analisados no contexto neoliberal de investimento (controle) da vida?

Uma possibilidade seria seguindo a linha apresentada na cartografia Império (2006) de Negri e Hardt, que pensam a mundialização, em especial a atual conjuntura do capitalismo globalizado. Como características, este projeto imperial, esta nova forma global de economia, apresenta uma estrutura descentralizada e desterritorializada, de superfície lisa, ou seja, não apresenta um centro geográfico de poder. Não se assenta sobre limites ou fronteiras fixas, os seus circuitos de produção são globais. Se espalha e incorpora a totalidade do espaço, do tempo, da subjetividade. Uma lógica, em parte guiada pelo projeto constitucional americano, mais democrática, horizontal, fluida, esparramada, em rede, entrelaçada ao tecido social e a sua heterogeneidade, articulando singularidades étnicas, religiosas, minoritárias (PELBART, 2009).

Esta concepção desenvolve-se sob a noção de sociedade de controle, ou seja, seu

⁴⁶ O turista é descrito como aquele que parte para uma viagem de mochila, pleno pela ânsia de viver aventuras. Tomado pelo desafio do inesperado. Aberto ao encontro com o desconhecido. Mas toda essa jornada é programada com um tempo para acabar. Essa jornada termina com o plano do retorno para casa. Exemplos, pessoas que deram a volta ao mundo de barco. Pessoas que saíram para andar um ano pela Europa, pela América Latina, pelo mundo. Essas pessoas tiram um período sabático mas sempre com a idéia de retorno. Além disso tem a possibilidade de serem retirados desta aventura a qualquer momento. Podem ser resgatados pelos familiares, se o dinheiro acabar, se a situação ficar muito difícil, se a graça ou o desejo pela aventura acabar. Ou seja, partem para a jornada sempre com a certeza do retorno (mesmo que por desventura ou infortúnio este possa não ocorrer) e com a possibilidade de ser resgatado a qualquer tempo. Salve(os) (pel) o cartão de crédito! (Bauman, 2008).

funcionamento tem por base “redes flexíveis moduláveis”, como espaços lisos ou para usar a imagem de Deleuze, parecendo as ondulações infinitas da serpente “como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (2008, p. 221). Neste sentido o controle sendo exercido de modo aberto, livre por meio dos “sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento, e é como que interiorizado e reativado pelos próprios sujeitos” (PELBART, 2009, p. 82). Assim, de acordo com Deleuze (2008), não é mais exercido sobre o indivíduo, como acontecia na sociedade disciplinar, mas agora atua sobre o conjunto da população, implicando em constantes trocas em terreno movediço, modulações que configuram intervenções como cifra, uma parcela constituída por amostras diferentes de moeda.

A aritmética, o número, sempre tiveram um papel decisivo no aparelho de Estado... E com mais forte razão, as formas modernas do Estado não se desenvolveram sem utilizar todos os cálculos que surgiam na fronteira entre a ciência matemática e a técnica social (todo um cálculo social como base da economia política, da demografia, da organização do trabalho, etc.). este elemento aritmético do Estado encontrou seu poder específico no tratamento de qualquer matéria: matérias-primas, matérias segundas dos objetos trabalhados, ou a última matéria, constituída pela população humana. O número sempre serviu, assim, para dominar a matéria, para controlar suas variações e seus movimentos, isto é, para submetê-los ao quadro espaço-temporal do Estado (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 64-65).

Para isto a noção de estatística se apresenta como uma grande aliada ao manejo ou “modulação universal” (DELEUZE, 2008) da população. Tomando-a como instrumento técnico da economia afirma sua cientificidade quando os sujeitos configuram-se como seres sociais e a partir deste momento, passam a seguir de forma unânime determinados modelos de comportamento (ARENDDT, 2010), e, desta forma, seria possível excluir os que estavam fora da média, ou seja, eram rotulados como anormais ou associais. Falar em população faz eco, pois as leis da estatística só são aplicáveis a grandes números, ou seja, encontra-se seu efetivo uso quando se trabalha com grandes números, sendo assim, “cada aumento populacional significa um aumento da validade e uma nítida diminuição dos desvios” (ARENDDT, 2010, p. 52). A estatística vai trazendo a luz certa regularidade, um modo quase constante de agir próprio da população seja através do número de nascimentos, de óbitos, dos hábitos, de comportamentos patológicos ou socialmente aceitáveis; seja através das características próprias da população que não se reduzem às da família, isto é, “as grandes epidemias, a mortalidade endêmica, a espiral do trabalho e da riqueza” (FOUCAULT, 2004, p. 288); e revela também os efeitos econômicos específicos derivados dos deslocamentos e atividades da população, o que

permite quantificar seus fenômenos característicos (FOUCAULT, 2004). De posse desta poderosa ferramenta produtora de diagnósticos e prognósticos em grande escala, respaldada pela ciência econômica, a sociedade de controle investe no conjunto da vida social abraçando-a pelo poder e desenvolvendo-se na virtualidade (PELBART, 2009).

Malucos como conjuntos estatísticos. As formas como são descritos na literatura. Produzidos por discursos que tem a desfiliação como referência. Discursos que os colocam como entraves sociais que necessitam de ajuda do poder público para retomar seu lugar no seio da sociedade. As políticas públicas de assistência social que lhes dão lugar para ficar, documentação, oficinas para o trabalho, tentam trazê-los de volta ao modelo que eles apontam como falido ou ao modelo que eles renegam cotidianamente com seus corpos. Descritos na literatura como dependentes químicos, bêbados, desiludidos, etc... Tais classificações deram origem a muitos trabalhos acadêmicos que lhes identificaram como Trecheiros (andam em busca de trabalho. Chegam nas cidades trabalham por uma temporada e assim que se finda voltam a andar), andarilhos (sempre a andar, não chegam nas cidades, sempre andam em sua margem), pardais (vivem nas cidades, como mendigos).

“...esses mesmos conjuntos são capturados em estruturas estáveis que “elegem” os compostos estereoscópicos que foram órgãos, funções e regulações, organizam mecanismos molares e até distribuem centros capazes de sobrevoar as multidões, supervisionar os mecanismos, utilizar e consertar o equipamento, “sobrecodificar” o conjunto”. (Deleuze e Guattari, 2004, p. 56)

Fazer o recolhimento dos malucos e a colocação em albergues ou lhes impor que se vão da cidade e o imperativo de que se os virem novamente “irão apanhar, entrar para o pau”(sic).

A sociedade de controle opera por máquinas digitais e promove uma mutação no capitalismo, isto é, o capitalismo não tem mais seu foco na produção, mas na “sobreprodução” (DELEUZE, 2008) O que significa isto? Que implicações advêm desta mutação? Talvez queira dizer que o capitalismo não se ocupa, como em tempos anteriores, com a matéria-prima, com seu processamento, mas atua e se focaliza em outras etapas do processo produtivo que atualmente são muito mais rentáveis e dinâmicas, ou seja, compra produtos já elaborados, prontos, terminados, acabados, ou ainda, atua na montagem de peças que venham avulsas, destacadas. Seu objetivo é a “venda de serviços e o que quer comprar são ações. É um capitalismo dirigido para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. É essencialmente dispersivo” (DELEUZE, 2008, p. 223-224).

As palavras de ordem não são mais restrição, impedimento, confinamento, mas uma nova maneira de gestão em que os ordenadores passam a ser manejo, regulação, modulação. Modular o ir e vir da população, as práticas, os hábitos, os comportamentos, as relações, os modos de ser, o mercado. O que importa não é mais a barreira, mas a posição, a detecção da posição. Marcar por onde andam, por onde transitam, o que fazem nestes trechos cotidianamente errantes. Um exemplo, talvez bastante claro disto é o cartão de crédito, que a qualquer uso registra hora, local e ação (DELEUZE, 2008). Um olho de Hórus, egípcio. Ou o olho de Sauron⁴⁷, o olho que tudo vê. Não interessa, ou melhor, não tem muito efeito impedir a existência ou o comércio dos bens produzidos pelos malucos, mas sim regulá-los. Dizer como e onde podem expor e produzir. Constituir feiras hippies e regular sua participação. Neste sentido, não é apagando ou invisibilizando os malucos que a gestão pública acerta, mas no prestígio de sua existência como oferta de reconhecimento cidadão pelo poder público. Fazer deixar rastro.

Uma virtualização, uma invisibilização do controle. Um controle que não está fora nem dentro, mas que nos constitui, nos subjetiva, nos toma e penetra o âmago das consciências e dos corpos da população, perpassando pelas relações sociais e as integralizando. Esse poder estabelece uma ação de conglomerar os mais variados subsídios constitutivos da vida social, porque no lugar de juntar todas as coisas, inventa um meio de passagem de diferentes e variadas linhas de força, como pluralidade e consegue estabelecer processos de singularização não domesticáveis (PELBART, 2009). Por isso um tipo de nomadismo é aceito e incentivado, uma vez que o controle não se dá mais por instituições totais. O maluco decalcado⁴⁸, categorizado, cadastrado.

Tem que ser selado, registrado, carimbado
Avaliado, rotulado se quiser voar!
Se quiser voar....
Pra Lua: a taxa é alta,
Pro Sol: identidade
Mas já pro seu foguete viajar pelo universo
É preciso meu carimbo dando o sim,
Sim, sim, sim.
O seu Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!⁴⁹

A pluralidade, constituída por diversidades singulares, variantes a-orgânicas escapa a sua redução biológica e se inscreve potencializando a multidão (PELBART,

⁴⁷ Personagem do universo fictício da Terra-média, criado por J.R.R. Tolkien, na trilogia “O Senhor dos Anéis”.

⁴⁸ Diferenciação entre Decalque e Desenho feita por Deleuze e Guattari em Mil Platôs 5.

⁴⁹ Carimbador Maluco. Raul Seixas.

2009). Esta última entendida como sendo um “corpo biopolítico coletivo, em seu misto de inteligência, conhecimento, afeto, desejo. Ela que cria, gera e produz novas fontes de energia e de valor que o Império tenta modular, controlar, capitalizar” (PELBART, 2009, p. 84). Em nada guarda de proximidade com o conceito popular de multidão ou com o conceito científico de massa, que expressaria homogeneização, unidirecionalidade e se configuraria por ser compacta. A multidão compreendida por Hardt e Negri (2006) é ativa, ativista, multidirecional, plural, heterogênea, dispersa, complexa e tem por prerrogativa não contratualizar, nem pactuar com o soberano, muito menos delegar a ele direitos (PELBART, 2009).

A lógica do Império, biopolítico, de espaço liso, desterritorializante, afasta e produz uma torção nas concepções de Estados-nação e na separação entre público/privado, assim como nas instituições com funções mediadoras, tal como escolas, fábricas, hospitais, entre outros. Nesse contexto, o campo biopolítico possibilita um alargamento e uma ampliação do espaço político, pois ele é um caldo político, econômico, social e afetivo, reunindo em torno de si e colocando em ação desejo, produção e coletividade humana. “O mundo biopolítico é uma tessitura incessante de ações geradoras cujo motor é o coletivo, o desejo da multidão, nessa hibridação do natural e do artificial, dos homens e máquinas, na sua força de geração e regeneração” (PELBART, 2009, p. 87). A multidão, como uma força, ou como um confluir de várias forças, em termos biopolíticos pode ser pensada como uma auto-organização das hibridizações coletivas (PELBART, 2009).

Os malucos vem de vários lugares. Tornam-se malucos pelo desacordo, descontentamento com o modelo da sociedade atual. Tornam-se malucos pela busca de algo além do consumo. Pela busca de uma caminhada espiritual, para alguns. De mendigo, de ladrão, da cadeia, do trabalho tradicional, de viciado. De família estável; pessoas com condição financeira boa. Com estudo, formação superior. Também sem estudo, ou com formação básica. De idades diversas. Bebe, crianças, adolescentes, adultos e velhos. Homens, mulheres, trans ou intersexo. Não há uma base, não existe pré-requisito para ser maluco. Basta se jogar e ter atitude de maluco. O maluco é mais definido pela sua atitude que pela roupa que usa.

Tão potente, e tendo grande parte de sua potência justamente na sua multiplicidade, talvez a lógica neoliberal possa utilizar-se da proposta da multidão, do modo de agir da multidão, ou seja, criando uma desutopia, uma tentativa de manter um locus de indeterminação, de abertura, em que um pleno de possíveis seja viável. Assim

múltiplas virtualidades podem ser atualizadas em derivação de crises, caos e brechas anteriores (PELBART, 2009). O neoliberalismo, escolado pelas suas crises, passa a se autoatualizar pela indeterminação, pelos espaços abertos, que muitas vezes são abertos justamente nos movimentos que a ele resistem, e que acabam por retroalimentar uma lógica incluyente da diferença e do desviante, ou seja, cria um campo de ação em que a resistência torna-se combustível para a máquina capitalista.

Pelbart (2009) apresenta, em poucas linhas, o conto de Kafka, “Durante a construção da Muralha da China”, como uma ilustração da permeabilidade, de uma resistência permeável, em que o estrangeiro acaba por constituir o próprio império. Explico: no conto, o Imperador da China comanda a construção de uma muralha que funcionaria como proteção diante dos bárbaros e que de certa forma isolaria o império chinês. A muralha é feita, mas entre os blocos de pedra existem lacunas quilométricas, que não garantem a segurança, ou melhor, o isolamento do império chinês de nada e nem de ninguém. E tal construção não teria muito efeito, pois os bárbaros já estão dentro, e bem localizados: em frente ao palácio do Imperador, bem no centro da cidade. Na comparação o atual Império, descrito por Negri e Hardt (2006), não se preocupa nem intenta se proteger dos nômades, portanto tem suas fronteiras abertas, desprovidas de trincheiras, arames ou muralhas. No contemporâneo o próprio império já é nômade, ou melhor, “ele é a resposta política e jurídica à nomadização generalizada, de fluxos de toda ordem, fluxos de capital, de informação, de imagem, de bens, mesmo e, sobretudo, de pessoas. Há algo no funcionamento do Império que é puro disfuncionamento” (PELBART, 2009, p. 89).

O Estado é disciplinador enquanto o nômade é pura indisciplina. Este último constitui-se por maltas, por bandos, enfim, por grupos rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Seriam os andarilhos grupos rizoma? Não seriam eles grupos neoprimitivos? No sentido de usar o modelo das sociedades primitivas, mas aos moldes da sociedade neoliberal contemporânea? A exemplo dos turistas que ocupam as férias para viver experiências de mochileiros. A exemplo da comercialização e da valorização que tem atualmente, a vida “natural”, saudável, próxima a natureza. Mochileiros, seriam andarilhos de temporada. Pensar que na sociedade neoliberal atual, em que tudo é possível, em que você pode ser o que quiser, quem quiser, como quiser, enfim, na sociedade da tecnologia, da virtualidade, da conectividade, das infinitas possibilidades, consumo tudo que posso ser, ou seja, posso me transformar no que eu quiser: um andarilho, um mochileiro, um empreendedor, um qualquer-coisa por período definido,

que termina antes que o sofrimento comece, ou que dure o sofrimento planejado. Os grupos rizoma “(...) animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido da honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 21).

Um neoliberalismo disfuncional! Uma governamentalidade que dista do perfeitamente ajustado, que não se ocupa tentando sanar qualquer furo que tenha, não busca tapar qualquer brecha que apareça. Mas um neoliberalismo que se constitui de brechas, de desvios, de rupturas, de auto-reorganização constante. São elas que o sustentam, são elas que possibilitam a multiplicidade, a variância dentro do sistema, são elas que permitem ao sistema neoliberal uma constância inconstante (a normatização de uma variação permanente), contínua, variada e em permanente diversidade. Talvez sua maior potência seja justamente ser disfuncional. Tal disfunção permite que a diversidade seja parte do funcionamento. A diferença é incluída pela característica da disfunção. Se é disfuncional os variantes todos são produzidos e não por acidente, mas já estão previstos no plano produtivo, são desejáveis. Os desviantes são necessários, tem seu lugar no processo produtivo e social. Seu surgimento não é acidental, mas intencional.

Segundo Bauman (2010) o capitalismo pode ser pensado como um parasita que habita o corpo social e que necessita de novos espaços, de novas configurações, novas práticas para poder existir. Do contrário comeria da própria carne e se exauriria até a inexistência. Mas seu hospedeiro, o corpo social, o mercado consumidor, subjetivado pela égide da flexibilidade e da diversidade, põe-se a metaforizar-se em vários “como se”. Ou seja, adotar uma relação de similaridade, em que são atribuídas características boas, alegres, felizes e de resolutividade imediata dos conflitos e dificuldades cotidianas, ao endividar-se.

A partir dos anos 2000, vive-se seu ápice, um território de constante e contínua inovação. Seu hospedeiro vive um contínuo reinventar, um árduo trabalho de não se deixar “sucumbir”, o que possibilita um movimento de intensa busca e constituição de novos hospedeiros (BAUMAN, 2010). Dito de outro modo, isso significa que desde o pós-fordismo, expressando-se no trabalhador cogestor, participante, na acumulação flexível, no incentivo de uma vida pela diversidade, com o imperativo de um sujeito criativo, proativo, imbuído de estar sempre em processo de criação (HARVEY, 2008; KUMAR, 1997; REVELLI, 2013), o capitalismo encontra terreno fértil para a invenção

de novos mercados, na configuração de sujeitos plenamente abertos e adaptados a constantes mudanças. Certa “desordem social”, traduzida nas inconstantes vontades ou preferências dos clientes que implicam em aumento da mobilidade das estruturas produtivas, conduzindo a uma condição de resposta mais rápida, fluida e diversificada ao pedido cada vez mais insistente de atendimento exclusivo e imediato (REVELLI, 2013).

São movimentos correlatos à intenção empresarial de valorizar economicamente qualquer forma de criatividade, à mercantilização de qualquer capacidade expressiva; ações positivas, orientadas desde o princípio do "faça você mesmo" até a gestão daquelas áreas de sociabilidade em vias de ser abandonadas pelo Estado e reserva tendencial de caça para o capital (REVELLI, 2013).

O capitalismo aprende com suas críticas, e as usa como referência para uma reestruturação, isto é, para o capitalismo renovado em meio a política neoliberal faz-se necessário um novo modelo, um modelo mais plástico, mais flexível, em que as críticas que lhe eram feitas se tornam material de reconfiguração. Aprende a ser onicrise, ou seja, desconstrução e reconstrução constante. A crítica a ele o retroalimenta. Sua característica de esfacelar-se o permite recompor-se incorporando elementos novos que anteriormente ou há instantes atrás lhe faziam contraponto. Toma a crítica para se fazer novamente (PELBART, 2009). “Mesmo o negativo produz movimentos infinitos...” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 55).

O Estado não confere um poder aos intelectuais ou aos conceptores; ao contrário, converte-os num órgão estreitamente dependente, cuja autonomia é ilusória, mas suficiente, contudo, para retirar toda potência àqueles que não fazem mais do que reproduzir ou executar (DELEUZE; GUATTARI, 1997, pg. 35).

Agora falamos de um homem, um homem moderno, com um corpo diretamente ligado à produção, amarrado, até mesmo enquanto condição de sobrevivência, ao sistema produtivo, aos meios de produção. Este sujeito, agora assujeitado a um tipo de trabalho que potencializa as grandes forças produtivas, as produção em grande quantidade, ou seja, a força produtiva da fábrica e, com isso constitui-se, constrói-se uma compreensão sobre o trabalho que resulta como meio de obtenção de benefícios para si e como forma de sobrevivência da humanidade. As lutas da labuta diária são para que o corpo não morra, não padeça de fome, de fadiga, de exaustão, ou seja, o homem trabalha para a manutenção de um corpo, do seu corpo enquanto habitat de sua existência e enquanto condição de sua coletividade, bancando a resolutividade de suas

necessidades básicas e para, além disso, a manutenção da espécie (FOUCAULT, 2007).

Neste sentido, se o mercado ocupa lugar de veridicção e, passa a ser referência para a arte de governar, a partir do século XIX, ou seja, é tomado como expressão reguladora e de validação para as ações de governo sobre a população, podemos inferir, também, que os modos de subjetivação da modernidade se afirmam pela lógica do mercado e, que a produção de conhecimento toma este lugar de veridicção como base. Mesmo entendendo que este não é o único (então pensamos nas estratégias de resistência, sempre presentes em espaços de poder), mas talvez o mais evidente meio de veridicção da atualidade.

O capitalismo impregna de forma golfante os campos culturais e subjetivos da vida humana resultando em conseqüências bastante evidentes no contemporâneo, como:

descontextualização dos objetos, privilégio da superfície, império do simulacro, fim das hermenêuticas da profundidade, seja da essência e da aparência, do latente e do manifesto, e com isso da ideia mesma de repressão, seja ainda dos pares autenticidade e inautenticidade, alienação e desalienação – categorias que orientaram nossa cultura marxista, freudiana, existencialista, ou suas hibridações diversas. Ao mesmo tempo fim do sujeito centrado, ou do ego burguês, bem como das psicopatologias desse ego, esmaecimento dos afetos, o desbotamento da grande temática do tempo, da memória e do passado, a irrupção de um eterno presente de fascinação com seu efeito alucinógeno, a deshistoricização generalizada, etc. (PELBART, 2000, p. 11).

Tal afirmação parece ser ampla demais e muito generalizadora, mas traz em si uma carga de elementos para se pensar a subjetividade contemporânea e sua relação, bastante íntima, com o capitalismo. Falamos de um investimento intenso, forte, maciço e amplo nos processos de subjetivação, pelo capital. Pelbart (2000) apresenta uma discussão realizada por Guattari, em que este chama a atenção para essa hegemonia de elementos subjetivos que compõem essa nova configuração capitalística. Para, além disso, destaca a forma como os equipamentos tecnológicos de informação e de comunicação (TICs) atuam “no coração da subjetividade humana, não só na sua memória, na sua inteligência, mas também na sua sensibilidade, nos seus afetos, nos seus fantasmas inconscientes” (PELBART, 2000, p. 12).

Um investimento de tal monta do capital sobre a subjetividade apresenta efeitos e configurações interessantes do ponto de vista das possibilidades que abre. Inicialmente destaca-se a enorme visibilidade que a subjetividade passa a ocupar no campo científico, mas não somente nessas áreas, ela espraia-se pelo social com um domínio próprio, relevante e capital. A tal ponto que o objetivo principal hoje não é de descobrir o que somos, não é mais esta a questão que permeio o imaginário social, mas sim um

movimento no sentido oposto, isto é, de recusar o que somos, de romper com as definições, com as estereótipias, com as identidades. Mas esse não é o todo do movimento ou dos desdobramentos da subjetividade na sua relação com o capital. Um outro efeito que se destaca, pode ser entendido, como a resposta direta a ação do capitalismo sobre a subjetividade. No sentido de que as investidas do capitalismo na ânsia de moldar a subjetividade se mostram de modos tão evidentes, tão explícitas que produzem como que uma rachadura na definição clássica e no mito da subjetividade dada, constituindo assim, uma compreensão da subjetividade como sendo plenamente fabricada, produzida, moldada, modulada. Irrompendo, assim, na condição de promoção de novas subjetividades (PELBART, 2000).

Cabe problematizar, então, as referências a que tanto nos agarramos. Deslocar-se do seu modo de conhecer e conceber o mundo para realizar um exercício de pensar sobre a “forma-homem historicamente esculpida; debruçarmo-nos sobre as múltiplas forças que nos batem de frente, que nos afrontam e põe em xeque essa mesma forma-homem que nos referencia. Talvez até viver a ideia de ser ‘experimentador de si mesmo’⁵⁰. Nada fácil esse movimento em solo arenoso e movediço, em que as certezas e seguranças são postas em xeque (PELBART, 2000).

Pensar o que já foi pensado, num movimento de contínua reflexão sobre o que já foi dito, visto, vivido e exercitar-se no pensar o que ainda não existe, de pensar o pensamento que ainda não foi pensado, o que ainda está por vir. E onde isso nos leva? Talvez não seja essa a pergunta, mas de como isso nos move? Não é a troca do território, sair de um e enraizar-se em outro, mas o deslocamento entre eles, o processo, o movimento pleno de tudo que o compõem que constitui essa viagem. Pensando nos processos de subjetivação contemporâneos, Pelbart (2000) se pergunta, ou nos pergunta: “Quais novas forças, moleculares, cósmicas, biotecnológicas, cibernéticas, na sua violência de infâmia ou promessa, estão em vias de desfazer hoje a forma-homem vigente? Que forças desconhecidas nos forcem hoje a novas configurações, ou a novos outramentos?” (p. 13) O que respondo eu? Não sei, mas não há como estar fora disto, pois somos atores deste presente, desse contexto, desse tempo histórico. Estamos completamente implicados como resistência, como afirmação da transformação, como estudantes, como malucos de BR, como trabalhadores, como governo, no espaço

⁵⁰ Alusão ao conceito Nietzscheano sobre a necessidade de, para libertar a vida, as vezes ter que livrar-se do homem e reeditá-lo como um ainda não domado, um experimentador de si mesmo. Genealogia da Moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

público ou no espaço privado, mas invariavelmente no espaço da vida.

Estamos tomados pelo espaço do capital, não um espaço físico, embora também exista, mas por um espaço subjetivo, independentemente da posição que assumimos, contra ou a favor, nos fabricamos e refabricamos numa ordem capitalística, ou seja, as próprias linhas de fuga são logo absorvidas, o que nos imprime um ritmo de produção de estratégias alucinante.

Se o capitalismo onívoro e multiforme requer, com toda evidência, uma plasticidade subjetiva sem precedentes, essa mesma plasticidade reinventa suas dobras e resistências, muda suas estratégias, produz incessantemente suas linhas de fuga, refaz suas margens. Recria também suas opacidades, suas zonas obscuras, suas intimidades, seus novos prazeres, seu reencantamentos, seus animismos maquínicos e sua erótica inconfessável (PELBART, 2000, p. 14).

Faz-se necessário abrir-se, reconhecendo e aceitando as novas configurações, conexões e hibridações, juntamente com novos atores e modos de ser que reconfiguram e apontam para uma nova trama, uma nova rede de espaços existenciais que compõem os lugares de ação do contemporâneo. Neste sentido o avanço do capitalismo, na sua vertente mais recente, o neoliberalismo, provoca e promove uma desterritorialização dos sujeitos de seus lugares seguros, confortáveis ou familiares, induzindo, muitas vezes, a reterritorializações alicerçadas em referenciais identitários arcaicos, midiáticos ou mercadológicos, mas no mesmo instante, essa experiência de “nomadização generalizada”, produz, também, o seu avesso, o seu próprio contra-poder, ou seja, pode ser entendido como gerador de refluidificações bastante abertas e convidativas a novas composições, configurações, a novos valores, afetos, sensibilidades e modos de viver. Uma ruptura com a forma-homem historicamente construída e a possibilidade de um outro, muito mais “experenciado de si”, muito mais comprometido eticamente. Ou pelo contrário, seria plangente se diante de tantos haveres possíveis, nos mantivéssemos arraigados, amarrados a uma representação cativante, e por que não carcerária de subjetividade, num modelo identitário que consideraríamos como perdido. A subjetividade, como a entendemos, é um termo aberto às confluências e fluxos que lhe forem produzindo sentidos, capazes de reconfigurar até mesmo suas definições primeiras (PELBART, 2000).

O nômade, as ciências nômades, por ser desterritorializado por essência, busca na materialidade da terra a sua base para a construção de algo, isto é, usa a terra como sustentação para suas ações, toma o devir como modelo, enquanto as ciências de Estado

constituem seu projeto em um papel, em um desenho para posterior representação no território, agindo assim segundo uma cópia (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

O “maluco” apresentado como máquina de guerra e as Políticas Públicas como Aparelho de Estado (hierarquização e a distribuição local de seus poderes). As conformações da política pública de trabalho dentro do estriamento desse aparelho, as configurariam a um enquadramento pertencente à interioridade do Estado, ou seja, uma submissão à territorialidade pensada por projeto, por cópia. Enquanto os “malucos” estariam sempre à margem constituindo, criando outros modos de viver, mas que por sua vez logo seriam incluídos nas ações das políticas.

O nômade tem um território, segue trajetos, circula, desloca, transita, ocupa por passagem todo o terreno, sempre por pontos de alternância, por uma existência em alternância, por territórios em devir abandono. Seu mundo constitui-se por pontos, por possíveis elos entre os pontos, por trajetos firmados na união dos pontos de acesso como, nas passagens de água, nos locais de habitação, nas reuniões festivas ou não, enfim, nos pontos que não param de mobilizá-lo. Seu habitat está vinculado a um itinerário, muito mais que a noção de território. Apropria-se do espaço por onde caminha, constrói um ambiente provisório, um lugar de passagem, que não fixa sua parada e, ele não mantém com este local qualquer relação que não se constitua diferente de um constante abandono, isto é, o ponto de dormir, de comer, de beber, de trabalho só existe para ser abandonado, para ser ponto de alternância por um novo devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 50-51).

Atualmente os territórios e espaços existenciais e concretos que habitamos são marcados por uma grande mobilidade que incide diretamente sobre nossa cultura e marca nossos corpos e almas. Uma volutubilidade de reta transversal que permeia nosso modo de ouvir, ver, falar e sentir, expressando-se num jeito “plugado”, ligado, interconectado às vezes por ondas precárias, nas músicas, nos slogans publicitários repetidos freneticamente como máximas na política, na educação, na saúde, na economia e, na rede, na nuvem “informático e telecomunicacional”. Nos tornamos uma “forma-homem” de passagem, habitando um não-lugar, morando na velocidade. Entretanto, essa experiência e os efeitos dela advindos têm muito de paradoxal, ou seja, essa alta velocidade, essa rapidez completa e sem restrições, ao reduzir as distâncias e, podemos pensar na experiência simples, concreta e, para alguns, cotidiana de pegar um avião, “encolhe o espaço e o tempo, abole as perspectivas e a profundidade de campo de toda nossa experiência sensorial, perceptiva, cognitiva, existencial, transladando-nos para uma instantaneidade hipnótica e chapada, inteiramente reterritorializada sobre o tubo catódico” (PELBART, 2000, p. 15). Além disso, em alguns casos, nos percebemos e nos definimos como reduzidos a um tecnicismo tecnológico, em que nossa terminalidade e, de certa maneira, a tomamos como uma “muleta” tecnológica, se apoia

nessa velocidade generalizada, isto é, concebemo-nos como dependentes da “infotecnologia”. As normas e as regras vão sendo reconfiguradas pelos telecomandos, que aos poucos vão ganhando caráter universal, e reescrevendo leis e éticas locais. O contínuo e constante controle tecno-social, fortemente desenvolvido numa sociedade de controle, reconfigura nosso ambiente, num espaço muito mais virtualizado, um novo arranjo composto pela hibridação de elementos instilados ao extremo: velocidade, serialização, estagnação, desmaterialização, controle, etc. todos numa relação de alta intensificação. A subjetividade depara-se enredada por movimentos paralisantes, de uma “hipnose telemidiática”, de uma homogeneização em grande escala (PELBART, 2000).

Nesse contexto onde a tecnologia se torna ambiente cotidiano de vida, em que as noções de espaço, lugar, corpo e relacionamentos, trabalho se virtualizam cada vez mais, faz-se necessário repensar as novas modulações subjetivas. Mudanças essas que por meio dos telefones, iphones, ipods, computadores contribuem para alterar as noções de presença, de corpo, de eu, de identidade, entre outras. Produz-se certo deslocamento, uma reviravolta da tradicional noção de corpo e de seus usos, ou seja, um movimento cibernético que reorienta corpo e mente apontando para novos tipos de trabalho, novas relações, novos agenciamentos corporais, acoplamentos e incorporações, encarnações aí realizáveis, praticáveis, dos múltiplos “eus” possíveis e emergentes e dos atuais afetos e sentimentos para consigo criados. Um campo novo de grande vastidão composto por subjetividades nascentes, hibridizadas, multifônica, heterogêneas, que implicam o individual e o coletivo. Constituem um processo em que emergem como outros tantos espaços existenciais, na circunvizinhança de outras alteridades subjetivas (PELBART, 2000).

Não é fácil estar em sintonia com tantas transformações dos espaços e lugares que ocupamos e, compreender todos os efeitos sobre o homem decorrentes destes processos descritos acima, mas para ficarmos minimamente no rastro destas modificações e não concebê-las como universais, impõe-se que exerçamos uma prática que possa ser questionadora e problematizadora das modulações de mercado, de velocidades e lentidões, de sentimentos e afetos que são criados ou favorecidos por essas novas formas.

O neoliberalismo, através de suas estratégias de ação/reação múltiplas, de sua diversidade, transitoriedade, fluidez e porosidade estende-se a todo espaço social ganhando não só o território local, mas estendendo sua lógica de interesse pelo planeta

inteiro, de modo intensivo. Como resultado vislumbramos instituir-se uma linha organizativa centralizada na relação consumidor/mercadoria nos mais variados motes do espaço-tempo social. Tudo pode ser capitalizado/comprado, mesmo a vida (mercado da engenharia genética), inclusive o tempo (PELBART, 2000).

As inquietações do contemporâneo não são mais as inaptações ou desobediências às regras, até porque em uma sociedade de controle neoliberal que cultua a diversidade, este vive incorporado ao cidadão. Mas pelo contrário, nos ocupamos com os imperativos de consumir serviços ofertados, que englobam desde os comportamentos mais íntimos e cotidianos, como a vida sexual e os cuidados com a higiene, até os atos mais publicizados como trabalho e lazer (PELBART, 2000). O sujeito empresa ou sujeito econômico apresenta-se como um ponto abstrato, puramente econômico, mais precisamente como uma racionalidade possível no interior do processo econômico (FOUCAULT, 2008), não mais se submete, mas investe nas regras tal qual um investimento financeiro, fazendo “render seu corpo, seu sexo, sua comida, ele investe nas mais diversas informações para se rentabilizar, para se fazer render, para fazer render o seu tempo” (PELBART, 2000, p. 34). Seu tempo livre é transformado, comprometido, usado em tempo investido em ganhar tempo, ou seja, para poder ter mais tempo ele perde todo o tempo. Neste sentido na concepção do neoliberalismo tudo pode ser produzido, todas as coisas estão dispostas e expostas para serem consumidas, tudo pode ser trocado, trabalhado e inscrito de qualquer maneira, desde que “passe, flua, se metamorfoseie – o único axioma intocável é a condição da metamorfose e da passagem: o valor de troca” (PELBART, 2000, p. 38).

Negri e Hardt (2001), no livro *Império*, costumam os modos de existir contemporâneos com as modulações do capitalismo mundial. Na busca por segurança e no enfrentamento ao medo da instabilidade, da imprevisibilidade do mercado ou da população, descrevem dispositivos de promoção da paz, segurança e cuidado por ações de guerra, conflito e dominação. Tal aparato ganhou força com a globalização do séc. XX, constituindo-se em um protetor global, tensionando, jurídica e socialmente, as delimitações locais (Estado-nação) e operando em nível planetário. Assim, surgem as ditas “guerras pela paz”, “é dada a força necessária para conduzir, quando preciso for, ‘guerras justas’ nas fronteiras contra os bárbaros e, no plano interno, contra os rebeldes” (NEGRI & HARDT, 2001, p 28). Por exemplo, as ações violentas em Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, etc, pela suposta proteção do comércio local e da livre/segura circulação dos pedestres-consumidores, se criam dispositivos de fiscalização, apreensão

e retirada dos malucos-artesãos que realizavam exposições em Belo Horizonte. Um controle que tem por base a não repressão, mas que em determinados momentos pode lançar mão deste dispositivo contra aqueles que são os indesejados do capital.

No Brasil, as políticas sociais possuem um histórico intimamente ligado à implementação das políticas neoliberais, no sentido que constituem-se como um braço de inclusão de todos que por qualquer motivo (incompetência para a gestão, administração ou que tenham sido ou servido de fluxo para outros) tenham de alguma forma deixado de pertencer ao mercado econômico (FOUCAULT, 2008), tomando corpo jurídico nos anos do governo Fernando Henrique Cardoso e político nos do governo Lula e Dilma.

Entretanto, é importante observar que a discussão sobre a relação entre o nomadismo e as políticas sociais é algo recente. Principalmente, entendendo o nomadismo como um fluxo alternante entre a resistência e o exercício de modulação, isto é, compreendendo que os nômades não expressam apenas uma forma de resistir ao sedentarismo e as políticas de territorialização e condução da população, mas que também apontam para uma forma/modelo de incremento e reinvenção com alta potencialidade de manejo da população pelo neoliberalismo. O distanciamento entre o tempo da rua, o tempo nômade e a rigidez do tempo burocratizado, com imposição de regras e de critérios rígidos para o atendimento e para a utilização dos serviços via políticas sociais, cria um abismo entre eles.

Podemos tomar como exemplo de que a discussão está em fase ainda inicial, a Política Nacional para População em Situação de Rua (Decreto Nº 7.053 de 23 de Dezembro de 2009), que só passou a existir no Brasil no final de 2009, ou seja, uma realidade recente e que carece de maiores indicativos para uma análise em termos de que processos de subjetivação têm sido construídos.

Nesta medida, apresentar uma discussão que busca analisar o nomadismo em sua interface com o neoliberalismo é um fenômeno que transcende a realidade brasileira, apesar de considerar a sua diferença global e local, ajuda a problematizar o processo de subjetivação contemporâneo. Com isso, pretende-se dizer que as interfaces entre o nomadismo e o neoliberalismo na atualidade não se refere apenas a globalização, mas indica que tais práticas também possuem implicações ético-políticas e, conseqüentemente, são produtoras de certos processos de subjetivação.

Segundo Heckert (2004), a globalização é apontada ora como vilã, no sentido de visibilizar e enfatizar medidas neoliberais como abertura e liberalização dos mercados, da concorrência e do consumo e, destituir padrões que rejam a economia. Ora como catalisadora para elaboração de políticas que visem uma ampliação da modernização, vinculada a uma promessa de tempos vindouros melhores e mais felizes.

Assim Bauman (1999) nos ajuda a entender que a globalização não pode ser compreendida apenas como um processo homogeneizador, mas também como um processo de promoção da diversidade. Atuaria no sentido de tomar o contemporâneo como uma complementaridade entre homogeneização e diferenciação. Significaria que ao classificar e estruturar o mundo, o faz ampliando suas probabilidades, concebendo-o como multicausal, multidirecional, e que a ambivalência não é mais um problema, um sentido a ser purificado na linguagem, mas um campo de possíveis para as diversas práticas atuais. Como um campo em que a diversidade, compreendida a partir da relação entre o tradicional e o inovador, e a homogeneidade, entendida através das identidades fixas, estariam em constante e contíguo relacionamento.

A globalização operaria, dessa forma, questionando e promovendo o rompimento com certos processos identitários e ao mesmo tempo constituindo modelos identitários maleáveis (BAUMAN, 1999). Uma combinação de “supostos” opostos, que aproxima o global e o local, turistas e vagabundos, nômades e sedentários, “malucos” e artistas (BAUMAN, 1998).

Mas essa diversidade-complementaridade aponta para reconfigurações em que novas hierarquias parecem estar se produzindo. A redistribuição mundial da liberdade de agir e o enorme avanço na tecnologia fazem com que a aproximação entre dispersão e síntese não sejam apenas acidentais, mas decorrentes dos processos globalizantes que,

redundam na redistribuição de privilégios e carências, de riqueza e pobreza, de recursos e impotência, de poder e ausência de poder, de liberdade e restrição. Testemunhamos hoje um processo de reestratificação mundial, no qual se constrói uma nova hierarquia sociocultural em escala planetária (BAUMAN, 1999, p. 77-78).

Essa nova hierarquia constituída pela lógica da diversidade, ao mesmo tempo em que está comprometida em garantir plena fluidez e mobilidade ao capital industrial e financeiro, também configura um campo em que parte da população, principalmente a desatendida pelos grandes mercados, viva um status de insegurança (BAUMAN, 1999).

Supera-se a segurança constituída pelas normas bem estabelecidas, pela descrição clara dos papéis a desempenhar, das funções nos postos de trabalho, das identidades

definidas da sociedade de produtores, e passamos a atuar em terreno mais movediço, em que seus membros têm de ser engajadas na condição de consumidores. Uma sociedade de consumidores, onde o dilema passa a ser “se é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir” (BAUMAN, 1999, p. 89).

Consumo marcado pela instantaneidade e descartabilidade. Consumo volátil. Consumo poderia indicar a possibilidade de estar em movimento. Consumir não é apenas adquirir coisas. Consumimos além de objetos, informações, conhecimentos, sensações, relações com o outro, novidades instantâneas à disposição na mídia e nas vitrines das lojas etc.

“A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnordeado, lançado na infindável catarata dos produtos” (COLASANTI, 1996, p. 10).

Bauman (2008), discorrendo sobre a sociedade de consumidores, afirma que para alguém se constituir sujeito contemporaneamente, antes ele deve se tornar mercadoria. O quer dizer com isto? Seguindo seu raciocínio, o sujeito realiza um grande esforço para poder ser aceito, reconhecido, desejável na sociedade, o que o engaja na tarefa incessante de sair da suposta invisibilidade. Todos os esforços são no sentido de destacá-lo da massa dos objetos indistinguíveis, ou seja, fazendo-se mercadoria vendável, atrativa pelo marketing pessoal. No mundo da instantaneidade, das superconexões, ser invisível, nem que por instantes, é qualquer coisa parecida com a morte.

O Império contemporâneo, desenhado por Hardt e Negri (2001), tem no capitalismo pulverizado, imaterial, cognitivo; na individualização, na cultura da intimidade; no consumo da inteligência e da criatividade dos trabalhadores; na exacerbação da produção e absorção de informações; nos fluxos de fronteiras borradas, pouco definidas; investido no consumo de formas diferentes de vida. Tem apostado em algo altamente rentável contemporaneamente: a produção de subjetividade. De tal modo, que o espaço micropolítico da vida cotidiana passa a ser englobado como espaço de regulação, modelização pelo consumo das subjetividades instantâneas. Neste sentido, falamos de um controle descentrado e fugidio. Não tem foco, mas dirige fluxos. Investe na vida, no capital humano (Foucault, 2010). Contudo isso não significa asseveração de uma negatividade, mas sim, que os dispositivos regulatórios esforçam-se para positivar e regular a expansividade da vida, que é imanência e afirmação do novo. Em certa

medida, é uma afirmação de resistência aos comercializados, modelizantes, modos de “viver uma boa vida”.

O movimento pela vida, por fazer viver a vida, na perspectiva biopolítica, penetra no âmago das existências; tem contato com as pactuações mais microbianas da vida, investindo na cotidianidade, no espaço local; fazendo com que o movimento criativo e promotor da vida possam converter-se em máquina da economia. Em tal movimento, includente e excludente, produz um modo de ser sujeito, cada vez mais homogêneo e segmentarizado.

As formas de dominação do capital, na contemporaneidade, atuam selecionando randomicamente seus campos de ações de forma não localizada, o que lhe confere mais intensa condição de expansibilidade e modulação do espaço social, prescindindo dos modelos tradicionais. O foco estabelece-se sobre a condução micropolítica da vida. Mobilidade e captura atuam conjuntamente neste processo de regulação. (Guattari, 1985).

Constituem-se padrões desviantes para o viver. Padrões de invenção a serem consumidos. Homogeneiza-se a experiência e distribui-se como objeto novo a ser desfrutado. Os modos de vida tornados como mercadoria, lançam tendências para consumidores ávidos por novos jeitos de ser: “modos de habitar, vestir, relacionar-se, pensar, imaginar” (Rolnik, 2002, p. 2). Um movimento intenso e frenético de consumo e descarte das subjetividades anunciadas no mercado das “coisas”, produzindo uma circular de tensão, ansiedade e desejo de consumir continuamente (Bauman, xx – vidas para consumo).

Neste processo de constituirmo-nos consumidores da mercadoria mais valiosa, a subjetividade, também elegemos vidas “qualificadas”. E a toda inclusão ou definição de uma vida “qualificada”(homogeneizada), implica a produção de vidas não valiosas. Vidas deixadas, desinvestidas social e politicamente, mas sempre existentes, resistentes no campo da vida. Seguem habitando o mundo, mesmo que as praticas biopolíticas insistam em deixar morrer (Foucault, 1999).

As camadas mais pobres e desfavorecidas da sociedade experimentam controles não tão sutis como os implementados pelo biopoder. Mas são convocados a experimentar a anatomopolítica, com seu arsenal disciplinador, que faz investimento na vida de forma mais punitiva, repressora, aprisionadora. Um doutrinação do corpo

desregrado, multiforme dos que insistem em vazar ao modelo. Deixar morrer, ganha contornos de Racismo de Estado (Foucault, xxx. Em defesa da sociedade), e mais que abandonar, investe em eliminar aqueles que ameaçam a “vida qualificada”.

Mas o deixar morrer, antes de atuar sobre um corpo físico, atua sobre um corpo político, simbólico. Produz uma categorização dos excluídos. Vagabundos, desordeiros (andarilhos, malucos de BR, moradores de rua) e sobre eles constrói um processo de invisibilização social, um apagamento da existência. Só validada, quando exemplo do que não deve ser vivido, do que deve ser combatido. Esquecimento político. Por isso, reconhecemos a luta do Coletivo Beleza da Margem, em afirmar os malucos como um movimento cultural⁵¹. Perde parte de sua potência para a lógica identitária, mas ganha ao conseguir passar da categoria que é deixada para morrer, ao nível de categoria que é investida em fazer viver.

A noção de coletivo inscreve-se quase sempre em um combate, pois enfrente a grande maquinaria da produção de individualidades, dos espaços privados e íntimos. O individual é propagandeado e amplamente cultuado, dando respaldo para a cultura do mérito e de que cada um tem o que merece ter. Muda-se o sentido do argumento de defesa pelos direitos do cidadão, para incutir nele o problema e a disfuncionalidade. No lugar de promover a saúde, a educação, o direito, faz-se o inverso. Produz-se em grande quantidade narrativas sobre corpos doentes, mentes “defeituosas”, pobres perigosos, biografias da criminalidade e, assim, justifica-se o desaparecimento e esquecimento de certas categorias sociais. Dê manicômios aos loucos, pois ali encontram o cuidado especializado. Dê prisões aos pobres, pois ali eliminam-se os desajustados, perigosos, vagabundos e baderneiros. Dê clínicas de internação para os drogados, pois ali se encontram as técnicas e os saberes eficazes para acabar com o vício, com o tráfico, com a violência. Como exemplo, podemos citar os xxx que limpam as ruas do Rio de Janeiro, recolhendo os malucos, moradores de rua, andarilhos. E recolher não é só o que fazem. Agridem, enviam para outras cidades. Uma higienização, com certeza. E fundamentada na proteção ao cidadão, frente a violência e pestilência que os vagabundos sem paradeiro trazem consigo.

⁵¹ Encontro das BR – Reunião com o Ministério da Cultura. Encontro para discutir o reconhecimento do “Trampo de maluco” (conjunto de técnicas artesanais, saberes e fazeres relacionados a cultura de estrada) como patrimônio da cultura popular brasileira. Acessado: Disponível: <https://belezadamargem.com/2015/08/03/encontro-das-br-reuniao-com-o-ministerio-da-cultura/>

Os malucos e suas facetas em resistir

Quando pensamos em resistência, nos conectamos com as noções de produção de subjetividade e relações de poder. Estas duas, entendidas em sua condição de mobilidade e de constante transformação, tanto “potenciadora”, que afirma modos de diferir; quanto estabilizadora, que faz regulação e reprodução dos modos de existir pela biopolítica.

Resistir às constantes modulações da estratégia de governo biopolítica, poderia ser entendido como atitude de negação, que contesta por um não fazer, os modos sedentarizados de viver. Seria a afirmação cotidiana dos malucos de não corroborar com a proposta de cuidado por parte do Estado, que os estabilizariam em instituições, programas e práticas de promoção de vida. Nesse sentido, a resistência afirmar-se-ia pela negação, dos modos de ser, que lhes são oferecidos pelo outro (seja quem for esse outro) enquanto representante da sedentarização. Falamos aqui, das próprias lógicas de cuidado com o corpo, com a alimentação, traslado, noções de futuro, etc. Mas os malucos não vivem em um mundo ideal, em que lhes seja possível estar afirmando-se cotidianamente no avesso, ou no não acesso e uso dos dispositivos já catalogados/estabilizados pela cultura do sedentário. Por vezes isto se torna impossível de ser realizável. Portanto, seria importante buscar outras formas de resistir.

Com a ajuda de Fuganti (2008), pensamos em uma outra forma de ler, ou narrar o resistir dos malucos. Passaria, não mais pela negação do modelo sedentário, mas pela afirmação da vida imanente dos malucos. Neste sentido o autor nos apresenta a vida nômade, como uma vida em potência de diferenciação e ampliação. Potenciar a vida seria ultrapassar, afirmativamente, normas, leis e valores que atuam por limitação dos fazeres. O que queremos dizer é que os malucos prescindem de valores de cuidado, lógicas de segurança, normas e regras de como viver bem, pois as entendem como limitadores de suas potências de vida, ou de suas liberdades. Se afirmam como “[e]spíritos desprendidos e ousados nos quais reinam as forças ativas e criadoras, isto é, potências artísticas que amam os perigos, as aventuras, o desconhecido, o imprevisível, as misteriosas surpresas do estranho”. (FUGANTI, 2008, p 54 e 55). Resistem aos procedimentos reprodutivistas de segurança e bem estar social e civilizatório. Por vezes são chamados de “orda”, “bando” ou “selvagens”. Sob a égide de seus espíritos livres, tomando a arte expressa por seus corpos, ou a artesanaria pela habilidade (não-habilidade) de manipulação de materiais (produção de colares, anéis, pulseiras, etc) criam potência

de vida afirmativamente. Ora, isto seria a afirmação de uma vida que resiste, não pela contestação, mas justamente pela afirmação do ser maluco.

Os malucos vivem próximo aos bandos, em uma forma de “mundanidade”. Deslocando-se constantemente, de trecho em trecho, de cidade em cidade, cruzam estados e nações, mas mais do que isso, atravessam modos de existir, problematizando, não por meio de discursos, mas pelos encontros, os seus e os outros modos de existir. “[...]os grupos mundanos estão próximos dos bandos e procedem por difusão de prestígio, mais do que por referência a centros de poder, como sucede nos grupos sociais” (Deleuze e Guattari, 2002, p. 21). Isto fica bem explícito na fala dos malucos, quando relatam sobre a fama que ganham na BR. Tudo que é feito, circula na rádio cipó. Isto permanece por vários anos, como sendo a fama que os constitui na estrada. Se bater em alguém, desrespeitar, enfim tudo que fizer vai circular. Seus atos são a expressão “do que podes”, ou são tomados como narrativas de si. Assim se constitui o prestígio do maluco, pela difusão na BR.

As maltas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra, que difere formalmente de qualquer aparelho de Estado, ou equivalente, o qual, ao contrário, estrutura as sociedades centralizadas (Deleuze e Guattari, 2002, p. 21).

Os malucos podem ser pensados como uma vida que resiste pela afirmação de sua vontade de potência. Querem mais do que o modelo social os oferece, pra além do prescrito, desejam intensamente a produção do novo. Fazem isso afirmando seu jeito de viver pelas ruas, pelas estradas, sem paragem como uma vida singular que resiste aos modelos instituídos. Na busca de uma potência que qualifica a pluralidade que a diferença se faz presente. Mesmo entre os malucos, encontramos uma diversidade de maluques: veganos, fervorosos religiosos, naturistas, micróbios, andarilhos, trecheiros, etc.

Desta maneira, concordamos com Pelbart, quando pensa potência de vida a partir de Nietzsche:

Quando Nietzsche diz que o homem não busca o prazer, mas um plus de potência, não significa que ele busca o poder ou o acúmulo de força, mas um a mais de força, isto é, não uma quantidade maior de força, mas uma nova qualidade de força, na medida em que este a mais, esta diferença quantitativa significa uma diferença qualitativa (...) É Nietzsche que diz : Vontade de Potência não é “nem um ser, nem um devir, mas um phatos” – e Blanchot arremata: a paixão da diferença. A paixão da diferença (Vontade de Potência) é, na busca de uma nova qualidade de força, a disponibilidade para a

diferença entre elas. Um plus de potência, isto é, uma nova qualidade de força, só se dá quando nos expomos à diferença que origina, portanto ao “espaço” em que essa diferença é possível, o Fora. (PELBART, 2009a, p. 122)

A resistência pensada a partir da perspectiva da afirmação criativa, da vida que se afirmam pela singularidade, constitui enfrentamento aos modelos pré-estabelecidos e disponíveis ao consumo massificante. Tal processo toma por base a noção de subjetivação que contesta as ideias de estabilização e de interioridade em um sujeito concebido de forma fechada. Mas assume uma posição de produção de subjetividade como atravessamento, como um campo de forças diversas que coloca em questão os exercícios de poder no território, mesmo que estes, ainda não tenham se estabilizado. Assim, pensamos a subjetivação como dobra, que produz contornos abertos ao plural, possibilitando determinações variantes dos modos de viver, ou seja, uma potencialização do vivo. Desta forma, configurando espectros de difícil captura (Peter, 2009a).

A concepção Foucaultina sobre “cuidado de si”, pensada a partir da experiência dos estóicos e balizada por um agir ético, nos pode fornecer mais um elemento para pensar resistência. Segundo Gastão (2014), o autor discorre sobre a produção de uma experiência de singularização através de práticas que afirmem o cuidado de si pela diferença, assumindo os processos de subjetivação como multideterminados. Desta maneira evidenciaríamos um contínuo movimento de criar-se e recriar-se. Afirmando modos outros de viver, pelos atos que singularizam cada existência em relação ao coletivo. Encontramos, assim, um processo de subjetivação não massificante e que aponta para um movimento insistente em permanecer afirmando existências singulares.

As práticas de liberdade, expressão das singularidades, são afirmadas sempre em meio a jogos de verdade e de poder. É ali que a prática do cuidado de si é convocada para pensarmos a ética, pois esta ocupa lugar de compreensão dos processos envolvidos na constituição da vida. Analisar estas práticas, nos dá condições de resistir e de afirmar uma vida como diferença, como criação, transformação. Uma outra estética de existência, como nos afirmou Foucault (2006).

Afirmar tal estética da existência é produzir liberdade pela potência de seu corpo e não pela regulação das entidades, instituições ou leis. É a afirmação de transformação efetivada nos modos de condução e cuidado da vida-outra escolhida pelos malucos de BR. Impelimo-nos na busca por agenciamentos, novas conexões e deslizamentos pelos

“entres” das relações de poder, afirmando efetivamente a singularização da vida. Como afirmou Pelbart (2009), a vida para ser potenciada necessita de sinergia coletiva, uma produção material ou não, de um corpus social que coopera pelo campo comum.

A experiência dos malucos, empurra a vida para ser vivida de outros modos, fazendo enfrentamento aos modelos de vida sobrecodificadas e, toma seu corpo, seu modo de trabalhar enquanto artesão-artista como forma e expressão de resitência e liberdade. Uma vida mutação em forma de artesanato, que varia em matéria-prima, a cada região percorrida e, se afirma como metamorfose a cada novo agenciamento mobilizado. Um processo de subjetivação que reclama pela criação em movimento, em vida. A produção de um agenciamento entre malabares, sementes, ferro, pessoas, estrada. Híbridação singularizada na expressão dos artistas nômades de estradas. A produção de seu próprio caminho é talvez o que mais importe. “Se ninguém começa, ninguém se mexe. As interferências não são trocas: tudo acontece por dom ou captura.” (Deleuze, 2006, p 165).

E a arte cadê? E os malucos? E o menor?...

4. O NOMADISMO E A ARTE MENOR

Eles estão em toda parte, em todo lugar. Nosso pressuposto é que todos são um pouco nômades, pois habitamos a sociedade de controle que prima pela intensificação do controle a ponto de não percebermos mais suas nuances, seu estriamento. Assim existe a possibilidade de grande circulação de pessoas, coisas, trabalho, educação sem a perda do controle. Neste sentido entendemos que as experiências vividas contemporaneamente são expressões maiores ou menores de nomadismo.

Maluco ou turista? Pensar sobre os modos de viver dos “malucos” nos faz refletir sobre nossa sujeição.

Uma característica do “maluco” é não estar intimamente atrelado a lógica de produção, a instantaneidade do tempo, isto é, “levar uma vida sossegada”, não presa a estar sempre correndo atrás da máquina. É sim imprimir um ritmo de lentidão, de parada, de fazer para amanhã e não para ontem. Imprimir uma lógica que é do acontecimento, do devir, mas não do imediatismo. Uma lógica inscrita no tempo e na duração.

Segundo Bauman (1998), o homem do contemporâneo é o sujeito do ontem, do tempo instantâneo. Os sujeitos pós-modernos acostumaram-se a um ritmo de vida de constantes mudanças, de mutabilidade cotidiana, em que as normas e prescrições que normatizam a vida são a cada instante reatualizadas, reconfiguradas e acabam por implicar novos modos de agir, de reagir. A lógica de mercado obedece a pequenas flutuações, mínimas variações que como na reflexão de um espelho, o mínimo movimento que altera o ângulo de incidência produz ampla diferença na reflexão final da imagem. Estas flutuações fazem com que homens e mulheres envolvam-se em um jogo competitivo que implica estar em contínua atualização, modificando e criando estratégias de modulação que incidam sobre o outro no sentido de promover aceitação, uso e consumo dessas novas configurações. O segredo é estar em alerta constante, sensível a qualquer oscilação e estabelecer ações e programações de curta duração. Trabalhar a partir de planejamentos que possam em qualquer etapa ser reconfigurados. Essa mobilidade implica em uma desintegração da segurança moderna em longo prazo, ou pelo menos, em uma aposta num mercado pouco previsível e pleno de mudanças em que a máxima ‘viver um dia de cada vez’ encontra seu sentido mais concreto (BAUMAN, 1998).

Essa redução no tempo de comprometimento com as coisas, com os investimentos, nos relacionamentos, expressa um cuidado com vínculos e compromissos de longa duração. Mais do que isso, parece compor um campo em que os sujeitos, em prol de maior mobilidade, não estão mais tão interessados em ancorar-se em portos seguros, até porque, na modernidade líquida os portos já não são mais tão seguros assim. Passa a não ser mais interessante, enquanto investimento, seja na vida ou nos negócios, ficar muito tempo em um mesmo lugar, mesmo que este seja agradável. Existem milhões de outros pontos interessantes, prazerosos a serem (des)cobertos pelos aventureiros pós-modernos (BAUMAN, 1998).

Não é necessário ser coerente, ou sim, ser coerente a um mercado mutante, configurando uma lealdade ao seu desejo e a mais ninguém. Assim, na sociedade capitalista a produção de subjetividade fica atrelada a supremacia da individualidade, ou seja, “o capitalismo (...) assinala o surgimento de uma sociedade de indivíduos” (NARDI, 2003, p. 40).

Indivíduos que vivem uma crise constante, uma onicrise (HARDT e NEGRI, 2006), que esfacela e reorganiza o sujeito a cada instante. Implicando em uma vida no/do presente, nem de memórias, nem de esperanças. Não empenham o futuro nem se relacionam com o passado, mas com um presenteísmo de extremidades bem aparadas, distanciadas agora, pouco mais que o instante vivido. O tempo torna-se o presente contínuo (BAUMAN, 1998).

Torna-se possível renunciar os efeitos dos próprios atos, uma vez que neste presenteísmo os atos não guardam relação com seus efeitos. Os efeitos são sempre multicausais, o que implica a não possibilidade de vinculação aos seus atos causadores. O que implica que a ação (ato cometido) assim que terminada já passa a ser atravessada por outras ações e isto em uma relação infinitesimal, o que dificulta a ligação entre os atos e os efeitos desses. Vive-se apenas o ato, esquecendo-se dos efeitos.

[O] que conta é exatamente a habilidade de se mover e não ficar parado. Adequação – a capacidade de se mover rapidamente onde a ação se acha e estar ponto assimilar experiências quando elas chegam... Toda demora, também a “demora da satisfação”, perde seu significado (BAUMAN, 1998, p. 113).

O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe (BAUMAN, 1998). Buscar por identidades fluidas, escorregadias que antes de caracterizar mudem, se ponham a transformar, como uma célula mutante.

O turista encarna em seu modo de vida o exemplo explícito da cultura pós-moderna, globalizada e neoliberal. O turista apresenta-se como um personagem de não pertencimento ao lugar que visita. Não permite aproximação, mantendo sempre uma distância segura entre ele e seus interlocutores ou com o espaço que se relaciona. Estabelece um regime de troca altamente seletivo não permitindo afetar-se por eventos externos ao seu interesse. Coloca-se como um regulador, possuindo um controle seletivo sobre os eventos ou acontecimentos do mundo. Viaja protegido por uma bolha (BAUMAN, 1998). Talvez pudéssemos dizer, uma bolha financeira, que lhe permita levar na mala quase nada e, retornar da viagem com a mala cheia de relíquias. Relíquias? Talvez mais preciso seria dizer que retorna com a mala cheia de suvenires. Uma lembrança já um tanto apagada, pois não se vive de passado, então provavelmente esse objeto-lembrança fica jogado dentro de um armário ou, como arte-maior, enfeita paredes. Muitos desses enfeites talvez tenham até a inscrição “made in china”, independente da parte do mundo em que o turista os tenha adquirido. Expressão máxima atualmente da produção precarizada global.

A viagem, segura pelas finanças, ou pelo pacote e viagem, pode seguir como aventura, permitindo enfrentar qualquer intempérie que o cartão de crédito possa proteger ou financiar. A proteção contra o olhar “maldoso”, desatento, deselegante ou deseducado, ao jeito rude de cuidar ou oferecer hospitalidade dos moradores locais, pode ser substituído rapidamente pelo check-out e check-in em outra localidade. Uma proteção a crédito que permite uma viagem despreocupada e liberta de muitas parafernalias e pertences (roupas, necessários, calçados, etc...) comuns em viagens na era moderna.

Pôr-se a caminhar, re-engatar os vagões e partir sem aviso prévio, sem indícios, simplesmente, de um instante a outro, decide-se voltar ao movimento. Que coisas o chamam ou o amedrontam? Novas aventuras, ou talvez, a possibilidade de perder o controle? De que mesmo tendo o cartão de crédito esse não lhe baste... Não há tempo para esperar... não importa que não se tenha divertido o bastante, mas foi o suficiente...outras aventuras o esperam...as bugigangas (suvenir) jogados na mala e novo bilhete de passagem para qualquer lugar. O importante é continuar, seguir em frente, conhecer mais lugares, mesmo que todos em cinco minutos, ou melhor, todos em breves instantes (BAUMAN, 1998). Vivem pela mobilidade e a entendem como expressão de autonomia, liberdade e independência. Andar pelo mundo e poder fazer o que quiser, ou o que a quantia reservada no banco para esta aventura, permitir. Sua

liberdade, autonomia e independência estão diretamente vinculadas ao capital guardado ou potencialmente por vir (crédito).

Aqui a “vida imita a arte”, isto é, o turista encena a vida nômade, molda-se numa cópia, às vezes nem tanto fiel⁵², mas propõem-se a uma ilusória vida liberta de amarrações sedentárias, através de uma possibilidade de deslocar-se constantemente, de mover-se a qualquer momento de lugar a lugar, de ponto a ponto, em que não existe a necessidade de planejamento prévio para a próxima parada, mas sim de estar em movimento. Um movimento que se vincula a acumulação de lugares. Estes podem ser até só passagem, mas pertence à mala de viagem, são consumidos, usados, comprados, quantificados, acumulados como estatísticas de viagem. Não interessa o lugar em si, mas a passagem, a possibilidade de mobilidade. A visão põe-se turva e não existe mais diferenciação entre os lugares que se passa. Todos são passagens de um mesmo lugar, são rotas reunidas, são milhas acumuladas, trilhadas, são gastos no cartão de crédito convertidos em milhagens, que por sua vez é convertida em vôos, em trajetos mundo a fora, sem paradeiro fixo, apenas movimento (BAUMAN, 1998)... movimento relativo⁵³ (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

Para além de seu habitáculo inicial, sua residência, o turista quando em viagem envolto pela bolha da segurança financeira ou do crédito, tudo e todos são compreendidos como passageiros. Todas as paradas são acampamentos. As pessoas, com quem estabelece contato nos percursos, são e serão apenas eventuais conhecidos nos trajetos tão efêmeros. Os relacionamentos durarão o tempo de sua fugacidade, o tempo de montar e desmontar o acampamento. Os turistas acabam por estabelecer encontros por “tropeços”, esbarram “acidentalmente, como um efeito colateral do empurrão de ontem, que antes de ontem ainda não era imaginado ou antecipado, e que podia facilmente ser diferente do que era, e levar o turista para algum outro lugar” (BAUMAN, 1998, p. 115).

O contato e a associação com outras pessoas não dura o “conhecer profundo”, isto é, não permite penetrar na intimidade, pois o “impulso e a vontade” da companhia se acaba, se esvai nos instantes que seguem ao contato inicial (BAUMAN, 1998).

A intensidade é transmutada para fugacidade. A quantidade, aparentemente, não importa mais, perde seu valor. Mas agora, o interesse se desloca para o número maior de

⁵² Alusão ao filme “Copia Fiel”, escrito e dirigido por Abbas Kiarostami, 2010.

⁵³ Esse movimento indica apenas extensão e não intensidade. “[D]esigna o caráter relativo de um corpo considerado como ‘uno’, e que vai de um ponto a outro” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 52)

experiências, um certo paradoxo... enquanto a qualidade é convertida em superficialidade.

O “hoje” é o regente supremo, o índice indicativo da vida e do ritmo dos acontecimentos. Nada além ou aquém do presente é de grande importância. Os compromissos, as obrigações tem data de validade, e curta, nada de prazos longos. O amanhã é tempo demasiado longo para ser investido, o ontem é investimento perdido, mas o hoje é o tempo do investimento (BAUMAN, 1998). Um tempo compreendido aqui como esvaziado da duração, tempo científico (BERGSON, 2006), apenas somatório de instantes.

O turista é um exemplo do movimento sem velocidade, isto é, do movimento capturado pela estrutura do Aparelho de Estado. Ofertado ao campo social como possibilidade de liberdade. Liberdade vigiada, delimitada e limitada. Podes exercê-la de acordo com os limites instituídos, nada mais e nada menos.

O turista se torna um arremedo do nômade, uma cópia institucionalizada, uma viagem temporária, que dura um final de semana, um mês ou mais de férias, um ano sabático, mas que sempre resguardado pela segurança do retorno ao lar, ou da idéia de retorno ao lar. Ele tem para onde voltar, e sempre volta para casa. Usa o território não como campo livre, mas como espaço marcado pela noção de propriedade, mapeado pela distância de sua casa. Consome o tempo, consome os lugares, as pessoas, as coisas.

Diferente do nômade, pois esse não tem para onde voltar, porque usa todo o território, não existe um ponto de origem ou de chegada, todos sempre são pontos de passagem, de acesso. O turista está em uma posição de rotação. Troca de posições, mas sempre em relação a sua posição inicial (casa). Vai a qualquer lugar do mundo, mas sempre balizado pela dimensão do afastamento que faz de sua casa, isto é, sempre executando uma rotação entre o ponto de partida e o ponto de chegada, mas sempre retornando ao ponto de partida. O turista só sai de seu local de origem, pois está seguro de seu retorno ao ponto inicial, seguro que seu movimento é de experimentar a diferença, seja ela em estradas, em países, culturas, pessoas, mas seguro do retorno ao lar, ao trabalho, aos amigos, a rotina cotidiana, que reabastece sua nova partida. É um transumante, aquele que “segue um fluxo terrestre secundariamente, já que, primeiramente, opera uma rotação destinada desde o início a fazê-lo retornar ao ponto que deixou” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 92) O turista é um seguidor de itinerários, sejam eles elaborados por profissionais como uma agência de turismo ou quando surgem a partir dos eventos presentes de sua rota, mas ao fim surgem sempre

com o objetivo de retornar ao lar. Sai para a aventura com a certeza do retorno para casa. Tem uma casa para onde retornar.

Não anda conforme os fluxos, mas sim estabelece um circuito, um conglomerado de rotas possíveis, e nesse exerce seu caminhar. O circuito pode ser amplo ou pequeno, não faz diferença, pois seu movimento só ocorre dentro deste perímetro pré-determinado. Dentro do circuito também não existe um andar completamente solto, pois as rotas, os caminhos estão definidos, sejam rotas do turismo, do comércio ou das pastagens. O ir e vir do turista, da casa ao local turístico. O abastecer, vender e entregar do comerciante, que se desloca da fábrica/empresa ao ponto de venda da mercadoria. O fazendeiro, que desloca o gado de uma pastagem para outra estabelecendo um circuito rotativo de terras e pastagens. Só é possível escapar ao circuito quando este se esgota, isto é, quando as pastagens não dão mais conta de alimentar o gado; quando a clientela não absorve mais o crescente da produção; quando os locais conhecidos pelos turistas não agradam mais. Mas toda a movimentação sempre orientada e ordenada pela rotação entre o ponto de partida e o ponto de chegada (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

O nômade difere destes, e também do migrante como veremos, pois não se coloca em movimento de rotação, mas em movimento absoluto, em caminhar com velocidade. Isto é, habita e mantém-se em um espaço liso, ou seja, o território é todo seu, anda segundo os fluxos, não tem uma limitação ou trajeto fixo, pré-determinado por onde deve passar. É como pensar que a sua frente está o deserto e não o labirinto. Cada qual com sua complexidade, mas no deserto inexistente a configuração do trilho, da parede, do itinerário. Existe o campo aberto. Existe o não-limite como um limite invisível, insensível, indizível que vai se constituindo, se configurando e reconfigurando a cada passo dado, em qualquer direção, nunca como origem, sempre como acesso.

Como no espaço liso em que o desvio é sempre o menor, desta forma só possui homogeneidade entre os pontos infinitamente próximos e a ligação entre as vizinhanças ocorre independentemente da via que se assume. Nesse sentido, o espaço liso é um campo sem rotas ou trajetos definidos, não há uma condução a priori estabelecida “(...) as multiplicidades não métricas, acentradas, rizomáticas, que ocupam o espaço sem medi-lo, e que só se pode explorar avançando progressivamente” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 38). Por mais próximos que possam estar turistas, migrantes, sedentários, o nomadismo é o único que tem como conceito primário o espaço liso (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

O migrante também é um viajante, assim como o turista e os “malucos”, mas um errante que parte de um abandono em direção a um paradeiro. Abandona seu lar em busca de outro que lhe sirva de morada, que lhe garanta a estada. Migra de um ponto a outro, mesmo caminhando na incerteza, no imprevisto, no incerto (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

Ao perder o território, pôr-se ou deparar-se na condição de desterritorializado ponto este que aproxima o migrante ao nômade, mesmo que por breves momentos, mas podemos ser levados a pensar que ambos estão na mesma condição ou proposição. Embora seu encontro, assim como ocorre na matemática, represente apenas um ponto de intersecção entre uma reta e um círculo ou um arco, ou outra reta. Às vezes apenas se tangenciam, aproximam-se tanto que imaginamos pertencerem ao mesmo grupo ou que compartilham dos mesmos propósitos.

Mas os processos migratórios distancia-se do nômadismo, pois para o primeiro a reterritorialização se faz depois, assim como no sedentário que se faz na terra mediado pelo regime de propriedade. Esse vive o espaço estriado, contíguo marcado por obstáculos como muros, cercados e caminhos entre os cercados. O sedentário é distribuído em espaços fechados (casa, trabalho, lugar para lazer, escolas, praças, etc...) atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre eles (DELEUZE; GUATTARI, 2002). Já o nômade é um desterritorializado por excelência, isto é, não se reterritorializa e vive um constante espaço liso (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

Diante das distinções feitas acima, passamos agora a dar elementos para que possamos compreender as nuances nômade, seus modos de expressar vidas “menores”, com força de máquina de guerra, de revolução, de micro-revolução, de enfrentamento, desafio, afronta e resistência.

Na moldura organizadora das sociedades pós-industriais, a vontade de viajar, o desejo de errância, a busca pelo diferente e distante nada tem de marginal, mas de constitutivo. O nomadismo permanece como um movimento instituinte, que cava, escava, abre buracos, trava, quebra e desconcerta as propostas e o peso mortífero do instituído. Seguindo Maffesoli (2001), percebemos que o nomadismo constitutivo da sociedade industrial e contemporânea, evidencia-se desarticulando o que está estruturado e estabelecido com relação às coisas e pessoas. Assim, o nomadismo é a demonstração de um sonho tão antigo, já um tanto esquecido, que mal se consegue lembrar de sua presença ou proximidade. Talvez, o embrutecimento, o engessamento do que foi se institucionalizando como norma e hoje constitui-se como já instituído, por

meio do cinismo econômico, a reificação social ou do conformismo intelectual jamais conseguirão ocultar completamente as expressões ou variações do nomadismo (MAFFESOLI, 2001).

O “maluco” coloca-se em um movimento turbilhonar sem instante definido para acabar, na procura “de si no quadro de uma comunidade humana, na qual os valores espirituais são a consequência da aventura coletiva” (MAFFESOLI, 2001, p. 42). Mais do que uma procura é talvez uma criação de si, uma invenção de si. Com isso quero dizer que seu “mergulho da pedra mais alta”, o ato de se jogar, o inscreve num campo de lisura, campo aberto, de possibilidades não estriadas, em que a invenção e a criação através da arte sejam com o corpo, seja com a transformação da matéria-prima (ferro, madeira, tecido, pedra) lhe confere possibilidade de resistir à lógica do turista, do migrante ou do sedentário, isto é, aos modos de subjetivação do regime neoliberal de competição e consumo.

O “maluco”, enquanto viajante, transeunte, giramundo reclama para si a condição de errante, que lhe confere a qualidade de testemunho de um “mundo paralelo”, onde ser “ninguém” tem força de lei. Mas sua existência por meio desta anomia, se expressa numa diversidade de sentimentos que lhe configuram como vagabundo, um desocupado social (MAFFESOLI, 2001).

O enquadre do maluco, sua originalidade na forma de viver, produz um não sentido para o olhar do sedentário. Um estranhamento que logo é classificado como falta de noção, falta de estímulo, falta de dedicação, falta de vontade, enfim, como diversas faltas. Como um sujeito em falta, faltante. Lhe falta tudo. Por isso carente, necessitado. Por isso, o Estado, entendendo que deve submetê-lo aos seus dispositivos de normalização: trabalho, estudo, normas de convivência, normas de uso do espaço público, etc...

Os malucos funcionam como bandos ou maltas. Reúnem-se na pedra para compartilhar informações, relações, objetos, alimento, etc. Apesar deste encontro, deste espaço coletivo, logo se dispersam. Cada um toma seu rumo, segue seu percurso. Normalmente o percurso é feito de forma individual. Podem ocorrer percursos em duplas. Esta configuração “inibe a instauração de poderes estáveis, em favor de um tecido de relações imanentes” (Deleuze e Guattari, 2002, p. 20-21).

O discurso e as atitudes dos malucos contra a sociedade normatizada e hierarquizada. Seu estilo de vida, indisciplinado e desregrado serve de afronta ao

modelo tradicional cidadão. Sua indisciplina não significa que não constitua para seu grupo formas também normativas de viver. Isto é, constituem regras de condutas do bando, não são regras estipuladas por um chefe ou por uma organização central, mas são regras constituídas pelos usos que a coletividade faz no estar junto. Não são normas, mas condutas interessantes a serem seguidas. Estão baseadas muito mais em uma noção de convivência livre, de não interferência na vida do outro. “(...) os bandos e os clãs não são menos organizados que os reinos-impérios” (Deleuze e Guattari, 2002, p. 23).

Segundo Weber (MAFFESOLI, 2001) em seu texto sobre “a ética dos patriarcas”, as comunidades judias primitivas organizavam-se em sociedades tribais, em que o papel do nomadismo foi fundamental para a constituição e desenvolvimento dos mais variados valores do judaísmo antigo. A itinerância das tribos reforçava a solidariedade tribal, a proteção do coletivo sobre o individual, o sentimento de comunidade cultural e econômica.

Essa itinerância perpassa por vários momentos de nossa história, como foi o caso na Idade Média, em que se experimentou momentos de grande circulação de pessoas e mercadorias. Vários são os relatos de historiadores que retratam um incessante nomadismo que movimentava as diferentes camadas sociais (MAFFESOLI, 2001). Viajavam comerciantes e jovens burgueses rompendo com os estados sociais instituídos.

Uma figura emblemática da Idade Média, apresentado como um intelectual não-conformista, ocupante de forma errante do território, um caminhante constante, um mendigo, vagabundo e libertino, assim poderia e foi a descrição de Goliard, habitante do território medieval e que transitava pelas grandes cidades europeias da época. Esse personagem representava e trazia a tona valores dionisíacos de vida criativa e poética. Sempre um contestador das regras assépticas da sociedade, escolhia modos de operar e caminhos que produziam tensionamento sob as ordens do corpo social organizado da época. Seu inconformismo ligado a uma fecunda anomia e a seus ritos constituídos de muita bebida, música, devassidão, badernas, etc. conferem ao corpo social, longe de ser nociva, uma espécie de equilíbrio global (Maffesoli 2001). Uma tal não nominação que permite afrouxar as amarras da moral, da lei e da ordem fortemente defendidas pelas instituições cristãs e pela racionalidade de Estado da época.

Na medievalidade o que move, o que constitui velocidade e movimento absoluto ao nomadismo é o desejo de evasão. Um tipo de “pulsão migratória” convocando,

incitando, instigando ao movimento, a mudar de lugar, de hábitos, de parceiros. A experiência do convívio com o estranho, o exterior ao meu feudo, o estrangeiro, o contato com terras distantes é o que cria condições e possibilidades ao sujeito medieval de desfrutar dessa pluralidade estrutural, na grande maioria das vezes adormecida ou entorpecida e enclausurada na interioridade dos sujeitos. Uma expressão nômade, de um nomadismo, que embora não represente ao todo da população, foi vivido de modo bastante intenso por alguns, e serve de alimento, nutrindo o imaginário do coletivo (MAFFESOLI, 2001).

Inúmeras histórias de pessoas sobre errâncias vividas, contadas ao longo de gerações, por sujeitos comuns através de história oral, ou por historiadores contadas nos livros, nos apresentam uma aptidão para ser nômade, para desviar do caminho “sensato” que é de diversidade, de pluralidade e que acaba por configurar uma realidade móvel. Ela nos remete a uma condição de efervescência e mobilidade, de constante troca, que mesmo nas sociedades sedentárias, mantém-se enxertado, lado a lado, pertencente à própria carne do corpo social sedentário, mas que a exemplo da literatura menor (DELEUZE; GUATTARI, 1977), mostra-se pronta a emergir do espaço minoritário e estremecer as certezas seguras, instituídas de longa data e os diversos conformismos do pensamento (MAFFESOLI, 2001).

O nômade, embora não estabeleça enquanto norma acaba por constituir um modo de vida que pode ser caracterizado como *intermezzo*. Ou seja, até mesmo os elementos que compõem sua vivenda, sua moradia estão, enquanto condição de existência, concebidos em relação direta ao trajeto, que por sua vez, o mobiliza incessantemente. Configura-se um habitar a imaterialidade de um ponto fixo na terra, mas a partir da mochila dos “malucos”, dos “transeuntes sem rumo” reconfigura-se a materialidade do provisório no território, isto é, no uso de toda a extensão possível do espaço habitável. Neste sentido não precisa de casa, pois qualquer lugar é extensão dela. O nômade passa a não ser mais um agente em constante deslocamento, mas um ocupante do território (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

Os pontos por onde o errante passa e que lhe servem de acesso a outros caminhos, são tomados e significados, para o nômade, como alternância num trajeto, ou seja, ele só se desloca de um ponto a outro quando existe a necessidade de fato. Mesmo que em sua jornada o trajeto percorrido pelo “maluco”, a exemplo dos nômades, siga pistas, indicações, caminhos rotineiros, nunca o faz como o sedentário, ou melhor, nunca o trajeto tem a mesma função que o caminho sedentário. O nômade distribui os homens

ao longo da extensão de seu território, num espaço aberto, não limitado, não comunicante, indefinido. A título de ilustração podemos usar a imagem de um deserto, em que a visão se perde no horizonte e não encontra barreiras visuais ou materiais no deslocamento. Assim como, seu espaço territorial, marcado apenas por traços (pegadas na areia do deserto), mas que tão logo são dados se esmorecem e vão se apagando a medida que o nômade se desloca (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

O sedentário ao seguir ou constituir seu trajeto, diferente do errante, realoca-se de estrutura em estrutura, sempre em espaços estriados, marcados, instituídos. Como no caso do turista, por exemplo, que compra um roteiro de uma empresa de viagens. Tem não somente a rota definida, mas os horários, o transporte e os habitats ao longo de seu percurso. As variações existem, mas sempre por itinerários que estão dentro do circuito, ou seja, inscritas em um campo delimitado.

O princípio territorial nômade está na ocupação e manutenção de seu espaço liso, ilimitado. A terra é apenas suporte para suas ações e, é na desterritorialização que encontra sua relação com a terra. Por isso, o nômade “se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território”. (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 53).

Um território de infinitas direções, de inúmeras variâncias, possibilidades, isto é o que caracteriza por excelência os espaços lisos. São do tipo rizoma, como uma trama com infindáveis pontos de acesso e de passagem, sempre interconectados e mesmo que alguns sejam rompidos, sempre existe a possibilidade de acessar outro pouco, de configurar outro caminho. O espaço nômade admite a localização, considera ser possível o mapeamento pelos pontos de passagem, que ainda não se apagaram. Mas em hipótese alguma é concebido como espaço delimitado (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

A condição nômade também se faz a partir de um regime de afectos organizadores da máquina de guerra, ou melhor,

[O] regime da máquina de guerra é antes a dos afectos, que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composições de velocidade entre elementos. O afecto é a descarga rápida da emoção, o revide, ao passo que o sentimento é uma emoção sempre deslocada, retardada, resistente. Os afectos são projéteis, tanto quanto as armas, ao passo que os sentimentos são introceptivos como as ferramentas (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 79).

A máquina de guerra não é apaziguadora, mas potencialmente destrutiva ou desorganizativa. Ensina a desfazer e, também, a desfazer-se. Desse modo quando os sujeitos desta pesquisa se autonominam “malucos” estariam operando como uma

máquina de guerra. É dela problematizar o sujeito, assim como na parresia existe uma desconstrução do parresiasta (FOUCAULT, 2010), a máquina de guerra nômade desfaz o sujeito, evoca o não-fazer do guerreiro. Dois movimentos ficam visíveis na ação da máquina de guerra. A descodificação que a atravessa, avassaladora. E o revide da sobrecodificação, que recolhe, arruma e cola a ferramenta a uma organização do trabalho e do Estado (DELEUZE; GUATTARI, 2002).

Neste sentido pode-se afirmar que é no modelo trabalho, que se define a ferramenta, e esta por sua vez, pertence ao aparelho de Estado. Assim, revisitando elementos históricos compreendemos e podemos afirmar que o sujeito das sociedades primitivas não trabalhava propriamente, ainda que suas ações fossem exercidas de forma bastante coercitivas e regradas; e muito menos o homem de guerra enquanto tal. “Para que haja trabalho, é preciso uma captura da atividade pelo aparelho de Estado, uma semiotização da atividade pela escrita” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 80).

Fixar, sedentarizar a força de trabalho, reger o movimento do fluxo de trabalho, determinar-lhes canais e condutos, criar corporações no sentido de organismos, e, para o restante, recorrer a uma Mao-de-obra forçada, recrutada nos próprios lugares (corvéia) ou entre os indigentes (ateliês de caridade), - essa foi sempre uma das principais funções do Estado, que se propunha ao mesmo tempo vencer uma vagabundagem de bando, e um nomadismo de corpo (Deleuze e Guattari, 2002, p. 34).

Com relação ao “trabalho” dos malucos, sua ação é gerido por eles mesmos. Seu tempo de trabalho, tipo de trabalho, local onde expõe, etc... Rivalizam com o modelo preconizado por qualquer entidade que seja, em que se vive a ilusão de autonomia. Uma autonomia modelada, que permite escolhas, mas estas sempre dentro de um parâmetro bem definido.

Aqui o que está em jogo não é o modelo utilizado, a forma, ou o conteúdo do trabalho, mas “a divisão do trabalho que se opõe à das normas de Estado” (Deleuze e Guattari, 2002, p. 35).

Os malucos seguem as rotas, como percursos que são ora construídos pelo próprio ato de caminhar, escavar um atalho, aventurar uma nova rota, ou um caminho que lhe é falado nas conversas que ocorrem nas pedras de maluco. A questão é que a rota é ponto de ligação, todos seus benefícios são apenas passageiros. A comida, a água, o material, o ponto, sempre, todos estão em ponto de abandono, de passagem.

“O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias. A vida do nômade é intermezzo. Até os

elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los” (Deleuze e Guattari, 2002, p. 51).

O não-trabalho ou o seu exercício na informalidade, sua transmutação, metamorfose em arte, mais especificamente em arte menor, artesanaria de “maluco” configuram modos de resistir e de tensionar os modos de governar, assim como os modelos instituídos de ser sujeito.

Deleuze e Guattari (2002) apresentam a ourivesaria como a arte nômade por excelência, ou seja, o trabalho da arte bárbara como expressão da arte menor. O trabalho com as mãos e com ferramentas rudimentares, mas de uma precisão e tomadas de movimento. Tornam a constituição de joias objetos móveis, no sentido de fazer andar, de compor as vestimentas dos nômades. Assim também os malucos compõem suas artesanarias. Não tem destino comercial, mas compõem seu jeito de ser. São colares, pulseiras, brincos, roupas, calçados entre outros. Que estão sempre em constante mover-se. Nas palavras de Deleuze e Guattari:

Essas fibulas, essas placas de ouro e de prata, essas joias concernem a pequenos objetos móveis, não só fáceis de transportar, mas que só pertencem ao objeto à medida que este se move. Essas placas constituem traços de expressão de pura velocidade, sobre objetos eles mesmos móveis e moventes. Elas não passam por uma relação forma-matéria, mas motivo-suporte, onde a terra já é tão-somente um solo, e até já nem sequer há solo algum, o suporte sendo tão móvel quanto o motivo. Elas dão às cores a velocidade da luz, avermelhando o ouro, e fazendo da prata uma luz branca. Pertencem ao arreo do cavalo, à bainha da espada, à vestimenta do guerreiro, ao punho da arma: elas decoram até aquilo que não servirá mais do que uma única vez, a ponta de uma flecha. Quaisquer que sejam o esforço e o labor que implicam, são ação livre relacionada ao puro móvel, e não-trabalho, com suas condições de gravidade, de resistência e de dispêndio. O ferreiro ambulante acresce a ourivesaria à arma e vice-versa” (2002, p. 81).

A potência da artesanaria está em ser agenciada como uma ourivesaria, ou seja, como uma produção bárbara. Isto significa que o fazer dos “malucos” se inscreve em uma economia nômade, o que lhe possibilitaria, também, uma economia guerreira. Onde em uma ação consegue ao mesmo tempo fazer uso e fazer enfrentamento, rejeição do comércio exclusivo aos estrangeiros. Para os nômades, assim como para os “malucos” não existe a preocupação com a constituição e uso de um código único e exclusivo, como uma “picto-ideografia”, por exemplo. Eles utilizam o que existe disponível e já criado pelos seus vizinhos, ou seja, sua batalha não se dá na destruição da produção dos outros (embora em alguns momentos isto ocorra como resultado da ação de guerra), mas na afirmação de outros modos possíveis, até mesmo incorporando modos de fazer, de escrever, de falar de outras culturas. Criar, inventar, moldar, transformar, metamorfosear o material em arte movente (DELEUZE; GUATTARI, 2002). Ocupar-se em constituir modelos e modos iguais aos vizinhos acentuaria a lógica

concorrencial e só lhes daria um registro de produtor em série ou os conformaria a uma produção voltada para o viajante de passagem. Ou seja, uma produção do mesmo.

É comum em passeios e viagens, principalmente em tempos de férias quando visitamos outras localidades, que as barracas de artesãos estejam repletas de seus trabalhos. Mas depois de andar um pouco nos damos conta que são quase que idênticas às produções. Um modo de fazer e produzir que se repete e que engendra uma lógica mercadológica voltada para o estrangeiro, de reprodução e repetição dos fazeres.

Contudo, os homens de guerra reaparecem, nascem novamente, sempre repletos de ambiguidades. Mesmo sabendo da inutilidade dos atos violentos, são potencialmente movidos pelo revide ativo e revolucionário, que os mobiliza enquanto máquina de guerra. Seu renascer se faz também em outros modos de existir, como por exemplo, no operário, que desacreditado das configurações e organizações do trabalho, implementa modos de resistir ativos, rompendo com prescrições e amarrações até mesmo tecnológicas. Ou num estudante, um joquim louco, que inadaptado e inconformado com o modelo educacional vigente decide que "[n]essa lama eu não me afundo mais" / Reformou uma pequena oficina / Com a grana que ganhara / Vendendo velhas invenções / Levou pra lá seus livros, seus projetos (RAMIL, 1987, s/p) e “com o bizarro dom da invenção” produz outros jeitos de existir que não passam pela escola tradicional.

Eles não ressuscitam velhos mitos ou figuras arcaicas, são a nova figura de um agenciamento trans-histórico (nem histórico, nem eterno, mas intempestivo): o guerreiro nômade e o operário ambulante. Uma sombria caricatura já os antecipa, o mercenário ou o instrutor militar móvel, e o tecnocrata ou analista transumante, CIA e IBM. Mas uma figura trans-histórica deve defender-se tanto dos velhos mitos como das desfigurações preestabelecidas, antecipadoras. “Para reconquistar um mito, não é preciso retroceder, ele ressurgue quando o tempo treme até as bases sob o império do extremo perigo”. Artes marciais e técnicas de ponta só valem à medida que possibilitam reunir massas operárias e guerreiras de um tipo novo. Linha de fuga comum da arma e da ferramenta: uma pura possibilidade, uma mutação. Formam-se técnicos subterrâneos, aéreos, submarinos, que pertencem mais ou menos à ordem mundial, mas que inventam e amontoam involuntariamente cargas de saber e de ação virtuais, utilizáveis por outros, minuciosas, contudo fáceis de adquirir, para novos agenciamentos. Entre a guerrilha e o aparelho militar, entre o trabalho e a ação livre, os empréstimos sempre se fizeram nos dois sentidos, para uma luta tanto mais variada” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 84).

O nômade, não dispõe do poder econômico que o Aparelho de Estado dispõe. Tal experiência de maluco não implica relacionar-se numa lógica de competição. Evita competir e opera ou na lógica da construção conjunta ou da guerra. Ações pela arte

menor, isto é, atos não hegemônicos, que existem nas barbas das ações dominantes ou massificantes e que possibilitam singularidade.

Singularidades distintas, tal qual a espada feita de ferro dos nômades, “já que é forjada e não fundida, moldada, temperada e não resfriada ao ar, produzida peça por peça e não fabricada em série” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 87).

As produções das artesanias dos malucos, são produções que não visam fábricas ou produções em série, mas sim peças únicas, feitas a mão, em que o lugar por onde andam ajuda na composição com materiais locais, com técnicas de feitiço locais. A localidade, entendendo-a enquanto passagem, enquanto afectação e acessibilidade aos costumes, pessoas e objetos locais, serve de elemento estruturante e criativo na composição das peças de artesanaria. Já as ferramentas para elaboração dos artefatos são rudimentares, de pouca complexidade.

O artesão é considerado por Deleuze e Guattari (2002) como um itinerante em primeira escala, pois é aquele que segue a matéria-fluxo sob a forma mineral, ou seja, não é o homem que trabalha com a terra ou com o solo, mas aquele sujeito do subsolo.

Os malucos experimenta-se como um sujeito insatisfeito com a sociedade, regras de convivência, trabalho, lazer. Alguém que busca no artesanato e nas viagens algo que não encontra na vida sedentária. Busca impregnar-se de experiências pelos trajetos, pelos acessos, pelos encontros e devires caminho.

Não são bandidos, traficantes, ladrões, vagabundos. São artistas como o artista da fome kafkiano que se esmera e expressa sua arte com sua vida, no limite de sua vida e que não tem mais platéia em função das corporações e institucionalizações de sua arte. Assiste sua arte ser consumida e organizada pelo Aparelho de Estado. A lógica neoliberal a incorpora em uma empresa que disponibiliza o espetáculo de diversos artistas, agora profissionais.

Definem-se artesãos de rua ou representantes da arte popular brasileira. Também são conhecidos como hippies, “malucos de br”, “malucos de estrada” ou simplesmente “malucos”. Podem viver o nomadismo de forma individual ou em duplas. Normalmente as viagens os percursos ou trajetos são individuais.

Na Literatura Menor, uma minoria faz uso diante da maioria, ou seja, é uma língua de poucos, usada por poucos, que se encontra imersa, engendrada, enxertada em uma língua hegemônica, em uma língua maior. Está na interioridade da língua maior, ajudando a constituí-la, formando expressões, mantendo-a viva (DELEUZE; GUATTARI, 1977).

O artesanato e o jogo de malabares são pensados aqui, não como prática em si, mas como práticas ligadas ao modo de vida dos “malucos”. Como uma linha de fuga ao modelo tradicional de trabalho, de sustento, de manutenção da vida. São pensados como práticas menores, que existem dentro da cultura, na intercultura, no contrapé do processo de industrialização, de tecnologização, de competição e consumo da vida.

Esses malucos se constituem como afirmação de uma vida menor diante da lógica sedentária, territorializada, de propriedade, competitiva, de consumo das coisas e da vida. Legitima-se ainda, como afronta ao conforto da poltrona do papai na sala de TV, como alternativa a sentar no “trono de um apartamento com a boca escancarada, cheia de dentes, esperando a morte chegar” (SEIXAS, 1973, s/p), como fluxo de forças que no tensionamento, vislumbra linhas de fuga a preconizada vida boa moderna.

Neste sentido, para os malucos a condição de desterritorialização implica em fazer de todo local um lar. Qualquer lugar lhe serve de abrigo. Pode ser o hotel, a casa de um amigo, o albergue, a rua, a barraca. Todos são acessos, são espaços ocupados nos instantes de passagem. A mochila, e o que couber nela, é o que precisa. Não existe um lugar para onde voltar. O lar é todo o território. Já ocupa o “lar”. A sala de estar são pedras de malucos. O maluco almeja tornar-se, criar-se um menor.

Trazer as “Notas do Subsolo” (DOSTOIEVSKI, 2008a), como as lembranças e conflitos de um trabalhador que reside no subsolo de uma edificação em São Petersburgo, Rússia. O personagem principal é conhecido como “Homem Subterrâneo”, um anti-herói que vive obcecado com a sua própria incapacidade de tratar com a realidade que o circunda. Como característica demonstra-se petulante, amargo, por vezes raivoso, teimoso, em outros momentos, indeciso diante das escolhas possíveis. Questiona a moral, a sociedade, seus valores, a condição das pessoas de submeterem-se às leis naturais ou civis, os princípios iluministas e a racionalidade moderna. O texto traz à tona e põe em discussão a moral e a política.

Dar vitrine as “Memórias da Casa dos Mortos” (DOSTOIEVSKI, 2008b), em forma de romance, este texto narra experiências vivenciadas por Dostoiévski nos anos que passou na prisão. Foi condenado à morte por discutir e difundir ideias revolucionárias. Livrou-se do fuzilamento e teve sua pena convertida a quatro anos de trabalhos forçados e reclusão em presídio na Sibéria. O autor estabelece uma detalhada descrição da vida cotidiana dos presos: sua rotina institucional, seus hábitos, seus deveres, seus prazeres, seus conflitos, seus sentimentos. Apresenta o sofrimento mental e físico da vida prisional e revela a gradual e progressiva anulação da singularidade, da

individualidade dos detentos. Também desenvolve críticas ao sistema que incita ódio e revolta e, não dá conta de reestabelecer o convívio e a condição de cidadão para o retorno a sociedade. O livro acaba por abordar questões vinculadas à culpa e punição por atos não previamente pactuados pela sociedade. Discute as noções de bem e mal e as limitações para os atos humanos dentro da ordem social.

Dar o trono ao “Idiota” (DOSTOIÉVSKI, 2002), livro escrito entre 1867 e 1868 em Florença e publicado em 1969. O texto tem influência do clássico Dom Quixote. Apresenta a história do príncipe Michkin – homem destituído de qualquer maldade – herdeiro epilético, afastado por alguns anos de seu reino para tratamento da idiotia (enfermidade). Após se sentir curado, retorna ao reino para reclamar seu lugar na realeza russa. Quando de seu retorno conhece uma moça, Natascha Filipovna – inconstante, contraditória e imprevisível, por quem desenvolverá grande afeição. Já o príncipe tem características descritas como inocência, sinceridade, bondade e fantasia o que lhe valia muitas vezes a descrição de estúpido e pateta. Mas se revela ter o poder de visualizar o interior das pessoas, o que permite ao príncipe conhecer melhor as intenções das pessoas que estão a sua volta. Também é descrito como um homem inteligente, astuto e perceptivo. Na trama estão presentes questões que assombram a condição humana, a existência, como dúvida entre o bem e o mal, crises financeiras, vícios em jogos, o apego extremado a si, o desejo e a renúncia, a abnegação, o desinteresse.

Os textos de Dostoiévski apresentados acima são três movimentos que podem ser apontados como promotores de modificações a partir de potentes coeficientes de desterritorialização. Impossibilidades internas, constituidoras dos modos de governamentalização da vida pelo Estado, que escavam as ruas, que abrem buracos nas paredes, desviam das rotas, mobilizam nas redes sociais, “roubam do berço a criança” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26) e, acabam por possibilitar ações em um campo comum, ações comuns, que fazem ecoar, mesmo que em teatros vazios, o som das vozes da minoria, por meio de agenciamentos coletivos.

Uma arte menor que se metamorfoseia no artesanato dos “malucos”, descontentes e incomodados com a sensação de ser um estrangeiro nativo. Com a condição de impossibilidade de usufruto de seus direitos constitucionais. Vivendo como um subsumido a ordem governamental e movidos por “uma eterna inquietude e virtuosa revolta” (RAMIL, 1987, s/p), subvertem o qualitativo adjetivante menor. E torcendo-o como algo que engendra diferença, que põe em devir a escrita, a oralidade, a arte

minoritária acaba por possibilitar a invenção de novas forças ou novos campos de tensão, onde o que está no subsolo, como homem doente, mau, sem atrativos, que não deseja tratamento (DOSTOIÉVSKI, 2008a), possa emergir como linhas de fuga, como palavras subordem. Menor não é qualidade, é poder de revolução, é linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1977).

E aos turistas livres, os profissionais dos livros, os tutelados pelo saber maior, os sedentários voláteis da modernidade líquida (BAUMAN, 2008), Dostoiévski nos faz uma provocação, a qual ele mesmo responde:

[C]hegamos ao ponto de quase achar que a verdadeira “vida viva” é um trabalho, quase um emprego, e todos nós no íntimo pensamos que nos livros é melhor. (...) E o que pedimos? Nós mesmos não sabemos. Nós mesmos nos sentiremos pior se nossos pedidos delirantes forem atendidos. Pois bem, façam uma experiência, deem-nos, por exemplo, mais independência, desamarrem as mãos de qualquer um de nós, ampliem nossa esfera de ação relaxem a tutela e nós... eu lhes asseguro: nós imediatamente pediremos a volta da tutela. (...) Nós nem sabemos onde vive essa coisa viva, o que ela é, como chamá-la! Deixem-nos sós, sem livros, e imediatamente ficaremos confusos, perdidos – não saberemos a quem nos unir, o que devemos apoiar; o que amar e o que odiar; o que respeitar e o que desprezar. Até mesmo nos é difícil ser gente – gente com seu próprio e verdadeiro corpo e sangue; sentimos vergonha disso, achamos que é um demérito e nos esforçamos para ser uma espécie inexistente de homens em geral. Somos natimortos, e há muito tempo nascemos não de pais vivos, e isso nos agrada cada vez mais. Estamos tomando gosto. Em breve vamos querer nascer da idéia, de algum modo (DOSTOIÉVSKI, 2008a, p. 148-149).

A formação profissional se assenta sobre uma base em que o saber é saber maior, isto é, explicam a experiência do estar vivo. Conferem marcações, tabulações, comparações e esquadrinhamentos sobre nossas relações com o mundo. O que não é ruim, mas não é o único modo de acesso.

Os livros explicam, ilustram como fazer as coisas. Existem livros sobre como ser um homem de sucesso, blogs sobre como fazer sexo e fazer gozar, revistas sobre como ser um bom empreendedor, sites sobre como passar as férias, o que fazer para se divertir. Receitas compostas quase sempre em dez passos para... A vida traduzida pelo olhar e palavras de um estudioso vivente de bibliotecas. Vida viva não é isso, talvez eu não saiba ao certo o que é, mas como Belchior escreve na música “como nossos pais” “viver é melhor que sonhar”, entendo que Dostoiévski faz referencia a isto. A homens que vivem pelos livros, revistas, sites, mídias, e sua experiência é essa. Não é problemático viver dos livros. A questão se faz sobre a vida moldada e modulada pela prescrição dos mesmos. Faltam-lhes aforismos. Como se vivessem a representação do

viver, a tradução, são uma metáfora para a vida e não uma metamorfose do vivente (DELEUZE; GUATTARRI, 1977).

O que é viver no subsolo?

Viver abaixo, como sendo um elemento que serve de sustentação para o solo. Habitar os túneis, as passagens das cavernas. Base em que são construídas as instituições, plano em que são firmados os contratos e onde as leis são estabelecidas e se fazem cumprir.

O subsolo seria então um lugar que alicerça, sobre o qual as forças do Aparelho do Estado se configuram e operam, não fazendo parte diretamente deste exercício mas subsistindo deste. Faz resistência na medida que não ocupa o lugar destinado a vida dos “Senhores” (DOSTOIÉVSKI, 2008a), dos letrados, dos contratualizados, dos institucionalizados e legalizados a uma existência sobrecodificada. Resistência, pois desterritorializa o vigente, empurrando por debaixo das barbas da estrutura do campo social hegemônico, por entre os pisos, calçadas que damos nossos passos os vermes corruptivos da ordem. Fazem emergir a podridão, o nojento, os dejetos, o expurgado pelo estriamento social.

O codificável é o burocratizado, o administrável, o Estado sobrecodifica tudo (DELEUZE, 2006). As coisas, as relações, as instituições, o modo de viver passa a ser compreendido pelos códigos preestabelecidos pela máquina imperial (HARDT; NEGRI, 2006). Os modos de governar, de codificar os possíveis para a população.

A descodificação é a não codificação do que está não codificado. O movimento foi recodificado, isto é, sai da codificação por instantes, mas acabou por se recodificar. O Estado acaba por incorporar o próprio movimento (DELEUZE, 2006). Não só o Estado, mas o próprio mercado, quando por exemplo, uma marca de roupas publica em um outdoor uma foto do movimento marchando pela cidade e logo acima os dizeres: “Gang a loja que te entende”.

Isto me lembra o modo de funcionamento dos malucos. Não há centro organizador deles. Não há uma gestão de seu funcionamento. Não há um livro que conta sua história. Sua história é movediça tanto quanto eles. Pois sua história depende do modo como vai sendo contada oralmente por todos que fazem parte da rede. Cada um conta e faz reverberar seu ser maluco, seu modo maluco e este discurso conta o todo dos malucos. Não como objetivo da tradução exata, mas com a idéia da existência, como a legitimação da existência.

A questão está em investir na produção de enunciados, novos desejos, novos modos de existir.

Quanto mais afastado da máquina burocrática, maior é o seu potencial nomádico. A comunidade periférica, construída em terreno invadido, ilegal, com construções irregulares. Uma ordem e regra de vida que não obedece ao Estado, mas sim a regras próprias, que engendram processos de criação de modos de existir que “se descodificam em vez de se deixarem sobrecodificar” (DELEUZE, 2006, p. 327). Constituem um movimento que faz oposição ao regramento fixo, engessado e burocratizado. Uma oposição constante e tão intensa que acaba por se confundir, ou seja, o movimento que opõe o nomadismo, exterior e a unidade despótica interior ao Aparelho de Estado. Suas existências são de tal forma correspondentes ou “interpenetrados que o problema do déspota será o de integrar, de interiorizar a máquina de guerra nômade, e o problema do nômade será o de inventar uma administração do império conquistado” (DELEUZE, 2006, p. 327).

A experiência nômade é de viagens em intensidade, não necessariamente por mudança de lugar. Nomadizam o lugar para permanecer, para não mudar. Ocupando o território como um todo. Deslizando e escapando aos códigos. “Do mesmo modo que o déspota interioriza a máquina de guerra nômade, a sociedade capitalista não pára de interiorizar uma máquina de guerra revolucionária” (DELEUZE, 2006, p. 329).

O menor entra aí como as experiências não ordinárias, não oficiais, não reconhecidas como sendo oriundas dos mestres. Diferente de conselhos a serem seguidos. Mas são as alternativas, embora esta palavra, em tempos neoliberais e de modernidade líquida, já esteja bastante cooptada pela lógica do consumo e da concorrência; são alternativas micropolíticas. São experiências que não tem o propósito da maestria, nem de serem apresentadas como possibilidades ao Estado.

Hoje parece que todos querem um lugar para tapar os furos disponíveis ofertados pelo Estado. Todos querem fazer oferta de serviço como língua do Estado, língua oficial. Os movimentos pequenos ficam tentando preencher uma função maior. Aqui se deslizam e são seduzidos pela promessa de consumo e garantias pelo aparelho de Estado, isto é, aqui é possível a cooptação pelo neoliberal. É aqui que se encontram propostas sedutoras de acolhimento do Estado, do mercado, através de te incorporar aos benefícios do Estado e do mercado para que entres na livre concorrência, mesmo que executando um serviço não preenchido pelo Estado. Penso que o Estado já deixa as

brechas na linguagem maior para que os sujeitos se disponham a completá-lo, abandonando o subsolo e assumindo uma condição subalterna, subsumida de maior.

Como o artesanato pode ser uma arte desterritorializada, ou promotora desse processo? Que usos e abusos se faz com/do mercado para que a artesanaria dos “malucos” ganhe voz de revolução – “Ao porco tirano e sua lei hedionda, nosso cuspe e o nosso desprezo!” (RAMIL, 1987, s/p) - sem se tornar prática, arte, língua mestra? Como de dentro do jogo neoliberal, mercadológico e competitivo se faz irromper o “homem do subsolo”, o caminhador não reconhecido, a voz não cooptada por partidos e instituições (multidão⁵⁴), a arte menor que denuncia e aponta para a “uniformização variante”⁵⁵ de uma racionalidade econômica?

Aqui, abro um parêntese para melhor compreender o que estou entendendo por racionalidade econômica. Neste sentido convoco Foucault (2008), de posse de seu texto “Nascimento da Biopolítica”, para auxiliar nesta compreensão.

De acordo com Foucault (2008), a economia, compreendida como uma ciência que tem por objetivo analisar a racionalidade interna ao comportamento humano propõe como análise, compreender o cálculo realizado pelo indivíduo para destinar seu recurso escasso a tal fim e não a outro. Assim, economia passaria a se tornar a análise de uma atividade e não mais a análise da lógica histórica dos processos, seria análise da programação estratégica da atividade dos indivíduos. A análise econômica do trabalho foi muito importante para compreender essa racionalidade, pois ela possibilitaria saber como o trabalhador utiliza os recursos que dispõe.

O neoliberalismo norte-americano procurou generalizar a forma econômica do mercado na totalidade do corpo social e no sistema social; buscando, assim, uma inversão das relações sociais em relações econômicas. A forma econômica aplicada à conduta dos sujeitos busca aperfeiçoar a ação destes a fim de racionalizar o cotidiano. O princípio que rege essa forma é o de que a ação dos sujeitos não seja aleatória, devendo sempre responder da maneira mais sistemática possível às variáveis que o meio

⁵⁴ Multidão: “A multidão está engajada na produção de diferenças, invenções e modos de vida. Deve, assim, ocasionar uma explosão de singularidades. Essas singularidades são conectadas e coordenadas de acordo com um processo constitutivo sempre reiterado e aberto. Seria um contra-senso exigir que a multidão se torne a “sociedade civil”. Mas seria igualmente ridículo exigir que forme um partido ou qualquer estrutura fixa de organização. A multidão é a forma ininterrupta de relação aberta que as singularidades põem em movimento” (HARDT; NEGRI, 2006, p. 99).

⁵⁵ Compreender os sujeitos como indivíduos diferentes, mas com variações catalogadas, isto é, indivíduos que podem ser reunidos em grupos ou categorias, conforme suas variações. O que implica em aceitar o discurso da variância, mas tomá-la dentro da lógica econômica, dentro da racionalidade que quantifica, que esquadrinha, que tipifica o indivíduo de acordo com as estratégias biopolíticas de governar a vida. Oferece-se a variação, mas não como possibilidade de criação, e sim, como possibilidade de reprodução.

apresenta. Tal racionalização estabelece em cada conduta um fim desejado e, desse modo, busca criar estratégias que racionalizem os recursos existentes para se chegar ao previsto. Essa inversão propôs que a forma econômica funcionasse como princípio de inteligibilidade ou deciframento das relações sociais e dos comportamentos sociais, ou seja, que a forma econômica passasse a servir de racionalidade para organizar o cotidiano das pessoas. Pode-se pensar no exemplo da mãe que, ao cuidar dos filhos, projeta o esforço realizado nos ganhos que terá no futuro quando a criança se tornar um adulto. Fala-se de uma inversão mensurada do tempo – a criança que, se bem investida, se tornará um adulto produtivo. As relações familiares tornam-se espaço de mediação entre o privado do lar e o mercado econômico. Esse processo mensurado de racionalização faz do investimento nas pessoas um tipo de investimento no capital humano – portanto, que toda reação às condutas dos indivíduos não seja aleatória, mas racional. Será racional toda conduta que seja passível à modificação em respostas sistemáticas em função das variáveis do meio (FOUCAULT, 2008).

Ao mesmo tempo, a racionalidade econômica aplicada à sociedade, como uma grade econômica, cria uma crítica mercantil permanente da política e da ação governamental a fim de conter as interferências do Estado na sociedade. O Estado, nessa organização neoliberal, não possui a legitimidade de intervenção direta na economia, prevalecendo um *laissez-faire*; a economia deve acontecer a partir de sua própria mecânica. É o próprio mercado, através de sua contingência, que estabelece as regras econômicas (FOUCAULT, 2008).

O neoliberalismo norte-americano teria amarrado, a partir do século XVIII, os princípios e vontade do funcionamento econômico aos modos de experiência subjetiva. Essa amarração tem como efeito a produção de um sujeito capaz de aderir de maneira autônoma e satisfeita às necessidades do mercado, pois passaria a crer que se expandir economicamente é sinônimo de sua liberdade e emancipação.

De posse desse esclarecimento e de suas implicações e relações com os modos de governar, fechamos este parêntese e retomamos a discussão sobre arte menor. Notadamente com ligação direta ao exposto acima.

É importante compreender que o artesanato, os malabares do “maluco” e o próprio “maluco” estão imersos, embrenhados e enxertados no jogo neoliberal. Não é possível pensar a existência deste “sujeito maluco” fora do contexto capitalista, mercadológico, pois essa é sua realidade, estas são suas condições de vida: privatizações, livre mercado, diminuição do tamanho Estado, competição, consumismo, produção imaterial. Os

“malucos” fazem parte, como reação e alimento, ora tensionando, ora legitimando esta racionalidade econômica. Podem não querer legitimar o mercado, mas o fazem quando, por exemplo, buscam em São Paulo melhores mercadorias para o exercício do jogo com malabares, ou seja, estabelecem um circuito tal qual o mercador, que retorna ao fornecedor de mercadorias sempre que as mesmas acabam e logo depois de abastecido retorna a rota. Neste sentido, não faz resistência e sim azeita a máquina produtiva constituindo novos mercados produtores e consumidores.

Mas os “malucos” também escapam ao modelo maior, quando colocam-se em praça pública, informalmente/ilegalmente, para vender sua artesanaria. O que aparentemente parece reforçar o mercado, ou seja, o que é interno a ele, subjaz em suas entranhas, tem na realidade um funcionamento desviante, como um vírus mutante. Pertence ao corpo, habita esse corpo, mas não opera necessariamente pelo seu bom funcionamento. Na grande maioria das vezes, atua no sentido de reconfiguração das ações do próprio organismo. Mobilizando forças que acabam por obrigar ao desvio, criando rotas alternativas, redistribuindo as células de defesa, alterando funções. O organismo constitui novos fluxos, novos arranjos, para continuar mantendo-se adaptado ao mundo dos vivos. O que começa como um movimento unitário, singular, pode se tornar multidão frente à organização desse corpo e constituir um movimento anti-global, puro ativismo, não mais definido por relações de soberania (HARDT; NEGRI, 2006). Nas palavras de Rafael Lage (2013) “não há como não estar no capitalismo, mas o que podemos fazer é retirar o capitalismo de dentro de nós”.

O posicionamento dos “malucos” se dá na via da informalidade. Como artistas de rua, de forma disruptiva e muitas vezes, como afronta ao poder público, como foi o caso, por exemplo, dos “malucos” que tiveram seus materiais apreendidos e retidos pelo poder público municipal de Belo Horizonte, MG, em várias ocasiões. A ponto de originar a produção de um documentário, lançado em 2011, chamado “A criminalização do artista – como se fabricam marginais em nosso país”, produzido pelo Coletivo Beleza da Margem. Movimento esse constituído basicamente por “malucos”. A exposição e venda da artesanaria ocorre como no jogo de uma minoria, que abre espaço diante da arte consagrada maior, do trabalho oficializado, do artesão cadastrado. Nos gritos, sussurros e silêncios de uma ação sempre política e coletiva.

Mesmo nas ações individuais, nos deslocamentos solitários, o isolamento não se configura, isto é, promove-se um esforço coletivo no sentido de criar ou reinventar modos de ação engajados e propulsores do pensamento político contemporâneo.

Cada caso individual é um acontecimento de expressão política. O evento familiar não é mais uma questão particular, na medida em que se liga a outros. Não está mais submetido apenas a esfera do lar ou das instituições ou do Estado, mas ganha depuração, discussão em esferas políticas. Desse modo, estabelece relações para além do individual, ligando-se a outras imbricações sejam elas de ordem jurídica, econômico-monetário, comercial ou burocrática, que acabam retornando e implicando na constituição de valores do individual ou familiar. Sai da tríade edipiana, familiar, nuclear e vai para o campo social, estabelecendo um programa político (DELEUZE; GUATTARI, 1977). Não é mais “um” isolado, individuado, mas é agora, expressão de singularidade, isto é, mais “um” ligado na rede rizomática, na rede de infinitos pontos de conexão, de acesso. Transforma-se em multiplicidade. Não tem início, meio e fim, mas aceita qualquer ponto como porta de acesso inicial e, dali por diante o caminho está aberto para qualquer ponto que se queira seguir (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

A conflitiva emerge para a luz; nada de discutir “sub o solo” como na ordem maior. A discussão ocupa o espaço público, com caráter político; nada de restrito, de ordenado pelo campo instituído das instituições familiares, asilares, prisionais, enfim, das instituições cuidadoras (?), das políticas públicas organizadas sobre o núcleo família. Não é objetivo da arte menor o tumulto passageiro, mas sim, uma ação de potência, em que “provoca nada menos do que uma sentença de vida ou de morte” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26). É como os malucos costumam dizer, jogar-se do alto das pedras para um mergulho, podendo bater a cabeça nas pedras. Ou como em um discurso parresíastico, onde o orador se problematiza; constitui-se como problema para o regime político; desdobra-se em um problema propriamente político e também de técnica; e constitui-se como objeto da prática filosófica. Tudo isso tensionado e equilibrado sobre o fio da navalha. O discurso, o falar a verdade, o falar franco assume o risco de expor a própria vida (FOUCAULT, 2010).

Assim, se convoca o pensador a refletir sobre o que pensar e o que dizer contemporaneamente. E se ressalta o campo de tensão entre os interesses no jogo político e ético do sujeito que exerce uma atitude corajosa quando no uso da palavra de forma livre, mas comprometida em “dizer-a-verdade” com a intenção de desassossegar e modificar as formas de ser dos sujeitos (FOUCAULT, 2010).

Uma arte maior conforma-se aos locais institucionalizados de exposição (feiras, museus, vernissage, etc.) onde o artesão, talvez já elevado à condição de artista, reconhecido ou cadastrado como tal (Sicab – Sistema de Informações Cadastrais do

Artesanato Brasileiro⁵⁶, [BRASIL, 2012]), com hora e data marcados para sua apresentação, exerce na plenitude de sua institucionalização, sua potencialidade criativa. Diferente da arte menor, que transforma em questão política esse enclausuramento da artesanaria. Movido pelo desconforto faz vibrar outros agenciamentos.

Retomando o caso de Minas Gerais, em que os “malucos” são impedidos de confeccionar, expor e vender seu artesanato no espaço público, pois não eram artesãos cadastrados, remontamos outro evento que ocorre como consequência desse, e que funcionou como propulsor do “Coletivo Beleza da Margem”.

Indignado e descontente com a forma repressiva com que a polícia e o poder público municipal (representado pelos fiscais) agiram com os artesãos/“malucos” que expunham na Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte, o fotógrafo Rafael Lage, organiza juntamente com os “malucos” uma exposição de fotografias tiradas deles. Essa exposição tem o propósito de mostrar para a sociedade a riqueza e beleza cultural dos “malucos”. Discute e questiona o padrão de beleza hegemônico, apontando e literalmente retratando para a existência de tantos outros padrões que passamos displicentes cotidianamente, pois estamos acostumados a reproduzir o já estabelecido. A exposição é batizada de “A beleza da margem, à margem da beleza”, inspirada em um aforismo de Lao Tse. Mas a alegria durou pouco, após 4 dias de exposição os fiscais da prefeitura, juntamente com policiais retiram e recolhem todas as telas. A partir desse evento Rafael dá início ao “Coletivo Beleza da Margem” e a produção de documentários sobre os “malucos” e sobre as agressões e violência que eles sofrem, conforme apresentado no capítulo anterior. Ações menores, política e coletivamente organizadas com o intuito de promover a desterritorialização de práticas legitimadas pelo poder público organizado e, que discriminam e segregam parte da população que esse mesmo poder deveria proteger, enquanto dever constitucional (Coletivo Beleza da Margem, 2013).

Quanto mais afastado ou à margem da comunidade (original, frágil) estiver o artesão, isso lhe possibilita expressar outra “comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e uma outra sensibilidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1977,

⁵⁶ Sistema que, em 19 de março de 2012, reconfigura seu modelo cadastral, tornando mais fácil o cadastro dos artesãos-trabalhadores, dando condições e permitindo a emissão da Carteira Nacional do Artesão e da Carteira Nacional do Trabalhador Manual. Este programa é desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic). “A iniciativa reúne informações sobre o artesanato brasileiro para facilitar o desenvolvimento de políticas específicas para o setor. Para receber a carteira, o trabalhador deverá, após efetuar a solicitação junto às Coordenações Estaduais do Artesanato, realizar uma prova prática e mostrar uma peça produzida”.

p. 27), ou seja, passagem de uma condição individual para uma condição de agenciamento coletivo, de multiplicidade coletiva, de multidão.

4.1 A arte e a vida em artesanato-malucos

Segundo Pellejero (2008), a criação de novas zonas de possíveis, no sentido de existência, pode ser pensada pela escrita como um dispositivo de enunciação coletiva, formulando assim, uma experiência de multidão como agente político (Hardt e Negri, 2006).

Tal multidão compõem-se por um cruzamento de diversos, como na noção de vida enquanto ligação rizomática. Aberta, fugidia, inacabada, sempre conectada e deslizando aos modelos de apreensão sobre ela. Conectada e vivenciada, com os malucos, pela produção artesanal, que torna possível o alimento ao corpo e a expressão de sua estética ao existir. Quero dizer, subjetividades inscritas em performar objetos que fazem parte do cuidado de si singularizado e distam-se das modulações massivas preconizadas pelo saber da ciência maior do cuidado ou da arte, tomada enquanto técnica válida. A saúde pensada como literatura, como artesanato ou como um corpo que faz performances. Inventava-se como função fabuladora. Como fez Kafka ao escrever sobre o artista da fome⁵⁷, que passa meses sem ingerir alimentos e mesmo assim se alimentava. Juntavam-se todos para vê-lo: “a cidade inteira se ocupava com o artista da fome; a cada dia de jejum o público aumentava” (Kafka, 2010), mas com a chegada dos grandes espetáculos acabou por ser deixado de lado. Com o passar dos dias ele esqueceu até de si mesmo no interior de sua jaula e se fez um ex-artista da fome. Agora ali morava uma jovem pantera.

Deleuze (2013) aproxima arte, vida e literatura como possibilidades de escrever sob linhas de fuga outros modos de existir, que possam desviar dos modelos já tão acostumados e prescritos de viver. O jejum d’algum artista, que em delírio literário, põe força aos processos de subjetivação que investem em criar uma outra vida: “um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que a arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante”(Deleuze, 2013, p. 16).

A fuga não é covardia, mas um exercício de ruptura e tensionamento aos modelos, buscando outros modos de experimentar a vida. Buscando na vida maluca a possibilidade de ser “um outro”, distinto do cidadão respeitável que ganha quatro mil

⁵⁷ Kafka, F. Um artista da fome. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

cruzeiros por mês, da música de Raul⁵⁸. “Fugir, não é de todo renunciar às acções, não há nada mais activo do que uma fuga. (...)Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobrem mundos através de uma longa fuga quebrada” (Deleuze e Parnet, 2004, p. 51).

Fumar maconha em praça pública em frente ao policial; resistir ou retornar sempre e incessantemente ao local de onde foram retirados a força e tiveram seus pertences roubados pelo poder público, é afirmar a potência do fugir do modelo proposto pelo Aparelho de Estado. A fuga proposta pelos malucos, é afirmação de vida, potência artística em forma de artesanato. Movimento que bota lenha na fogueira interminável de reconstituição do fazer viver pela diferença em rivalidade com o fazer viver homogeneizante da biopolítica. Seu artesanato é arte que rompe com o convencionalmente reconhecido como produto artístico, igualmente com o local de exposição. Permuta o museu e teatro pelo pano estendido na praça pública e pelo “entre” as margens das sinaleiras em vermelho. Constitui um novo território para a experimentação da arte, que “sem abrir mão do carácter material e sensível da arte, vem procurando pensar o sensível e claro o próprio sentido do que seja fazer arte através da instauração de obras cuja dinâmica põem em questão os limites do artístico” (Pimentel, 2015, p. 542).

Deleuze e Parnet (2004) nos auxiliam neste processo descrevendo o paradoxo da fuga que reúne vida e arte:

O grande erro, o único erro, seria pensar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga no imaginário ou na arte. Mas fugir é, pelo contrário, produzir o real, criar vida, encontrar uma arma. Em geral, é num mesmo falso movimento que a vida é reduzida a algo de pessoal e que a obra é suposta encontrar o seu fim em si própria, seja como obra total, seja como obra em vias de se fazer, e que reenvia sempre para uma escrita da escrita (p. 64-65)

Fugir enquanto criação de linhas de fuga inscreve-se em devir. A escrita fabulatória, ficcional tem por efeito a produção de uma zona de indiscernibilidade entre real e ficcional que devêm-menor, ou seja, no processo de escrita, como (junto a) um homem burocratizado do escritório (Gregor Sansa de Metamorfose, Kafka) que devêm-animal a céu aberto; um agricultor que devêm-guerrilheiro na selva; um índio que devêm-nômade no deserto (Pellejero, 2008). Diz dos processos de transformação que afectam os corpos. Suas conexões produzem efeitos sobre eles, o que implica em novas organizações. Questiona o modelo primeiro e implica em produção de algo-outro, não

⁵⁸ Ouro de tolo. Raul Seixas.

necessariamente em adquirir a forma do outro, mas, a partir do encontro com o diferente, reinscrever-se. Uma transformação singular de cada corpo (Alvarenga, 2012).

Encontramos no sedentário, aquele sujeito que busca por segurança, isto é, efetiva a retenção da potência expansiva da vida através da estabilização de seu movimento; o avesso do nômade, que por atividade, mesmo que parado está sempre compondo com o movimento, sempre em fuga. Ativa uma contínua e constante metamorfose de si, numa experiência artística, muitas vezes, sem nome (Fuganti, 2008).

Fuganti (2008), retomando algumas idéias de Espinosa sobre o corpo, nos faz pensar sobre a capacidade de afetar que permeia os corpos. Não apenas biológico (corpo carne, objeto), mas também o corpo imaterial (corpo idéia, afeto). Desta forma os corpos se afetam mutuamente, produzindo efeitos sobre si e sobre o outro, sejam eles, efeitos tristes ou alegres. Tristes porque seu encontro desagrega, destrói, diminui a potência de um ou de ambos os corpos envolvidos. E alegres porque compõem conjuntamente com o outro, potencializam-se, aumentam suas forças.

Tal transformação dos corpos, pensada como transformação recíproca entre os envolvidos, pode ser entendida como a descrição do acontecimento. Não como constitutivo dos corpos, mas como atributo deles. Surge no/do contato dos corpos, como um incorporal que se evidencia na processualidade das modificações sucedidas apenas nos instantes em que o encontro for mantido (Alvarenga, 2012). Nele vemos potenciar ou despotenciar os corpos. Em nosso romance tentamos demonstrar algumas experiências de malucos como acontecimento. Trazer através da escrita a incorporeidade do acontecimento, os processos de transformações que passam pela dimensão corporal, mas sem fixar-se no corpo-carne, ou seja, não é do corpo, enquanto propriedade constitutiva, mas atravessa os corpos enquanto relação entre. Uma vida-acontecimento, uma insistente busca em criar possibilidades de conexões e de transformações.

Seguindo essas conexões, Deleuze e Guattari (1997) nos ajudam a perceber a arte como um exercício do pensar. Uma proposição de atividade ao pensamento. Uma criação que se faz pelo enfrentamento ao caos, pelo pensamento questionador, não vinculada à razão mas às sensações compostas (arte, filosofia, ciência), à “criação de um finito que restitua o infinito” (p.253), sempre em um plano de composição, tomando o pensamento como heterogêneo. É como um mergulho no caos, em sua profundidade, estar todo tomado pelo caos, mas no regresso, na busca pela saída do caos, o artista volta trazendo em suas mãos variedades. Estas não guardam mais com o órgão sensível uma

relação de cópia ou reprodução, “mas erigem um ser do sensível, um ser da sensação, sobre um plano de composição, anorgânica, capaz de restituir o infinito” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 260). O estado de tensão ou o evento catastrófico vivido, deixa impressão, desenho, marca sobre a produção, isto é, o artista carrega na tinta e marca na superfície de inscrição de sua arte (tela, argila, madeira, ferro, couro, osso, etc) sua experiência de retorno do caos. Como se saltasse do espaço do caos até o espaço da obra, não sem ser afetado pelo acontecimento desse encontro. No filme “Na natureza selvagem”, tal inscrição é feita no couro, no cinto que constitui-se pelo agenciamento faca-couro ou couro-faca e imprime marcações (forma de desenhos) da experiência traduzida pelo artista de seu retorno do caos. Na escritura do artesanato dos malucos vemos o caos, enquanto multiplicidade, traçar possibilidades criando conjuntos sensíveis às peças, ou seja, formando blocos de sensações (perceptos e afectos). “A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si, embora, de fato, não dure mais que seu suporte e seus materiais” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 213).

A arte, produção que conserva, que ostenta, que serve de monumento e de ruptura questionadora aos elementos do real, constrói com/através dele, pelos atos do artista, que extrai das percepções e afecções os perceptos e afectos, caminhos disruptivos em rotas de fuga. Um fazer que acaba por conservar em forma de arte processos percepto-afetivos. De certa forma, poderíamos dizer que a arte, tem como condição a capacidade de eternizar algo que está em processo. O mantém vivo através de arranjos sensíveis. Podemos referir que a escrita do romance de maluco, enquanto obra literária, carrega em si a condição de que quando lido, convoca todo o processo percepto-afectivo envolvido com a construção do romance, a um novo encontro com seu leitor. Este, experimenta a cada novo contato, a qualidade de extrusão na atualização da escrita como exercício de pensamento, o que confere um caráter de abertura à arte.

Em toda arte, em todo fazer arte, “o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele nos dá para nós e nos faz transformarmos com eles, ele nos apanha no composto” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 227).

Novos agenciamentos e procedimentos criativos se tornam possíveis pela característica ruptiva ao exercício de pensamento que carrega todo o fazer da arte, seja pelas mão do consagrado artista (referência do espaço poético e normativo) ou do artesão (troca livre e heterogênea), o que está em questão é a potência de singularização

que ela convoca a cada novo encontro (Pimentel, 2015). Este novo espaço produz também um novo leitor, visto que a arte, tem inúmeras entradas e saídas, configurando seu leitor sempre como um processo em construção (Alvarenga, 2012). Aos perceptos e afectos (monumento) advém a “fabulação; ao modelo do verdadeiro a potência do falso; à história, por fim, o devir. E não se trata, como assinala Deleuze, de uma fantasia edipiana, mas de um verdadeiro programa político. (PELLEJERO, 2008, p.75)

Animalizar, mulherizar, criancizar, fazer-se maluco, um desvio da norma, uma afronta ao processo de normalização, uma escolha pela diferença e um desafio ao artista em manter-se de pé sozinho. Para tamanha façanha faz-se importante como em uma cartografia antrofaizar e agir por “inverossimilhança geométrica, imperfeição física, anomalia orgânica, do ponto de vista de um modelo suposto, do ponto de vista das percepções e afecções vividas; mas estes erros sublimes acedem à necessidade da arte, são os meios interiores de manter de pé (ou sentado, ou deitado)” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 214).

Tal potência é inerente à arte e a vida, onde a criação é sempre múltipla possibilidade de constituição de zonas de indeterminação, ou melhor, de espaços onde “turbilhonam os vivos e só a arte pode atingi-la e penetrá-la, em sua empresa de co-criação” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 225). A própria arte vive destas indeterminações, pulsante em tal zona, vive um desvario criativo, do qual, não temos ingerência e nem pretensão de controle. A fabulação anda nesta zona de indiscernibilidade, realizando agenciamentos novos, arriscando novas formas de viver, usando da força da expressão, conforme o que nos apresenta Pellejero (2008) sobre o problema da expressão política, no caso de Kafka, quando da impossibilidade de não escrever, da impossibilidade de escrever em alemão, subvertendo a ordem a partir de um fazer menor (Deleuze, 2014).

A tensão do ato criativo advém de um conjunto de impossibilidades. É nessa zona nebulosa da indiscernibilidade, do indeterminado que o artista escritor inventa, não pela memória, nem pelas histórias pessoais vividas (amores, temores, perdas), pois isso implicaria em uma redução, simplificação do processo criativo; mas pelo campo de suas intrínsecas impossibilidades, pelos devires ou potências, isto é, pela invenção de um povo por vir. “É um povo menor (...) Talvez ele só exista nos átomos do escritor, povo bastardo, inferior, sempre em devir, sempre inacabado” (Deleuze, 2013, p. 15). São as impossibilidades que agarram o criador e nelas ou sobre elas que ele cria seus possíveis. Diferente disto, ou seja, um criador ausente de impossibilidades que o constituam, fica ele, impossibilitado de produzir linhas de fuga, isto é, lhe falta a “potência do falso que

constitui a verdade. É preciso escrever líquido ou gasoso, justamente porque a percepção e a opinião ordinárias são sólidas, geométricas” (Deleuze, 1997, p. 171).

São nessas impossibilidades que a escrita e a fabulação se diferenciam dos modelos de contar histórias, ou melhor, das histórias factuais, de descrição de um evento material. Pois estas não dispõem de linhas de fuga, estão amarradas a fatos e a dureza que a estabilização do fato lhes imprime. Mas a máquina de expressão fabulatória, extrapola o fato, se antecipa ao momento histórico que esteja em questão, fazendo com que o leitor/escritor enverede por um túnel, um buraco, uma pequenina porta como a que Alice, de Lewis Carroll passou, e se descubra em um espaço de não-senso em que seja possível um “brilho sem espada, como um sorriso sem gato” (Deleuze, 2013, p. 35), um universo inteiro a sua disposição que potencialmente se consolide em uma terra por vir. Este lugar, segundo Pellejero (2008), espaço ou território a partir do qual produz agitação e deslocamento próprios à expressão, possibilita uma reorganização e reestruturação do territórios pelos quais o sujeito transita ou habita intempestivamente. Assim a máquina literária atua por antecipação, pois é a única que atende as condições de um coletivo de enunciação. Desvanece o sujeito e performam apenas agenciamentos coletivos de enunciação através da literatura (Deleuze e Guattari, 2014).

Se não a história pessoal que é convocada para a escrita, e sim, as impossibilidades como forma de criar um possível texto, vale fazer-se devir. Devir-alguma-coisa e nesta logo se encadearão outros devires. Para tal menos vale interpretar e mais experimentar, conduzir-se a novos agenciamentos (Deleuze e Parnet, 2004). Os malucos falam em encontros intuitivos. Eles devêm-outro que a eles se agencia. Todo seu fazer artesanal, desde o aprendizado até o feitiço final depende do agenciamento que realizam enquanto experimentação com os objetos materiais e com os companheiros que encontram pelo percurso, seja na pedra de maluco ou nas rotas de passagem. O artista, seja ele escritor, escultor, músico, entre outros, “inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que foram inventados, faz passar uma multiplicidade através de outra” (Deleuze e Parnet, 2004, p. 70), tenta processos que são coletivos de produção com o outro.

De acordo com a discussão feita por Pimentel (2015), baseada em Deleuze e Foucault, o processo de subjetivação artista, é compreendido como um processo que torna possível executar uma dobra sobre a linha do Fora. Tal movimento cria condições de possibilidade para que a linha do Fora seja respirável, isto é, torna a linha do fora

uma linha de expressão de vida, que possibilita a invenção de outros jeitos de existir e de se pensar a vida. “De um processo que só é possível quando experimentamos sair de nós mesmos, nos lançarmos em direção ao Fora, ao não-eu para assim operarmos uma dobra permitindo que uma nova subjetividade se constitua” (p. 545). Neste sentido que caminha a proposição deleziana sobre a função fabulatória, ou seja, constituir processos de agenciamento entre o eu e o eu-outro. Uma abertura de si em direção ao outro de si mesmo. Em outras palavras é o estabelecimento da zona de indiscernibilidade entre o ficcional e o não ficcional, entre o fabulatório e o real. Movimento somente possível quando feito na direção do não ficcional, isto é, deve ocorrer a construção da produção textual a partir de um espaço ficcional, desde que este se reporte e estabeleça íntima ligação com o espaço não ficcional. É o não artístico performando-se em arte. O mesmo acontece com a distinção entre arte moderna e arte contemporânea. Neste sentido, Pimentel (2015) afirma que quando a arte moderna rompe com a normatividade que assinalou a especificidade para cada um dos diferentes períodos históricos artísticos no transcorrer histórico ocidental, tal movimento criou condições para que se pudesse ver e experimentar o Fora, dimensão impessoal e a-subjetiva. Assim sendo, a arte contemporânea não mais colocou tal dimensão como problemática e perdeu-se o sentido de busca e apreensão sobre esta “terceira dimensão visível, mas dobrável, ou seja, fez do Fora uma força de constituição de novas e potentes subjetividades ou , para sermos mais precisos de territórios subjetivos”(p. 545).

Fabular não é um processo ilusório ou utópico, no entanto configura-se como a possibilidade de atingir um campo de transformação que por meio da expressão, a depender de conjunturas históricas e de seus engendramentos, que possam fazer aparecer as mudanças que eram tidas como impossíveis. Ainda segundo Pellejero (2008):

Não se fabula uma verdade política universal, mas apenas uma estratégia singular não totalizável. Fabular não responde à necessidade de integrar todas as culturas, todas as formas de subjetividade e todas as línguas num devir comum, mas apenas à necessidade estratégica de salvar da alienação uma cultura, para permitir o florescimento de uma subjetividade, para arrancar do silêncio uma língua. Não é uma solução para tudo nem para todos (e esta é a sua debilidade), mas pode ser o único para alguns (e está é a sua potência). Não a arte (técnica) do possível, mas a arte (transformação) do impossível (p.73)

Os “malucos” são composição de arte, vestimenta, língua, cultura, entre outras coisas. Afirmam em sua existência linhas de forças reunidas, esticadas e comprimidas. Misto de tensão e alívio, constituídos de variantes dos mais diferenciados estilos e

padrões. Produzindo desconforto, estranheza, indignação. Sussurrando em tom menor uma problematização da vida, das práticas e dos modos de vivê-las.

Vamos à experimentação-outra... vamos ao risco, atiremonos ao acontecimento, à escrita-romance...

5. ROMANCE DE MALUCO

Ainda era cedo. Lá fora, o sol não tinha se mostrado. Escuro e um pouco frio. O único som que se ouvia era do vento. Um som baixinho e que se fazia notar apenas pela conversa que as folhas estabeleciam entre elas ao sabor do toque do vento. Seu balanço acenava para o novo dia.

Dentro da toca, um buraco feito em um monturo de terra e grama, um corpo estendido. Um corpo em seu tranquilo descanso. Os ossos perfeitamente acomodados sobre a terra já lisa de tanto ser usada como cama. Toca, pequena, estreita, aquecida facilmente pelo calor do corpo.

Sai da toca um corpo magro, cabeludo e barbudo. Usando roupas surradas. Uma calça creme, com muitas marcas de desgaste, rasgos, furos e muito suja. De creme restava pouco, pois o que mais se via era o marrom da terra e da sujeira. Uma camiseta de uma banda de rock e uma gandola⁵⁹, também já bastante surrada e suja. Provavelmente essa peça já havia participado de muitas instruções militares de campo e apelidada como “farda de ralo”. Com o intenso desgaste, foi descartada e encontrada em alguma lixeira ou instituição de doação.

O corpo se estica em todas as direções. Tentando retirar a preguiça construída ao longo da noite. Braços elevados ao céu, à terra e aos extremos oceânicos Pacífico e Atlântico. O rosto se franze por inteiro e como que de sobressalto, impulsionado pelos pulmões e passando pelo tracto orofaríngeo, ouvimos passar pela boca um urro: AAAHHHHHHMMmm; seguido de um grito: BOM DIA, DIA!!! O som ganha força e se perde na imensidão de campo, de plantações. Nada de prédios, construções ou barreiras. O grito ganha o máximo de espaço, de expansão e, responde ajudado pelo

⁵⁹ Gandola é o nome de peça de vestuário de uniforme (farda) militar utilizada na parte superior do corpo. Tal peça é constituída por fechamento por botões, alça de ombreiras, bolsos característicos de corte militar e cores padrão da instituição.

ECO, que retorna como vibração ao corpo: DIA, DIa, Dia, dia, di, d, ... e se perde, levado pelo vento e silenciado pelos primeiros raios de sol do amanhecer.

Com o sol, a sombra, chamada por ele. Ela se apresenta como parceira de caminhada. Como se dissesse, “vou junto contigo. Do teu lado”. Um corpo suportando o outro por lateralidade, tocado unicamente pelo fio da extensão da existência. Não é o chão ou a terra que nos liga, porque quando teu pé se eleva do solo ainda assim me projeto. Nossa ligação é mais que o toque físico de um corpo e uma sombra. É um toque coletivo, um agenciamento que só é possível entre, corpo, ar, sombra, sol e anteparo de recepção da luz. Ora a estrada, o chão, a terra; ora a parede, o muro. Por vezes o rio, o lago ou a poça d’água que também serve de espelho. Por fim o infinito, pois meu olhar já não alcança mais.

O corpo, suportado pela sombra e, agora, em uma relação de acoplamento com um pedaço de madeira: cava! Cava cova rasa. O suficiente para resgatar uma garrafa d’água que ficou refrescando-se com as notas do subsolo. Notas mais baixas, de temperaturas menores que garantiram a possibilidade de um fresco gole para o interior do corpo. E para o exterior..., um susto no rosto, causando o desenlace rosto-remela, depois de uma noite de tanto se pegar.

“Bóra”..., juntar as coisas, que de tantas, cabem na solitária mochila. A garrafa d’água, uma manta leve, um alicate, arame, miçangas. Já é! O sol despontando no horizonte e, o escuro da noite fugindo tão rápido quanto o sol aparece. A sombra ficando mais forte e sempre junto do corpo. Traz consigo outras. Um mundo de sombras começa a aparecer com o sol. Sombras com nome: sombra da caixa d’água da CORSAN; sombra do muro da casa grande; sombra do poste de luz da CEEE da terceira quadra antes da rótula; e sombras com apelido: sombra da casa velha assombrada; sombra da vaca que pasta. Muitas eram as sombras que acompanhavam o corpo. Sombra daquilo ali, sombra daquilo lá. Sombras, corpos e objetos, todos na estrada.

A estrada de chão batido era por onde a caminhada do corpo se iniciava, nesta manhã. Soprava uma poeira fina que o vento se encarregava de manter no ar. As vezes parece que o vento se zangava, a razão não se sabe, mas soprava mais forte. Fazia com que as coisas que estivessem soltas na estrada, voassem. A poeira fina então se aproveitava e, fazia um contato mais intenso com o corpo, entrava no olho do corpo.

Um novo agenciamento nascia: poeira-olho-corpo. Não durava muito, pois a mão do corpo, do olho lhe colhia e ao vento lhe devolvia... ali ela se perdia.

Um tênis, já idoso, com muita história, protegia o pé do corpo na caminhada. Um pé, calejado, de solado grosso, com rachaduras no calcanhar, algumas bolhas na ponta dos dedos, mas com ímpeto de aventura pouco visto. Um pé para qualquer terreno. Entrava na lama, no charco, na grama, na terra, na água, até cerca pulava. Corria e caminhava, por vezes parava. Precisava parar. Se recompor. Se desconectar do tênis, que mesmo sendo seu fiel escudeiro, as vezes lhe mordida e, bolha fazia. Um percurso de conectar e desconectar. Se ligar e se desligar. E isso não ocorria só com o tênis, mas com todos que com o corpo algum contato estabeleciam. Calça-perna; camisa-peito; boné-cabeça. Até a sombra, em certos momentos sumia sem dar aviso. Logo retornava, sem dizer por onde andou, com quem mais se agenciou. Nada. Um silêncio sepulcral. Mas isso não era questão para o corpo, pois reconhecia a importância de cada aproximação e afastamento de todos que a ele se agenciavam.

O corpo era um cara aberto, sem muita organização ou burocracia sobre seu ser, seu existir e viver.

Talvez naquela manhã sua inspiração fosse Forrest Gump. Só queria andar!

Naquele dia, sem nenhum motivo, decidi dar uma corridinha. Corri até o fim da estrada, e quando cheguei lá... resolvi atravessar a cidade. E quando cheguei lá, resolvi atravessar o condado de Greenbow. E já que tinha ido até lá, resolvi atravessar o Estado do Alabama correndo. Sem nenhum motivo, e seguí em frente. Corri até chegar no oceano. E quando cheguei lá, já que tinha ido tão longe resolvi voltar e continuar. E ao chegar no outro oceano, já que tinha ido tão longe... resolvi dar meia volta e continuar correndo. Quando eu ficava cansado, dormia. Quando tinha fome, comia. E quando precisava ir...Bom, sabe... eu ia. Então você só corria? Sim! Eu pensava muito. Eu só pensava. Há mais de 2 anos, Forrest Gump, um jardineiro de Greenbow vem correndo pelos EUA parando somente para dormir. Porque esta correndo? Faz isso pela paz mundial? Faz isso pelos direitos das mulheres? Pelos desabrigados? Pelo meio-ambiente? Pelos animais? Eles não acreditavam que alguém corresse tanto sem motivo. Só tive vontade de correr. Por alguma razão, aquilo fazia sentido para algumas pessoas. E assim, eu arrumei companhia. E muitas pessoas começaram a me seguir.⁶⁰

Com a mochila nas costas e os pés protegidos pelo velho tênis, o corpo se pôs a andar. Um caminhar sem marcha única e de roteiro indefinido. Queria chegar ao

⁶⁰ Transcrição de um trecho do filme Forrest Gump: O Contador de Histórias, é um filme norte-americano de 1994, dirigido por Robert Zemeckis, baseado no romance homônimo de 1986 escrito por Winston Groom. A história atravessa várias décadas na vida do personagem central, Forrest Gump, um homem simples do Alabma que viaja ao redor do mundo, encontra figuras históricas, influencia a cultura popular e é testemunha de alguns dos eventos históricos mais notórios da segunda metade do século XX.

nordeste, mas deixava ao caminho e aos agenciamentos que pudessem ocorrer neste trajeto, a produção dessa rota.

Durante a caminhada muitos pensamentos tomavam o corpo. Um deles foi sobre a definição que os outros atribuíam ao seu caminhar. O corpo só tinha se proposto a caminhar. Mas como no filme, as pessoas inventavam inúmeras explicações, razões para justificar um caminhar sem um objetivo concreto. Quer dizer, concreto tinha, pois caminhava. Mas o que queriam era que tivesse algo mais. Precisavam de uma justificativa. Um corpo não caminha só para caminhar. Seria então pra exercitar-se, ganhar vigor, tornar-se corpo esbelto, forte, desejável ao olhar do outro? Ao pensar isso, o rosto do corpo ria, as vezes gargalhava e mostrava uma boca não tão cheia de dentes. Nisso o pensamento contestava: mas o corpo é franzino. E, se fosse isso, poderia dar a volta na quadra. Caminhar em torno do Parque da Redenção em Porto Alegre, ou melhor, a “lo largo” do Guaíba. Mas não! O corpo cruzou em muito essa distância. Vários quilômetros percorridos. Fez agenciamentos múltiplos com vários tênis experientes em caminhadas. Com eles aprendeu muito. Já acumulava milhas, que não tinham valor de troca por passagens aéreas ou outros bens de consumo. Mas que lhe valiam muitas histórias para trocar, contar.

As questões continuam a pulular a cabeça do corpo. Por que andas corpo? Há que ter uma razão para andar? E o que é esse andar? Implica deslocamento físico? Como seria um deslocamento que não fosse físico? Poderia ser um deslocamento subjetivo? Poderia ser um deslocamento que não implicasse interioridade?

Mas, ao mesmo tempo, o corpo pensava.

– Eu simplesmente comecei a andar e a conectar um caminho em outro. Fazer ligações ao acaso. Bem..., talvez não tão ao acaso, mas agora o acaso me serve.

E aqui está, a andar.

Por quais caminhos passou? Usou o caminho da direita ou da esquerda? Isso não lhe era questão. O importante, naquele momento, era não criar raízes, não fixar-se em um único ponto. Caminhar estava lhe despindo, ou melhor, lhe constituindo enquanto metamorfose. Uma transformação subjetiva e física. Fazer-se outro corpo. Assim como a bolha faz caminhar diferente, seja para evitar a dor, o corpo se reorganiza e produz outra forma de andar, o que implica em se pensar a partir desta modificação. Um cão de três pernas, se faz diferente estética, mecânica, conceitual e experencialmente. A

literatura, enquanto experiência potencialmente transformadora, pode fazer do corpo um outro corpo. A leitura de Kafka, Dostoiévski, Calvino, Saramago, Gabriel García Márques, Maupassant, Sade, entre muitos outros, em sua dimensão ética, compõe/elabora um campo potente para agenciamentos de experiências problematizadoras, que possibilitam ultrapassar as bordas/fronteiras de si e do mundo, ou seja, constitui uma abertura ao desconhecido e convoca à invenção de si. Assim, a leitura de literatura é tomada como produção de subjetividade que nos move e nos faz pensar (Cabral e Kastrup, 2009).

Que livros te acompanham, corpo? Que Calvinos e Kafkas te ajudam na produção de itinerários, rotas, percursos? Que personagens te inventam, ou te reinventam na jornada? Seria Gurdulu⁶¹ e sua vida desterritorializada(zante)? Possivelmente alguns não o leriam assim, mas com a nosologia psiquiátrica embaixo do braço diriam: esquizofrênico! Ou teria Gregor Samsa⁶² com seu devir-animal te mostrado que o impensável é só o virtual do acontecimento? Talvez o mistério das joias da moça que ganhou o coração do Sr. Lantin⁶³? Quiçá Dmitri⁶⁴ ou algum outro Karamazov? Ou então, provavelmente, a virtuosa Justine⁶⁵ que enfrenta os infortúnios e perversões da sociedade hipócrita, sem nunca esmorecer de sua fé? Enfim, não importa quem, mas como tens usado da potência da literatura para uma leitura que te faz devir-outro-corpo. O que é possível reter destes processos? Talvez, os modos de pensar que se criaram em cada proposta.

Assim, as opções/suposições para o andar do corpo eram muitas e ganharam inúmeras variações. Das mais simplistas as mais estapafúrdias. Verdades contadas e construídas pelas ficções pessoais ou dos grupos.

Alguns diziam ser uma cruzada mística, religiosa. Interessante o quão forte é o fator religioso que inúmeras vezes é tomado como uma explicação plausível e racional para aquilo que não entendemos, ou não conseguimos explicar racionalmente. Para o ilógico, a “explicação racional” do divino ou do saber médico. Para o doente que pede

⁶¹ Calvino, I. O cavaleiro inexistente. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶² Kafka, F. A metamorfose. Porto Alegre: L&PM, 2001.

⁶³ Maupassant, G. As jóias. In: Contos escolhidos, de Guy de Maupassant. D. Quixote, 2011.

⁶⁴ Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2009.

⁶⁵ Sade, M. Justine o los infortúnios de la virtud. Librodot.com; Edición: El Divino Marqués. s/a. (<http://www.sade.iwebland.com>).

atenção, cuidado e diálogo: o remédio⁶⁶ que faz simbiose com a carne e apaga a dor de estar vivo. Para o sofrimento psíquico que quer habitar a cidade: o choque do tratamento prescritivo e hierarquizado no hospital psiquiátrico. Para o “sujeito feito de” escravo que clama por seu povo: a medida da alforria em terra estrangeira. Para o negro que pede por justiça pela sua história: a meritocracia do mercado neoliberal. Para a mestiçagem que não quer ter cor: a história, a ensaística da interpretação de um Brasil na narrativa de Casa Grande e Senzala⁶⁷. Para o maluco que quer transitar pela BR: o “melhoramento” de suas vidas pelas políticas sociais, pelos consultórios na rua⁶⁸. Todos com seu par explicativo, por vezes curativo.

O corpo que só se chamava corpo, não queria nome, nem as opções que se tornam sempre prisões de uma escolha dicotômica. Ou se é, ou não se é. Ou não se é o que se é; ou se é o que não se é. Entre a identidade fixa de ser e não ser, preferiu a maluques. Um maluco errante. Não por falta de opção, mas também; não por ser ex-presidiário, mas também; não por usar drogas, mas também; um corpo coletivo que expressa múltiplas variações. Não um corpo, mas vários corpos contados pela história de um percurso.

Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real

Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza

E esse caminho
Que eu mesmo escolhi
É tão fácil seguir
Por não ter onde ir

⁶⁶ Caponi, S. [et al.] (Org.). Medicalização da vida como estratégia biopolítica. São Paulo, SP: LiberArs, 2013.

⁶⁷ Freyre, G. Casa Grande e Senzala. São Paulo: Global Editora, 2006.

⁶⁸ O Consultório na Rua foi instituído pela Política Nacional de Atenção Básica, em 2011, e visa a ampliar o acesso da população de rua aos serviços de saúde, ofertando, de maneira mais oportuna, atenção integral à saúde para esse grupo populacional, o qual se encontra em condições de vulnerabilidade e com os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados. http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_consultorio_ua.php

Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez⁶⁹

O corpo, agora maluco, é qualquer coisa, é qualidade ou defeito. Já nasce ou se torna? Nenhum nem outro, mas pode. Pode nascer na estrada ou pode entrar a qualquer momento, em qualquer ponto na BR. A não lucidez permite a insensatez, que se expressa em poder-fazer aquilo que alguns chamam de impossível. Neste instante, de devaneios e pensamento solto, tomado por divagações, o corpo lembrou de uma leitura⁷⁰ que fez de um texto que não lembra o nome. Mas lembra do que o texto fez pensar. Contava de um evento, uma intervenção dentro de um hospital psiquiátrico. Tinha como objetivo terapêutico que se misturassem os loucos e os doutores, os doentes e os letrados, uma miscigenação dentro dos muros maiores hospitalares. Acordaram que naqueles dias não usariam roupas que distinguissem a posição de cada um. Médicos e enfermeiros não usariam jaleco branco. E loucos não usariam roupas de internos, mas todos usariam roupas que se usam pelas ruas, sem marcas institucionais. Acordaram também que todos participariam no planejamento, execução e avaliação de todas as atividades. E que se tratariam pelos nomes, sem deixar que sua posição profissional fosse maior que a relação ali estabelecida. Mas não foi isso que marcou o corpo. Conto isto apenas para contextualizar. O que se destacou da leitura foi uma passagem em que conta que uma psicóloga faz uma interpretação de um usuário e no mesmo instante este passa-lhe a mão na bunda dizendo: se você pode se utilizar do teu saber técnico, eu também posso me utilizar do meu saber louco. Se é legítima tua interpretação, também é legítima minha loucura e, se sou louco, de mim tudo pode se esperar, até passar-te a mão nas nádegas.

Tal passagem teve um efeito potente sobre o corpo. Lhe ocorreu que a insensatez, nada tinha a ver com irracionalidade, mas com poder fazer diferente daquilo que é prescrito como aceitável por convenção social. E fazer o não convencional, significava para o corpo, criar movimentos diferentes, poder se experimentar de outras formas de viver. Ir atrás de algo que fizesse sentido para ele, pois o que estava acostumado a aprender não estava mais fazendo sentido.

Outro acontecimento reforçou esta ideia e o impulsionou para a estrada.

⁶⁹ Maluco Beleza. Raul Seixas.

⁷⁰ Moffatt, A. La comunidad popular Peña Carlos Gardel. In: Psicoterapia Del Oprimido: ideologia y técnica de la psiquiatria popular. Buenos Aires, Argentina: Editorial Libreria ECRO, 1975.

“Tudo” aconteceu em um dia nublado, cinza. Era tempo pré-temporal. O vento soprava como naqueles dias em que está mais faceiro, que sopra com gosto, com vontade de fazer a poeira subir. Mas naquele dia a intensidade era ainda maior, pois fazia as árvores se dobrarem. O corpo, na época com 20 anos, sentado em uma praça, observava as coisas voarem, os papelões pareciam tapetes voadores. Ali parado, só observando a tempestade que se formava. Com o olhar perdido ao longe. Olhar que logo é capturado por uma bolinha de papel que dança de um lado para o outro, embalada pelo vento. Rola pela praça como se dela fosse dona ou, como criança pequena solta a fazer pirraça. Rola por baixo dos bancos, por vezes os salta. Aprecia os monumentos históricos. Brinca na caixa de areia, nos balanços e nesse vai e vem esbarra no pé do corpo. Pega e desembrulha, numa curiosidade para saber o que a bolinha tinha a anunciar. No rolo aberto da não-mais-bolinha lê: “Loucos abrem caminhos que mais tarde serão percorridos por sábios. Jean-Paul Sartre”. Sintonia é o que o corpo sentiu ao ler a frase. Muitas vezes fora chamado de louco. Quando abandonou uma possível carreira militar; quando largou um cargo público; quando deixou a faculdade.

- Me chamaram de louco quando eu peguei a estrada. Mas eu não me sentia louco. Eu achava que o mundo estava louco ao me ofertar uma vida medíocre: desigualdades, privilégios, conforto, garantias, estabilidades.

Nada disso fazia sentido para o corpo. Como ele costumava dizer: “Tudo é ilusório. É só consumo descartável”. O que o corpo buscava era sabor, cheiros, sensações. Pra isso acontecer, achava que precisava tirar tudo, se despir dos conceitos que o constituíam até o momento. “(...) [N]um gesto que deixaria Thoreau e Tolstói orgulhosos, empilhou todas as suas cédulas de dinheiro na areia e tocou fogo. Cento e vinte e três dólares em dinheiro legal foram prontamente reduzidos a cinza e fumaça” (Krakauer, 2013, p. 40).

Partir atrás de um sentido que ele nem sabia que existia, agora era sua meta. Esse mergulho fez o mundo ficar interessantíssimo, porque ele estava andando por lugares que nem sabia que existia, que nunca tinha percorrido. Alguns por medo, pois sempre havia vivido dentro do casulo da segurança e qualquer passo ao desconhecido era motivo para não fazer. Sem trabalho, sem casa, não tinha nada. Precisava aprender. Então começou a aprender. Entendia que lhe faltava periferia. Aproximou-se dos mais pobres, e descobriu outra sabedoria. Uma sabedoria diferente da que estava acostumado. Dizia ser um saber intuitivo. Um saber que exigia humildade para compreender.

Afastava-se de seu sentimento condicionado de superioridade. Entendia que a universidade ou a posição social elevada não o tornava pessoa superior a outra, apenas lhe distinguia economicamente. Humildade como campo fértil para aprender.

Ouviu histórias, escutou modos de fazer, aprendeu artesanato e começou a sentir a necessidade de falar. Então tomou o artesanato como forma de comunicar. Começou fazendo pulseiras com pequenas frases que lhe surgiam à cabeça. Material era fio, lã, couro e metal. Aprendeu a escrever em grão de arroz. Suelem, maluca de BR, conheceu na estrada e o ensinou uma escrita micro. Escrevia o nome das pessoas. Também palavras que faziam sentido em sua vida. Chegou a escrever até frases em um único grão de arroz. Entendia que era uma maneira de trocar com as pessoas pelas quais passava. Assim como a bola de papel que lhe chegou e provocou uma intensa experiência, acreditava que pela arte também atingiria outras pessoas. Naquela época tinha uma sede por transformação social. Queria transformar o mundo.

- Um rebelde, revolucionário!!! Alguns diziam quando falava sobre seus ideais. E ele respondia:

- Eu não sou rebelde, eu não me rebelei. Só que o que a sociedade me ofereceu eu não gostei, não me satisfiz. Então fui atrás do que eu queria. Só que ainda não sabia do que eu estava atrás. Mas tinha clareza do que não queria. E o que estavam me oferecendo eu não queria.

A ruptura não precisa ser violenta. Na verdade nem precisa ter ruptura. Entendia que a revolução era ele mesmo. Ele por ele mesmo. Buscar ter prazer em viver já seria um movimento revolucionário. Não aceitar um trabalho que fosse puro sacrifício, já seria revolucionário. Conseguir criar seus valores também seria super revolucionário. Não necessitava quebrar tudo, chutar o pau da barraca. Bastava não se submeter, ou parar de se submeter ao que lhe era imposto. Mas como fazer isto? A universidade ensina teorias, a periferia ensina vivências. Seria isto? Buscava na convivência com a pobreza e no questionamento aos hábitos de consumo uma saída para sua inquietação. Tentava como diria Castro (2009)⁷¹, arrancar-se de si mesmo, dissolver-se, fazer-se outra coisa. Um empreendimento de dessubjetivação.

Há dois anos ele caminha pelo mundo. Sem telefone, piscina, carros... A liberdade máxima. Um extremista. Um viajante esteta... cujo lar é a estrada. E

⁷¹ Castro, E. Vocabulário de Foucault - um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

agora, depois de dois anos errando, vem a última e maior aventura. A batalha culminante para matar... o falso ser interior... e concluir com vitória a revolução espiritual.⁷²

Natural que alguns se chocassem e estranhassem sua existência, sua maneira de ser. Ora... ele não se enquadrava nos comportamentos padrão, ou esperados, normalizados ao longo do período escolar. Desta forma, o corpo, achava que a discriminação que sofria era esperada e as vezes até bem-vinda. Se entendia como objeto-passageiro. Passagens para/por outras coisas ou apenas que a vida era uma curta passagem, um “entre”. Buscava afectos⁷³.

Assim o corpo ia reclamando com seu pensamento, ora compreendia algo de uma forma, ora mudava tal compreensão e enveredava por outra via. Estabelecia um exercício com seu pensar. Inicialmente quis a ruptura com a sociedade, depois entendeu que ele constituía a sociedade, então partiu para uma mudança nos modos de compreender a vida. Necessitava constituir um campo de singularidade em que seu olhar pudesse focar o mais próximo possível daquilo que não era vivível (Castro, 2009).

Neste ponto da caminhada, depois de já ter andado muitos quilômetros por estradas de chão batido, por lugares completamente descampados, com o sol incidindo diretamente sobre sua cabeça, chegou em um vilarejo. Havia apenas uma via principal, também de chão batido, que cortava o vilarejo ao meio. Algumas poucas casas a direita e outras poucas a esquerda. Casas bastante velhas, de pouca pintura. Isso quando estavam pintadas. A maioria tinha cor de madeira velha, corroída pelos anos. Talvez uns 50 moradores constituíssem aquela comunidade rural. Algumas vacas, ovelhas, cachorros e gatos completavam o cenário. Era apenas um lugar de passagem.

Uma senhora que estava sentada em uma cadeira de balanço, de cadência constante, interpelou o corpo. Ela era de estatura alta, nem magra nem gorda, com cabelos brancos, aparentava uns 80 anos, embora cronologicamente não tinha mais que 75. Tinha cara de avó, parecia a Dona Benta do Sítio do Picapau Amarelo. Ou, com a doce Muriel Bagge⁷⁴, do desenho animado “Coragem, o cão covarde”. Uma idosa que

⁷² Este escrito foi produzido por Alexander Supertramp, maio de 1992. Encontrado no “ônibus mágico”. Cena do filme “Na natureza selvagem”, dirigido por Sean Penn em 2008.

⁷³ Deleuze, G. Abecedário. Série de entrevistas feita por Claire Parnet e filmada nos anos 1988-1989. “Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso. Será que a música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão? É possível. Assim como a música faz ver coisas estranhas. Às vezes, ela nos faz ver cores, mas cores que não existem fora da música”.

⁷⁴ Personagem de uma série de desenho animado dos EUA. Criada por John R. Dilworth.

aparentava encarnar a bondade. Amável, de trato gentil com uma voz um pouco gasta pelos anos, mas ainda aveludada, que parecia te acolher a cada palavra.

- O que faz nesse calor, meu filho? Venha tomar uma água gelada.

O sol era realmente intenso. Implacável sobre as costas de qualquer um que ousa-se expor-se a ele. Mas apesar de intenso, dava um colorido todo especial ao dia.

- Estou de viagem. Respondeu o corpo aproximando-se da casa.

A idosa lhe alcança um copo de água gelada. O corpo bebe em instantes, quase de um gole só. A sede era grande, pois já faziam algumas horas que estava caminhando sob o sol. Tão logo o corpo secou o copo, ela lhe ofereceu mais um.

- Toma mais um. Vem aqui embaixo da varanda. Sai do sol antes que te torre a “moleira”. Vou buscar algo para comer, também.

O corpo entra e sente o alívio de ser sombra embaixo da varanda. Ela o convida para sentar ao redor de uma pequena mesa, onde estão postos dois copos de água, uma jarra, um cesto com pão de queijo e uma travessa com bolo de chocolate. Enchendo mais um copo d'água, ela pergunta:

- Filho, quantos anos você tem?
- 23, responde o corpo.
- Você é hippie?
- Não.
- Mas você parece com hippie. O cabelo, a roupa, esses colares e brincos.
- Qual sua graça? Perguntou o corpo, antes de iniciar sua resposta.
- Thérèse, mas pode me chamar de Têre. É como sou conhecida pelo pessoal aqui da vila.
- Sabe, Dona Têre, todos me apontam e me chamam de hippie. Essa confusão é bem comum. Acham que porque temos estilos parecidos de vestir somos a mesma coisa. Mas os hippies são um movimento que ocorreu nos EUA, entre as décadas de 60-70 e juntava uma galera que tinha grana. Eles tinham renda, ou alguém que bancava uma vida de sexo, drogas e “rock and roll”. Principalmente drogas. Eu não faço sexo ao ar livre, não ando pelado e não divido minha mulher com ninguém. Eu vivo na rua, ou talvez, poderia dizer que vivo da rua. Tenho que fazer um “trampo” aqui, outro ali, pedir ajuda para comer, trocar meu trabalho por comida, fazer malabares... “A bem da

verdade”, estar na rua significa estar misturado a um monte de coisas. As pessoas me chamam por várias nomes: andarilho, vagabundo, vadio, pilantra, maluco, malandro, trecheiro, já fui chamado de um tudo. Hoje eu não ligo mais.

O corpo fica alguns segundos pensativo, pega outro pão de queijo, mais um gole d’água e continua.

-Na realidade não sei muito bem o que sou. Acho que sou um artista, um artesão. E quero andar pelas estradas, conhecer pessoas e lugares diferentes. Não estou preocupado em acumular bens, propriedades. Acredito que um dos grandes males de nossa sociedade é a ganância e o excesso de consumo. Acho que o sentido de nossa vida, atualmente está embasado no consumo. E isso me dá um grande desgosto. Desaprendemos a estar com os outros. Passamos a repetir sem entender o que repetimos.

Mais alguns instantes em silêncio, só o tempo de engolir outra bocada no pão de queijo e diz:

- Quero viver perceptos e afectos.
- Ah?! Você fala algumas coisas que ... Filho, não acha que deveria estar estudando? Trabalhando? Fazendo algo da vida? Pensando em constituir uma carreira.
- Senhora, carreiras são invenções do século XX, e não quero uma. Não precisa se preocupar comigo. Tenho formação superior... incompleto, mas trago comigo uma boa compreensão das coisas. Não sou e nem estou desamparado. Vivo assim porque quero.
- Você parece um maluco, andando por ai, sem ter paradeiro. Difícil essa sua vida, não?
- Interessante usar esta expressão, pois muitos que estão na estrada são conhecidos assim mesmo. Se chamam de malucos. Os malucos de estrada, saca?! O pessoal foi pra rua por “n” motivos e encontrou na estrada um sentido para sua existência. A rua é viciante, senhora. Depois que se aprende a viver ali, você não quer mais sair. Antes a senhora me perguntou dos hippies, e eu disse que era outra coisa. Pra senhora ver, hoje existem alguns malucos mesmo, de fé, que querem transformar a malucada em um

movimento cultural. Afirmar uma brasilidade para a malucada. Dizem que é um movimento brasileiro mesmo. Que este nome é nosso. Pode ser que seja legal. A malucada existe a muito tempo. Pelo que sei desde a década de 40-50 tem registro deste estilo de vida. Pelo menos é o que ouço o pessoal contar na rádio cipó. Alguns toparam a ideia e estão trabalhando para isso. Outros acham que afirmar a malucada como cultura pode trazer prejuízos a uma galera que antes não era mapeada, saca? Eu não sei ao certo o que sou, como tinha dito antes. Talvez eu seja um maluco de estrada, mesmo. Faço artesanato, trabalho com o corpo. Troco meu trabalho por comida ou por passagem. Mas estou tentando escapar um pouco dessas nomenclaturas. Prefiro ser Ninguém⁷⁵ ou um alguém. Mas já estou falando demais, não quero te cansar.

- Não meu filho, sou bastante curiosa e queria te ouvir. Eu hoje estou velha, mas apesar da aparência conservadora, sou uma pessoa de cabeça bem aberta. Já “aprontei” um pouco quando era mais nova.

Thérèse solta um sorriso que liga orelha à orelha. Todas as rugas vibram e se amontoam umas sobre as outras, como a tempos não faziam. No rosto um semblante de saudosismo aliado a lembranças boas.

- Passei a maior parte da minha vida no exército. Era enfermeira. Servi até em outros países em missões internacionais. Viajei muito, vi muita coisa, passei por muitas adversidades. A estrada era uma boa companheira e nela fiz grandes amizades. Mas teve um acontecimento que me marcou profundamente e alterou minha vida. Vou te contar essa passagem.

Disse a idosa e continuou:

- Aconteceu mais ou menos pelos anos de 1958. Eu me lembro bem, pois foi o ano de estréia do Pelé na seleção. Também foi o ano que a União Soviética colocou o Sputnik 1 em órbita⁷⁶. E o mais importante, eu era recém casada com o José⁷⁷. Acho que não fazia mais de 3 anos. O amor da minha vida. Um

⁷⁵ Referencia a passagem em que Jassão se diz Ninguém ao Ciclope, para poder sair da caverna, no texto odisséia.

⁷⁶ N.T. Estes eventos ocorreram em 1957.

⁷⁷ Único nome ao longo do romance que não foi extraído de livros de literatura. Funciona como um buraco. Faz referência as nomações usuais no Brasil. Aos milhares de Joses, Pedros, Marias, Silvas... não literários mas ordinários dos afazeres cotidianos (trabalhadores, desempregados, ambulantes, profissionais liberais, donas de casa, estudantes...).

homem íntegro, responsável e muito divertido. Ele me fazia rir. Um sonhador. Tínhamos uma filha pequena.

Uma pausa. Lágrimas correm pelo rosto de Thérèse. A lembrança do marido e da filha lhe traz um aperto no coração. Uma tristeza pela ausência e a concretude de sua solidão. Toma mais ar, seca as lágrimas e continua:

- Na virada de ano de 57 para 58, eu estava no Irã, em uma missão⁷⁸. Meu esposo e minha filha estavam viajando, retornando das festas na casa dos meus pais, numa estrada aqui no Brasil... e um sujeito, que tinha bebido demais, com mais quatro num carro, bateu neles. Todos morreram. Naquele dia perdi, de uma só vez, meu marido e minha filha.

Instantes de silêncio. Mais algumas lágrimas escorrem pelo seu rosto. Estas ela não seca. E retoma a fala.

- Você deve pensar que a última coisa que eu faria no mundo... seria encher a cara. Mas, na época, me parecia a única coisa a fazer. Me desesperei e bebi muito! Tinha perdido o que era de mais valioso em minha vida. Achei que a bebida me confortaria. Mas logo percebi... que não adiantava chorar por eles com uma garrafa. Então, me recompus e parei de beber.. desde então, minha vida é ficar em casa.
- Nunca viaja, senhora Têre?
- Não, não consigo me afastar demais do meu couro. Faço muita estampagem em couro. Tenho uma oficina na garagem. Com ela e minha pensão, me viro bem. Mas sempre penso em viajar. Todavia tenho pedidos demais para poder fazer isso.⁷⁹
- Depois que comermos, posso conhecer sua oficina? Adoro trabalhos manuais!
- Claro! Estava esperando que falasse isso.

E assim acontece. Depois que terminaram o lanche ambos foram até a oficina que Thérèse tem na garagem. Ali ela lhe ensinou algumas técnicas para trabalhar com

⁷⁸ O Exército Brasil iniciou sua participação em ações de cooperação internacional, em 1947, nos Bálcãs. Entre as décadas de 50 e 60 atuou integrando forças internacionais de paz (ONU, Organização dos Estados Americanos no Caribe e UNEF) no Oriente Médio. Acessado: 04/01/2016. Disponível: http://www.eb.mil.br/missoes-de-paz/-/asset_publisher/xbkIIDCFFYVI/content/apresentacao.

⁷⁹ Referência ao dialogo realizado entre Alex Supertramp e o Sr. Ron. Filme “Na natureza selvagem”, Dirigido por Sean Penn, 2008.

couro. Algumas o corpo já sabia, como por exemplo o “braiding”, que consiste em trançar tiras de couro para produzir pulseiras, colares e outros acessórios. Mas as técnicas de rebaixamento e alto relevo em couro ele não conhecia. Uma técnica que lhe agradou muito foi a pirogravura, pois possibilitava marcar, desenhar na superfície do couro. Pensou em fazer um cinto com parte de seu percurso.

Mas Thérèse estava interessada em saber mais da história do corpo. Tinha muitas questões. Ora, para ela era fascinante ver que o corpo não era passivo, que não era mero instrumento da alma ou objeto descartável e, se questionava a cada instante compartilhado com ele: “o que pode um corpo?”⁸⁰.

- Você usa drogas? Ela lhe perguntou, enquanto escreviam algo em uma peça de couro.
- Uau!!! A senhora é bem direta, né?!!! Não serei hipócrita com a senhora, pois de hipocrisia já me basta o que a sociedade me oferta. Eu fumo! As vezes eu fumo maconha pra relaxar a mente, ter acesso a outros pensamentos que de forma consciente não consigo. Em certos momentos apenas para ter um barato. Sabe... desligar, ficar só com as sensações. Sentindo o mundo, deixando os poros de meu corpo falar de suas conexões. Mas a maioria dos dias nem chego perto. Só que isso não é regra nem pra mim, nem pra galera que está na malucagem. Alguns estão sempre limpos, nunca usam nada, nenhum tipo de droga. Outros apenas álcool. De uns tempos pra cá a coisa ficou mais pesada, porque a galera está se terminando no crack. Aí vou te dizer, essa galera é do mau, mesmo. São mais violentos e ficam mais parados na droga.
- Hoje tem movimentos em defesa da liberação do uso de algumas drogas. Isso ajuda vocês a descriminalizar algumas substâncias, né? Interpela Thérèse.
- Ajuda, mas a questão não é essa. A galera que faz ativismo, vem pra passeata, com dia, hora e local marcado. Faz um trajeto, tira self e, já é. Depois dá fome, volta pra casa, toma banho e vai assistir a “bobeza”. Quem faz ato com o corpo e com a vida é quem fica continuamente agindo. A maconha não foi o dia da marcha pra mim. Faço isso todos os dias. Fumo como afirmação de meu desejo. Fumo onde eu quiser, até na frente do

⁸⁰ Questão trabalhada por Espinosa em *Ética III*, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013; e por Deleuze em *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002; e *Deleuze em Espinosa e o problema da expressão*, s/a.

policial. Tô fazendo política. Isso não desqualifica o movimento, mas é diferente. O lance deles é a busca pela garantia de um direito. Querem a palavra do juiz, dependem dela. Eu não tô nessa!

- Mas a justiça passa pela lei! Afirma Thèrése.
- Acho que a lei formata modos de viver em sociedade. Diz o que pode e o que não pode ser feito. Ela é um ordenamento. Controla os comportamentos e ações dos indivíduos de acordo com os princípios da sociedade. E tenho problemas com ordens, pois elas não pensam comigo, não debatem comigo, mas me obrigam. Talvez meu movimento seja de constituir outras leis? Não sei. Acho que a justiça está mais vinculada a ética e ao respeito ao outro como base para o que faço. Acho isso mais humano. A produção de algo não tem um fim, senão em si mesma, ou seja, a produção já é o seu fim. São uma mesma coisa. Assim a justiça é o meu próprio ato de reconhecimento da alteridade, é a própria relação que estabeleço com a senhora. Não faço algo para que esse algo se torne justiça.⁸¹ “A causa de sua existência singular é a existência de outros homens singulares que o produzem. (...) A Ética nada tem a ver com os deveres: aliás quem age por dever não é autônomo, não é livre, age por mandamento”. (Espinosa, 2000, p.13)
- Como você consegue alimento ao longo da estrada?
- Comida, sempre se consegue algo. Quando estou nas cidades, se consegue pedindo, e tem muita gente boa por aí. Muita gente que ajuda. Fazem macacos⁸². Em Porto Alegre⁸³, São Paulo⁸⁴ e em Goiás⁸⁵ tem uma galera que instalou geladeiras comunitárias nas calçadas. Tudo que não vão comer mais, que sobrou, esse pessoal põem na geladeira que está instalada na rua e deixa lá pra quem precisar. Já filei algum rango assim. O problema com comida é

⁸¹ Espinosa, B. Pensadores: Espinosa-vida e obra. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2000.

⁸² Expressão utilizada para designar o acondicionamento dos alimentos em uma sacola plástica que fica pendurada em árvores, ao lado de contêineres de lixo, ou outro local, para que pessoas que necessitam de alimento possam pegar.

⁸³ Frigobar com comida doada para moradores de rua é roubado no bairro Bom Fim. Acessado: 09/01/2016. Disponível: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/pelas-ruas/noticia/2016/01/frigobar-com-comida-doadada-para-moradores-de-rua-e-roubado-no-bairro-bom-fim-4945077.html>

⁸⁴ Geladeira na rua reúne alimentos para a comunidade em Taubaté, SP. Acessado: 27/12/2015. Disponível: <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/08/geladeira-na-rua-reune-alimentos-para-comunidade-em-taubate-sp.html>

⁸⁵ Geladeira em calçada oferece comida de graça para necessitados, em GO. Acessado: 27/12/2015. Disponível: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/09/geladeira-em-calcada-oferece-comida-de-graca-para-necessitados-em-go.html>

quando se está na estrada e não se para muito em cidade. Aí fica mais difícil, pois tem que achar fruta ou outra coisa.

- Nossa, que ideia legal! Eu já tinha ouvido falar desse movimento, mas apenas fora do Brasil. Você já deve estar a bastante tempo na estrada. Quanto tempo faz que está viajando?
- Viajo desde os 16 anos. Comecei com viagens curtas, indo e voltando. Na verdade parti rumo ao inesperado, sem prazo para voltar, mas como era menor, meus pais colocaram a polícia atrás de mim e acabaram me achando e aí tive que voltar para casa. Fiz pequenas saídas nos períodos de férias. Mas quando fiz 22 me joguei. E desde então estou na estrada.
- E sua família, o que pensa disso?
- Pra minha família foi barra. Não queriam aceitar de jeito algum. Na realidade rompemos. Meu pai não aceitou de forma alguma. Ele era juiz em uma cidade do interior do RS. Minha mãe médica na mesma cidade. Para ele eu tinha virado um marginal, tinha me perdido. Tentei conversar com ele várias vezes, explicar o que eu estava pensando, quais valores estavam sendo importantes em minha vida. Mas não teve jeito, tive que romper. No início, foi bem difícil de assimilar essa ruptura. Agora já não esquento mais. Já me sinto em uma família do mundo.
- Você fala com eles?
- Ainda falo um pouco com minha mãe. De tempos em tempos eu ligo ou mando um e-mail. A coroa é legal!
- E como você faz para dormir? Onde você dorme?
- Isso varia muito. As vezes na rua, em hotel, na estrada, em praça pública.
- Alguém te ajuda?
- Sim, muita gente ajuda. Não só com comida, mas rola uma parceria muito boa. Desde carona, o pessoal para pra conversar, troco muitas ideias com a galera da cidade. Tem muita gente que desabafa, as vezes nos tiram para psicólogo. Acho que pensam: “nunca mais vou ver esse cara. Posso contar tudo pra ele sem problemas”.

Ambos caem na gargalhada.

Embora a conversa corra solta e de forma descontraída, tem um ar de inquérito. Perguntas ainda ingênuas, como se fossem feitas por uma criança que não

entende direito o que está em frente de seus olhos. A curiosidade de Thérèse, fala mais de seu desejo de uma vida maluca do que de um interesse pela vida alheia. E enquanto o corpo não lhe dá limite, ela segue perguntando, como uma metralhadora voraz, ávida por saber mais sobre essa vida tão distinta da sua.

- Como você viaja? É a pé mesmo?
- De tudo quanto é jeito. No começo eu viajava de bike. Fazia vários quilômetros por dia. Chegava a fazer, tipo, 80km por dia. Quase nem parava nas cidades, muitas eu cruzava direto. Só chegava a noite para dormir e já saía antes de clarear o dia. Depois de um tempo me dei conta que não estava aproveitando, que se minha vida fosse só pedalar não teria sentido. Sentia falta de estar com as pessoas. Então parei de pedalar, e cheguei mais nas cidades. Fiquei um pouco mais, como 2 dias. Aí dependia do lugar. Das pessoas, das conexões que fazia. Mas também faço muito trajeto a pé. As vezes consigo grana pro bus e vou de “busão” mesmo.
- E dinheiro você usa?
- Sim, claro. Não ando muito com dinheiro, mas uso sim. Pra comprar material. Pra comer. No início eu trocava tudo. Tudo que eu fazia de artesanato eu trocava, por mais material, por comida, ou por estadia. O que fosse! Mas minha filosofia era trocar. Passei alguns anos sem pegar em dinheiro.

A cada nova pergunta respondida, Thérèse ficava mais curiosa. Seu encanto pelo corpo-outro crescia. Queria saber mais do corpo. Um misto de desejo e medo crescia dentro dela. A instigava, provocava, era como se não tivesse mais 75 anos. Sentia o sangue pulsando como na adolescência, pedindo passagem pelas veias já entupidas. Seu espírito aventureiro bradava em tom menor pelo retorno de um corpo destemido. Mas ao mesmo tempo seu bico de papagaio reclamava, assim como o joanete, as articulações em geral e lembrava da pressão arterial elevada, dos medicamentos.

- Não é muito perigoso estar na estrada? Não tem medo que te matem? Seguia ela com mais questionamentos.

- Perigoso é. Mas onde não é. Hoje o cara é visitado por bala perdida. Morre dentro de casa ou na porta. Olha o caso do moleque⁸⁶ que foi baleado em Porto Alegre. Também tem o caso do menino de Goiás⁸⁷. Isso que nem estamos falando do Rio ou de São Paulo. Eu já apanhei muito na estrada. Mas também aprendi muito.
- Mas desse jeito, meu filho, como pensa em vencer na vida? Ou tu vai ficar andando pra sempre?
- Sempre ouviu que tinha de vencer na vida. Vencer na vida, que coisa é essa? Há tempos me questiono sobre o que significa vencer na vida. Eu ganhei uma paz enorme quando decidi que não queria vencer, que não havia o que ser vencido. Só queria viver. E pra isso não precisava vencer ninguém, nem a mim mesmo. Essa ideia de vencer na vida é um inferno. Coloca meus irmãos como meus adversários, meus inimigos. Não aceito isso! Não quero ser melhor que ninguém. Se eu for melhor que você em fazer alguma coisa, com certeza, você é melhor que eu em outras tantas. Não existe uma pessoa melhor que outra. Pelo menos não acredito nisso. Existem sim, atitudes melhores que atitudes; ideias melhores que ideias. Mas pessoas melhores que pessoas, não. Essa ideia de vencer, de ser melhor que o outro, traz consigo uma produção de desumanidade. Faz com que pessoas se sintam inferiores. Que entendam que a desigualdade social, sua condição de pobreza ou de falta é única e exclusivamente responsabilidade sua. Faz com que o pobre permaneça ignorante lhe dando escola, saúde, lazer, etc., em péssimas condições. Faz com que o guardador de carros chame qualquer um que estaciona seu carro de doutor. Lhe dá a distinção não porque seja um letrado, mas porque o faz reconhecer a relação de poder que está colocada entre os dois. Mais que reconhecer essa relação de poder, a toma como relação de dominação. Não é o termo, mas a relação que ele implica. Substituímos os reis e rainhas por sugadores, vampiros que se aboletaram no poder social. Se utilizam dos serviços públicos para ampliar sua condição de riqueza. Do público, só se importam com o dinheiro público. A população não interessa,

⁸⁶ Sepultado corpo de menino morto na frente de casa em Porto Alegre. Disponível: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/01/sepultado-corpo-de-menino-morto-na-frente-de-casa-em-porto-alegre.html>. Acessado: 25/01/2016.

⁸⁷ Menino é morto a tiros enquanto brincava na frente de casa, em Goiás. Disponível: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/12/menino-e-morto-tiros-enquanto-brincava-na-frente-de-casa-em-goias.html>. Acessado: 20/12/2015.

somente na medida em que possa ser explorada. E pra isso tem que ser desinstruída, ter um sentimento de impotência. Coloca toda coletividade a seu serviço.

Thérèse faz cara de intrigada, como se tivesse feito um exame e já tivesse chegado a um diagnóstico. Então lança sua pergunta-afirmação ao jovem:

- Do que você esta fugindo, filho?
- Posso lhe fazer/devolver a mesma pergunta! Só que já sei a resposta!
- Ah! Você sabe?
- Sei, Dona Thérèse! A senhora precisa voltar ao mundo! Volte para a estrada. Ainda viverá muitos anos! Devia fazer uma mudança radical em sua vida! As novas experiências são tudo para o espírito humano. E eis você, uma velha teimosa, que não tira a bunda do lugar.
- Que não tiro a bunda do lugar? Ah é! Eu vou te mostrar.

Ela fica repetindo para si mesma: “não tiro a bunda do lugar; não tiro a bunda do lugar”. Aquela frase ressoa como eco em sua cabeça. “Essas palavras vão entrar no coração”⁸⁸. Passam pela sua memória, em instantes, um filme de sua vida. Detém-se em cenas que viveu quando tinha 25 anos. Depois de um tempo de silêncio, ela, com os olhos cheios de lágrimas diz:

- Vou sentir saudades de você! Mas quero te dizer uma coisa. Pelo que entendi das coisas que me contou sobre sua família, sua mãe e seu pai. E sei que também teve problemas com a Igreja. Mas existe algo maior que todos podemos apreciar e, me parece, você não se importa se eu chamar isso de Deus. Mas quando você perdoa, você ama. E quando ama, a luz de Deus brilha em você.

O sol parece que ouvia a conversa dos dois, pois brilhou com maior intensidade naquele momento. Ambos se olharam e começaram a rir. A gargalhar pela alegria de estar juntos, pela alegria que aquele encontro havia proporcionado aos dois.

⁸⁸ Faroeste Caboclo. Legião Urbana.

- Você sabe o que tem de semelhante entre a escrivanhinha e o corvo?⁸⁹
Pergunta do nada, Thérèse.
- Não! Responde o corpo sem compreender o sentido da pergunta.
- Não tem problema não saber. Esta não é uma pergunta pra ser respondida. Sua existência só faz sentido enquanto pergunta. O exercício é a pergunta e não a resposta. Pra onde ela te joga. Que efeitos passam a existir com a pergunta. Não nos atenhamos no específico da resposta.

Mas chega a hora de se despedir, pois o corpo precisa andar.

Ela lhe abastece a mochila com alguns pedaços de bolo, não mais que dois ou três, somente o necessário para mais um trecho da viagem. Completa sua garrafa com água gelada.

- Quando você passar por aqui novamente, pode chegar. Estarei te esperando, meu filho. Tenha uma ótima viagem. Cuidado. Que Deus lhe acompanhe!
- Adorei conhecer a senhora! Muito obrigado por tudo. Adeus.

Fitam-se nos olhos. Os olhos dialogam por alguns instantes. Um olhar que falava muita coisa, mas sem a necessidade de pronunciar uma única palavra.

Saiu dali em marcha solta, mas com passo firme. A conversa com a senhora Thérèse fez bem ao corpo. A saída do vilarejo dava em uma montanha não muito fácil de se passar. Do outro lado existia um abrigo que dava suporte aos peregrinos e andarilhos que por aquelas bandas passavam. Mas existia um atalho, uma trilha por dentro do mato, que desbordava a montanha. E foi por ali que o corpo se enveredou. Assim não sentiria o sol torrando sua moleira, como disse Thérèse.

- “Tan pronto como hube descendido a la llanura”⁹⁰, já não conseguia visualizar o vilarejo de onde parti; sólo tenía para guiarme el bosque, y comencé entonces a creer que la lejanía de la que había olvidado de informarme era muy diferente al cálculo que había hecho de ella; mas nada me desanima. Assim seguindo no mesmo “tranquito” que parti, chego a um ponto da trilha em que o

⁸⁹ Filme dirigido por Tim Burton e baseado no clássico Alice no País das Maravilhas, escrito por Lewis Carroll. 2010.

⁹⁰ Para este parágrafo realizei um "ensamblaje" entre as falas transcritas do romance “Justine o los infortúnios de la virtud” produzido por Sade (Librodoc.com: El Divino Marques, S/A, p. 61) e “traduções” minhas dos percursos/trajetos realizados pelos malucos de estrada. Numa parceria com Sade, escrevemos conjuntamente. Ele traz frases sobre o percurso de Justine enquanto costuro com frases do percurso dos malucos. Um jogo entre línguas entre o espanhol e o português.

mato é mais fechado, o que me obriga a diminuir o ritmo. Viendo que todavía queda bastante luz, decido sumirme en él. Em mente trago a certeza de chegar ao abrigo antes do anoitecer, pois não gostaria de passar aquela noite dentro da mata fechada. Não por questão de segurança, mas era uma noite em que queria companhia. Talvez porque estava ainda envolvido pela conversa que acabava de ter com Thérèse. Sigo um pouco pela trilha, um pouco fazendo uma trilha. Completamente sozinho, pois nenhum sinal de vida humana se apresenta diante de meus olhos... Ni una casa, y por todo camino un sendero poco hollado que seguía al azar. Había ya recorrido por lo menos cinco leguas, já se passavam horas dentro da mata y todavía no veía nada delante de mí, quando, havendo apagado el astro de iluminar por completo el universo, tive a impressão de escutar el tañido de una campana... Atiendo, camino hacia el ruido, me apresuro; el sendero se ensancha un poco, descubro al fin unos setos e, inmediatamente después, o abrigo. Que alegria! Um certo nervoso se dissipava em meio ao ar quente e úmido. Nada tan agreste como aquella soledad, sin ninguna vivienda en la vecindad, la más próxima a seis leguas, y unos bosques inmensos rodeaban la casa por todos lados; estaba situada en una hondonada, había tenido que descender mucho para alcanzarla.

Parado em frente a construção, o corpo a contempla. Era uma casa muito antiga, toda feita em pedra. Aberturas em madeira e ferro lhe conferiam um ar medieval. Datava de mais de 300 anos. Uma relíquia completamente preservada. Incrível que permanecesse em pé até nossos dias. Havia servido como convento beneditino. Durante anos foi mantido como local de retiro e oração. Principalmente por estar localizado em local bastante isolado. Mas atualmente fora transformado em local de passagem para peregrinos, religiosos e pessoas em geral que tomavam a caminhada como ato de fé e de transformação espiritual. Era mantida por uma parceria público-privado-religiosa, complexa e de difícil explicação. Não cabe agora adentrarmos nos pormenores, mas esta parceria permitia que a população em situação de rua pudesse ter acesso ao abrigo. O poder público era acusado, por movimentos sociais e opositoristas, de utilizar o local para isolar e retirar tal população das cidades. Uma forma de “manter limpa” as cidades.

Logo na entrada é recebido por Severino, um senhor bastante distinto. Um homem de aproximadamente 60 anos, forte; com uma elegância e tranquilidade que dominava seu conjunto; se podia ver que devia possuir, em sua juventude todos os

atrativos que formam um bom moço. Tinha um olhar firme e a nobreza em sua face. De tomo mais era honesto, gracioso e educado. Com um sotaque estranho, mas que não permitia reconhecer de onde provinha.

Ele encaminhou o corpo para uma sala com o intuito de fazer seu cadastro. Ali se registravam todos os que passavam. Mônica, uma noviça de 23 anos, bastante tímida, de poucas palavras foi quem realizou seu cadastramento. O cadastro pedia: nome, nacionalidade, cidade de origem, endereço, telefone, idade, sexo, cor, parentesco familiar, profissão, doenças físicas e psíquicas, destino, objetivo da viagem etc... enfim um cadastro completo para fins estatísticos e de construção do perfil dos usuários, disse ela quando questionada pelo corpo em função da extensão do formulário. Era uma ficha com mais de 3 páginas. Um escrutinamento completo do caminhante. Só se poderia desfrutar dos benefícios do abrigo, aqueles que respondessem o cadastro. De todo modo, a hospedagem era gratuita. E isso bastava para o corpo.

Terminada essa etapa inicial, buscou seu alojamento e, por fim, instalou-se. Os alojamentos eram separados por sexo e por objetivos da estada. Aqueles que fossem religiosos ficavam no alojamento A. Este tinha quartos-suítes individuais ou para duplas; os peregrinos no alojamento B. Continha quartos para 4 pessoas com banheiro no quarto; o público em geral no alojamento C. Com quartos para até 10 pessoas com banheiro coletivo fora do quarto; a população de rua no alojamento D. Este era um pavilhão para 30 pessoas. Todo cheio de beliches. Os banheiros também estavam localizados fora dos quartos. Os religiosos dispunham de uma cozinha específica. Os alojamentos B e C compartilhavam uma cozinha comunitária. E o alojamento D tinha sua cozinha específica, também.

Naquela noite, haviam poucas pessoas no abrigo. Cerca de 2 religiosos, uns 10 peregrinos e mais 10 pessoas em situação de rua.

Tão logo o corpo encontrou seu alojamento, largou sua mochila e foi tomar um banho. No abrigo lhes era disponibilizado um kit de higiene pessoal, entregue tão logo terminassem o cadastro. O kit era composto por: uma pasta e escova de dentes, uma barra de sabão, um pente para cabelo e uma toalha. O banheiro era um pavilhão dividido em duas partes. Na primeira à direita encontrava-se uma parede com pequenos espelhos sobre pias, mais ou menos umas dez. A segunda parte, localizada mais ao fundo, estavam dispostos os chuveiros, do lado direito e, os sanitários, do lado esquerdo.

Depois do banho, procurou alguém da administração do abrigo para ver se conseguia alguma coisa para comer. Visto que já passava do horário da janta, talvez não conseguisse comer naquela noite. Na verdade já passavam das 22h. Por sorte, encontrou Grushenka, que estava admirando a noite estrelada. Uma visão que o paralisou por alguns instantes.

Lhes conto um pouco sobre esta garota. Trabalhava ali já há algum tempo. Sua função era parecida com a de uma governanta. Responsável pelo ordenamento e funcionamento do abrigo. Digna de uma pintura, morena, de cabelos longos e escuros, um rosto com finos traços, regulares e doces. Era uma das mais belas mulheres que já se havia visto. Com “olhos de esmeralda” e um olhar charmoso. Uma Jovem muito bela. Corajosa e persistente, mulher que luta pela sua felicidade. De personalidade forte. Apaixonada por tudo que faz. Uma visão quase divina. Só não divina, pois era demasiado excitante estar ao seu lado. Levava muito mais a pensamentos profanos do que celestiais.

O corpo foi até ela. Até esqueceu que estava com fome. O que só se fez evidente depois de uma meia hora, porque seu estômago roncou. Agora era corpo-paixão.

O corpo se apresentou e começaram a conversar. Contou-lhe um pouco de sua história. Do percurso que havia realizado até aquele momento. De repente:

- Seu nome é um tanto estranho, não? De onde vem? Disse o corpo a ela.

Ela achou a pergunta um tanto descontextualizada, mas respondeu que seu nome foi baseado em um romance que seu pai tinha lido na época que era jovem. Tinha ficado encantado com a beleza e o fascínio que tal mulher exercia sobre os homens. Então, quando nasceu sua primeira filha, assim lhe chamou. O pai de Grushenka lia muitos autores russos. Dizia que tais autores eram dotados de um humor mordaz e, escreviam de forma provocativa e desafiadora, além de abordarem ideias de moral e política com maestria.

Assim começaram a falar um pouco da vida de Grushenka.

Ela contou que é de família nada tradicional. Que sempre teve apoio da família pra tudo que teve vontade de fazer. Disse que já foi maluca de BR. Parou de andar faz pouco tempo. Conheceu um mal, uma doença na estrada que lhe impossibilitou continuar. Pois necessita de tratamento constante. Então acabou achando que aquele trabalho de alguma forma lhe mantinha em contato com a estrada, pois ali passavam

muitos malucos por dia. E lhe contavam de suas viagens. Era um forma de se manter na BR, não mais fisicamente, mas o nômade não é aquele que se move fisicamente, mas aquele que consegue produzir deslocamentos em sua vida, dizia ela.

Enquanto ela contava sobre seu percurso na estrada, o estômago do corpo fazia reclamações. Cada vez mais altas e menos espaçadas. Estava parecendo uma sinfonia estômago-intestino.

- Você está com fome? Perguntou Grushenka.
- Sim. Meu corpo já está falando em voz alta, né? Não comi quase nada durante o dia inteiro, apenas lanches. Disse o corpo, com cara de “pidão”.

Então Grushenka o convida para ir à cozinha. Tinha sobrado uma porção de risoto de alho-poró da janta. Enquanto a comida esquentava fazem um suco de laranja com couve. Durante a refeição do corpo, ela lhe conta um pouco mais sobre suas jornadas. Diz ter andado por todo o Brasil. Foi sua rota inicial, como um rito de passagem. Depois América Latina e alguns países da Europa.

- Foi a época mais maravilhosa de minha vida! Disse ela. O mundo tem lugares encantadores para se visitar. As pessoas deveriam poder viajar mais. Quando estive no Equador, conheci um cara por quem me apaixonei. O nome dele era Adrián. Ficamos juntos por 4 anos. Rodamos parte da América Latina e da Europa. Vivendo da nossa arte e da solidariedade de pessoas que conhecíamos pelo caminho. No terceiro ano ficamos grávidos e voltamos ao Brasil para ter nosso filho. Estávamos em um pequeno albergue em São Gabriel da Cachoeira, AM⁹¹ quando Agilulfo nasceu. Um lugar sem igual, de tão lindo que é. Acessível somente por barco ou por avião, um verdadeiro paraíso. Basicamente indígena e com uma rica produção de artesanato reconhecida nacional e internacionalmente, nos pareceu um lugar interessante para se ter nosso filho. Agilulfo era um bebê que não existia, um modelo de perfeição. Lindo, parecia um guerreiro paladino da tropas de Carlos Magno. Calmo, tranquilo quase não chorava. Mamava regularmente

⁹¹ Dista 850 quilômetros de Manaus, fazendo fronteira com a Colômbia e a Venezuela. A cidade é plena de belezas naturais: floresta Amazônica, serras, Rio Negro, praias fluviais e cachoeiras. Composta por dois dos pontos mais altos do Brasil: o pico da Neblina e o pico 31 de Março. A cidade abriga 23 etnias indígenas - 90% da população é composta por índios e descendentes. É um dos dois únicos municípios brasileiros a possuir mais de um idioma oficial: o português, o tucano, o nhengatu e o baniua são reconhecidas como idiomas oficiais do município. Acessado: 28/12/2015. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/São_Gabriel_da_Cachoeira.

de duas em duas horas. Logo arrotava e dormia. Nunca teve cólicas e trazia sempre no rosto um reconfortante sorriso. Passamos um ano de muito querer bem e de intenso aprendizado com o povo indígena. Chegamos a morar em uma pequena tribo durante três meses. Foi uma experiência incrível. Mas em uma noite estrelada, colocamos Agilulfo para dormir, não tínhamos a mínima ideia que seria para o sono eterno. Um ano depois do seu nascimento, por infortúnio nosso, ele nos deixou. Na certidão de óbito consta que morreu de mau súbito. Uma das piores perdas que tive em minha vida!

Grushenka, faz uma pausa, como se ela engasgasse, ou lhe faltasse o ar. O corpo imóvel, sem saber muito o que dizer, apenas externa seus sentimentos de compaixão pela perda dela.

- Depois disso ficamos juntos por mais dois anos e nos separamos. Conta Grushenka. Nossa separação não foi em função da perda de Agilulfo, mas porque descobri que tenho um doença muito rara. Isso me tirou da estrada, mas Adrián não conseguiu parar. Assim achamos melhor cada um seguir seu caminho. De tempos em tempos ele aparece por aqui. É sempre muito bom vê-lo novamente.

Tomado por uma curiosidade e um certo desespero pelo abandono da BR, o corpo pergunta:

- E que doença é esta que te acometeu? Como pôde te fazer parar? Não consigo me imaginar fora da estrada.

Ela desconversou, buscou outros assuntos, mas por fim disse ao corpo que estava muito cansada e que iria se recolher. No outro dia poderiam voltar a conversar. Despediram-se e o corpo foi até o alojamento descansar. Chegando lá, olhou em volta para ver se conhecia alguém, mas todos eram caras novas para o corpo. Preparou a cama e deitou-se. A cama parecia confortável. Por vezes sentia-se incomodado de estar na cama, pois o corpo muito acostumado com o chão tinha dificuldades para acostar-se em superfícies macias. Virou para um lado, para outro e nada do sono se apresentar naquela noite. Os pensamentos não lhe permitiram que os olhos se fechassem. Estavam inquietos. Pensava na conversa que tivera com Thérèse. No encontro com Grushenka. Em seus encantos. Na misteriosa doença dela. Passados duas horas de tentativas de “sonificação”, desistiu, e com uma inquietação tremenda voltou a colocar-se em pé.

Caminhou silenciosamente pelos corredores labirínticos e chegou a uma ante-sala que dava ligação a uma varanda e a um pátio nos fundos da casa. Foi até lá e no meio do percurso, Grushenka lhe encontra, quando voltava da cozinha. Tinha ido buscar um copo d'água. Também não conseguia dormir.

Voltaram a conversar. Então ela lhe contou exatamente o motivo porque tinha parado de caminhar. Interessante que ela entra para a vida de malucos como uma escolha, mas sai desta vida por uma desfiliação, ou seja, sai por um processo de adoecimento que a impede de continuar, sem recursos médicos, que são hoje o suporte para sua vida. Uma maluques ao contrário. Sua norma/normalidade era a estrada, por um infortúnio, rompe com esta vida e se refaz nesta outra, anormalidade/norma-cidadã.

- Você acredita em maldição? Perguntou Grushenka.

Rindo, o corpo responde que não, e acrescenta: Como assim? Você está de gozação comigo? O que você quer dizer com maldição?

Ela segue:

- Vou te contar sobre uma maldição. Existe um espírito da natureza que vive em tudo que é de água (rios, mares, lagoas). Dizem que este espírito é uma Nífa, uma espécie de sereia, nereida, um gênio do amor ou um poema que de tão belo ganhou vida. Ondine como ficou conhecida nas lendas germânicas. Assim como todas as ninfas, ela era imortal. Sua eternidade estava vinculada a nunca apaixonar-se e ter filhos com um homem. Se isso ocorresse ela se tornaria mortal. Perderia sua beleza conforme os anos fossem transcorrendo, envelheceria e morreria.

Hace ya muchos cientos de años hubo un viejo pescador que, una tarde, sentado ante la puerta de su casa, se ocupaba en remendar sus redes. Vivía en un maravilloso lugar. La alfombra de verdura sobre la cual su cabaña estaba construida se prolongaba hasta el centro de un gran lago, y hubiérase dicho que un sentimiento de amor había atraído a aquella península a sus aguas claras y azules, y que el lago había tendido amorosamente sus brazos hacia aquel bello prado esmaltado de flores, cubierto de tallos y hacia la sombra agradable de sus árboles.⁹²

Quis o destino, por provação ou pura diversão dos deuses, que o cavaleiro, Lawrence, em uma de suas andanças passasse pela casa do pescador e no lago tivesse parado para se refrescar. Paralisado diante da belíssima figura que o fitava, enamorou-se. E logo conquistou o coração de Ondina, que lhe confidenciou seu destino, acaso seu

⁹² Fouqué, F. de La M. Ondina. Digitalizado y revisado por Pedro Manuel S. G. Librodot.com. S/A.

enlace ocorresse. Diante disso, Lawrence lhe jurou amor eterno: “sempre que estiver acordado e cada vez que eu respirar, meu pensamento será de lhe amar e lhe ser fiel”

Depois de um tempo do enlace, Ondina se tornou mãe e, com a vinda de seu filho a profecia se iniciava. Ela passou a envelhecer como qualquer humano. Sua beleza irresistível de ninfa se apagava e com ela o interesse de seu marido.

Numa bela tarde de sol, “destinoedesejoutro” se fundem, quando Ondine caminhava junto ao estábulo. Escutou sons que ressoavam risos e gemidos familiares. Familiares demais! Gemidos que só havia ouvido em alcova com seu marido. Ao entrar no local, deparou-se com a visão menos desejada. Viu seu marido inebriado pelos carinhos de outra mulher. Uma mistura fundida em um corpo só. Ondine, fitando a cena, sentenciou: “Você me prometeu fidelidade a todo instante que respirar. Eu aceitei a sua jura. Então, que assim seja, jaza acordado para lembrar de respirar, pois se acaso você dormir, sua respiração cessará e sua vida se extinguirá!”.

Pobre Lawrence, uma condenação para o todo sempre: estar/permanecer eternamente acordado seria sua sina. Um piscar de olhos prolongados, lhe levaria a morte.

E assim ocorreu com Grushenka. Vive a Maldição de Ondine⁹³. Talvez Adrián fosse Ondine ou Ondine fosse de Adrián. Não sabemos. Mas hoje ela vive Lawrence. Toda noite ligada a aparelhos. Todo breve cochilo, sempre vigiado.

- Como assim? Não entendo! Você quer dizer que foi amaldiçoada? Mas isso não existe! Disse o corpo.

- O cavaleiro também não existia, no entanto estava ali, diante de todos. Mesmo sendo uma armadura vazia, estava em pé e combatia.⁹⁴ Te explico. Esse foi o nome que deram a uma síndrome, em função de parecer-se com o mito. Conforme uma explicação dada pela Dr. Helena⁹⁵, quando uma pessoa que está dormindo deixa de respirar, essa

⁹³ Descrita em 1962 por Severinghaus e Mitchell, a Síndrome de Ondina (Maldição de Ondina, Síndrome da Hipoventilação Central Congênita ou Hipoventilação Alveolar Primária) é uma doença genética raríssima causada por uma mutação no gene PHOX2B localizado no cromossomo 4, que gera uma desordem no sistema nervoso central desativando o controle automático da respiração durante a fase REM do sono, ou seja, assim que a pessoa que tem a síndrome dorme, ela para de respirar. O controle voluntário permanece intacto. Está presente desde o nascimento e necessita de suporte ventilatório durante o sono; Acessado: 28/12/2015. Disponível: <http://medicinisart.blogspot.com.br/2012/07/sindrome-de-ondina-mitologia-disturbio.html>.

⁹⁴ Alusão ao texto de Calvino, I. “O cavaleiro Inexistente”. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁹⁵ Pediatra Helena Estêvão, responsável pelo Laboratório do Sono e Ventilação do Hospital Pediátrico de Coimbra. Acessado em 28/12/2015. Disponível: <http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/portugal/detalhe/seis-meninas-sofrem-de-maldicao-de-ondine.html>.

informação é passada ao cérebro, que faz a pessoa acordar. Mas aqueles acometidos pela Maldição de Ondine, não acordam, seguem dormindo. Assim diminui o oxigênio no sangue e conseqüentemente no cérebro, levando ao coma e depois a morte. Uma falha no sistema nervoso autônomo da respiração. Significa que tenho que me lembrar de respirar. Para não morrer, sempre que vou dormir, necessito de um respirador artificial, uma espécie de máscara para dormir, bastante comum para quem tem apnéia do sono. Assim vivo normalmente.

- Como gosto mais da explicação mitológica, que contou ela primeiro. Prefiro ser cavaleiro Lawrence, ou melhor, um cavaleiro inexistente que teima em permanecer vivo, para além de qualquer racionalidade, mesmo que apenas podendo ser visto pela sua armadura brilhante e bela: o corpo.

O corpo fica incrivelmente tocado pela história de Grushenka. O modo como toma a vida. Ela não é uma sedentária. É uma nômade. Segue viajando, se deslocando, atravessando territórios.

Conversam mais um pouco e o sono os arrebatava. Já passava das 4h da manhã.

- Melhor ir para a cama, antes que eu cochile aqui e Ondine me leve. Diz Grushenka fazendo graça de sua condição.
- Boa noite querido!
- Boa noite Gru. Durma bem. Respondeu o corpo, também já cheio de sono.

Cada um vai para seu quarto. Grushenka por ser funcionária do abrigo, mora em um quarto igual ao dos religiosos que ali se hospedam. Logo ao entrar, avista-se uma grande estante. Ocupa toda a parede esquerda do quarto. Ali livros de toda ordem, não necessariamente postos em ordem. Livros sobre mitologia, história, sociologia, filosofia, medicina e muita literatura. Ao fundo uma grande janela com vista para o bosque e, abaixo dessa uma escrivaninha. Nela encontramos alguns cadernos. São seus diários. Esses foram sempre seus companheiros de viagem. Quando estava na estrada havia criado o hábito de relatar seus pensamentos, lugares, coisas e pessoas que estabelecia contato. Continuava com o hábito, relatando e também criando novos percursos em sua vida. Talvez um dia escrevesse um livro. Do lado esquerdo uma cama solteira, toda em madeira, adornada, com arabescos nas guardas. Lembrava camas muito antigas. Ao lado de sua cama, um bidê. Em cima dele a máscara de respirar. Naquela noite não haveria escritas nem leituras. Tão logo pôs a máscara, adormeceu. O cansaço a havia tomado todas as forças.

A noite era quente e os ventiladores dos alojamentos não davam conta de fazer o calor dissipar. O corpo extenuado pelo calor e pelo cansaço tentava dormir. Então o corpo resolveu ir dormir no pátio. E assim o fez. Mas não tinha modo de se desligar. Seus pensamentos também estavam estimulados. A conversa com ela teve grande importância na vida do corpo, pois lhe permitiu compreender que não existe uma cerca ou um limite claro entre a sociedade e a proposta que ele fazia. Ambos os mundos se interpenetravam. Não existia maluco sem sociedade, sem capitalismo. Ora pois, viviam também da venda do seu artesanato. Dependiam do ganho que o sedentário tinha. Tanto é verdade que nos dias de pagamento eram os dias em que os malucos mais conseguiam vender seus produtos. Claro que nem todos estavam ali para a venda. Muitos ainda faziam ou fazem seu percurso somente realizando trocas. Mas as trocas também não são exclusividades dos malucos. Alguns sedentários, também as tinham como forma de vida, vide o caso do professor padeiro no Paraná. Ele troca os pães que produz por produtos e serviços dos vizinhos.⁹⁶ E assim envolvido pelas permeabilidades do entre mundos, o corpo se fez sono.

Seu descanso não durou muito, pois o sol anunciava o bom dia exatamente quando os ponteiros do relógio visitavam simultaneamente o seis e o doze. Ninguém o chamou! Então levantou e foi para o quarto, precisava de mais algumas horas de sono.

Na ausência do corpo, os hóspedes foram acordando, se lavando e indo ao café. Servido sempre ao mesmo horário todos os dias, não importava se início ou fim de semana, se dia cotidiano ou festivo. As sete horas da manhã a mesa estava posta e ali permanecia até as nove horas. Mesa farta, parecia café colonial. Era para todos, sem distinção. Posta no pátio do abrigo, em meio aos jardins. Só em dias de chuva ou muito frios era servido no interior do abrigo.

O responsável pelo café era Medardo, um senhor de aproximadamente 65 anos, com rosto rosado, poucas rugas e com cara de bom senhor. Bastante obsessivo, jamais tinha atrasado no horário de pôr e tirar a mesa para o café. De poucas palavras, bastante introspectivo. “Media” tudo a ser dito. Acreditava que se tinha duas orelhas era para ouvir mais que falar. E assim fazia. Bastante cumpridor de suas obrigações, mas adorava “pregar peças”. Durante o dia, seu divertimento era aprontar pirraça, feito

⁹⁶ Professor fornece pães para vizinhança em troca de serviços. Acessado: 29/12/2015. Disponível: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/12/professor-fornece-paes-para-vizinhanca-em-troca-de-servicos.html>.

criança nova, com os hóspedes, principalmente com os dos alojamentos C e D. Retirava o parafuso dos acentos das cadeiras, só para rir-se dos tombos. Por vezes colocava sal no açucareiro e açúcar no saleiro. Escondia as mochilas dos andarilhos. Colava as roupas no varal e pregava os sapatos no assoalho. Parecia que tinha dupla personalidade. Durante o turno da manhã, seu horário de trabalho, era um excelente funcionário. Com quem se podia conversar e pegar dicas sobre o caminho por vir. De confiança, diziam. Mas no turno da tarde, fora desse horário, era uma criança malcriada, que só sabia aprontar. Alguns hóspedes mais antigos, diziam que era importante saber reconhecer com quem se estava falando, se com o bom ou com o mau Medardo. As vezes parecia um duplo, outras um dividido. Isso lhe rendeu o apelido de Duas Caras.

Embora pregasse apenas peças inofensivas, acabou por colocar o corpo em uma cilada, que quase lhe custa a vida. Mas isso lhes darei mais detalhes no tempo certo, por hora nos basta conhecer essa figura.

Algumas reclamações chegavam à administração do abrigo em função das estripulias feitas por Medardo. Mas como era sozinho no mundo e, muito havia feito pelo abrigo nos tempos difíceis, além de suas brincadeiras não prejudicarem ninguém, faziam vista grossa. Apenas uma repreensão verbal. Duas Caras prometia parar, mas sua promessa não durava mais que um mês e, lá ia ele aprontar novamente.

Outra função de Medardo era limpar os alojamentos. Isto ocorria logo após o café, em torno das dez horas. Entra e começa a abrir as janelas. Fazendo barulho para que se alguma alma-corpo ainda estivesse por ali, que se pusesse em pé.

- Bom dia! Diz o corpo, meio dormindo e não querendo acordar.
- Boa tarde! Dormiu nas palhas paissano! Responde com ares de impaciência, Medardo.
- Bah, só consegui dormir as quatro da manhã. Ainda preciso de mais algumas horas de sono.
- Mas aqui não dá mais. Busca outro lugar. Tenho que limpar e deixar tudo em ordem. Tens que levantar.
- Ok, ok.

A contragosto o corpo levanta. Vai ao banheiro faz sua higiene e depois de um banho gelado, está quase revigorado. Agora só lhe falta um café. Mas como tardou a levantar, já passou da hora do café.

Andando pelo saguão é interpelado por uma voz feminina.

- Bom dia! Como passou a noite? Conseguiu se entregar ao sono? Perguntou Grushenka.
- Oi! Demorei mas consegui. Ainda estou um pouco sonâmbulo. Preciso de um café.
- Vem comigo que te consigo um. Mas antes me responda a um enigma.
- Xiii, lá vem você com sua mitologia.
- Você sabe o que tem de semelhante entre a escrivainha e o corvo?
- Engraçado, já me fizeram essa mesma pergunta, mas não tenho ideia da resposta.
- Talvez não seja importante a resposta, mas o exercício em que ela te implica.

O corpo olha para Grushenka, buscando sentido naquela pergunta, mas não encontra. A pergunta fica um tanto no ar e a resposta mais ainda. Ambos olham-se com cara de incompreensão-constrangimento. A cena remete a encontros em que a razão não alcança, não explica. Momentos em que falamos ou respondemos algo que não tem o menor propósito e nem sentido, mas acontecem. Como uma pequena parada de significação. Mas, o não sentido é logo interrompido.

- Hoje quero te apresentar uma pessoa. Uma pessoa com quem adoro conversar e acho que vais gostar também. Talvez ajude a entender o enigma. Combinei com ele logo depois do almoço. Pode ser? Disse Grushenka.

Respondeu afirmativamente o corpo. Ali se separam, pois ela tinha afazeres a cumprir. O corpo foi ao jardim olhar a paisagem e repousar um pouco mais.

Neste íterim que antecedia ao almoço, o corpo retomou uma questão feita por Thrérèse sobre segurança. Ficou pensando⁹⁷ sobre seu tempo no exército e em que isto refletia como segurança pública. O que seriam as forças de segurança? Que tipo de formação teriam eles quando pensamos o convívio em sociedade? Lembrou de que havia tido instruções bastante focadas em treinamentos com brutalidade, humilhações e maus tratos. Que seus formadores diziam que teria de passar pelo pior em treinamento para que pudesse ter condições de ir para as ruas e enfrentar a realidade.

Mas se questionava se não seria aquela formação coparticipe da produção da realidade que existia “lá fora”? E esse “lá fora”, seria um fora do quê? O ruim estaria

⁹⁷ Este pensamento do corpo foi construído com base na entrevista concedida por Eduardo Marinho à TV Gambiarra, em 21 de julho de 2014. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=wACdGy6gpfY>. Acessado: 5/10/2014.

apenas em uma parte da sociedade, obsessivamente dividida em metades? De certo, reconhecíamos claramente o lado que devia ser mudado. Ele fazia parte de um dos lados, certamente. Mas qual?

Voltava a formação policial e relembra que lhe diziam que o cidadão é aquele que pode perverter a ordem social. Por isso se justificava a ação ser sempre uma ação de guerra, em que o inimigo pode estar muito próximo, inclusive ao lado. O processo de formação lhe fazia ver e sentir como alguém que estivesse fora da sociedade. Um promotor da paz. Alguém que não pertence ao que existe de ruim na sociedade. Assim, do outro lado estavam apenas os bandidos, aqueles que fraudam o sistema, o outro que encarna o mal, mas nunca ele.

No entanto, hoje se dá conta de que sempre foi preparado para cumprir ordens sem questionar. Não interessava o que pensava, mas apenas se cumpria com perfeição o que lhe era ordenado. Como ser um bom profissional, se não preciso pensar? Como discernir um criminoso de um ativista ou de um manifestante? Treinado a obedecer sem questionar. Todos são baderneiros! Não? Vândalos, então? Terroristas?

Talvez ele próprio um criminoso em potencial. Se lhe disser para reprimir com o uso da força os manifestantes, ele vai fazer isso. Um processo de condicionamento para a violência. Uma resposta automática pela violência. A preparação das forças de segurança são para atacar o povo, para contenção do povo. Estão atacando pessoas comuns, que vão as ruas buscar seus direitos que foram lesados muitas vezes pelo próprio Estado. Logo esse que deveria dar condições de transporte, saúde, moradia, educação, etc., dá migalhas... São duas as violências, uma com a não garantia destes direitos básicos e outra com a violência direta exercida pelos representantes do poder público. Eles dizem que estão defendendo a população. Mas de quem? Da própria população?

Pensava o quão forte é o ensino/condicionamento que implicava em um comportamento dos policiais de prender gente, machucar gente, forjar provas. Isto fica claro em inúmeros vídeos que estão postados na internet, pensava o corpo. A chamada mídia ninja⁹⁸, faz um serviço importante de denúncia e possibilita que cada um tire suas conclusões dos ocorridos.

⁹⁸ “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”. O Mídia Ninja foi fundado oficialmente no Fórum Mundial de Mídia realizado na Tunísia, em 2013. Realizam transmissão dos acontecimentos sem corte, sem censura, sem texto e sem edição, apenas os vídeos em estado bruto, ao vivo direto das ruas.

Em sua reflexão, acabava por colocar o Estado como o grande algoz. Para ele, o povo é inimigo, é perigoso e tem que ser controlado. Acreditava haver uma compreensão social sobre isto. Observava a criminalização dos movimentos sociais. A única parte do estado que não abandona a parte de baixo da população é o sistema de segurança, mas no sentido de bater nesta parcela da população. A pior das mentiras é que qualquer um que se esforçar pode ficar rico. Essa é a pior das mentiras. Acreditar que a riqueza é somente fruto do mérito, do esforço pessoal. E isso nos é propagado no dia a dia, desde a formação familiar, passando pela escola, trabalho e por ai vai. A publicidade está dentro da casa das pessoas, criando nelas o desejo compulsivo de consumo. Uma instigação constante.

Durante este tempo “matutação”, o corpo tinha afastado qualquer possibilidade de voltar a dormir. Seus pensamentos estavam inflamados e o enchiam de angústia e raiva. Como se colocasse em si a possibilidade de resolver as coisas. Mas ao mesmo tempo dava-se conta disso e problematizava a si mesmo e aos seus conceitos. No entanto, seguiu pensando sobre segurança...não estava conseguindo tirar o assunto da cabeça.

Dizia para si mesmo: “Não quero que minha vida seja usada para a manutenção deste estado da sociedade. Eu não concordo e não vou fazer isso. Não sei o que eu vou fazer, mas sei o que eu não vou fazer. Isso eu não vou fazer”.

Era mais difícil ao corpo dizer e pensar sobre o que era. Então pensava sobre o que não queria, e tomava algumas de suas experiências como referência para isso.

Queria experimentar não ter nada. Nada além da roupa do corpo e, essa mesma, poderia a qualquer momento não ser mais dele e passar a outro corpo. O que é não ter nada? Muitas pessoas não tem nada e vivem bem. Mas ao mesmo tempo olhava a sua volta, e via outros tantos apavorados pela possibilidade de não ter nada, de não ter privilégio, de ficar pobre. Também à sua volta, reconhecia que muitos não tinham direitos efetivados. Na Constituição existia a garantia de usufruí-los, mas essa não era uma garantia de fato. Pensava então... que talvez o Privilégio come Direitos. Para alguns terem tantos privilégios muitos têm que ter seus direitos privados. Isso fazia sentido às suas experiências.

Lembrou que muito pediu comida. Inicialmente pedia em casa de ricos ou em bairros mais abastados. Muitos lhe negavam, diziam que não tinham, que não havia sobrado nada. Por vezes, alguns lhe davam o que comer. Lhe tratavam bem. Em outras ocasiões o próprio sujeito que lhe deu comida, ligava para a polícia pedindo que o retirassem do local, pois estava importunando.

Assim acabou por buscar em lugares mais pobres.

Chegou no meio mais pobre, pedindo o que comer, pedindo lugar para dormir e as pessoas começaram a lhe olhar com igualdade. De primeiro, sob o prisma que lhe haviam ensinado (uma visão condicionada, segundo ele), chegou e olhou o meio dos pobres como quem chega no meio dos ignorantes. Estava permeado pela ideia de que iria ensinar eles, porque tinha mais escola, tinha recebido melhor e mais educação. Afinal, tinha chegado à educação superior... incompleto, mas superior. E começou a falar. Falava sobre/da humanidade, da desigualdade, de como deveriam agir para melhorar suas condições de vida. Mas a língua que ele falava não era a língua daquele lugar. Mas as pessoas já o tomavam como um igual, pois também não tinha nada. Um sem nada, portanto um igual, mas com uma fala difícil. Não demorou a perceber que as pessoas começavam a rir do que falava, do seu jeito de falar. Ninguém entendia o que falava. Sentiu-se um idiota. Notou que o ignorante ali era ele. Compreendeu que ali havia todo um outro ritual, uma outra comunicação, uma comunicação intuitiva. Quando você chega numa favela, ninguém vem falar com você diretamente. Inicialmente um tempo de olhar, de observar, ainda à distância. Depois a aproximação seguida de: “Eu tô sentindo que tu é um cara bom.”

Essa relação de aprendizado intuitivo lhe ajudou a teorizar sobre as necessidades básicas do homem. Elas eram em número de cinco e todas começavam pela letra “a”: ar, água, alimento, agasalho e abrigo. Com essas cinco se pode viver bem. Os 5 “as” não são entidades permanentes e fixas, mudam a todo instante. Ou talvez, melhor seria dizer que são variantes de um mesmo tipo. O abrigo que hoje é um hotel, amanhã será a casa de alguém, depois de amanhã será o banco da praça e, depois uma marquise, uma toca na estrada, etc...

Seu estilo mudou. A relação com a riqueza e a pobreza, lhe fez sair do tudo, ir até o nada e, rumar não mais pelo pedir, mas também pela possibilidade de escolher. Passou a querer escolher o que comer. Então tinha que fazer alguma coisa. Começou a

catar pelas estradas dente e ossos de animal atropelado, a fazer brinco, colar, pulseira. Produzir desenhos, expressar seu novo modo de pensar, através deles. Ir constituindo seu campo de maluques.

Envolvido em seus pensamentos e revisitando sua história, o corpo não viu o tempo passar. Quase perde a hora do almoço. Isto só não ocorreu, porque Grushenka lhe avistou no pátio e lhe chamou.

Para o almoço uma salada alemã de batatas e um delicioso marreco recheado, prato típico da localidade. A cozinheira Sebastina, era nascida e criada em Braço do Trombudo, comunidade pequena, mas de excelente culinária. Ali ela aprendera muitos pratos típicos e outros um tanto exóticos, que tinha o prazer de fazer, para satisfação dos que no abrigo se hospedavam.

Depois do almoço e da sesta, Grushenka chama o corpo para lhe apresentar o senhor Zossima. Uma figura emblemática no abrigo. Não é mais um visitante e sim um morador. Cerca de 15 anos atrás parou com suas peregrinações e passou a morar no abrigo, ajudando nas atividades e produzindo muitos deslocamentos com aqueles que tinham tempo para conversar com ele. Vale a pena conhecer um pouco mais desta personagem.

Zossima, tinha aproximadamente 110 anos. Acreditava que por algum motivo alheio a sua compreensão, a morte tinha lhe esquecido, ou estava ocupada demais com outros investimentos para lhe permitir mais de século de jovialidade. Muitas rugas constituíam o mapa de seu corpo. Poderíamos dizer que existia por dobras, por uma infinidade de torções que sua pele fazia dobrando-se sobre ela mesma a ponto de constituir inúmeros “dentros” e “foras” em um só corpo. Um senhor com muitas rugas, sem dúvida. Cada uma delas com muita história. Extremamente honesto, de aparência tranquila, com uma voz calma e de fala um pouco lenta. Parecia pensar muito antes de dizer qualquer coisa. Sua dinamicidade tinha sido apaziguada ao longo dos anos.

Herdeiro de uma grande fortuna, havia passado necessidade, durante um tempo de sua vida, mas por escolha. Seu pai era um cientista europeu e sua mãe professora. A família, de tradição aventureira, foi sobrevivente da grande tragédia ocorrida em 14 de abril de 1912, que matou 1500 pessoas no mar gélido do Atlântico. Como muitos nobres

que estavam a bordo do colossal navio⁹⁹, conseguiram embarcar em um dos botes e foram resgatados. Zossima, na época apenas com seis anos, ficou extremamente marcado pelo fio que definiu vida e morte naquela madrugada: a classe social, o poder econômico.

Zossima trazia em seu sangue e em sua herança familiar o desejo pela aventura. Foi assim que, desde novo, embarcou para muitas descobertas, movido pelo desejo. Viajara o mundo todo em busca de experiências novas. Seu pai era amigo íntimo de Fridtjof Wedel-Jarlsberg Nansen¹⁰⁰, um nobre cientista, explorador polar, aventureiro e político norueguês. Zossima, torna-se bem quisto por Nansen, que o levou em algumas de suas expedições. Participou em 1913-1914 das explorações ao Oceano Atlântico Norte, Oceano Ártico e da Sibéria. Em abril de 1920, observou e aprendeu com o excelente trabalho realizado por Nansen, no executivo da Sociedade das Nações, na organização do repatriamento dos deportados, através da criação do “Passaporte Nansen”, que permitiu, em dois anos, o regresso de mais de 430.000 prisioneiros a seus países. Em 1921, em nova visita a Nansen, acompanhou o auxílio prestado na ajuda alimentar realizada pela Cruz Vermelha nas regiões do rio Volga e no sul da Ucrânia, na URSS.

Também “participou”, como intrometido, em alguns eventos históricos como por exemplo a Revolução Mexicana. Em 1915, logo após ter regressado das viagens oceânicas com Nansen, sua família viajou rumo ao México, para estudos e negócios que seu pai estava desenvolvendo. Durante a viagem, que durou 8 meses, se viram em meio a uma guerra civil. E foram acolhidos por José Doroteo Arango, que lhes deu guarita durante três meses, até que o retorno da família fosse possível. Neste período aprendeu sobre guerrilha, pois Arango estava entre os líderes da revolução, o que lhe possibilitou um convívio intenso com os revolucionários.

Com 16 anos já somava inúmeras experiências e viagens pelos mais distintos pontos do planeta. Assim, decidiu por afastar-se de sua fortuna e, até os 20 anos sobreviveu da solidariedade das pessoas. Tomou como inspiração a vida dos startzí

⁹⁹ A tragédia do Titanic. Disponível: <http://veja.abril.com.br/historia/titanic/indice.shtml>. Acessado: 06/01/2016.

¹⁰⁰ Fridtjof Nansen – Biographical. The Nobel Peace Prize 1922. Acessado: 06/01/2016. Disponível: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/1922/nansen-bio.html.

russos¹⁰¹. Os startzí e o startziado existem na Rússia a mais de 100 anos e, no oriente desde muitos séculos, em verdade, a mais de um milênio. Milhões de peregrinos vinham de todas as partes do mundo para ouvi-los.

O stárietz é alguém que pega a vossa alma e a vossa vontade e as absorve em sua alma e em sua vontade. Ao escolher um stárietz, abdicais de vossa vontade e a pondeis em plena obediência a ele, num ato de plena renúncia de vós mesmos. Quem a isto se condena assume voluntariamente essa provação, essa terrível escola da vida na esperança de, após longa provação vencer a si mesmo, dominar-se a ponto de poder finalmente atingir pela obediência de toda a vida a liberdade já completa, isto é, a liberdade de si mesmo, evitar a sorte daqueles que viveram uma vida inteira mas não se encontraram em si mesmos (p.48).

O startziado não é uma teoria, mas sim uma prática milenar no oriente. Em especial, o Zossima seguia os ensinamentos do Startzí Vielitchkovski, um dos maiores ascetas russos.

Estes foram 4 anos de absoluta reclusão, vivendo a vida dos monges. Intensas leituras, principalmente na filosofia e literatura.

Quando regressou, já com 20 anos, foi buscar trabalho fazendo pequenos serviços. Conseguiu emprego em uma pequena oficina de couro, uma espécie de sapataria. Como ainda não queria retornar a sua casa, o dono lhe deixava dormir na sapataria. Ocupava um pequeno espaço no sótão. Ali só cabia um velho colchão e seu corpo. Foi seu primeiro ofício, fazia cintos e também era engraxate. Depois de um ano neste trabalho, retornou para a casa de seus pais. Ali, teve um tutor que lhe ajudou a terminar seus estudos.

Mas já nos alongamos demais na vida de Zossima, voltemos agora para o encontro entre Grushenka, o corpo e Zossima.

Logo após Grushenka apresentá-los, o velho Zossima pede ao corpo que lhe conte um pouco sobre sua jornada¹⁰². Neste instante o corpo retoma a história de sua

¹⁰¹ Esta explicação está baseada na descrição feita por Dostoiévski, no livro “Os irmãos Karamazov”. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 46-48.

¹⁰² O encontro entre o corpo, Zossima, Grushenka, Rombaldo e Bressac e todo o dialogo/conversa que segue está baseada nas seguintes obras: Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002. / Spinoza, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. / Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013./ O abecedário de Gilles Deleuze. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos, 1988. / Deleuze, G. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2002. / Foucault, M. Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universtiária, 2006. / Sade. M. Justine o los infortunios de la virtud / Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2008. / Krakauer, J. Na natureza selvagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. E também, nos relatos, vídeos e entrevistas dos Malucos de Estrada. Blog Observar e Absorver de Eduardo Marinho (maluco de estrada): http://observareabsorver.blogspot.com.br/2016_01_01_archive.html.

saída de casa e de como foi difícil a ruptura com a família sanguínea. Este parece ser um tema que sempre retorna aos seus novos encontros. A grande maioria das pessoas tem curiosidade em saber como é possível alguém romper com a família nuclear e como é possível dispor sua vida através da rua, da estrada. Talvez fala-se tanto nisso como estratégia de convencimento?! Ou não!

- Tentei por muitas vezes me enquadrar aos desejos e prescrições que minha família me fazia. Tinha clareza que dentro do universo deles, buscavam me passar o que entendiam ser o melhor. Mas neste percurso se esqueciam de me perguntar ou de tentar entender o que eu compreendia como melhor para mim. Assim tentei me emoldurar para não magoá-los. Fiz concurso público, servi ao exército, entrei para a faculdade. Fiz o curso que eles achavam que seria bom para mim (medicina). Para eles era inconcebível não ter curso superior, e um “bom” curso superior (medicina, direito, odontologia). Hoje eu sou o único que não tem curso superior na minha família. Mas não encontrei o que estava buscando, nem no serviço público, nem na faculdade. Por isso precisei sair. Quero a experiência de andar pelo mundo sem ter nada.

- Foi aí que as dificuldades ficaram ainda mais acirradas. Porque minha família não aceitou. De experiência passei a viver uma realidade. O que era para ser experiência virou situação. Assim a rua me ganhou.

- O fato da minha família ter cortado relações comigo, apesar de ter sido doloroso na época, me deu oportunidade de me sentir família em todo lugar que eu estava. E pra mim a família deixou de ser consanguinidade e passou a ser afetividade. Hoje me sinto família-coletividade. Por todos os lugares em que ando, encontro pessoas muito bacanas e sempre é exaltado o sentimento de família da malucada. Todos malucos arranjam-se como uma grande família. Se você está na “pedra de maluco” e bateu aquela fome. Você busca comida pra galera que estiver ali também. Não existe essa de comprar apenas para você comer e deixar os companheiros sem nada. O que tu compra vai pra roda e é compartilhado com os que ali estão. Isso independe de você conhecer ou não o pessoal que estiver na pedra.

“Finalmente estava desimpedido, emancipado do mundo sufocante de seus pais e pares, um mundo de abstração, segurança e excesso material, um mundo em que ele se sentia dolorosamente isolado da pulsação vital da existência” (Krakauer, 2013, p. 34).

- Logo que saí, me culpava, mas depois de um tempo, parei de me culpar e comecei a me questionar: Quais os esforços deles para estar comigo? Para me entender? Para compreender que eu não queria a oferta que estavam me fazendo? Que eu não queria competir? Porque eu deveria me culpar, se eles também não conseguiam compreender minha busca?

Neste instante, ouvimos Rombaldo, um argentino que estava deitado sob a grama do pátio e ouvia atentamente a conversa dos três, pensava em voz alta: “La moral, tiende a aniquilar las pasiones, a causa de la estupidez existente en ellas. Tiende, pues, a castrar al hombre; y es, en consecuencia, una rebelión contra la vida, algo que va contra la naturaleza”.¹⁰³

Os três olham para Rombaldo, se olham, e Zossima comenta:

- Interessante você mencionar os afectos e o quão eles lhe fazem sentir em uma família-coletividade.

- Mas você me parece um sujeito bem politizado. E pelo que Grushenka me disse a seu respeito, bem envolvido com as causas sociais. Um esquerdista, talvez? Comenta Zossima.

- Sim, sou de esquerda. Mas o que seria ser de esquerda? Vou lhe explicar o que entendo por esquerda. Disse o corpo, já empolgado com a questão.

- Estudei, conheci o marxismo e achei o marxismo ótimo. Então eu conheci os marxistas e achei os marxistas péssimos, terrivelmente doutrinários. Por isso eu desisti do marxismo. Tem muito marxista que é igual a crente, o cara é impenetrável. Seu dogma, produz-lhe uma carapaça que impede o diálogo. Ele jamais troca. Não podemos nos tornar seguidores de uma teoria, tal qual ela foi elaborada. Elas devem nos servir, usamos para pensar e não para seguir cegamente. Não podemos ficar nos jargões, nas máximas. Assim a esquerda fica apegada nos slogans, e acaba por fazer o mesmo discurso desde sempre. Temos que fazer agir. Tomar o pensamento como um afecto de alegria, uma consciência que impulsiona ao agir.

E o corpo seguiu com seu pensamento...

- Direita e esquerda hoje? Só se pensarmos na mão direita e na mão esquerda. Mas o que me preocupa é a reunião que a cabeça faz com essas mãos. Uma parceria

¹⁰³ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013, p. 31.

mais financeira que corporal. Um corpo “financeirizado”, afiançado, consignado ao mercado. Não tem partido, tem modos de governar. Direita e esquerda são uma dicotomia falsa. O controle está na mão do mercado financeiro. Na concentração de poder, na concentração da produção de alimentos, na concentração da produção de remédios, na concentração privada da medicina, que impede o investimento na medicina pública. Por que tem gente abandonada? Não tem tecnologia para atender todo mundo? Não tem produção para alimentar todo mundo? Não tem condições de ter uma educação de qualidade? Eu afirmo que temos todas as condições. Mas não interessa aos donos do poder, que não estão na política, mas estão acima dela. Eles estão nos bastidores, no escuro. É o mercado financeiro.

- Aí que entra o que entendo por esquerda. A entendo como algo...

Ouve-se novamente os altos pensamentos de Rombaldo: “Se paga caro el llegar al poder: el poder vuelve estúpidos a los hombre...Los alemanes – en otro tiempo se los llamó el pueblo de los pensadores: ¿Continúan pensando hoy?”¹⁰⁴.

Grushenka empolgada com a conversa e, aproveitando-se pelo íterim causado pelos altos pensamentos, intervém com a seguinte pergunta:

- Mas você acha que o poder é algo que alguém tem nas mãos? Que é de alguém?

- Não. O poder fica melhor compreendido quando o pensamos como uma relação. Mas entendo que hoje, dentro do campo econômico financeiro, esta relação está de forma tal estabelecida, que acaba por pender de forma mais intensa para as mãos de um segmento da sociedade. Diz o corpo.

Zossima muito atento a conversa acrescenta uma observação sobre o poder e sua relação com o governo:

- Pensar o poder e o governo na contemporaneidade, me parece remeter a uma posição em que o Estado ocupa a partir da modernidade uma centralidade, ou seja, seu lugar de centralidade, sua relação com todo o aparato burocrático e em especial as políticas sociais (saúde, educação, segurança, habitação, etc.) lhe conferem governabilidade social. Assim deslocamos de um poder central econômico, para pensar as formas de exercício do poder. Pensar as variantes de poder, suas transmutações.

¹⁰⁴ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013, p. 100.

Teremos, então categorias totalizantes de poder; categorias de repressão; categorias jurídicas; categorias econômicas; de sujeito, etc... Tais categorias vão nos remeter a embates contra as dominações étnicas e sociais; contra as explorações que afastam os indivíduos de seus trabalhos ou dos efeitos de seus esforços produtivos; contra os processos de submissão do indivíduo a outros. Assim nos interessaria mais entender como o poder funciona. Saber sobre seus sistemas de diferenciação. Aqui, como dizias antes, seria um prato cheio pensar tais diferenciações nas políticas públicas (econômica, jurídica, cognitiva e por sua efetivação na cultura). Também a questão dos privilégios, do acúmulo de riquezas. Sob que relações são possíveis? Que institucionalizações e que racionalidades estão implicadas? Enfim, abre-se uma rede, uma trama bastante complexa sobre as conexões em que o poder se envolve ou é envolvido. Talvez o mais acertado seria pensar que o poder de governo é a forma como as condutas são conduzidas, sobre suas probabilidades de ação, de movimento, de pensamento. Influências para sua indução, facilitando ou dificultando ou até impedindo. Acredito que falamos de modulações.

- Mas o que queria dizer sobre esquerda, é que a entendo como algo que não engloba a maioria. Ser de esquerda seria estar sempre a margem, como o coletivo beleza da margem. Como os artesãos, em relação à arte de mercado. Como o dormitório alugado por uma noite por R\$ 3,00 com cama e banho incluídos, frente a grande rede de hotelaria mundial - IHG –Intercontinental Hotels Group. Esclarece retomando a palavra, o corpo.

- Se entendo o que estás dizendo, significa que não existiria em si um governo de esquerda. Existiria, assim, uma diferença entre governar e ser de esquerda. Ora estes podem se aproximar, no sentido de que um governo em seu ato de governar pode aproximar-se de algumas pautas ou exigências de esquerda, mas aquele remeterá sempre a um padrão. E padrão implica maioria. O que nos levaria a pensar que a maioria identifica-se com um lugar vazio, com o lugar de ninguém, enquanto um padrão ideal. Ora, quem atinge o ideal? Isso é o contrário do que estavas comentando sobre o artesanato realizado pelos malucos. Neste sentido sua produção, assim como a ideia de esquerda que trazes, estariam diretamente ligados a noção de minoria. Não numérica, mas de um devir-minoritário. Estariam apontando para aquilo que escapa ao padrão, que faz um desvio do modelo e encontra formas-outras de existir em devir-minoria, como devir-animal, devir-mulher, devir-negritude, devir-criança. Seria a ruptura com “ser

algo” (mulher, negro, criança) por natureza. Falamos de um processo de construção de si, de cuidado de si. Concluía Grushenka, entusiasmada!

Zossima acrescenta que ser devir-minoria é estar em um conjunto de processos, então ser de esquerda é ser minoria e, portanto, minoria é todo mundo. Pensado a situação do corpo diz: “Ora, o corpo sente-se em família-coletividade, conforme afirmou antes, pois está nesta relação fora do padrão familiar, fazendo do “todo mundo” sua família-devir-menor. Uma família-mundo. Habita, deste modo, todos os territórios sem sair do lugar”.

- Além disso, podemos entender esse tema, como uma questão de percepção. Como quando comemos uma sopa ou um mingau quente. Tem que ser pelas beiradas. Começamos pelo horizonte, pelo mundo, depois, pouco a pouco, percebendo as coisas que estão mais próximas, como o continente em que habitamos, o país, a região, o bairro, a rua, até chegarmos a nós mesmos. Primeiro, vemos e não aceitamos a injustiça na África, as mazelas na Ásia. Não é possível aceitar tamanha injustiça. Estes problemas precisam ser resolvidos, não por nos garantirem privilégios, mas porque entendermos que estes problemas estão interligados. Não é ser bom cristão ou qualquer coisa do gênero, mas simplesmente compreender que estes problemas nos são bastante próximos, talvez mais que aqueles que acontecem na nossa rua.

- “Les está prohibido escribir de izquierda a derecha y servirse de la mano derecha para escribir: el empleo de la mano derecha y de la escritura de izquierda a derecha está reservado a los virtuosos, a la gente de raza”¹⁰⁵. Ressoavam novamente os pensamentos altos de Rombaldo.

- Essa noção de interligação, eu vejo com a internet também. Disse Grushenka. – Muitos malucos que por aqui passam, trazem um tablet e sempre perguntam por conexão. Dizem que é pra falar com os amigos que estão distantes, em outras rotas. Ou pra procurar coisas nos buscadores. Mas não é notícia de massa, tipo TV da grande mídia. Pelo que notei acessam mídias alternativas. Espaços de ativistas, blogs, coletivos, como o “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação” ou o “Observando e Absorvendo”.

¹⁰⁵ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013, p. 97.

- A internet potencializa um monte de coisas mínimas que acontecem no planeta. Tem um monte de coisa ínfima acontecendo e, o legal da internet, é que ela nos dá a possibilidade de acessar todos esses mínimos. O foco do olhar, talvez seja um dos marcadores dos tipos de usos? Mas de todo modo, acho que a abertura para a constituição de uma rede sem início ou fim, sem ponto específico de passagem.

A partir dos comentários da Grushenka, Zossima se volta para o percurso dos malucos e se questiona em voz alta.

- Fico me perguntando sobre o movimento que os malucos fazem. Estariam eles afinados com a definição de pensamento de esquerda? Trariam eles um olhar de borda? A que se ligariam suas nomeações, maluco, micróbio? Micróbio como um devir-animal? Maluco como um devir-louco? Seriam eles um corpo que existe em periferia? Um corpo que toma a própria vida como instrumento de resistência?

Todos ficam pensativos, “matutando” sobre os questionamentos de Zossima.

O corpo quebra o silêncio:

- Não sei responder exatamente a essas perguntas. Mas penso o meu movimento em direção à malucada, que se deu processualmente e no sentido da periferia. Acho que é um movimento que se faz das extremidades para o centro. Busca uma resposta que não está no local e nem dentro do próprio sujeito. Me parece que o percurso funciona como uma jornada, uma busca que força um deslocamento, não necessariamente geográfico, mas também, e inclusive para alguns, necessário. Começa-se por andar, como fez Forest Gump no filme, mas esse andar inicial vai construindo novas ligações que acabam agenciando os percursos pelos quais cada maluco segue. Alguns se estabilizam geograficamente, como fez Grushenka, mas mantém sua velocidade, sua condição de conexão com o todo do mundo.

Rombaldo e seus altos pensamentos se inserem ao discurso do corpo: “En nuestra propia naturaleza salvaje es donde mejor nos resarcimos de nuestra no-naturaleza, de nuestra espiritualidad”¹⁰⁶.

O corpo retoma a palavra e segue falando de seu percurso.

- O maluco nasce maluco? Ou se torna maluco? Não sei exatamente... mas acho que a busca por algo diferente do que encontramos no dia-a-dia, me ajudou a ser

¹⁰⁶ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013, p. 42.

maluco. Meu processo de aproximação com a maluques, não foi do dia para a noite, ou de um instante para o outro. Para mim foi como buscar um encontro comigo. Eu não gostava do modo como as pessoas da minha classe social se relacionavam. Um pessoal muito competitivo. As relações muito focadas na formação para o trabalho que dê condições de consumir e de ser reconhecido, de forma destacável, pelos outros. Então eu buscava nas classes menos abastadas, como com os serviçais da minha casa. Eu adorava estar com os serviçais. Adorava conversar com eles. Mas eles não me tratavam como igual, pois sempre me olhavam como o riquinho legal. O filho do patrão que é “gente fina” e trata os empregados com respeito e proximidade. Mas eu sentia que existia uma separação. Como se o encontro não pudesse ser um encontro verdadeiro. Como se estivessem sempre mantendo, mesmo que leve, uma distância. Então cada final de semana ou feriado eu pegava carona e ia para algum lugar diferente. Local de pescadores, vilas, bairros periféricos, onde estavam as pessoas mais pobres. Ali eu observava e absorvia¹⁰⁷ uma relação mais afetiva, etc... Nas férias, realizava longas viagens solitárias. Apenas comunicava minha família: “Acho que vou desaparecer por algum tempo”¹⁰⁸, e sumia. Conheci muitos lugares e pessoas. Aprendi pra “caramba”! Me ajudou a vencer o medo e me fortaleceu.

- Acho que comecei turista, virei micróbio e hoje sou maluco. Disse o corpo, produzindo riso nos amigos a sua volta.

- Mas como você entende essa separação? Seriam momentos distintos a base da diferença? Perguntou Zossima.

- Acho que essa diferença não é do momento, mas do modo como cada um se coloca em dado momento. Se estivéssemos buscando conceitos, eles seriam separados em diferentes categorias: malucos, turistas, migrantes e micróbio. Como falei, eu comecei sendo um turista, um cara que tem seu cartão de crédito, tem casa fixa, tem estrutura de trabalho ou de ganho financeiro e resolve tirar um tempo para conhecer algum lugar. Mas faz isso ao estilo mochileiro. Leva menos coisas. Quer conhecer os modos de vida local, conversar com as pessoas, comer comidas típicas, ir nos locais tradicionais da cidade. Mas tem sempre um local para voltar, tem sempre uma casa para chamar de lar. É seu ponto de retorno e de segurança. Pode ser “pinçado” a qualquer

¹⁰⁷ “Observar e Absorver” é o nome do blog criado por Eduardo Marinho para mostrar sua arte e para expressar-se através da escrita sobre acontecimentos sociais, políticos e econômicos. Apresenta pensamentos, percursos e relatos de viagens e, também comercializa suas produções.

¹⁰⁸ Krakauer, J. Na natureza selvagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 33.

momento da “aventura” e retornar ao lar. Sua relação com a “terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade”¹⁰⁹ que acaba por reterritorializar a posteriori esse sujeito. O migrante é parecido e também tem sua relação com a terra num depois.

- Já o micróbio é parecido com o maluco. Talvez um tipo de maluco? Não sei. Normalmente, logo que o cara se joga, ele vive como o micróbio. Aquele cara que não tem nada. Nem material para trabalhar, quando muito tem uma peça ou duas. Quero dizer que não tem peças para expor. Não tem pano. Ele tem apenas o alicate e um pedaço de arame. Faz seu trabalho na hora. É um fanfarrão, fica de brincadeira com todo mundo. É mais fedido, porque está andando muito e não liga para o banho. É ligeiro, sabe como é? Se o cara se distrai, ele “zupt” pega um material do teu pano. Fica só no bico, esperando a oportunidade. Tem que ficar ligado. Quer beber e comer sempre nas costas dos outros. As vezes arruma encrenca. Faz “mangueio”¹¹⁰ mais agressivo.

- E o maluco, véio... é isso que tu tá vendo aqui. O corpo aponta para si, tomando-se como “exemplar da espécie”. E segue falando. Vejo o maluco como um híbrido. Uma mistura histórica, de histórias, de política, economia e sociedade. Um viajante, caixeiro viajante; cidadão; um pouco hippie; um tanto morador de rua; artesão; uma expressão cultural; um tipo de nômade; vários encontros; um animal-primata. Tudo isso e nada disso em especial. Não é uma ou outra categoria, mas um amalgama disforme, feito de vários materiais, com grandes variações.

- “Poxa”!!! Foi difícil de fazer essas definições!! Mas fiz, embora entenda que todos se cruzam. Que nas trajetórias por eles percorridas, existem infinitos pontos de encontros.

O corpo mal termina sua meticulosa definição e Rombaldo pensa ainda mais alto: “Yo desconfío de todos los sistemáticos y me aparto de su camino. La voluntad de sistema es una falta de honestidad”¹¹¹.

- Muito interessante isso que ecoa de Rombaldo! – Disse Zossima, e voltando-se para seus interlocutores, seguiu falando com olhar sereno - E me faz lembrar o livro

¹⁰⁹ Deleuze, G. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 53.

¹¹⁰ Conversa com os transeuntes; anúncio de seus produtos; modo de oferecer as peças; modo de convidar ou de provocar interesse nas pessoas para que se aproximem; modo como te relaciona com os outros; histórias que os viajantes contam.

¹¹¹ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013, p. 46.

“Palomar”¹¹² que Calvino escreveu. Especialmente o texto “O modelo dos modelos”, em que descreve o movimento que fazemos para nos adequar aos modelos propostos por terceiros. O modelo sempre perfeito; a realidade sempre defeituosa; “resta apenas obrigá-la a adquirir a forma do modelo, por bem ou por mal”¹¹³. Regras, ou melhor, regerar-se. Propostas e modelos para melhor lidar com as questões do humano, para melhor lhe governar. Pensar que em certos momentos nós é que somos esses terceiros que produzem as descrições detalhadas das coisas, pessoas, grupos e, que estabelecemos categorias identitárias para a vida que tenta escapar a elas. Mas se a realidade não se adapta ao modelo, o que se pode fazer é produzir modelos que se adaptem a realidade. Um intenso investimento em pensar o uso correto do modelo correto para a realidade correta. Que grande abismo! Um jogo de poderes. Relações de poder para regular outros jogos de poderes.

Enquanto os homens exercem
Seus podres poderes
Motos e fuscas avançam
Os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais¹¹⁴

- Mas o mais interessante é que ao dar-se conta desse jogo, Palomar repensa a própria relação entre a produção de seus modelos e a realidade. Entende que o que conta nesse jogo são os modos pelos quais a sociedade vai constituindo, em ritmo vagaroso, hábitos, formas de pensar e de agir. Assim, acaba por apagar seus modelos e, o que sobra é a padronização capenga da realidade e a constatação de que não é homogeneizável, pois apresenta sempre seus variantes “senãos”. “Para fazer isto, melhor é que a mente permaneça desembaraçada, mobiliada apenas com a memória de fragmentos de experiências e de princípios subentendidos e não demonstráveis”¹¹⁵. Conclui Zossima.

Não é uma linha de conduta da qual possa extrair satisfações especiais, mas é a única que lhe parece praticável.

- Sim, interessante! Não nos damos conta desse adestramento cotidiano, mas muitas vezes nos escapa o modelo. – Lembrou-se de um livro em que um homem acordava transmutado em inseto. - “Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos,

¹¹² Calvino, I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 97-100

¹¹³ Calvino, I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 98.

¹¹⁴ Podres poderes. Caetano.

¹¹⁵ Calvino, I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 99.

Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. (...) Que tal se eu seguisse dormindo mais um pouco e esquecesse de toda essa bobajada”¹¹⁶. Acho muito legal este texto. Sabe..., o inesperado, o impossível, acontecendo. Quando tu te dá conta, já está ali. E então, o que fazer? O cara já é o inseto. Como explicar isso? Disse Grushenka.

- Vivemos em uma sociedade que é insustentável. Cedo ou tarde ela entra em colapso. Pelo menos isso me parece uma verdade. Como não fazer o caminho comum que gera essa insustentabilidade? O estado financiado pela iniciativa privada, passa a beneficiar o mercado. Por exemplo, o financiamento de campanhas. A desconstrução necessária, me parece, não é do Estado instituição, mas do modelo/condicionamento que tem dentro da gente. Da competição, dos valores e desejos. Estamos condicionados, modelados, normalizados, tomando a competição e a desigualdade como normal. Isso é insustentável. Esse modelo que escolhemos, torna difícil um modelo de sustentabilidade que não vise preferencialmente a economia. Por isso que muitos pensam em revolução.

- A rapaziada que fala em revolução apresenta um monte de comportamento convencional/tradicional. São super vaidosos, soberbos, pensam que a verdade está só com eles. Parecem religiosos, não? Não se põem a serviço, querem liderar. Lêem livros, fazem faculdade e já se entendem como habilitados a governar. Onde ninguém obedece não há quem consiga mandar, meu velho! E nós obedecemos demais nessa vida. Não tenho respostas para as dificuldades que vivemos. Também não acredito que existe algum lugar para se chegar. Não tem paraíso depois da revolução. Não tem nem revolução.

Disseram que o mundo era uma arena competitiva, um mundo cruel onde vence o mais forte. Tive medo, tive raiva, competi, perdi, ganhei, comecei a ficar forte e ganhar mais. Até ser natural ganhar. Então percebi a tristeza dos vencidos. Não gostei de produzir este sentimento. Acabou minha alegria. Ganhar incomodou. Que valor tem a alegria da vitória, se ela é construída em cima da tristeza dos vencidos? Não gostei e não quis mais. Mentira. O mundo não é um campo de batalha. E os meus irmãos não são meus inimigos. Não quero a derrota de ninguém, não quero competir. Não preciso vencer na vida, preciso mesmo é viver. E a idéia de vencer, na verdade, me inferniza a vida. Desde aí, nunca mais pretendi vitória nenhuma. E minha vida ganhou paz e fluxo, se mostrou como um manancial de ensinamentos, de aprendizados, de ganhos que se dividem sem diminuir, ao contrário, essa riqueza se multiplica quando é dividida.¹¹⁷

¹¹⁶ Kafka, F. A metamorfose / e / O veredicto. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 13-14.

¹¹⁷ Marinho, E. Blog Observar e Absorver. Alguns pensamentos esporádicos que pude anotar nesses dias. Postado em 05 de janeiro de 2016. Acessado em 15/01/2016. Disponível: http://observareabsorver.blogspot.com.br/2016_01_01_archive.html.

- Mas então a escolha seria viver a deriva? O maluco assumiria um lugar de errante em deriva, sendo levado para qualquer lado? Assim ele não continuaria sendo um mandado? Que sina! Pois é justo com isso que tenta romper. Constitui um movimento de contra-cultura, que afirma o mesmo. Diz Grushenka.

Zossima tenta uma resposta a Grushenka.

- Fico pensando que a vida não pode ser um deixar acontecer. Não pode ser vivenciada somente a partir das necessidades. Mas deve guiar-se pela produção de uma potência. Como diria Espinosa, “Humildade, pobreza, castidade” são as portas para tornar o próprio corpo um templo. Toda ação contra este corpo é vergonhosa, pois é ataque ao pobre e casto que não oferece resistência a crueldade que lhe é dirigida. Ser solitário é um caminho escolhido para que a potência do pensar ganhe amplitude e vazão. Mas andar entre outros, ou com os outros, é um meio que lhe dá segurança. Estar junto, sob a proteção do Estado seria muito mais a escolha, talvez feita pelo medo, do que pelo pensamento livre. Toda sociedade estabelece uma relação que tem como fundamento a obediência. A relação obedecer e desobedecer, como noção social, vincula-se à culpa, mérito, bem e mal. O pensamento livre anda por entre estas relações, mas não se assujeita a elas. Assim, forças do pensamentos escapam tanto à obediência quanto à culpa e se figuram como propulsores de uma vida para além do bem e do mal. Estas forças fazem com que o pensamento habite diferentes espaços, “à maneira de um eremita, de uma sombra, viandante, inquilino” dos lugares”¹¹⁸.

- Mas esse pensamento livre, fica dificultado quando muito do que vivemos é produzido através do medo condicionado. De uma educação para o medo. Vivemos em uma sociedade do medo. Uma sociedade que fabrica, em grande escala, o medo. Você tem medo de descer na vida. Medo de ser despedido. Medo de ser assaltado. Medo de andar nas favelas. Medo de ficar abaixo da tua mulher, por exemplo, dela ganhar mais que você.

Tienen miedo del amor y no saber amar
Tienen miedo de la sombra y miedo de la luz
Tienen miedo de pedir y miedo de callar
Miedo que da miedo del miedo que da

Tienen miedo de subir y miedo de bajar
Tienen miedo de la noche y miedo del azul
Tienen miedo de escupir y miedo de aguantar
Miedo que da miedo del miedo que da

¹¹⁸ Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002, p. 10.

El miedo en una sombra que el temor no esquiva
 El miedo as una trampa que atrapó al amor
 El miedo es la palanca que apagó la vida
 El miedo es una grieta que agrandó el dolor

Tenho medo de gente e de solidão
 Tenho medo da vida e medo de morrer
 Tenho medo de ficar e medo de escapular
 Medo que dá medo do medo que dá

Tenho medo de acender e medo de apagar
 Tenho medo de esperar e medo de partir
 Tenho medo de correr e medo de cair
 Medo que dá medo do medo que dá¹¹⁹

- “Pintam” o mundo como se fosse uma grande arena. Todos são inimigos de todo mundo. Um “pega pra capar” geral. Todos podem te trair. As pessoas ficam paralisadas diante desse cenário que é catastrófico. Mas, me parece, se você se expõe a traição, se você se joga, você desenvolve um discernimento que te faz “sacar” antes do cara te trair. Quando eu peguei a mochila e botei nas costas para ir pra estrada, eu achava que não chegaria aos 28 anos de idade. Achava que ia morrer antes. Tinha medo de não ter trabalho, casa, comida, etc.. tinha medo do medo que dá quando estamos entre a vontade de ir e realizar o primeiro passo. Felizmente fui. Argumenta o corpo.

- Concordo contigo, meu rapaz. Muito da organização da sociedade está baseada na impotência dos homens, principalmente dos pobres. Deleita-se do desprezo, do escárnio da malevolência, da desesperança das almas, de seus pedaços (“o tirano necessita de almas despedaçadas, como as almas despedaçadas necessitam de um tirano”¹²⁰). Diz Zossima.

- O pobre não tem ensino, tem um simulacro com o nome de escola. Os professores ganham mal, a estrutura é precária, a galera frequenta pela obrigatoriedade legal, mas não vê a escola como percurso que lhe dará melhores condições de vida. Ele tá sendo preparado para o setor de serviços. Ele termina o ensino médio e não consegue ler um texto. Ou até lê, mas não entende, falta compreensão do texto. Embora tudo que se faça no mundo passa pelo pobre. Ele que troca o pneu na borracharia; ele que serve a comida no restaurante; ele que faz a faxina nas casas; ele que limpa as ruas, seja como lixeiro ou como gari; etc.. Grushenka acrescenta à discussão.

¹¹⁹ Miedo. Lenini.

¹²⁰ Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002, p. 19.

Tem essa bagagem de inferioridade. Muita gente fica condicionada a esse sentimento.

Hoje a pobreza é vista como incompetência da pessoa. Significa que tu não fez por ti, que não aproveitou as oportunidades que te foram dadas. Tu é o único e exclusivo responsável pela tua condição atual. Meritocracia na veia! Não é mais injustiça social. É a justa punição da incompetência.

Aproveitando a deixa do corpo, Zossima assume a palavra para, inspirado em Espinosa, fazer algumas considerações sobre a relação entre o corpo e as noções de alma, mente, consciência.

- Não sabemos o que podes corpo! Na grande maioria das vezes te vemos como mera extensão da alma. Um objeto cumpridor da vontade, que reside em outra instância, interligada a ti, simplesmente pela possibilidade do teu movimento. Estamos muito mal acostumados a hegemonia de uma consciência e te desprezamos como fonte de potência para a vida.

- Mas se começamos a te olhar em paralelo com a outra, teremos um casamento em que corpo e alma seriam instâncias de uma mesma paixão ou de uma mesma ação. Ou seja, tudo que “é ação na alma é também necessariamente ação no corpo, o que é paixão no corpo é por sua vez necessariamente paixão na alma”¹²¹. Significa ultrapassar as condições de conhecimento limitadas a consciência que do corpo e do espírito temos. Assim o pensamento seria mais que a consciência, apontando para o desconhecimento que se legitima pelo não saber do corpo. O encontro de dois corpos, sejam eles ideias ou corpos, tanto pode compor potência, como pode decompor e destruir as partes. Teu percurso maluco te leva a outros rumos com certeza, mas estes rumos podem se configurar como: um corpo-carne-fragelo-rua tomado pelas drogas, por exemplo, que fazem ligações em decomposição estômago, boca, pele, neurônio, te tornando um “corpo vazio”. Carne comida; ou um corpo-cinesia-pensamento-rua que te ligam a processos de (des-re)territorialização, te tornando um “corpo sem órgãos”. Ao mesmo tempo, corpo e mente investindo na transmutação da impotência e dos “afetos tristes” em potência de agir e pensar: “afetos alegres”. Ou uma composição de todas estas possibilidades.

¹²¹ Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002, p. 24.

- Temos que ter claro que o que caracteriza as relações entre os corpos-malucos é o “movimento pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão” dos camaradas que se envolvem “e não pela substância”¹²², não pelo órgão em si.

- O corpo, concebido dinamicamente, está em uma relação de dupla afetação: “um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que define um corpo na sua individualidade”¹²³, ou seja, a experiência do maluco não é a roupa que usa ou os dreads no cabelo, mas o deslocamento que realiza e a condição de afetar e produzir afetos que consegue articular. Assim, o corpo não é a forma dos teus órgãos, nem é definido por uma função orgânica, também não é nem sujeito ou substância, mas é repouso e movimento das suas frações. É também potência de afetar.

O corpo intromete-se na reflexão de Zossima, trazendo, novamente, sua experiência:

- É exatamente isso que digo sobre o saber intuitivo dos pobres. Com outras palavras, evidentemente. Não tenho tua erudição né, Zossima? Mas é isso que observo entre os mais pobres. Óbvio que isso não se reduz apenas aos pobres, mas foi ali que consegui entender a potência da produção de um pensamento, de um conhecimento que não fosse só racional, mas intuitivo. Afetar e ser afetado não é determinado pela mente. Tem uma diferença entre conceber o mundo pela razão e concebê-lo pela intuição. Implica em composições de sociedade completamente diferente. Penso o saber intuitivo como o encontro/afeto entre os corpos. Não é a mente te dizendo, racionalmente, que esse lugar é perigoso. Mas o corpo afetando-se pelos outros corpos e constituindo a situação de perigo ou não. Saca?

- Nos atemos muito sobre o que acontece entre o nós (corpo ou ideia) e o outro (corpo ou ideia), ou seja, nos vinculamos ao efeito do outro sobre nós, mas não nos atemos sobre a própria relação do corpo (ideia) sobre o corpo. O que quero dizer, é que “as condições em que conhecemos as coisas e tomamos consciência de nós mesmos condenam-nos a ter apenas ideias inadequadas, confusas e mutiladas, efeitos distintos de suas próprias causas”(p.25). Entendem? Pergunta Grushenka, levantando-se.

¹²² Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 99.

¹²³ Deleuze, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 128.

Zossima responde afirmativamente e, o corpo diz que não sabe se entendeu, mas que entender não necessariamente resolve a questão, ou seja, tudo ok!

Os três riem. Neste momento, Grushenka já em pé, vai a cozinha buscar algo para tomar. Ao passar por Rombaldo, escuta novamente seus altos pensamentos:

“Para que haya arte, para que haya algún hacer y contemplar estéticos, resulta indispensable una condición fisiológica previa: la embriaguez. La embriaguez tiene que haber intensificado primero la excitabilidad de la máquina entera: antes de esto no se da arte ninguno”¹²⁴.

Já na cozinha, encontra o Duas Caras. Parecia estar nervoso, angustiado e bastante apreensivo. Diz algo ao pé do ouvido de Grushenka. Ela o refuta de forma bem contundente. O que faz com que ele saia bastante contrariado. Só nos é possível ouvir o nome: Malvadesa. Mas o que é dito lhe causa apreensão. Nota-se que o semblante dela se altera. Mas pensa que poderia ser outra peça de Duas Caras e, deixa estar.

Assim, retorna ao local da conversa com o corpo e Zossima, trazendo uma jarra de suco de laranja e uma cesta com bolinhos de chuva, feitos naquela manhã.

Aproximando-se ao grupo, escuta apenas o final das palavras de Zossima:

- (...) a consciência tem apenas “um valor informativo, e de uma informação ainda necessariamente confusa e mutilada”¹²⁵.

- Isso ajuda a entender porque acreditamos que o que fazemos é a expressão de nossa livre vontade, como por exemplo quando acreditamos ser apetitoso o leite que damos a uma criança pequena e, não somente nós acreditamos nisso, como a própria criança. Da mesma forma acontece com “o homem que diz loucuras, a mulher que fala demais, a criança e muitos outros do mesmo gênero acreditam que assim se expressam por uma livre decisão da mente, quando, na verdade, não são capazes de conter o impulso que os leva a falar”¹²⁶.

Neste momento o clima já era festivo. Suco, bolinhos, risos e uma boa conversa. Estavam todos bastante contentes com o encontro que acontecia. Um afeto alegre contagiava a todos, inclusive a Rombaldo, que seguia pensativo em seu canto. Mas toda

¹²⁴ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013, p. 115.

¹²⁵ Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002, p. 27.

¹²⁶ Spinoza, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 171.

esta animação chamou a atenção de Bressac, que havia chegado hoje, logo após o final do almoço, ao abrigo.

Bressac era um maluco de estrada que vivia sua peregrinação de forma bastante religiosa, pregando pelo caminho. Tinha como objetivo ajudar as almas perdidas. Era um “idoso-jovem” com aproximadamente 42 anos. Havia feito faculdade de economia e provinha de uma família abastada, que perdeu tudo quando ele iniciava seu adolescer. Foram anos marcantes e difíceis em sua vida. Acostumado a ter tudo, se deparou com a impossibilidade de ter coisas na medida que desejasse. Seu pai acabou por suicidar-se, um anos após essa grande crise, pois não aguentou ver a família naquela situação. Depois disso a mãe caiu em uma grande depressão, adoeceu fisicamente e faleceu logo na sequência. Com 13 anos Bressac, já era órfão de pai e mãe. Foi então criado por um tio devoto, que atribuía o esfacelamento da família de Bressac à ausência de religião. A relação com o tio não ia bem e Bressac acabou por cometer pequenos delitos durante sua adolescência. O mais grave deles lhe rendeu uma passagem pela FEBEM¹²⁷. Com 17 anos resolveu sair de casa, e nunca mais voltou. De morador de rua virou maluco de estrada. Aprendeu da forma mais difícil a se virar na rua, mas agora já calejado pelos anos, tirava de letra. Embora fosse religioso, havia prontamente cobiçado muito a mulher do próximo, inclusive, tinha espalhado filhos com a mulher de alguns próximos que conheceu pelo mundo. Nada casto, não só cobiçava coisas alheias como cometia alguns pequenos furtos, além de beber em demasia e fazer uso de maconha. Dizia que facilitava acessar Deus.

Aproxima-se do grupo e pede para sentar-se junto a eles. Ao sentar, já com um bolinho na mão, diz:

- Boa tarde! Me chamo Bressac e estava ouvindo a conversa de vocês. Gostaria de participar. Posso?

Todos concordam com a inclusão de mais um companheiro na roda e seguem a conversa.

¹²⁷ Fundação Estadual para o bem-estar do menor. Criada a partir de um ato do presidente Marechal Castelo Branco em 1.12.1964. Seus fundamentos estão na Política da Segurança Nacional e se caracterizava como estratégia social daquele período que, no caso, buscava "o controle da pobreza: as famílias pobres e seus filhos, todos em situação irregular... havia uma indiferenciação entre crianças e adolescentes em situação de abandono material ou moral e infratores"(tese M.L.T.T.,2002, p.99).

Bressac¹²⁸ já sai dizendo:

- Muito me alegro com este encontro. Sei que estou entre pessoas de bem. Sou uma pessoa dotada de sentimentos honrados, que perpassam meu coração e guiam minhas atitudes. Mesmo sendo fervoroso pelo Senhor, cometi alguns erros em minha jornada. Não os escondo. Mas de forma alguma me desviarei do caminho da virtude, pois sei dos perigos que acompanham o caminho do crime. Trago comigo alguns princípios religiosos, que graças ao bom Deus, nunca me abandonam e fazem minha proteção. Vês, mesmo passando pelas piores adversidades, incluindo a perda de minha família querida, sigo firme e forte. Bem de saúde e de espírito. Se Deus me fez passar por provações e por dificuldades na vida, é somente para me compensar em um outro mundo melhor. Tenho fé que se seguirmos a palavra do Senhor, nossa vida se abrirá para coisas melhores. Esta esperança me serve de consolo, de alento para as horas de adversidades e principalmente reforça minha coragem para enfrentar as desgraças que estão por vir. Acredito que se nos focamos nas coisas boas elas vão acontecer.

- Você não deseja alguma coisa boa que já é boa em si, mas a torna boa. A ordem acontece ao revés. Me explico. Primeiro você tem que construir ela, produzir a tal coisa, se esforçar por ela. Esse tal esforço, envolvimento que faz com que pensemos nela como boa. Não acho que por acreditarmos que algo é bom nos esforçamos por ela, a queiramos, mas, justo ao contrário, “é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejá-la, que a julgamos boa”¹²⁹. Contesta Grushenka, dirigindo seu olhar para o corpo.

- Me perdoe a franqueza, mas acho que focar-se nas recompensas divinas para uma vida futura, só te servem para abreviar a vida. Isso quando não te fazem usuário dos serviços de saúde mental e, muito possivelmente te encaminham para uma vida de grande privação. Disse o corpo com voz convicta.

- Tua descrença em Deus não me ofende. Encontro no caminho muitos com essa mesma opinião. – disse Bressac olhando para o corpo e, voltando-se para os outros, seguiu seu discurso - Hoje em dia o sentimento individualista, a ideia de que cada um se basta por si mesmo. Que não precisa de ninguém. O excesso de busca pelo material, pela satisfação pessoal nos tornou um povo egoísta, mesquinho, invejoso, intolerante,

¹²⁸ As falas deste personagem são baseadas em dois romances. Sade. M. *Justine o los infortúnios de la virtud*, s/a. / Dostoievski, F. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

¹²⁹ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 167.

consumista, rancoroso e, por aí eu poderia seguir com muitas outras características que desqualificam as relações humanas, que muito pouco de humanas têm, na sociedade em que vivemos. – faz uma pequena pausa e retornando o olhar para o corpo, continua – Não é por descontentamento com essa sociedade totalmente voltada para o capital e para os benefícios pessoais que te tornaste maluco? Não seria por desgosto, única e exclusivamente que abandonaste tua família genitora? E estando na vida de maluco, por acaso deixaste de viver tais desilusões? Não te roubam também? Não te mentem, injuriam, desqualificam? Ora, o Reino dos Céus, através da Igreja na terra, me parece o lugar em que podemos nos tornar iguais. Onde ricos e pobres, de corações puros são acolhidos e encontram certa paz. Até o criminoso, que por ali anda, é convertido em bom cidadão.

- Nada disso! Discordo completamente. Se a igreja fosse tomada como exemplo, certamente excomungaria o criminoso e não daria espaço para o rebelde. – responde o corpo tomado por certa indignação – E que igualdade é essa em que o excomungado perde seu lugar próximo a Deus? Seria ele considerado inimigo de Deus? E a história, o que nos mostra sobre a Inquisição? E hoje, tudo que vemos sobre os abusos dentro da Igreja. Não são poucas as denúncias sobre pedofilia. - Responde o corpo com ares de ofendido e segue dirigindo sua fala para a Grushenka, como que pedindo respaldo. – Sobre os malucos, de certa forma, concordo contigo. Muitos entram nesta vida por descontentamento com a sociedade capitalista. Mas ali encontro a felicidade, as pessoas me entendem, me aceitam, estão mais abertas para a diferença. Vivem com pouco e se desprendem da lógica de consumo, do apego aos bens materiais. Se voltam mais para o crescimento pessoal e para o despertar crítico sobre as formas como eram exploradas na sociedade.

Aproveitando-se da deixa, Grushenka propõe: - Bressac, não achas que enaltecendo a Igreja, como único espaço de salvação, estarias constituindo ali um asilo em que habitariam apenas almas virtuosas, com ouvidos apenas para as normas de Deus. Seres cumpridores da palavra, santos consagrados pela religião. Não acha isso uma fantasia do homem bom? Veja você, temos muitos representantes de Deus na terra que fazem exatamente o contrário do que pregam. Mais corrompem o outro do que lhe possibilitam uma vida virtuosa.

- Não lhes parece que as vezes divinizam os malucos? – Pergunta Bressac. - Se são tão críticos de Deus, como podem “sacralizar” a experiência dos malucos? Parecem

tomá-los como a melhor forma para se viver. Tornar-se maluco resolveriam todos os problemas sociais. É isso que estão afirmando? Me parece um enunciado organizado tal qual o discurso religioso para o cristão! Não estaria sendo tu o profeta, com vistas a ser fundador, de uma seita e em busca de seguidores? Eu sou maluco, vivo na estrada, mas não me sinto como tu, apenas por ser maluco. Me sinto como tu, mas pelo laço religioso. Ali encontro minha paz e minha sabedoria.

Calou-se o corpo, como que contendo-se. Talvez intuindo que fazia algum sentido a fala de Bressac, embora ainda não conseguisse ter clareza sobre o que lhe servia daquela fala. Mas pensou que poderia estar realmente tomando a experiência dos malucos como uma salvação e, neste sentido, estaria reduzindo a diversidade de tal experiência, inscrevendo-a em uma dicotomia: sociedade corruptiva x vida de maluco. Estaria moralizando e julgando entre o bem e o mal.

Zossima observava e ouvia mais que falava naquela calorosa discussão. Mas dava ares de que tinha algo a dizer, embora ainda contido, como que esperando trazerem mais elementos à conversa.

Bressac, aproveitando-se do silêncio dos ateus, acrescenta:

- “Se hoje não existisse a Igreja de Cristo, para o criminoso não haveria nenhum impedimento para o crime e nem mesmo castigo posterior, isto é, o castigo verdadeiro, o único real, o único que atemoriza e apazigua, que consiste em se ter consciência da própria consciência”¹³⁰.

- Como assim? O que quer dizer com castigo real? Tem castigo irreal? Pergunta Grushenka, já um tanto enfadada.

- Tudo que temos como medida frente ao crime são ações punitivas e de enclausuramento, ou seja, prendemos e isolamos os sujeitos, em prisões super lotadas com péssima infra-estrutura, mas não conseguimos fazer com que melhorem. Que ações políticas temos para isso? Que visão social construímos? Essas medidas só tem feito aumentar a criminalidade com o passar dos anos. Muito pouco ou nada vejo de redução. Usamos de uma lógica carniceira, amputamos o membro ruim e logo vemos em seu lugar aparecerem mais três ou quatro com mesma índole ou até pior. Hoje matam por nada. Por isso acredito que “se algo protege a sociedade, inclusive em nossos dias, e até corrige e transforma o próprio criminoso em outro homem, mais uma vez esse algo é

¹³⁰ Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 102.

unicamente a lei de Cristo, manifesta na conscientização da própria consciência”¹³¹. É pelo reconhecimento da culpa, que o criminoso se redime de seu até e dos malefícios causados à sociedade. Pelo reconhecimento do amor incondicional ao outro, ao seu semelhante, que se rende. É pela consciência do mal que produziu, que atinge a redenção na terra. Livre de uma punição carnal, mas sob o julgo de sua consciência moral.

Culpar-se é sempre um movimento de perversão à vida, é sempre um ato de despotencialização. Nela e dela nutrem-se sentimentos de escravos. Diz o corpo olhando para os colegas.

Diante da declaração de Bressac, Grushenka pondera:

- Desconheço em minha existência algo que force/constranja as pessoas a se amarem. Uma lei da natureza que implique aos humanos estabelecerem, por obrigação, um amor ao próximo. Desconheço-a. Tal lei da natureza, “não existe em absoluto e que, se até hoje existiu o amor na Terra, este não se deveu a lei natural mas tão-só ao fato de que os homens acreditavam na própria imortalidade”¹³². Uma busca incessante pela existência eterna, pela perfeição. Uma procura em permanecer, “em que a vontade e a obstinação de existir, de deixar marcas”¹³³, afirmam toda essa noção de lei natural sobre a qual está assentada a fé nessa mesma imortalidade do homem. Se desconstruímos tal crença, os homens de imediato verão exaurir, por entre os dedos, “não só o amor como também toda e qualquer força para que continue a vida no mundo. E mais: então não haverá mais nada amoral, tudo será permitido, até a antropofagia”¹³⁴.

Excitadíssima com o que dizia, Grushenka, gesticulava bastante, parecia uma “mama italiana” em dias de festa familiar. E nesses movimentos abruptos, acabou por golpear a jarra de suco, que foi ao chão levando consigo o copo do corpo. Por sorte já estava quase vazia e pouco se perdeu. Mas serviu para dar uma aliviada no tom da conversa. O corpo aproveitou pra fazer uma piadinha: “Calma, que estamos apenas conversando. Não há necessidade para tanta violência”. Todos riem e foi o tempo suficiente para arrumar as coisas. Assim, logo que Grushenka retoma a palavra, o faz não mais tão tomada pelo que dizia.

¹³¹ Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 102.

¹³² Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 109.

¹³³ Calvino, I. O cavaleiro inexistente. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 31.

¹³⁴ Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 110.

- Então como eu ia dizendo, antes desse golpe... – Grushenka ri de si mesma - até me perdi agora...ah! lembrei! Imagino que para cada pessoa, em sua individualidade, que não crê em Deus e muito menos na imortalidade de sua alma, “a lei moral da natureza deve ser imediatamente convertida no oposto total da lei religiosa anterior, e que o egoísmo, chegando até ao crime, não só deve ser permitido ao homem mas até mesmo reconhecido como a saída indispensável, a mais racional e quase a mais nobre para a situação”¹³⁵.

- Se entendo bem tua linha de raciocínio, poderíamos dizer que o crime pode ser considerado como uma saída possível e até, porque não dizer, inteligente para um irreligioso? Perguntou o corpo de um modo um pouco estranho.

- Sim! Responde Grushenka.

- Mas existem consequências para este ato. Como falei antes, elas não são apenas físicas mas também espirituais. Somente um ser poderoso e divino, que sabe que não pode ser atingido pelo vil metal, para não temer os males que outros possam lhe causar. Mas nós, amigos meus, não somos assim. Nós vivemos à margem, não só da beleza esteticamente cultuada, mas das convenções desta sociedade que estamos completamente imersos. Vivemos continuamente expostos a tudo e a todos. Condenados pelas pessoas honradas ou não, dignas ou não, que nos olham e julgam como vagabundos, baderneiros, viciados e, que por vezes, nos forçam a cometer “burlas” para continuar vivos. Lembrem do que, historicamente, acontece na Praça Sete em Minas Gerais? Constantemente a humilhação de ser retirado a força do espaço público. Público, me pergunto várias vezes o que é público? Enxotado pelos agentes de fiscalização da prefeitura. Vagabundos, nos dizem. Até pra delegacia nos levam. Nos roubam, de forma “legal”, todos os instrumentos de trabalho, apreendem documentação e bens próprios. Não consideram que somos artesãos. Desconsiderados pois não fazemos parte do cadastro da prefeitura. Não temos barracas padronizadas para a exposição como o poder público quer. Devemos aceitar tal sistema que só faz por deitar sobre nossos pescoços a lâmina da injustiça? Que nos quer varrer da sociedade? Que sociedade é essa que define a priori seus prediletos e enxota os que não cabem no modelo? Lei igual para todos? Se não estivéssemos nesta triste condição e gozásssemos de distinta posição social, as coisas seriam assim? Continuaríamos sendo nós os de má conduta? Como entender que não pereça aquele que, por cego egoísmo, pretende lutar

¹³⁵ Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 110.

sozinho contra os interesses da sociedade? Haveria alguma restrição para a sociedade não querer entre os seus aqueles que a violam? Não seria legítimo expulsar aqueles que se voltam contra ela? Seria justo esse desejo? Um maluco, andarilho, que se isola tem forças para lutar contra esse “justo desejo”? Conseguiria ele vangloriar-se de viver feliz e bem, se por não aceitar o contrato social, não aceita também, ceder uma pequena parte de sua felicidade para garantir o restante? A sociedade só se sustenta mediante trocas contínuas de favores, esses entendidos como sendo os vínculos que a mantêm; mas aquele que, no lugar destes favores, só consiga oferecer crimes, descumprimento das normas, ou fazeres contra-culturais, deverá ser temido e necessariamente atacado. Destruído pela poderosa razão que obriga ao homem assegurar sua tranquilidade e acabar com qualquer um que queira atrapalhar tal serenidade. Assim se justificam, inclusive as associações para o crime. Como se enaltecer por manter a concórdia quando aconselhamos a cada um que atenda única e exclusivamente seus interesses pessoais? Seria justo que algum de nosso grupo nos quisesse apunhalar, e que o faça somente para apoderar-se do que é dos outros? Que melhor elogio à virtude que a prova da sua necessidade, inclusive nas associações criminais... a certeza de que essa sociedade não se sustentaria nem um minuto sem a virtude.¹³⁶

- Mas Deus não pensou que quando deu ao homem o livre arbítrio, permitiu a ele (o homem) questioná-lo e até mesmo renegar sua imagem e sua verdade? Pois por vezes sua verdade e uma vida pela virtude podem oprimir o “homem-ser-desejante”. Pronunciou Grushenka, pegando o último dos bolinhos de chuva que ainda restavam na vasilha.

Rombaldo que já estava por demais quieto, faz com que seus pensamentos altos intrometam-se, novamente na conversa:

“La moral tiende a aniquilar las pasiones (...); y es, en consecuencia, una rebelión contra la vida, algo que va contra la naturaleza. (...) La moral y la religión ha consistido siempre en poner enfermos los hombres, en debilitarlos, en castrarlos”¹³⁷.

Zossima, que até o momento só observava e ouvia, atento, tudo que era dito, toma como oportuno o que ouve ressoar de Rombaldo.

¹³⁶ Este parágrafo foi escrito baseada no romance de Sade, M. Justine o los infortúnios da la virtud, s/a; algumas frases são de nossa livre tradução.

¹³⁷ Nietzsche, F. Crepúsculo de los ídolos o cómo se filosofa con el martillo. Madrid: Alianza Editorial, 2013, p. 31-32.

- A diferença entre entender as consequências naturais de algo e de entender que este algo é proibido, estão inscritas na relação, respectivamente, entre “bom” e “mau” como uma relação ética e, “bem” e “mal”, como uma relação moral.

- Seguindo minha compreensão, poderíamos explicar da seguinte forma. O bom é uma composição de nosso corpo com outro, que nesta nova relação estabelecida ampliam parcial ou total a potência de nosso corpo. Pensemos como exemplo na relação estabelecida quando os malucos usam uma bicicleta para o deslocamento, ou pegam carona em um carro. Sua potência de deslocamento fica muitas vezes aumentada. O corpo ganha potência com esta ligação. O mesmo pode ser dito para o mau, ou seja, quando um corpo (idéia) se acopla com o nosso, mas resulta desta ligação uma relação de decomposição das partes ou do todo, por exemplo, um camarada que toma veneno, ou um suicida. Imaginemos a seguinte cena: um filho e um pai estão em uma grande discussão. Emocionalmente muito intensa e que remonta questões de suas históricas. Trocam ofensas e dizeres que condenam e desejam a morte do outro. De súbito, o garoto corre. Dispara do apartamento, descendo as escadas e atropelando tudo que há pela sua frente. Ruma em direção ao rio caudaloso que corta a cidade. Chegando a ponte que havia sobre o rio, cruza o parapeito e sustentando-se apenas pelas mãos, como bandeira, deixa seu corpo tremular ao vento. “Ainda se segurava com mãos que ficavam cada vez mais fracas, espiou entre as duas barras do parapeito um auto-ônibus, que haveria de abafar com facilidade sua queda, e exclamou baixinho: queridos pais, mas eu sempre amei vocês! – e cedeu, caindo”¹³⁸. (Kafka, p.126) E agora todos pensam, com os olhos voltados para “esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele”¹³⁹. O suicídio, a culpa e a violência que emanam de nós e em nós acabam por perpetuar afetos tristes, constituindo mais e mais impotência sobre o homem.

- Assim, temos aquilo que se soma à nossa natureza e aquilo que dela subtrai. Seguindo essa compreensão o homem bom é aquele que produz relações que ao combinar-se, compor-se a outros (corpos, ideias) que aumentam a sua potência. Mau será aquele que vive o efeito dos encontros que decompõem, que produzem o enfraquecimento, a doença, a escravização, enfim, que promovem a impotência. Conclui Zossima.

¹³⁸ Kafka, F. A metamorfose / e / O veredicto. Porto Alegre: L&PM, 2001, p123.

¹³⁹ Perrot, M. Os silêncios do corpo da mulher, 2003, p.13. In: O corpo feminino em debate / organizadores Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soihet. - São Paulo: Editora UNESP, 2003.

- Então, a virtude seria um afeto bom? Entendo a virtude como sendo a “própria potência humana, que é definida exclusivamente pela essência do homem, isto é, que é definida exclusivamente pelo esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser”¹⁴⁰. Questiona Bressac.

Sim, mas a virtude enquanto relação produtiva entre os corpos (ideias), como esforço pela preservação de seu ser, e não, virtude enquanto desígnio, ação divina. Argumenta Grushenka.

Zossima, na tentativa de aclarar tais ideias, intercede, novamente, na conversa.

- A questão, penso eu, está colocada sobre um sistema de julgamento. Julgar e desarticular tal julgamento. Ora, a moral está diretamente servindo de base para a constituição desse sistema, enquanto a ética teria ação contrária, seria uma desarticuladora. Nesse sentido as relações por oposição de valores (Bem/Mal) só acentuam o julgamento sobre o agir dos outros, condenando tudo/todos que fogem ao molde prescrito fundado em valores transcendentais, enquanto que, se deslocarmos tal ação para uma análise “da diferença qualitativa dos modos de existência (Bom/Mau)”, estaríamos operando sobre os modos de existência imanentes. Entre esses (moral: Bem/Mal) produz-se uma confusão que mistura duas ilusões: a dos valores, com a da consciência. “Basta não compreender para moralizar. A lei, quando não compreendida, nos aparece sob a espécie moral de um “Dever-se””¹⁴¹.

- Quer dizer que o Estado ou a Igreja, como instituições normativas, constituem-se fortemente por leis morais? O que rege a Igreja é a moral e não o celestial? Perguntou Bressac.

- Exato!!! Mas mais que isso, acabam por converter-se em um “deve-se”. Uma obrigatoriedade que tem como efeito unicamente a obediência. O celestial converte-se em uma obrigação moral. A norma e a lei passam a valer como imperativo para a existência. E nós a normalizamos ou somos normalizados constantemente em nossos fazeres.

Mas nem bem termina de falar e Bressac exclama com voz consternada.

- O mundo está perdido! - Sentia-se um certo sufoco e um pouco de ironia em suas palavras. Emendou à exclamação - “A vida está envenenada pelas categorias do

¹⁴⁰ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 289.

¹⁴¹ Deleuze, G. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 29.

Bem e do Mal, da falta e do mérito, do pecado e da remissão”¹⁴². Só nos resta a morte, o suicídio. Não! O suicídio não! Isto seria por demais triste. Ainda bem que temos a cachaça. – põem-se em gargalhar, olhando para todos de um modo grosseiro – Chega de suco. Agora preciso é de aguardente. – e segue a gargalhar.

- E tu corpo não dizes nada? Perdeste a língua? Só nos resta a imortalidade, então? O cuidado com a alma para que desfrute no outro mundo.

- Eu não acredito em imortalidade da alma ou nas leis divinas. Pra mim o que vale é o aqui e agora. É esse corpo, essas ideias. Os encontros que podemos ter. Como hoje. Mas a verdade é que me sinto um filósofo da rua¹⁴³, um filósofo-artesão, provido de uma profissão manual, apto a seguir e a captar o desenvolvimento de outras leis da natureza.

- Acredita que esta é a nossa única vida? Nosso objetivo não deveria transcender esta vida mortal e almejar outra melhor? A vida eterna é um prêmio. Uma garantia por uma vida virtuosa. Mesmo que por instantes o crime possa compensar, acreditam vocês que a justiça divina não está a espera desse homem desonesto no outro mundo, para o acerto de contas? Certamente que Deus há de se vingar por toda a maldade que neste plano realizamos. Disse Bressac.

- Gostaria de propor uma leitura. – retira do bolso de sua bermuda um papel dobrado - Eu guardei esta página de um livro que encontrei ha alguns anos num albergue que fiquei quando estive no Acre. Trago sempre comigo, pois gosto da proposta imaginada. Vou ler pra vocês e me digam o que acham, ok?

Todos sinalizam positivamente para Grushenka, embora Bressac demonstre não estar empolgado. Mas mesmo assim ela inicia sua leitura:

E se considerarmos uma outra possibilidade. Se Deus não existir, e a religião fosse extinta de todas as formas, o que aconteceria?

Quando a humanidade, sem exceção, tiver renegado Deus (e creio que essa era virá), então cairá por si só, sem antropofagia, toda a velha concepção de mundo e, principalmente, toda a velha moral, e começara o inteiramente novo. Os homens se juntarão para tomar da vida tudo o que ela pode dar, mas visando unicamente à felicidade e à alegria neste mundo. O homem alcançará sua grandeza imbuindo-se do espírito de uma divina e titânica altivez, e surgirá o homem-deus. Vencendo, a cada hora, com sua vontade e ciência, uma natureza já sem limites, o homem sentirá assim e a cada hora um gozo tão elevado que este lhe substituirá todas as antigas esperanças no gozo celestial. Cada um saberá que é plenamente mortal, não tem ressurreição, e

¹⁴² Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002, p. 32.

¹⁴³ Eduardo Marinho, maluco de BR, é conhecido entre os malucos de estrada pelo apelido de “Filósofo da Rua”.

aceitará a morte com altivez e tranquilidade, como um deus. Por altivez compreenderá que não há razão para reclamar de que a vida é um instante, e amará seu irmão já sem esperar qualquer recompensa. O amor satisfará apenas um instante da vida, mas a simples consciência de sua fugacidade reforçará a chama desse amor tanto quanto ela antes se dissipava na esperança de um amor além-túmulo e infinito.¹⁴⁴

- Gostei dessa outra possibilidade! Como os malucos dizem, a vida não é uma filosofia, mas é tua atitude. O que conta é teu modo de ser. Tem que demonstrar nos teus atos. Só assim tu consegue te afirmar como maluco. O restante faz banca de maluco, igual os caras que sentam para fazer exposição de artesanato e quando tu olha o produto no verso, esta escrito “made in china” e o cara tem uma maquininha de cartão. Não, meu. Estou fazendo aqui e agora, na tua frente. Tu vê o artista trabalhando. Interage com ele. Nada de falcatrua. Exclama de forma convicta o corpo.

- Quero apenas inspirar e despertar com meu trabalho. Faço cartazes que possam falar de como existe potência na vida que não está obediente à segurança e, que não tem medo de expor-se ao risco.

De que adianta viver com medo da vida? É isso que parece. Competimos com todos e temos medo de todos. Fugindo de tudo, porque tudo pode nos matar. Um excesso de cuidado. Isso não pode, aquilo faz mal, etc.. E o pior é que a gente se acostuma. Se acostuma a coisas demais, se poupando “para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.¹⁴⁵ Isso não é vida, embora alguns entendam que sim. Mas dessa forma “nós não vivemos, mantemos apenas uma aparência de vida, pensamos apenas em evitar a morte e toda a nossa vida é um culto à morte”¹⁴⁶.

Por isso que digo que a sociedade está por demais baseada na lógica racional. Olha para uma pessoa na rua que passa necessidade e, só passa. As vezes nem vê. Dizem que é invisibilidade social. Eu tenho uma outra explicação. Digo que é análise racional da condição privada e íntima do meu bolso, dividido pelo custo coletivo e público de alimentar um pobre. Dessa análise racional decorre um modelo que prioriza o mercado e dá/garante privilégios para alguns em detrimento dos outros. Talvez se

¹⁴⁴ Dostoiévski, F. Os irmãos Karamazov. São Paulo: Ed. 34, 2008, p. 840.

¹⁴⁵ Colassanti, M. Eu sei, mas não devia. In: Eu sei, mas não devia. Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996, p. 9.

¹⁴⁶ Spinoza, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 32.

puдesse dizer que é as custas do sofrimento de alguns. Certa vez eu ouvi de uma interessante idosa, o seguinte:

Os pobres, em termos econômicos, são um luxo que um país pobre não poderia se permitir. A constatação cartesiana me fulmina enquanto, no supermercado, pago um pacote de biscoitos para um menino que não conheço e que nem tão pobre me parece, mas por cujo sustento eu, elemento da classe média que nem média é, sou responsável, bem além do pacote de biscoitos. Para este menino e para a sua família, já pago alimentação, escola, assistência médica e habitação. Ou deveria pagar. Ou melhor, pago, embora eles não vejam a cor do dinheiro que sai do meu bolso de contribuinte polidescontada, e continuem ignorantes, famintos, doentes e desabrigados, obrigados a me pedir, pela mão do menino, um pacote de biscoitos que pago de má vontade, calculando mentalmente quanto do meu salário vai-se por conta dessa gente, com tão magros resultados.¹⁴⁷

- Talvez, se a referência fosse o afeto, ou a sabedoria intuitiva, a relação social seria totalmente distinta, primeiro que nenhum sujeito que passa fome seria deixado de lado. Seria nosso primeiro movimento resolver a situação dele. Na lógica de que estou diretamente implicado com o que me faz horizonte.¹⁴⁸ Desta forma, estaríamos mais implicados na qualidade de sermos afetados. Com qual excitações reagiríamos? Quero expressar com isso que ser afetado é tão somente a potência para agir, repleto de afecções ativas.

- Gosto de encontros que são generosos. Quero dizer que encontrar pessoas que estejam abertas ao encontro, que estejam dispostas a construir algo junto, de trocar uma ideia, adicionam mais potência a nossas vidas, nos fazem mais felizes. Eu digo que estes encontros são encontros de alegria. E para mim significa investirmos mais numa comunicação/relação intuitiva.

Em tom altivo pronuncia Zossima:

- Enganam-se aqueles que acreditam que o homem tem “uma potência absoluta sobre suas próprias ações”¹⁴⁹ e sua única determinação é ele mesmo. Que acreditam que ele escapa as leis da natureza e que estaria apenas submetido a um defeito na natureza humana, contornável pela consciência que tem de si.

Bonito! Agora acordar
de um sonho que é um lindo engano!
Soltar o corpo franzino
em que envidei meu destino
pra me trompar com o malino

¹⁴⁷ Colassanti, M. Tão ricos em pobres. In: Colassanti, M. Eu sei, mas não devia”, Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996, pág. 11.

¹⁴⁸ N.A. Aqui percebemos um retorno ao conceito de esquerda anteriormente discutido.

¹⁴⁹ Spinoza, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 161.

que é este capincho tobiano!¹⁵⁰

- Só não acredita na divindade quem ainda vive no pecado e por isso não foi agraciado pela bondade do Senhor. Mas o altíssimo tudo escuta e faz ouvir; tudo vê e faz ver; tudo sente e faz sentir. Só Ele entende de afeto bom. Vocês falam tanto em afetos, mas o que estão querendo dizer? Afetos tristes e alegres, a que se referem se não falam de Deus? Perguntou Bressac e acrescentou a seguinte exclamação: Que conversa mais estranha a de vocês!

- Achei que já tinha deixado isso claro. Mas vamos lá, resumidamente podemos dizer que o “afeto são as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”¹⁵¹. Assim, o afeto pode ser uma ação ou uma paixão. As ideias quando inadequadas, submetem, inibem, enquanto as ideias adequadas impulsionam ao agir. - Elevando os braços ao céu e espreguiçando-se, esclareceu Zossima.

- Então não depende de Deus? Somos só corpo e conexões deste com outras coisas (pessoas, objetos, normas)? Retrucou Bressac, levantando a cabeça que estava apoiada sobre a grama macia.

Repentinamente, Zossima se cala.

Já está um pouco cansado da discussão. Sente-se como em um embate ou como em um processo professoral ou doutrinal. Tem a sensação de que todos ali falam como se ensinassem o outro. Parecem estar falando sobre o que é certo ou errado em termos da vida. Isso lhe incomoda muito e, nota-se em seu semblante tal incomodo. A testa franzida, um ar de desconforto, o peito lhe aperta/comprime o pulmão dificultando a respiração. Ao longo da discussão lhe parece que todos ali, tomam o encontro como um julgamento. A impressão é de que falam de uma perspectiva moral, em que valores, deveres, comportamentos acabam por serem catalogados entre o Bem e o Mal. Mas não era isso que queria.

O desconforto de Zossima é percebido pelos outros. Instaura-se como um mal-estar na roda. Segue-se um silêncio. Ninguém diz nenhuma palavra. O corpo sem jeito olha para baixo e aperta as mãos, em claro sinal de ansiedade. Grushenka fita, com olhar sereno, Zossima nos olhos. Bressac, reclina-se, deixando seu corpo completamente

¹⁵⁰ Pinto, A. F. O Tobiano Capincho, p. 37. In: Pinto, A. F.. Romances de estância e querências. Porto Alegre: Ed. Globo, 1959.

¹⁵¹ Spinoza, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 163.

esticado sob a grama que o abraça. Nem mesmo os pensamentos de Rombaldo, que irrompiam na conversa a todo instante, se fizeram presentes naquele momento. Nem o vento, que soprava de lá pra cá, fez barulho. Seguiu soprando, mas em silêncio, respeitando o tempo do grupo. Passam-se alguns minutos e o silêncio ainda orchestra a conversa.

Não suportando a ansiedade, o corpo rompe com o silêncio. Pede que Zossima continue a explicar sobre os afetos.

Zossima, recomeça a falar, demonstrando todo seu desconforto com a cena ali montada. Mesmo assim, segue no mesmo ritmo que a conversa estava estabelecida. Não consegue mudar. E diz, em tom de ensinamento:

- A mesma importância e a mesma coisa eles são: mente e corpo, “concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão (...) Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso”¹⁵². Temos assim, não o controle da mente sobre o corpo, em que este último faria tudo que lhe fosse ordenado, cumprindo os desígnios e direções que a consciência determina. Penso que o corpo em relação a outros corpos implica diretamente em alterações de seu estado. “O corpo, por si só, em virtude exclusivamente das leis da natureza, é capaz de muitas coisas que surpreendem a sua própria mente”¹⁵³.

- Eu, bem humilde, tá. Só acho que dessa forma como vocês dizem, esvazia-se a força do Criador. A felicidade que sentimos dentro de nós é reveladora do toque suave da mão de Deus sobre nossos corações. Ele nos conforta até nos piores momentos. E se, em alguns casos, não retira a dor que nos faz sofrer ou que nos corta a carne, é pura e simplesmente para nos possibilitar novos ensinamentos. Para que possamos rever nossas condutas. Para que voltemos ao caminho virtuoso de que o consumo por bens materiais nos seduziu e nos retirou. Acredito que existe uma separação entre o corpo e a alma. Nossa alma é a essência de nossa vida. E o corpo, este invólucro, só casca, é meio de transporte. Nosso corpo de maluco, nos percursos vai se desfazendo, mas nossa alma de maluco vai crescendo cada vez mais. O que nos salva é o que está dentro de nós, nossa espiritualidade, nossa crença em algo maior. O verdadeiro sentido de nossas vidas aqui na terra é o desapego de todas as coisas. Tudo isso que o homem criou e diz ser

¹⁵² Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 167.

¹⁵³ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 167.

necessário para viver, não é verdadeiro. Só Deus é a verdade. Deitado com as mãos segurando sua nuca, disse Bressac.

Deus não seria uma construção humana? Não seria ele mesmo, uma forma de expressão de nossos afetos? Ganharia carne, materialidade e alma, a partir da força do discurso do homem? Passando pela história oral e dela para o papel? Questionou-se em voz alta Grushenka. E mais, ousou construir um exemplo sobre a temática:

- Se pensarmos que “as imaginações da mente são mais indicadoras dos afetos de nosso corpo do que da natureza dos corpos exteriores”¹⁵⁴, poderíamos supor o seguinte: quando dizemos que se formos afetados pelo amor (afeto de alegria, que aumenta a potência de agir) e na sequência pela traição deste amor (afeto de tristeza, que diminui a potência de agir), ou seja, este afeto envolve corpo e mente e, sempre que a mente for novamente afetada por qualquer um dos afetos descritos, automaticamente convoca o outro afeto a lhe afetar. Assim, amaremos e odiaremos essa mesma coisa, simultaneamente. Só de imaginar que o objeto de nosso amor se une a “outro com o mesmo vínculo de amizade ou com um vínculo mais estreito do que aquele com o qual só ele a desfrutava, será afetado de ódio para com a coisa amada e terá inveja do outro”¹⁵⁵. Ao mesmo tempo tomado de amor e ódio, de corpo e alma.

Levantando de súbito, o corpo empolga-se com o exemplo de Grushenka e propõe outro.

- Podemos pensar isso de outras formas, como na relação presente, passado e futuro. Imaginemos alguém que imagina hoje, que vai ser demitido daqui alguns dias, ou no mês que vem, ou no próximo ano. Tudo em função da conjuntura econômica e política que vivemos. Vive intensamente no presente a realidade de ser demitido no futuro. Tais afetos agem no corpo e mente deste sujeito e determinam seu estado. Poderíamos pensar sobre as questões de segurança pública, sobre a ameaça do zika vírus. Como a população toma a ameaça de uma futura infecção com o zika como objeto de seu agora. Ou sobre a constituição das populações perigosas e dos lugares perigosos. Nossa própria condição de maluco, sempre confundida com a posição hippie, com a noção de vagabundo, sujeito perigoso, etc... Da produção de um corpo desejável, da imagem de mulher desejável. Enfim, seriam muitos os exemplos possíveis, mas o que quero dizer é que não há diferença entre o afeto alegre e triste, do ponto de vista da

¹⁵⁴ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 181.

¹⁵⁵ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 203.

temporalidade presente-passado-futuro com relação a coisa. Ou seja, ela (a coisa) pode estar em qualquer tempo, mas o afeto a torna sempre presente. “Com efeito, à medida que assim a imaginamos, afirmamos a sua existência, isto é, o corpo não é afetado de nenhum afeto que exclua a sua existência. E , portanto o corpo é afetado pela imagem dessa coisa da mesma maneira que se ela estivesse presente”¹⁵⁶.

Após o exemplo dado pelo corpo, segue-se um breve silêncio... Bressac estava com cara de ter perdido o fio da meada. Jogava pequenas pedras contra uma árvore, em um exercício de tiro ao alvo. Grushenka com semblante de consentimento se fez pensativa.

Rombaldo que há muito estava calado, ou suas palavras estavam em tom tão menor que pouco se ouvia, começou a gritar. Já não encontrava-se mais sentado em um canto do bosque, mas caminhava de forma agitada e dizia muitas coisas em voz alta. Pouco se entendia o que ele pronunciava. Não se distinguia se era uma lamúria, um ataque de raiva, um êxtase orgásmico, uma revolta, ou excesso de felicidade. Ouvia-se uma palavra aqui – “designação”, “povo” – outra acolá – “pertencimento”, “ganho”, mas não se conseguia fazer uma frase com sentido. De repente, Rombaldo para. Fica estático por alguns segundos e vira-se em direção ao grupo em que o corpo estava. Todos ficam atônitos e a espera de algo. Zozima pergunta aos outros sobre a saúde mental de Rombaldo. Ao que Grushenka inicia uma resposta dizendo que pouco conhecia sobre os hóspedes que ali ficavam, pois era apenas uma casa de passagem. Fazemos algo? Questiona Bressac.

Sem explicações aparentes, mas como um aluno que estava dormindo em sala de aula e sem razão clara, acorda e faz uma intervenção completamente integrada ao assunto que se estava debatendo, Rombaldo volta a falar, mas agora em tom ameno, proferindo pausadamente e claramente as palavras que diziam:

Se alguém foi afetado, de alegria ou de tristeza, por um outro, cujo grupo social ou nacional é diferente do seu, alegria ou tristeza que vem acompanhada, como causa, da ideia desse outro, associada à designação genérica desse grupo, ele não apenas amará ou odiará esse outro, mas também todos os que pertencem ao mesmo grupo. (Espinosa, 2013, p. 217)

- Nossa! Essas coisas que ele falou, vocês ouviram? Ele disse algo que me fez lembrar de quando estive em Barcelona, entre os anos de 1972-74.

¹⁵⁶ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 187.

Disse Bressac, rompendo o abraço aconchegante que a grama lhe ofertava. Erguendo-se, postou-se em pé. Gesticulava bastante, dando a impressão de estar falando de uma lembrança bastante intensa.

- Passagem difícil de ser lembrada, não pela memória fraca dos dias atuais, um pouco anuviada pelo companheiro-álcool e outras coisas mais, mas pela tristeza que guarda na memória de meu corpo-alma.

Bressac solta um gargalhada, pois havia achado engraçado o jogo de palavras corpo-alma. Fazia referência a conversa que estavam tendo tarde adentro. Logo recomeçou a falar.

- Isso aconteceu durante minhas andanças pela Europa. Passei dois anos na Espanha. Naquela época governada pelo ditador Franco. Tempos difíceis, de pouca liberdade. E eu, um jovem audacioso, cheio de ganas pela vida e motivado pelas ideias de combate a ditadura que vivíamos no Brasil, permeado pelo movimento estudantil, pelo movimento revolucionário de 8 de outubro de 66¹⁵⁷. Com a cabeça cheia de sonoridades Mutantes, tropicaliando com versos de Gil, Bem, Caetano. Lembro até de uma música que me marcou muito naquela época. Se não me engano era cantada por Tom Zé. Era como uma prece, uma lamentação, uma crítica social. Dizia algo assim: “Senhor Cidadão me diga com quantos quilos de medo se faz uma tradição? Eu quero saber, com quantas mortes no peito, se faz a seriedade?”¹⁵⁸.

Novamente Bressac ri, desta vez acompanhado dos colegas ali sentados. Pareciam rir da tentativa de canto de Bressac. Pra falar a verdade, bastante desafinada, e um tanto fora do ritmo. Assim a cantoria não durou mais que aquelas duas frases e voltaram ao relato.

- Terminei me envolvendo com o MIL (Movimento Ibérico da Libertação)¹⁵⁹, um grupo de trabalhadores mais radicais que desenvolviam ações diretas para a libertação ao regime ditatorial. Acabei fazendo parceria com um dos cabeças do movimento. Um camarada chamado Salvador Puig Antich¹⁶⁰. Um jovem pouco

¹⁵⁷ Diálogos Históricos. Brasil Anos 60-70. Acessado: 09/01/2016. Disponível: <https://dialogohistoricos.wordpress.com/historia/brasil-anos-60-e-70/>

¹⁵⁸ Tom Zé. Senhor Cidadão.

¹⁵⁹ Ynoones, Nils Sobre o MIL-GAC. Acessado: 09/01/2016. Disponível: <http://www.oocities.org/autonomiabvr/mil.html>.

¹⁶⁰ Salvador Puig Antich (Barcelona, 1948-1974) “fue un anarquista catalán, activo durante los años sesenta y comienzos de los setenta, que murió ejecutado por el régimen franquista tras ser juzgado por un tribunal militar y condenado como culpable de la muerte de un guardia civil en Barcelona”. Acessado:

disciplinado, que durante a vida escolar já havia sido expulso de escolas justamente por ter dificuldades em aceitar normas muito rígidas. Um sujeito, mesmo com pouca idade, sensacional. Era um anarquista, suas teorias repeliavam qualquer tipo de vanguardismo e hierarquia dentro das organizações políticas e sindicais. Engajou-se na luta contra a ditadura franquista depois do Maio de 68 Francês e da morte do estudante Enrique Ruano, em 1969 pelas forças de segurança. Era um grande lutador. Bom em guerrilha. Os bancos eram seus alvos privilegiados, pois precisavam da grana para financiar as ações contra a ditadura. Mas, uma feita, estávamos comemorando uma intervenção e, fomos apanhados em uma emboscada. Não sem luta. E que bela luta! Estávamos saindo de uma reunião de planejamento contra o governo de Franco, e resolvemos parar em um bolicho para tomar umas geladas e ouvir uma guitarra catalã. Era um lugar simples, localizado na Carrer de Girona. Feito de santa-fé, de pau-a-pique. Pouca luz. Havia apenas um candeeiro, bem no centro, que criava um lusco-fusco difícil de ver. “Pra quem chegava de fora, pouco enxergava ali dentro”¹⁶¹. Lugar de moças formosas e cheias de vida. Ponto de encontro de muitos militantes por direitos e de outros tantos que desejavam diversão, bebida barata e música boa para instigar o corpo-alma.

- Estávamos embalados na bebida, na música, em uma boa conversa e nos braços doces de um corpo que agora não sei dizer o nome. ¡Pero me acuerdo que era muy encantadora la chica! Mas como dizem: “tudo que é bom se termina”. E o velho ditado popular se fez cumprir, na fatídica noite do ano de 1973.

- Naquele momento, entrou na sala um grupo de militares muito mal intencionados. Um deles me reconheceu logo que entrou no bar. Lembro da cara dele me olhando fixo nos olhos.

E foi ele que se veio,
 Bufando e abrindo cancha
 Como dono de rodeio.
 Quis me partir pelo meio
 Num talonaço de adaga
 Que - se me pega - me estraga,
 Chegou levantar um cisco,
 Mas não é a toa - chomisco!
 Que sou de São Luiz Gonzaga!

Meio na volta do braço

09/01/2016. Disponível: <http://www.portaloaca.com/historia/biografias/2103-biografia-de-salvador-puig-antich-anarquista-ejecutado-por-el-regimen-franquista.html>.

¹⁶¹ Jaime Caetano Braum. Bochincho. Para este trecho da descrição de como Puigh é capturado pelo governo ditatorial de Franco, utilizo a descrição feita por Jaime Caetano Braum no poema intitulado Bochincho.

Consegui tirar o talho
 E quase que me atrapalho
 Porque havia pouco espaço,
 Mas senti o calor do aço
 E o calor do aço arde,
 Me levantei - sem alarde,
 Por causa do desaforo
 E soltei meu marca touro
 Num medonho buenas-tarde!

Tenho visto coisa feia,
 Tenho visto judiaria,
 Mas ainda hoje me arrepia
 Lembrar aquela peleia,
 Talvez quem ouça - não creia,
 Mas vi brotar no pescoço,
 Do índio do berro grosso
 Como uma cinta vermelha
 E desde o beijo até a orelha
 Ficou relampeando o osso!¹⁶²

- E ali ele se amontoou. Do olhar de raiva, nada permaneceu. Tinha se convertido em olhar de desespero. Era o fim do tirano. Depois, nos autos da história, vim a descobrir o nome do tirado, um guarda civil chamado Francisco Anguas Barragán. Nunca vou esquecer deste nome. É a lembrança do ocorrido, mas principalmente de que matei um homem. Bueno, na conta final daquele entrevero medonho, de tiro, grito, bala, tinidos de adaga, nós saímos perdendo. O Puig foi ferido com um tiro no braço e eu, também baleado, logo fui dominado. Não tinha como escapar. Eles eram muitos e nos pegaram desprevenidos. Depois descobrimos que já estava tudo acertado. Alguém tinha aberto o bico sobre nossa reunião e, tinha passado todos os detalhes do encontro.

- Passamos alguns dias na prisão, sob tortura. Não é fácil entender a crueldade do ser humano. E a quantidade de maldades que ele pode fazer para manter a tradição ou para fazer valer a seriedade.¹⁶³

- Na manhã de um dia de março de 1974, fomos acordados muito cedo, Puig e eu. Levados para uma sala que ficava no subsolo. Ali nos separaram. Eu fui reunido a outros prisioneiros em um sala que dava vista para uma cadeira com um torniquete. Era o famoso (e na Espanha muito usado) “garrote vil”¹⁶⁴. Sentado ali me perguntava para

¹⁶² Jaime Caetano Braum. Bochincho.

¹⁶³ Novamente alusão a musica de Tom Zé, “Senhor Cidadão”.

¹⁶⁴ Método de execução e tortura bastante utilizado na Espanha. Oficialmente reconhecido como método de execução de 1820 até 1978, momento em que a pena de morte foi abolida na Espanha. Seu uso também ocorreu em países Ibero-Americanos, durante o período de conquista da América. Tal método consistia em uma estrutura de madeira com um colar de ferro, com uma rosca na altura da nuca. Conforme o parafuso era apertado, ele penetrava na coleira, e quebrava o pescoço da vítima. Puig foi o último executado com este método na Espanha, juntamente com um preso comum – o alemão Heinz

onde teriam levado o Puig. Não tardei em descobrir. A execução que assistiríamos era de Puig. Foi um momento terrível. Ver o companheiro e amigo de muitas horas ser morto daquele jeito. Não que exista um jeito bom ver um amigo ser morto. Mas com aquele nível de sofrimento... acho que nunca me recuperei. Só encontrei conforto para aquela dor ao lado do Senhor Deus. Por isso que o tenho tão junto de mim e, o quero junto dos outros.

“Aceptar la responsabilidad es, a veces, bastante duro pero en estos momentos sois vosotros los que tenéis que soportar una situación violenta, que sin vosotros querer, os ha venido dada”¹⁶⁵.

Recita suavemente, quase sussurrando, Rombaldo. Seguem-se alguns segundos de silêncio. Todos assumem uma posição de consternação em respeito a história contada por Bressac.

- A produção do medo é uma grande e histórica forma de controle para aqueles que ousavam e ousam pensar diferente da norma-normalidade. Disse o corpo, em tom de acolhida e compreensão ao sofrimento passado pelo companheiro de prosa.

- Acho que hoje não vivemos coisas tão distintas. Acredito que a forma de expressão delas é que mudou. Vivemos um “democracídio”. Estão exterminando a população. Não mais da mesma forma que era feito na Idade Média, ou mesmo na modernidade com os regimes ditatoriais, como recém nos contou Bressac. Não usamos mais o garrote, a força, o escafismo, a guilhotina, mas nem por isso são menos cruéis. Agora, usamos a noção de mérito, e a violência estrutural produzida pelo próprio Estado, que no pacto social nos prometeu direitos. Para quem é esse pacto? A desassistência é o exemplo mais claro disso. Uma dupla punição: primeiro pela desassistência; segundo pela culpabilização. Acrescentou Grushenka, levantando-se. – Vou buscar mais suco. Alguém me ajuda?

- Quem é que disse que a vida é uma competição? Com quem eu tenho que competir? Com o outro. Mas quem é o outro? A minha mulher? O meu pai? Meu filho? Meu irmão? Não quero competir! Acredito que o modo como nos relacionamos com a competição, afirmam e destituem competências. A competência dos pobres foi cassada no ensino, na saúde, na assistência, na cultura. Que tipo de mérito posso esperar? Nesse

Ches. Acessado: 09/01/2016. Disponível: <http://www.muyhistoria.es/curiosidades/preguntas-respuestas/ique-era-y-como-funcionaba-el-garrote-vil>

¹⁶⁵ Carta escrita por Salvador Puig, dirigida a seus pais, um dia antes de sua execução. Acessado: 09/01/2016. Disponível: <http://www.cronicaglobal.com/es/notices/2016/03/la-policia-intervino-tres-cartas-que-puig-antich-escribio-desde-la-carcel-horas-antes-de-morir-34332.php>

programa de sucesso para a vida, de uma vida bem sucedida, acho que muitos não foram incluídos.

Viver a vida tem que ser um planejamento? Não digo que está errado planejar, organizar, mas seria possível um outro jeito? Não quero esperar para descobrir que talvez sim. Pelo planejamento sempre estaremos muito ocupados, sem tempo, ou muito velhos, ou muito novos, ou alguma outra coisa que afirme o prescrito. Só acho que vale a dúvida. Sei que isso parece um grande clichê. Mas as vezes o clichê pode ser o elemento que precisamos para desviar nem que seja um pouco.

- Nunca me vi como alguém que poderia, que desejaria, conseguiria largar tudo e seguir/arriscar fazer a vida de outra forma. Não é um problema. Também não sei o que seria essa outra forma. Mas sempre senti um incômodo com o que vivi. Quero poder morrer pelo caminho, tendo experimentado meu “corpalma”¹⁶⁶ de formas que a mais intensa referência seja a própria experiência vivida. Minha vida pode não parecer grande coisa para os outros, mas é a vida que escolhi.

“Não se escolhe uma vida, corpo. Vive-se a vida”¹⁶⁷. Disse Zozima. Diferentes vidas podem ser vividas. A graça está justamente na diferença entre elas. Não é Deus que escolhe, nem o homem. Mas experimenta-se atravessado por muitas forças de distintas ordens. Talvez a experiência seja o modo como vai se combinando essas forças. Meu desejo não é a escolha absoluta, mas mais uma força nesse jogo de tantas outras. O que acha? Qual é o jogo de forças em que estás envolvido? E como estas forças te fazem andar-maluco?

Bressac, levanta-se e diz que vai até a cozinha ajudar Grushenka.

Eles seguiram conversando até o entardecer. Quase na hora do jantar despediram-se. No entanto, passado uma hora, já estavam juntos novamente dividindo o jantar. Jantaram em clima de festa, de confraternização entre os novos amigos. Fartaram-se em bebida e comida. Nada de discussões, somente boa conversa e muita gargalhada.

¹⁶⁶ Fusão de corpo e alma.

¹⁶⁷ Frase retirada do filme *The Way*, 2011, Direção Emilio Estevez. EUA – Espanha. Trata do percurso do caminho de Santiago de Compostela, Espanha. E das diferentes razões, motivos que levam a fazer o caminho: seja religioso, coletivo, pessoal, íntimo, para perder peso, para largar o cigarro, por esporte, etc...

Durante a noite, após todos terem ido dormir, algo inquietava Grushenka. Ela não conseguia parar de pensar no corpo. Seu sono foi espantado e muito longe se encontrava. O ar de desejo toma conta do ambiente. Grushenka se pergunta se deve ir ao encontro do corpo. Seu corpo não para de reclamar pelo corpo. Quer tocar e ser tocada, beijar e deixar beijar-se. Sente o crescente de um fogo que lhe queima as entranhas. Seus olhos, agora tomados pela luxúria e desejo a fazem voluptuosamente ver imagéticamente o emaranhado de seus corpos num ardente encontro.

Depois de muito devanear levanta-se e vai até o pavilhão onde o corpo se encontrava. Ao chegar lá encontra o corpo dormindo em seu beliche. Reavalia seu desejo, pensa que “não era para acontecer”, mas acaba por acordá-lo. Convida-o para ir deitar no gramado, conversar e contemplar as estrelas, pois aquela seria a última noite dele no albergue. Logo ao amanhecer partiria. Chegando ao bosque, a cena é perfeita. O vento sopra desejo e o ar que ela respira é prazer.

Depois de algumas horas, os corpos relaxam de um encontro selvagem e afectuoso, ansiado e instigado por muito querer. Agora suados e cansados de tanto se dar/fazer prazer, repousam em um mar de grama e suspiros.

No outro dia bem cedo, o corpo segue sua caminhada. Faz sua higiene na madrugada, por volta das 4h e, sai antes mesmo do café ser servido. Queria chegar ao estado de São Paulo ainda naquele dia. Isto significa andar mais de 100km. Sair de madrugada e chegar somente a noite. Grushenka havia lhe dado sua bicicleta, o que tornou a meta do corpo realizável. Saiu inebriado pelas lembranças da noite anterior.

Um corpo louco, ou melhor, um corpo maluco a pedalar rompe o silêncio da madrugada. Seu pedalar é forte, alegre e confiante. Sente-se tomado pelo encontro ainda intensamente vivo em sua memória-corpo.

Algumas questões, que já andavam pelos pensamentos do corpo, se juntaram aos questionamentos da conversa do dia anterior e as lembranças de prazer vivida a poucas horas. Poderia alguém caminhar dessa forma, indefinidamente? Seria isso um planejamento? Que forças atravessam esse caminhar? Os afectos significariam paragens? Paragens seriam parada/fixidez? Poderia estar no mesmo lugar, mas fazer deslocamentos não territoriais? A intensidade do deslocamento depende de movimento territorial? E tanto, só fazendo paradas para dormir, comer e necessidades? Seria

desilusão com a sociedade? Uma sede de liberdade? Mas do que se libertar? Da existência?

Existirmos: a que será que se destina?
 Pois quando tu me deste a rosa pequenina
 Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
 Do menino infeliz não se nos ilumina
 Tampouco turva-se a lágrima nordestina
 Apenas a matéria vida era tão fina
 E éramos olharmo-nos intacta retina
 A cajuína cristalina em Teresina¹⁶⁸

Continuemos a seguir o corpo, a ver se nos mostra algo. Seus pensamentos eram indagações, contra-indagações; por vezes afirmações muito convictas, outras nem tanto.

- Posso ter um momento de maluco. Afirma o corpo, sem muita convicção.

- Ser maluco talvez aponte unicamente para “a histórica do cara”, “é o que ele conta”, “é o que ele faz para viver”, talvez seja um salto no escuro, “o princípio de um precipício” mas quando me dou conta é “o meu corpo que caía”¹⁶⁹. Talvez ser maluco, seja não ser ou ser de outro modo. Não ser todos os rótulos que nos colocamos para estar no convívio desta sociedade capitalista. A saída foi a rua. Para não ser o drogado, fui a rua. Para fumar o baseado, a rua me apresentou parceria. Para trocar o termo “drogado” pelo termo “mente aberta” fui a rua. Mas o termo não era só o termo. Não era só um jeito de falar. O termo era prática. À prática, convivência e aceitação desses hábitos tão “(≠)Dignos” por ser diferente. A rua, pública, aceita o diverso, o inverso, por muitas vezes até o perverso. Mas se o perverso por vezes faz verso, talvez seu inverso seja menos verso que sua vã “decassilabilidade” possa afirmar. O perverso usa a rua, faz reta transversa entre o dentro e o fora. Afirma a transversalidade do espaço público, que por mais privatizado que o seja, apresenta sempre a imagem do gosto do desgosto, do feio que é bonito, da beleza de ser ou estar na margem. Tal beleza não é ou está na afirmação da melhor vida, porém na afirmação de outra vida. De forma alguma transcendente, no entanto imanente.

- Quando me proponho a ter uma vida de maluco, não seria isto também um planejamento? Se sim, então não é planejamento o problema. O que seria então? Talvez tornar o planejamento um empreendimento com pouca mobilidade. Tomá-lo como um ponto onde se quer chegar. Como se criasse uma suspensão das outras coisas até atingir a meta.

¹⁶⁸ Cajuína. Caetano Veloso.

¹⁶⁹ Piano Bar. Engenheiros do Havai.

Depois de 4h de pedalada, o corpo consegue uma carona com um caminhoneiro que estava viajando rumo à Minas Gerais. Acertou com o corpo que a bicicleta seria o pagamento pela carona. Como naquela jornada não existia um apego muito forte pelas coisas materiais, o corpo já foi logo concordando. Colocaram a bicicleta na carroceria e subiram na boléia para iniciar este novo percurso. O caminhoneiro chama-se Kulikov. Um homem novo, por volta dos 41 anos. Mostrava-se “apaixonado, inquieto, forte, com muitas e diversas aptidões. Era enérgico e tinha gosto em viver”¹⁷⁰. Dirigia o caminhão como se fosse um carro popular, com manobras que faziam o suor do corpo ganhar intensidade e saltar de seus poros agenciando-se com a roupa velha e desbotada que sobre o corpo se estendia. A viagem, que inicialmente pareceria tranquila, mostrou-se um tanto turbulenta. Algumas muitas ultrapassagens perigosas, em locais proibidos, sem visibilidade, na voz de: “saia da frente porque eu sou maior”; Não tinha medo de nada Kulikov. Arriscava-se bastante. O corpo ficava gelado de medo. Mas lhe faltava coragem para pedir ao caminhoneiro por mais cuidado. Ficava sem jeito de falar algo, pois estava de carona e não sentia-se à vontade para questionar a direção de Kulikov. Mesmo com sua vida em risco não falava nada. E Kulikov seguia, sem fazer menção alguma de mudar seu modo de dirigir.

- Foi bom ter encontrado você na estrada. Já faz mais de 300km que estou dirigindo sozinho. Não aguentava mais o silêncio. Quase dormi umas duas vezes. Agora pelo menos podemos conversar, isso me mantém acordado. Me conta alguma coisa de ti. Um revoltado com o sistema, suponho eu.

- Um revoltado? Minhas roupas te dizem isso? Ou pelo fato de andar a pé?

- Acho que o conjunto da obra.

- Não um revoltado, mas um inconformado. Não aguentava me olhar no espelho e enxergar cada vez mais um sujeitinho consumidor de tudo que lhe apresentavam. Cansei. Resolvi tirar o capitalismo de mim. Sei que não tenho como sair do capitalismo, mas posso tirar ele de dentro de mim. Deixar de pensar com a racionalidade capital.

- Coisa difícil essa! E estas conseguindo?

- Alguns dias acho que sim, mas em outros não tenho tanta certeza. Embora eu desvie, e me esforço para desviar, sempre existem momentos em que me vejo como um

¹⁷⁰ O nome do caminhoneiro foi retirado do livro “Memórias da casa dos mortos”, escrito por Dostoiévski, F. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008, p. 312.

consumidor inveterado. Não de objetos, mas de ideias, de afetos. Segundo essa racionalidade é consumo igual, né? Até entendo que o Estado tenha razões para me perseguir, pois acho que sou o câncer do consumo.

O caminhoneiro solta uma larga risada.

- Câncer do consumo! Ta! Conta outra. Não existe isso garoto. Tu não gasta com comida? Com Roupa? Com teu material? Com as viagens? Pessoas para te atender? Pra habitar as cidades, tem que gastar. Essa é a regra. Se paga pra tudo. Se paga para acessar os lugares. Para trafegar nas estradas.

- Mas eu gasto o mínimo, ou quase não gasto. Ganho o suficiente para me manter e, se não ganho alguém me ajuda com algo.

- Mesmo assim garoto. Ganhar muito ou pouco, para o capital não faz diferença. O importante é que ganha algo e que esse algo retorna para o mercado na forma de consumo de mercadorias ou serviços. Veja o caso dos pobres ou miseráveis. Poderiam dizer que eles não movimentam nada da economia. Mas então porque o governo teria interesse em dar a eles o bolsa família? E nem me vem com a conversa de que o governo quer o bem para o povo, que nessa eu não acredito mais. Com o bolsa família eles consomem. Pode ser pouco o que ganham, mas consomem. Ninguém está fora. Quer viver? Tem que estar dentro. Só não azeita o sistema quem já morreu e ainda assim alguns mortos ainda vendem muito.

- Sim, concordo contigo. Não tem como não consumir. Nunca vou estar fora do capitalismo, inclusive uso sua racionalidade para viver, para viajar. Uso o mercado, a lanchonete, a lojinha de aviamentos, as vezes pago um lugar para dormir ou uma passagem de ônibus. E na realidade os dias que mais faturei com o artesanato ou fazendo malabares nas sinaleiras são sempre os primeiros dias do mês, que é quando a população recebe seus salários. Mas acredito que existe a possibilidade de tirar a lógica do capitalismo de dentro de nós. O que quero dizer é que podemos ter atitudes que fujam ao padrão de acumulação e consumo. Um exemplo pode ser estabelecer relações de troca. Durante um bom tempo eu não toquei em dinheiro, passei mais de um ano apenas trocando. Tudo que eu produzia, trocava por mais material, por comida, carona ou por serviços. Durante minha jornada tenho apreendido que não existe um caminho para a libertação. Não existe uma forma específica de libertação. Tampouco a promessa de modelo a ser seguido a encontraria. A libertação é tua atitude no aqui e agora. Acho

que, algo como uma experiência de crise te possibilita essa aproximação. Claro que não existe uma libertação total. Romper com um código, te faz entrar em outro e depois em outro e outro, etc. Acho que a libertação é poder transformar os modos que já naturalizamos como padrões. Assim a libertação seria uma atitude constante.

- E como você se vira quando está doente, por exemplo?

- A galera da rua se ajuda muito. Se você está doente ou não está bem, a galera se junta, te leva para um pronto socorro, hospital, ou faz uma vaquinha para comprar remédio. Eu mesmo já fui muito ajudado. “Rola” uma grande solidariedade entre os da rua. Mas isso não significa que não ocorre desavença. Como toda família isso também acontece entre os malucos. O que tu faz fica sempre marcado na rota. Se tu é parceiro, fica conhecido por isso, mas se tu é sacana, tua marca será essa.

- Eu acho que sou um pouco maluco também. Sou um maluco com pés de borracha. Vivo rodando por esse Brasil, de sul a norte, enfrentando o perigo da estrada. Não falo só do trânsito, mas, vou te dizer uma coisa. O caminhoneiro, hoje em dia, é muito visado. Roubo de carga, do caminhão. E temos que ficar felizes se for só isso. Tem colegas que nunca mais voltaram pra casa. E tudo isso pra ganhar muito pouco. As vezes muitos dias longe da família. Acabamos fazendo outras famílias na estrada. Me entende, né?

- Você é um batalhador, Kulikov. Um trabalhador. Eu sou um aventureiro. Um artista, que vê em sua arte uma forma de viver a vida como uma aventura. Sabe, Kulikov, há pessoas nesse mundo que procuram por aventuras. E eu sou uma delas.

- Aventuras podem ser vividas em todo lugar. Até mesmo dentro da nossa casa. Quando olho para meus filhos, e tenho quatro, esses sim, sabem viver aventuras. Vão ao espaço sideral, no diminuto espaço do quarto deles. Dão a volta ao mundo, fazendo uma corrida entre a sala e a cozinha. Desbravam mundos os mais estranhos, habitados por monstros, por mágicos, duendes, gatos falantes, e um monte de outras coisas, que eu ainda nem consegui imaginar. A viagem, bem viajada, talvez não precise que você saia do lugar. Quem sabe, possa ser feita com grande intensidade, mas sem deslocamento geográfico. Talvez não seja aventura o que procuras, mas a si mesmo: corpo.

A conversa dos dois se estende pela BR. Os cenários passam rápido, pois a prosa era boa. Talvez seja um corpo de sorte. E tenha conseguido, até então, boas conexões.

Quando chegaram em São Paulo, o corpo desembarcou. Descer do caminhão significou um certo alívio. A companhia foi agradável, no entanto, as ultrapassagens, o excesso de carga e de velocidade, a direção agressiva, deram a viagem um caráter mais angustiante. Todavia, agora, já estava com os pés no solo e na cidade de São Paulo.

Ali, o corpo, fez parada rápida. Apenas para comprar mais material. A cidade é conhecida, entre os malucos, por ter materiais de melhor qualidade e com preços bem baixos. Comprou malabares. Enfim, já estava na hora de fazer “artesanato” com o corpo. Passou em um bazar e comprou arame, miçangas, e alicate novo. O seu já estava dando problemas. Também foi até uma “pedra de maluco”¹⁷¹ para saber das novidades e ver a situação da malucada. A conversa foi se tornando muito boa. Sem chances de sair. Acabou por ficar aquela noite em “Sampa”.

Foi uma noite dormida na rua. Instalou-se embaixo da aba de uma marquise. Um papelão no chão e alguns jornais por sobre o corpo. Já estava em condições de dormir. A noite não estava fria e, o céu estrelado fez lembrar da noite anterior. Dormiu na companhia de Grushenka.

Acordar na rua da cidade é sempre acordar em turbulência. O barulho dos motores dos carros, dos ônibus fumacentos, das motos acelerando em meio as buzinas; a conversa dos transeuntes; a passada, sempre ligeira, dos pedestres e, muitos outros sons que a cidade emana ao despertar. Um acordar agitado.

O corpo junta suas poucas coisas e limpa o local onde estava alojado. Faz bola com os jornais e dobra o papelão pois pode ser útil mais a frente no percurso. Com um pouco de água que tinha guardado da noite anterior, faz sua higiene pessoal. Sai em busca de um posto de gasolina para realizar algumas de suas necessidades básicas e lamenta não existirem mais banheiros públicos pelas cidades. Mas antes de achar um banheiro acaba indo aos pés em uma calçada pouco movimentada, entre uma árvore e uma banca de revistas. A bola de jornais se desdobra e se rasga, não serve mais para aquecer, mas, neste exato momento, encontra outra serventia.

¹⁷¹ Ponto de encontro dos malucos de BR. Normalmente um espaço central nas cidades, que possibilite a venda de suas produções. É espaço de exposição do artesanato. Local de convivência, de saber das notícias do caminho. Rever amigos e conhecer novos malucos. Partilham o alimento e alguns ganhos. Este nome nasceu de experiências prisionais. Malucos que cumpriram pena, levaram esta referencia para a estrada. Acabou por ser adotada.

Ainda busca um posto de gasolina para uma ducha. Depois de uma meia hora de procura, encontra. Agora pode aliviar o cansaço em um agradável banho frio. Sente-se renovado e também fica em melhores condições para uma carona.

No próprio posto arruma carona com um mototaxista, que o larga na BR em direção ao Rio de Janeiro. Estar na BR é estar em casa. Uma casa com corredores que levam a todo lugar.

Inicia sua caminhada sob o sol de 30 graus. Sol, asfalto, calor e pouco vento. Este último, estava cansado de tanto soprar na noite anterior e resolveu por tirar uma folga naquela manhã de verão. Para um caminhante, a sensação térmica era de mais de 40 graus. O boné do corpo mostrava toda sua serventia naquele embate afectuoso entre sol e cabeça. Constituíam-se como um bom mediador. Por vezes concedia mais força a um que a outro, mas logo revertia. Um belo jogo de poder, alternando constantemente o direito da fala: ora para o sol, ora para a cabeça. Nessa dança, de astro e corpo, foram por mais ou menos uns 23 min. Depois disso a caminhada chega ao fim, pois consegue que alguém lhe leve junto.

Um casal de surfistas, Nastássia e Kólia¹⁷², gostaram da “estampa” do corpo e lhe ofereceram carona até a Praia do Pecado, litoral de Macaé, RJ. Ficariam por lá alguns dias, pois o local é conhecido como um bom ponto de surf na região. Sem pestanejar o corpo embarca e segue rumo ao litoral. Depois das apresentações e das perguntas, curiosas de sempre, sobre como viver longe do sedentarismo. E a mais clássicas de todas: “o que sua mãe e seu pai acham disso (estar na estrada)”? Engrenam em uma conversa sobre os mais variados assuntos.

A carona termina em Macaé, RJ, conforme o combinado. Como já é fim do dia o corpo resolve ficar pela cidade. O casal lhe convida para passar a noite com eles. Já que seria um acampamento e, onde entra dois, também cabem três. Assim, rumam para a Prainha do Farol, que dista 10min da Praia do Pecado. A Prainha do Farol¹⁷³ é conhecida por ser calma e possuir águas cristalinas. Também é menos povoada e pequena. Fica localizada nas ruínas do antigo farol de Macaé, que data de 1880. Uma noite perfeita para um lual e banho de mar a luz das estrelas.

¹⁷² O nome dos personagens foi retirado do livro: Dostoiévski, F. O idiota. São Paulo: Editora 34, 2010.

¹⁷³ Prefeitura municipal de Macaé, RJ. Acessado: 12/02/2016. Disponível: <http://www.macaee.rj.gov.br>

Montam acampamento na parte menos habitada da praia. O acampamento consistia em uma barraca para duas pessoas, com uma pequena soleira à frente da barraca. Além disso, compunha o cenário, o carro, estacionado ao lado da barraca e as duas pranchas de surf do casal, cravadas na areia, entre o carro e a barraca. Já o corpo instalou-se abaixo da soleira da barraca, estendendo o papelão que havia guardado na noite anterior. Depois do acampamento montado, enquanto o casal vai ao centro comprar mantimentos, o corpo sai para dar um “rolé” e, para ver se encontra outros malucos. Busca por uma pedra de maluco, mas infelizmente não encontra nenhuma. Então, pegou informações com moradores de rua, sobre como é a fiscalização da prefeitura em relação aos artistas de rua. Não obtendo nenhuma informação que o impedisse, ... “dali” mesmo, foi até uma sinaleira e fez “laborpo” (malabares-corpo), na tentativa de conseguir algum dinheiro. Uma hora de trabalho e conseguiu R\$ 50,00. Era o suficiente para dividir um lanche com o casal hospitaleiro. Comprou algumas bebidas, um pouco de salsichão, cebola, pimentão e tomates. O aceitável para fazer um fogo e confraternizar.

Chegando ao acampamento, encontrou o casal já com o fogo aceso. Sentados na areia à volta da luz feita de chamas, Kólia tocava um violão e Nastássia cantava. A cena era empolgante. Ao fundo o mar e um céu estrelado, com uma lua minguante sorridente. A luz do fogo e a voz macia acompanhada pelo vibrar das cordas do violão, faziam carinho aos ouvidos de qualquer ser.

- Que beleza fazer parte de uma cena dessas!

Aproximou-se do casal, mostrando o que tinha comprado. Juntou com o que o casal havia trazido e, fizeram uma bela ceia. Cervejas geladas, xixo no fogo, algumas frutas e um cigarrinho para inspirar e relaxar.

O corpo se fez parceiro vocal. E entre uma canção e outra passava o cigarro da confraternização.

Assim como o cigarro, o violão passava de mão em mão, revezando a produção dos acordes.

Esta noite, deixaremos o corpo solto. Não faremos descrição. Ele merece um pouco de privacidade. Só digo que teve mar, ar, fazer(se) amar. Tamar conversa, prosa e verso. Teve corpo, corpo-a-corpo. Grito, risada e gargalhada. Teve um, dois e três:

emaranhado. Areia, corpo “enfarofado”: um croquete. Noite clara, estrela e constelação. Movimento, agitação e calma; dormiria, quase dormindo, dormiu.

Cedo da manhã, junto com o nascer do sol, o corpo levanta. Mochila nas costas e muita disposição para chegar a Belo Horizonte. Mas o corpo irá sentir que as conexões feitas entre sua carne, espírito, cosmos e álcool lhe imprimem um ritmo mais lento. Há que se fazer concessões a essas vozes. Está mais sensível. Parece que sente até seu fígado. Órgão que nunca tinha reclamado, neste instante, mostra seu lugar, sua localização no corpo do corpo. Assim como ele, a cabeça reclama. Aponta para a memória que falha. Reclama da garganta que está seca. A sede pede passagem. Enfim, um coletivo corpo tem voz e vez na caminhada deste dia.

Saiu em direção ao norte, buscando a rodovia Amaral Peixoto e “dali” foi costurando uma rodovia em outra: da RJ 106 à RJ 182, depois à RJ 116, a 265, a MG 447, etc. Desta vez a jornada voltou a ser percorrida pelos pés do corpo. Embalado pelo balanço de suas pisadas, a mente do corpo passou a produzir pensamentos.

- Vejo a estrada como um processo de autoconhecimento. Uma desconforto dos meus costumes. Mesmo que eu não queira, a BR, me obriga a ter que inventar. A BR é um espaço aberto, mesmo tendo suas regras. É campo de possibilidades e também de limitações. Mas indeterminado. Não se sabe o que se pode esperar do minuto seguinte. Quem se vai encontrar. Quais desencontros ocorrerão. Se vou comer. O quanto vou conseguir andar. Como farei o deslocamento? Quanto tempo fico em cada lugar? Tudo depende dos arranjos e conexões produzidos no caminho, com as pessoas que encontro. A exposição é constante, 24h “divulgado” a tudo e todos, às coisas boas e ruins. A vida do maluco é uma vida pública, no espaço público. O tempo inteiro se está no espaço político. Não de política partidária, mas como uma vida que se afirma como uma ação política. Não pede licença pra nada. Não existe ir pra casa descansar. Ela é uma intervenção com minha vida. A rua é a minha casa.

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa
Não tinha chão

Ninguém podia
Dormir na rede

Porque na casa
 Não tinha parede
 Ninguém podia
 Fazer pipi
 Porque penico
 Não tinha ali

Mas era feita
 Com muito esmero
 Na Rua dos Bobos
 Número Zero¹⁷⁴

- Por isso não faz sentido, para os malucos, a oferta do Estado de recolocação em um lugar na sociedade sedentária. Até porque não quero ser recolocado. Todo meu movimento foi de desvinculação, desregulação, “descolocação”.

- Eu deveria me preocupar com a duração da vida? Poupar a carne? Realizar práticas para prolongar minha vida? As intempéries e a exposição ao espaço público tornariam minha vida mais curta? No início eu achava que não duraria mais que 15 anos. Hoje vejo muitos malucos que pensavam assim como eu, mas que já estão vivendo a bastante tempo, estão com mais de 60 anos. Talvez minha segurança, se dê mais pelas conexões que faço no caminho, do que pelas prescrições médicas, científicas e policiaescas do cuidado-cuidador.

- Interessante é pensar que mesmo entre os malucos também consigo ver uma certa necessidade de produzir um padrão identitário. O que é ser maluco? E os próprios malucos respondem afirmando alguns modos de ser corretamente maluco. Cabelo, roupa, jeito, etc. Isso é muito tenso para mim. Entrei na malucagem para poder sair do modelo e agora me vejo entrando em novos modelos. Acho que nosso aprisionamento não vem de fora, mas acredito que construímos uma certa espécie de cadeia, na qual nos colocamos e produzimos nossas imobilidades. A cadeia do espaço aberto, do nosso cotidiano, da nossa naturalização dos modos de viver, de nossa institucionalização por uma ciência moral que traduz o “ser qualquer coisa”: doente, profissional, mendigo, feliz, perigoso, bem sucedido, psicótico, border, psicopata, etc. Me parece que nos tornamos um carcereiro de nós mesmos. Regulando em nosso comportamento e em nosso modo de pensar, de falar, de agir, tudo aquilo que possa estar destoando da norma/normalidade (cada vez mais reduzida e específica).

¹⁷⁴ A casa. Viniciu de Moraes

- Não é o deslocamento físico que liberta. O deslocamento físico não garante uma mente aberta. Mas acho que o conhecer, o conectar-se com a diversidade do outro, com as interrogações da proximidade da diferença do outro, que me ajudam em meu processo de construção /afirmação de minha liberdade. Por isso talvez não se chega na liberdade, mas se vive ela. A rua me deu a diversidade de histórias, de encontros, mas isto não está só nela. O conhecimento liberta. Mas até ele aprisiona. Lembro do meu tempo estudando direito. Um super enquadramento. Talvez a liberdade não seja o conhecimento específico ou em si. Também não é o conhecimento de coisas diversas. Mas acho que, por hora, me serve a ideia de que o que liberta é poder produzir agenciamentos de conhecimentos diversos em singularidades. Assim ando livre, não pelos meus passos, mas pelos meus vôos. A relação com os outros, que vão/vou trocando na estrada, um aprender ensinando. Uma troca não estabelecida hierarquicamente. Por isso que antes de ser maluco minha relação com os pobres era sempre distante. Por mais que sentávamos para conversar, existia ali uma hierarquia. Eu era sempre o riquinho legal que falava com os serviçais.

- Acho que preciso aprender a desaprender de mim. Desapegar de um “EU”, ou melhor, do meu “EU”. Existiria um “EU”, meu? Seria o “EU”, um objeto que porto? Um órgão meu, talvez? Acho que preciso desnaturalizar meus órgãos.

Estranhamento, silêncio e, novamente insistente, se pergunta.

- Estranhá-los me ajudaria? Estômago: digere. Intestino: absorve. Cérebro: pensa!?... sente???! Que nexos são esses: célula: unidade estrutural? Tecido: grupo de célula que reveste e estrutura? Órgão: grupo de tecidos com função(ões)? Corpo: célula, tecido, órgão; tudo ordenado? Quase nunca os sinto. Só quando disfunciona. Dói. Que ligação é essa? Como seria (res)sentir meus órgãos?

Discutindo com ele mesmo, por vezes se respondendo, outras calando, o corpo muito andou. E nós, distraídos, acabamos por perdermo-nos nos pensamentos do corpo e nem notamos a paisagem. Já se passaram algumas horas, três ou quatro, não se sabe ao certo. O “válido” é que o pé e as pernas do corpo fazem reclamação. O pé reclama de dores por toda sola e dorso. Diz também que o tênis lhe morde às bolhas. O Tênis reclama do cheiro do pé-chulé. As pernas, da fadiga dos músculos. Enfim, a reclamação

está ganhando grandes proporções. “Parem as máquinas”¹⁷⁵. Desse embate ganha o corpo, por parar o corpo.

Um descanso embaixo da sombra da árvore de fruta. Um encontro de sombras, antes individuais: do corpo, da mochila, do tênis, das árvores, das nuvens; agora um amálgama: várias sombras se encontram e não é mais possível encontrá-las isoladamente. Todas fundidas na sombra-árvore, mas sem perder sua singularidade. Só se perdeu o risco do lápis que desenhava o limite, a borda da individualidade, interna e exclusivamente una. Dessa reunião, a sombra-árvore é a que mais aparece. Mas o corpo, que participou do momento da fusão, sabe que o que vê e que faz não vê, é muito mais que sombra-árvore. É sombra-multiplicidade. É sombra-coletiva. Um coletivo que abriga-fresco o corpo e seus pertences da brasa do dia-sol. Um coletivo que serve de amparo para o pé, o tênis, as pernas, para o corpo e todas suas conexões, sejam elas vivas ou não vivas.

O sol a pico, a fruta na árvore, a fome no estômago. Hora de comer. Nunca só, sempre com o mundo. Agora o estômago mastiga a fruta da árvore que faz sombra. Não sabíamos, mas o corpo tinha em sua mochila um pequeno pedaço de salame. Estava embrulhado em um papel velho e rabiscado. A folha rasgada deixava entrever, com idioma outro, o seguinte: “No se puede pensar ni escribir más que sentado (G. Flaubert). ¡Con esto te tengo, nihilista! La carne del trasero es cabalmente el pecado contra el espíritu santo. Sólo tienen valor los pensamientos caminados”¹⁷⁶. Nova fusão. Agora fruta-salame-corpo, satisfeitos após a refeição, se deitam para um cochilo. Bem ao pé da árvore, suas raízes grandes e expostas, fazem algo parecido com a guarda de uma cama. Seu entre, todo gramado, serve de colchão. Ali o corpo se deita, se acomoda e se perde em sono profundo. De tão intenso, imita corpo-morto.

Tá lá o corpo
Estendido no chão
Em vez de rosto uma foto
De um gol
Em vez de reza
Uma praga de alguém
E um silêncio

¹⁷⁵ Vitorino, A. J. R. Parem as máquinas! Texto que retrata a “greve” dos tipógrafos no Rio de Janeiro em 1858. Fato inédito para a época, operários gráficos tiraram de circulação três importantes jornais da corte (Jornal do Comércio, Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro). Visitado em: 19/12/2015. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/parem-as-maquinas>.

¹⁷⁶ Nietzsche, F. Sentencias y flechas In: Crepúsculo de los ídolos: o Cómo se filosofa con el martillo. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 2013.

Servindo de amém...¹⁷⁷

O vento novamente se aproxima e acaricia o corpo dormido. O silêncio só não é sepulcral, porque os pássaros tagarelam musicalmente, os cachorros latem ao longe e as folhas folheiam. O corpo segue dormido por mais algumas horas. Só acorda, porque sua sombra, já “desamalgamada” e cansada de esperar, chama o sol para o corpo acordar. Diferentemente da manhã, agora o corpo acorda lentamente. Parece que precisa de ajuda. Talvez por isso que a sombra fez parceria com o sol, para acordar o corpo. A voz do coletivo é sempre mais forte que uma voz isolada.

A caminhada da tarde foi extenuante para o corpo. Caminhar ao lado do amigo sol, por vezes vira castigo. Em dias de sol eufórico, de brilho forte, de grande irradiação, quase “frita” a cabeça (coletivo de órgãos) do corpo e queima a pele-tecido que o reveste. Como um amigo embriagado, que perde a medida do acolhimento. Oferece um calor de acolhida que, as vezes, faz “ferver o motor”. Superaquece o corpo. Transforma o corpo. Faz metamorfose do cheiro do corpo. Faz rima com o corpo. De odor faz fedor. De aromático, para olor pungente. Por vezes nem osmólogo aguenta o contato. Corpo-roupa-pele-suada. O corpo agora molhado, salgado de suor, ganha novo odor. Um odor-fedor que em algumas jornadas lhe vale o apelido de relaxado, vagabundo que não toma banho, dizem alguns. As vezes o cheiro lhe vale, pois tenta se afirmar como maluco pelo cheiro. Isso ocorre, principalmente, para maluco novo, mais conhecido como micróbio. Mas depois, contamos sobre alguns encontros com os micróbios.

Chega a noite. Sono intenso que emenda no outro dia. O corpo maluco nem sente a noite passar. O cansaço era tamanho que foi como se desligasse o botão da vida.

No outro dia, não se movia. A remela no olho insistia em ficar. Deixou, então que ficasse. Foi um dia de relaxar. O sol também estava muito intenso, e mais um dia ao seu lado seria muito desgastante, terminaria o dia “esgualapado”. Dia de descansar, dormir, pois a noite nos espera. Os planos hoje são outros.

Por vezes o corpo deixa o sol e, quer companhia de alma feminina (nem que seja apenas em linguagem). Busca na noite. Várias são as opções, mas nem sempre disponíveis quando o corpo quer. As vezes perfeita, outras nem tanto. Mas quando a encontra plena, aí sim a noite vira criança. E como diz o ditado “(...) não sou eu que

¹⁷⁷ João Bosco. De frente pro crime.

chego tarde, mas é o sol que nasce cedo”. Céu limpo e estrelado. O vento cansado do dia, toca suave nas folhas com a maestria de quem dedilha uma harpa eólia¹⁷⁸. O som aparece como música, como uma orquestra perfeitamente regida pela anarquia do devirmúltiplo. Uma brisa que passava por ali, sopra leve o pescoço do corpo. Faz arrepio e os pelos do corpo excitadíssimos põem-se todos de pé, aguardando ansiosos pelo próximo sopro. Logo ela se mostra. Toda Lua, cheia, de um brilho intenso. Faz um convite impensável de ser recusado. E o corpo, imerso naquela cena, não resiste e se põe a caminhar com ela. Que delícia!

Muito mais fresco, o vento suave leva o corpo pelo seu trajeto, iluminado por um sorriso sem dentes, mas de intenso brilho. Sua caminhada termina ao nascer do sol. Que neste momento vai lhe servir de cobertor, para uma manhã de sono. Um dia de produção de artesanato. Fez peça, peças várias. Anel, pulseira, brinco, tornozeleira. Fez colar pro pescoço da moça e pingente pra corrente do moço. Da asa pequena que iniciava naquela manhã, à tarde já era pano de duas folhas. Fez bastante arte e, aprovou o novo alicate. Também treinou malabares. Bolas de fogo, ao ar jogou. Bambolê, pelo corpo rodou. Treinou Contato¹⁷⁹ e aros¹⁸⁰.

Depois de tanto treinar e fazer “arte”: uma parada. Contemplação.

Na beira da estrada, esperando o anoitecer, o corpo na relva relaxa. O por do sol se aproxima com graça, com malícia, jogando com as nuvens e flertando com o horizonte, um esconde-esconde, feito criança que faz pirraça. Ora atrás das nuvens, ora sobre elas, assim num vai e vem, num acende e apaga, o sol vai se perdendo no horizonte. O corpo entretido vai desenhando com as nuvens figuras de seu imaginário. Tomando coragem para seguir viagem.

Ouve passos. Aproxima-se uma figura que muito se parece com o corpo. De longe ainda não o reconhece, no entanto a silhueta lhe parece familiar.

- Salve maluco! Grita a figura que se aproxima.

A passos rápidos, logo se aproxima. E já se sentando próximo ao corpo pergunta:

- Tem fogo?

¹⁷⁸ Instrumento antigo, ainda usado no século XVIII, composto de uma caixa, armada de cordas metálicas e que se colocava nas árvores ou em bosques de recreio, para surpreender agradavelmente o transeunte com os sons que o ar produzia naquele instrumento. Fonte: <http://www.dicio.com.br/harpa-eolia/>

¹⁷⁹ Bola pequena que se faz deslizar pelas mãos, pelos ombros, pelos braços ou por qualquer outra parte do corpo. Pode-se jogá-las ao ar, mas pelo menos uma, tem que estar sempre em contato com o corpo.

¹⁸⁰ São aros pequenos, que se jogam ao ar alternadamente.

- Tenho. Chega junto.

Logo percebo que é um maluco de BR. Traz consigo apenas uma mochila e amarrado nela um pequeno cobertor.

- Vem de onde e vai pra donde? Me pergunta o maluco.

- Venho de São Paulo e sigo rumo a Belo Horizonte¹⁸¹. Quero visitar uns companheiros que há muito não vejo. Quero ir a Feira de Arte e Artesanato de BH¹⁸². Talvez expor algo, aprender novas técnicas, fazer novas conexões. Vou ficar um tempo por lá. E tu? Vejo que vais para o lado contrário. Está voltando de BH?

- Sim. Estive na Feira, durante umas duas semanas. Agora, sigo rumo ao litoral. Busco fresco na brisa do mar. Pelo que vejo, tu tens uns “trampos” legais. Trabalha com metal?

- Sim. Na realidade estou me experimentando com diferentes tipos de materiais. Estou mais acostumado a trabalhar com arame. Fazer pulseiras e anéis são minha especialidade. Mas como te disse, estou aprendendo a usar outros materiais. Quero trabalhar com materiais reciclados: ossos, pele, penas, couro de animais que encontro pela estrada. Sei fazer o grosso, no entanto, ambiciono poder operar pelo detalhe, fazer “arte de verdade”.

Durante alguns minutos, conversamos sobre nossos percursos e proezas que realizamos até aquele momento. Chegamos até a dar algumas risadas sobre nossas “perdidas” na estrada. Ele me contou sobre o seu material ter sido roubado na BR, e até

¹⁸¹ Tornou-se um marco de passagem e de luta para os malucos de BR. Em função de sua história, por receber malucos desde a década de 60, mas principalmente porque foi ali que surgiu o coletivo Beleza da Margem. Movimento que surgiu em defesa dos direitos dos artesão de rua (malucos de BR), que seguidamente eram violados pelo poder público. Eram impedidos de expor, tinham seus materiais e artesanias apreendidos pelos fiscais da prefeitura, além de receberem multas e serem taxados por vadiagem. O Beleza da Margem, organizou exposições fotográficas com os malucos e ingressou na justiça contra a prefeitura. Utilizou-se de fotografias e filmagens para comprovar as violações realizadas pelo poder público contra os malucos. E ao final do processo os malucos tiveram seus direitos garantidos. “Justiça ordena fim da repressão contra artesãos e a devolução dos artesanatos apreendidos, incluindo a exposição fotográfica “A beleza da margem”. Acessado: 29/05/2013. Disponível: <https://belezadamargem.com/2012/11/04/liminar-suspende-a-repressao-contra-os-artesaos-em-belo-horizonte-ordena-a-prefeitura-que-devolva-os-artesanatos-apreendidos-e-a-exposicao-fotografica-a-beleza-da-margem/>

¹⁸² Feira tradicional em Belo Horizonte. Atualmente é considerada uma das maiores feiras de artesanato da América Latina. Iniciou em 1969, no embalo do movimento Hippie, apenas com artesãos de rua. Ocorria na Praça da Liberdade. Na década de 90 migrou de local, pois a praça já não comportava mais a quantidade de pessoas que por ali circulavam. Hoje é utilizada tanto por artesãos quanto por camelos. Conta com mais de 2500 expositores. Oficialmente é conhecida como "Feira de Arte e Artesanato e Produtores Variedades de Belo Horizonte." Acessado: 15/04/2016. Disponível: <http://euamoafeira.blogspot.com.br/p/historia-da-feira-de-arte-e-artesanato.html>

de alguns acertos de contas sinistros que passou. Mas que acreditava que as coisas eram assim, um dia se tem, no outro já não se tem mais nada. E que isso pode acontecer com qualquer um. Acrescenta que o roubo é uma forma justa de se reaver as coisas, que por qualquer motivo alheio ao nosso conhecimento, tenhamos perdido no percurso.

Essa conversa dele me causa desconforto. Sinto uma certa intencionalidade-outra no ar. Sem motivo aparente, ele se cala. Não conversa mais comigo. Não responde e nem faz perguntas. Percebo que ele olha para minhas coisas. Que eram poucas, diga-se de passagem. Mas sem aviso ele recomeça a falar.

- Temos um amigo em comum. E por causa deste amigo em comum, que hoje, eu vou requisitar o teu material.

- Como assim? Digo eu, espantado com a comunicação por ele feita.

- Medardo é o nome dele. Pois ele me deve. E não é pouca coisa.

- Mas o que eu tenho haver com isso?

- O Duas Caras, vendeu a dívida dele. Me disse que tu tinhas assumido, e que eu deveria te buscar pela BR. Pois aqui estou. E hoje não tem desculpa. Quero meu dinheiro.

- Eu não! Não assumi dívida de ninguém. Muito menos do Medardo, que mal conheço. Só vi o Medardo por dois dias, nada mais. E além disso nem nos falamos, muito menos sobre dívidas. Você deve estar enganado. Isso é uma piada?

- Bueno, não me interessa. Me passa tudo que tens contigo. Quero teu material, alicate e tudo mais que tens. Vou levar tua asa também.

- Não. Não vou te dar nada.

Neste instante o Malvadeza¹⁸³ pula sobre o corpo. Não era bom com o alicate ou com os malabares, todavia sua especialidade era a briga. Brutalidade ao corpo-outro era com ele. O corpo não tinha chance alguma. Apanha muito, fica todo quebrado ensanguentado. Socos e chutes são distribuídos e fazem conexão com todo o corpo.

¹⁸³ O nome deste personagem não guarda relação com nenhum texto clássico em especial. Foi escolhido em referências aos textos de histórias infantis ou desenhos infantis. Um encontro com o infante. “Acredito firmemente que a crueldade é sempre uma manifestação de infantilismo. Toda a arte de hoje torna-se a cada dia mais infantil. Cada um tem o desejo louco de ser o mais infantil possível. (...) Hoje a arte é ou a queixa ou a crueldade” (Deleuze, 2006, p. 161).

Depois de muito apanhar, caído no chão, mal consegue se mover. E seu oponente completa com os seguintes dizeres:

- Se tivesse me dado o material quando pedi, não tinha ficado nesta situação. E agradeças por estar vivo. Por muito menos já matei alguns homens.
- Quem é você? Perguntou o corpo, entre gemidos de dor.

Seu verdadeiro nome não se sabia, mas na “radio cipó”¹⁸⁴ já se anunciava que um maluco traiçoeiro, pela BR circulava. Malvadeza era como tinha ficado conhecido. Ato de pouca potência e muita violência seguiram-se ao reconhecimento desta figura.

Roubou e violentou o corpo. Socos, pontapés, tapas, pauladas, de tudo se fez para tirar o sangue do corpo. Caído e ensanguentado. Jogado na mesma relva que antes lhe acolhia, mas que agora, parecia lhe espetar a carne por todos os lados. Ali jaz a carne que teima em permanecer viva. Nem nas caminhadas mais extenuantes, o corpo tinha sentido tão intensamente seu corpo. Cada parte, pedaço, centímetro ganhava existência pela intensidade da dor. A sensibilidade estava aguçada ao máximo. Um corpo-dor, hiper sensitivo. Cores distintas apareciam em sua pele. Vermelho, roxo, preto, amarelo. Parecia uma tela de pintura. Um corpo-tela-pintada. Ele era obra de arte resultante da função de restauração dos vasos, músculos, tecidos em recuperação. As células cumpriam sua função de reparação e a pele fazia metamorfose de um homem branco, queimado do sol, transmutando-o, nem que apenas por alguns dias, em um homem camaleão. Não se parecia com a paisagem, mas imitava as cores de dentro. Fígado, baço, bili, rins, todos envolvidos em produzir cores distintas das comumente conhecidas. No dia anterior havia se questionado sobre como sentir seus órgãos, pois, agora, sentia-os quase todos.

Tudo fazia o corpo lembrar das violências que tinha sofrido na cidade. Dos desmandos, dos atos violentos já sofridos por conta do poder público. Os agentes da lei, da ordem e da segurança, para “proteger” o cidadão, já o tinham enxotado de algumas cidades, sob gritos, xingamentos, tapas e pauladas.

- Por que fizestes tal crueldade comigo?

¹⁸⁴ Espécie de narrativa oral, desenvolvida entre os malucos de BR. Uns contam aos outros sobre eventos, acontecimentos do caminho, das trilhas, histórias dos antigos malucos que vão passando de boca em boca. Alertas sobre perigos, pontos de encontro. Também serve para contar da fama que cada maluco vai construindo em sua viagem.

- Te explico, meu amigo. Acaso, agora podemos nos tornar amigos. Nossas desavenças já estão resolvidas. Tu não me deve mais nada. Em outro momento, podemos até fazer um percurso juntos. Quem sabe, nos tornemos amigos inseparáveis? Meus atos violentos, não se justificam pela quantidade numérica ou econômica de ganhos (dinheiro ou objetos), mas pelo respeito que quero dos outros. Se perdô uma dívida, como a que Medardo tinha comigo, aí tudo está perdido. Faça isso por segurança própria. Para que não ousem me enganar. E digo mais:

La debilidad de nuestras voces, la ausencia de reflexión, los malditos prejuicios en los que se nos ha educado, los vanos terrores de la religión o de las leyes, eso es lo que frena a los necios en la carrera del crimen, lo que les impide ir a lo grande. Pero todo individuo dotado de fuerza y de vigor, provisto de un espíritu enérgicamente organizado, que se prefiere, como es debido, a los demás, sabrá sopesar sus intereses en la balanza de los propios, burlarse de Dios y de los hombres, desafiar la muerte y despreciar las leyes; y totalmente convencido de que sólo a él debe referirlo todo, sentirá que el número más amplio imaginable de lesiones ajenas, que no le duelen físicamente en absoluto, no puede ser comparado con el más leve de los goces comprados con este conjunto increíble de fechorías. El placer le halaga, está en su interior: el efecto del crimen no le afecta, está fuera de él. Ahora bien, yo os pregunto ¿qué hombre razonable no preferirá lo que lo deleita a lo que le es extraño, y no accederá a cometer esta cosa extraña que no le produce ninguna molestia, para granjearse aquella que lo conmueve agradablemente?(Sade, s/a, p. 24)¹⁸⁵

- O que você diz não faz sentido. É pura crueldade. Ao final desta frase, o corpo já muito debilitado, acaba por apagar-se. O Malvadeza, recolhe todos os pertences do corpo e sai estrada a fora, levando tudo por diante.

No outro dia, todo doído, o corpo tenta se levantar, mas a dor é muita. Seu corpo guarda seu sangue, vazado pela roupa, grama e pele. E reclama muito por ter de levantar. Então, desiste e permanece caído. Leva uns dois a três dias para sentir-se um pouco melhor, a ponto de poder retomar a caminhada. Por sorte, foi ajudado por outros malucos, que lhe forneceram água, comida e abrigo. Lhe deixaram até um pequeno cobertor. Tentaram levá-lo à próxima cidade, mas o corpo disse que não podia. Preferiu ficar por ali, para sarar das feridas.

Depois, o corpo ficou sabendo melhor, quem era o Malvadeza. Por esses mesmos malucos que ali passaram e o ajudaram. Contaram-lhe sobre a história que circulava na rádio cipó, sobre o Malvadeza.

¹⁸⁵ Sade, M. Justine o los infortunios de la virtud. Librodot.com; Edición: El Divino Marqués. s/a. (<http://www.sade.iwebland.com>).

Oriundo de uma família muito rica. Abandonou a estrutura e conforto familiar pelo prazer da ruptura. Pela atração ao perigo. Pelo desejo da fumaça subindo e tomando conta de sua cabeça. Pela garrafa de álcool passada de mão em mão. Por não agüentar mais as discussões entre seus pais. Pela atração às normas da rua. Virou maluco, como tantos outros, quando jogou-se. Ao emergir do poço, no primeiro toque do ar, tinha em seus pensamentos a clareza de que só necessitava de seu talento para sobreviver. Sujeito de boa conversa, sabia como agradar a todos. Sempre com bom humor, contador de piadas, de sorriso fácil. Um sedutor. A desenvoltura corporal era pouca. Aprendeu malabares, mas sempre teve dificuldades na sua execução. Seu forte era mesmo a lábia. Começou como micróbio¹⁸⁶. Não tinha asa nem pano. Apenas a roupa do próprio corpo. Não precisava de mais nada. Ele e seu talento bastavam (a força bruta, a destemperança e o pavio curto).

A fama do Malvadeza, já era internacional e circulava longe pela BR. Um maluco que ajudou o corpo, oriundo da Argentina, descrevia o Malvadeza da seguinte forma:

(...) es alto, muy hermoso de rostro, con ojos muy expresivos y muy espirituales; pero algo un poco duro, un poco maligno, se refleja a pesar de él en sus rasgos; no hay dientes como los suyos; hay cierta desidia en su talle y su apariencia, sin duda por el hábito que posee de adoptar tan a menudo posturas femeninas; tiene una gran elegancia, hermosa voz, algunas habilidades y sobre todo mucha filosofía en el entendimiento. (...) Es el ateo más famoso, el hombre más inmoral...¡Ah!... Se trata sin duda de la corrupción más completa y cabal, del individuo más perverso y más infame que pueda existir. (Sade, 2002, p. 11)¹⁸⁷

Muitos já havia se topado com ele. Alguns tiveram o mesmo destino do corpo; outros, se uniram a ele para cometer crimes pequenos, roubos e assaltos à turistas, transeuntes ou lojas. Os mais desgraçados, não estão aqui para contar do encontro que tiveram. A moral e os bons costumes, para o Malvadeza, operavam apenas como bons dispositivos disciplinadores, normalizadores e reguladores da sociedade ordeira. Como ele se entendia um fora da lei, um desgovernado, um maluco por excelência, acreditava que vivia ao sabor de seu desejo. Mesmo que, este fosse seguidamente interpelado pelas contingências do social.

¹⁸⁶ Micróbio faz artesanato na hora, com o que tiver na mão. O feitiço é rápido não tem preocupação com a qualidade. Dizem que resiste a qualquer coisa, a todo tipo de problemas. Vive nas ruas, dorme em "mocó" - local que todos os micróbios dormem juntos. Não é cegado em banho. Muitas vezes fedorento e possui pés sujos. Usa muito o sistema de troca para conseguir comida e gasta basicamente tudo que ganha para comprar a droga.

¹⁸⁷ Sade, M. La filosofía Del tocador. Colección Voyeur, 2002.

Mas descrever o Malvadeza, me fez lembrar de um texto escrito por Calvino (2015b). Chama-se “As boas intenções”¹⁸⁸, em que descreve o bom leitor. Este sujeito prepara-se arrumando tudo, escolhendo a dedo uma montanha de livros que quer ler e levar junto em suas férias. Livros que encontrou nas livrarias, que tinha em sua estante, que jamais foram tocados, mas comprados com muito afeto e que sempre manteve o desejo por tal leitura. Mas, não importa agora os motivos, jamais foram lidos. Porém, nestas férias, ele resolveu que vai ler. No percurso de arrumar as malas já vai deixando alguns de lado, pois não cabem na mala, ora existem outras coisas de suma importância para levar. Nos dias de férias sempre algo lhe rouba a atenção dos livros. Um dia o esporte outro a “menina mulher da pele preta”¹⁸⁹ e assim terminam-se as férias sem nenhum livro ser lido.

Interessante o quanto essa passagem faz o corpo pensar nos malucos, principalmente, quando fazem referência ao que os tornaria malucos de BR. Quando distinguem quem é maluco de quem apenas pega uma onda com os malucos. O que preciso ter na mala para ser maluco? Mas não posso ter mala. Na mochila, então. Ou o que não posso levar junto, para ser maluco? Haveria como definir o que é ser maluco? E, por que nos ocupamos com tal definição? O corpo não acreditava que existisse uma filosofia que pudesse tornar alguém maluco. Ou que sendo seguida, prepararia alguém para a vida de maluco. Compartilhava da ideia, de que o maluco se afirma pela sua atitude, pelo seu fazer na BR. Isto que vai definir quem se integra aos malucos ou não. Dizer que é maluco, qualquer um diz. Usar dreads, qualquer um usa. Fazer artesanato, qualquer um faz (talvez não seja vendável, mas faz). Mas o que conta é a atitude de maluco. Um maluco não promete virar maluco, não tem data para acontecer. Ele age como maluco. E o que seria esta atitude de maluco? Não posso dizer, pois eu não sei. E o tempo que nos acompanhamos entendemos que não existe receita. Se estiveres muito curioso podes perguntar aos malucos que encontrares nas sinaleiras ou nas pedras de maluco. Podes ir sem medo. Eles são muito receptivos, adoram um “mangueio”.

Mas voltemos ao corpo. Depois da surra e de ficar alguns dias de “molho” na relva macia, sob os cuidados da Lua, do Sol e dos companheiros que por ali passavam. Recomeça sua caminhada. Logo no início, seu passo é bastante lento, e o corpo reclama a todo instante das dores. Depois de duas hora de jornada, com várias paradas para

¹⁸⁸ Calvino, I. As boas intenções. In: Mundo escrito e mundo não escrito: artigos, conferencias e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015b.

¹⁸⁹ Menina mulher da pele preta, Jorge Ben Jor.

recuperar o fôlego e respeitar as reclamações de todos os inquilinos da carne, o corpo, encontra um pequeno riacho, localizado cerca de uma hora da próxima cidade. Faz uma parada para tomar um banho gelado. Um alegre frescor, que lava o corpo e relaxa a alma. Aproveita, também para lavar as roupas. Depois de um período expostos (o corpo e suas roupas) ao sol, voltam a reunir-se na figura singular de maluco.

Chegando na cidade, sem material para trabalhar e sem um tostão no bolso, assume a condição de pedinte¹⁹⁰. Em posição de humildade, pede aos transeuntes que lhe dêem um trocado, uma moeda. Diz que tem fome, que precisa de ajuda para comprar passagem. Entre uma ajuda e outra vai somando o que precisa. Mas como pedinte o dinheiro não vem tão rápido quanto como artista de rua. Assim passou uma semana na cidade para conseguir juntar o suficiente para uma passagem de ônibus à Belo Horizonte.

De posse da passagem, dormiu na rodoviária, aguardando ansioso pela saída do ônibus que o levaria, no outro dia, para Belo Horizonte. Pensava:

- De maluco, agora, voltei a ser micróbio. Sem asa, sem material. Um eterno retorno à produção incessante de pontos de partida.

Chegando em BH, vai direto até a Feira de Artesanato, onde existiam várias pedras de maluco. Lá encontra velhos conhecidos. Conta sua história e recebe ajuda: material cedido pelos malucos para que possa recomeçar. Durante seis dias, dividiu o pano dos camaradas de BR e trabalhou intensamente.

Já no sétimo dia, encontramos o corpo sentado na pedra de maluco. Direto no chão, sob seu pano e sobre ele, abre-se sua asa. Uma asa pequena, com 5 ou 6 peças. Era o que tinha, após ter sido roubado pelo Malvadeza. Nada que se possa vangloriar. Ali só um anel, dois brincos e uma ou duas pulseiras, tudo feito a mão. Mas uma peça em especial chamava a atenção. Era um anel de brilho muito intenso e grande beleza. De longe não parecia grande coisa, apenas um anel que refletia a luz do sol. Mas de perto sua beleza se revelava. Reunia diferentes artes. Uma reunião de lugares, de saberes, de

¹⁹⁰ Muitos malucos, depois de perderem seus materiais de trabalho, seja por violência do Estado, do poder de fiscalização público, da sociedade ou de acordos com outros malucos; eles fixam-se em cidades. As vezes por tempo curto, apenas para conseguir o suficiente para seguir sua jornada. Outros, desistem da malucagem e tornam-se mendigos. Dizem que por terem sido violados pela sociedade, agora viverão às custas dela. Tomam a mendicância como ato de resistência à não aceitação da condição de maluco. “Se me tiram as condições de trabalho e sustento, me fazem mendigo. Então, agora sou mendigo da cidade”. Fala feita por malucos em conversas pelas ruas.

conhecidos. Todos colocados em uma peça. Uma peça que para o corpo simbolizava seu retorno ao percurso. Um anel rico em detalhes.

Trazia, ensinamentos de muitos parceiros e companheiros de estrada, mas em especial de um mineiro que conheceu tempos atrás. Chamavam-no de Barba, um velho desdentado, que vivia há 25 anos, em uma caverna num parque em Minas Gerais. Se não me falha a memória, era chamada de Caverna do Rei do Mato, localizada a poucos quilômetros de Belo Horizonte. Figura de pernas e braços bem finos. Mal se poderia acreditar que sustentavam toda aquela barriga. Uma grande circunferência, parecia um barril sobre um frágil tripé. Um hálito horrível. Era difícil ficar muito perto dele quando falava. Seu hálito fazia arder os olhos de seu interlocutor. Suas roupas eram pouco sujas. Barba dizia que as lavava semanalmente em um córrego que havia perto da caverna. Água boa para beber e para lavar as tralhas. Ali o corpo esteve por uma semana. Tinha ido para conhecer a caverna, mas acabou por conhecer esta figura emblemática da cidade. Uma semana de aprendizado sobre como esculpir pedras, principalmente pedras preciosas ou semipreciosas. Afinal, Minas Gerais é conhecida como um berço mineral e de pedras valiosas. Eu não saberia lhes descrever o anel feito pelo corpo, pois acredito que sua beleza estava na fusão de seus detalhes. Mas lhes garanto que alegrava os olhos de muitos que ali passavam.

Os ensinamentos do Barba lhe foram valiosos, pois conseguiu vender o anel por uma boa quantia. Embora uma boa quantia seja algo bastante relativo, posso lhes assegurar que garantiu uma estada confortável para o corpo.

Na feira ocorriam atividades as mais diversas. Não era local apenas para vender artesanato, mas também para divertir-se.

Naquele dia o corpo viveu uma experiência não tão comum, mas também não muito estranha. Já entardecera e rolava um show público na Feira. As barracas já estavam em processo de desmontagem e aglomeravam-se cada vez mais pessoas para curtir o show. Naquela noite o corpo amou de várias as formas. E isso pode ser compreendido de forma literal. De modo romanesco, com carinho e ternura, à pegada forte, animalesca, contaminada e espúria. Nessa noite, era sábado ou segunda, já não sei ao certo. O dia também não importa. O fato era que o corpo se envolveu com outros corpos. Corpos de todos os tipos, os clássicos masculinos e femininos, mas também suas variações. Após as apresentações de um dia festivo, que reunia a população local

em um parque da cidade. A malucada que tinha ganhado uma graninha legal, comprou bebida e decidiram curtir a noite. Como quem “bota para si, bota para todos”, naquela noite ninguém levaria dinheiro para “cama”. Tudo gasto com bebida. Malucos misturados com não malucos, todos curtindo a música e em descontração total. A bebida corria solta, passava de mão em mão. Junto dela alguns passavam o cigarro de maconha. A mente estava aberta. Quando já alto da noite todos em descontraído papo olham ao longe um grupo que começa a se despir. Tiram a roupa e ficam apenas com as partes íntimas tapadas. Gritos de uhhruuu. Os corpos se entregam, se entrelaçam e se perdem. Não se sabe mais o que é de quem e quem é do que. Um emaranhado de corpos, suados que se dão intensamente. Era um jogo de prazer, de curtir, de se perder.

De repente em meio aquela confusão toda, abre-se como um corredor ou um círculo e, diante de todos destaca-se “(...) uma mulher morena, talvez moura, seminua e tatuada, enfeitada com rabos de pipa, que iniciou uma dança licenciosa. Não entendi bem o que sucedeu a seguir: homens e mulheres se lançaram uns sobre os outros e começaram o que depois fiquei sabendo que era uma orgia” (Calvino, 2011, p. 61).

Parecia que o corpo vivia em literatura ou que a literatura vivia em corpo. Por coincidência do destino ou não, a grande maioria das pessoas que ele conhecia tinham nomes de personagens de escritos já consagrados como clássicos da literatura. Um corpo no meio de corpos. Um entre corpos. Então se perguntou, o que posso como corpo literário?

- meu nome é... Não é um nome que busco, mas a própria “desnomeação”. Um corpo que forma, performa e disforma.

Todos os nomes foram uma ficção para o corpo, uma história que ele produziu a partir dos encontros que teve com a literatura. Seus companheiros de viagem, foram seus companheiros de outras viagens feitas pelos livros. Hoje eles dialogaram com o corpo, interagiram com ele, lhe impuseram limitações, dores, sofreres, realizações e esperança. Um corpo processo, que fez-se sujeito indiviso, em certas circunstâncias, e depois voltou a desfazer-se, virou corpo-outro, corpo-qualquer coisa. Não é mais indivíduo, mas corpo.

Na roda com os amigos, conhecidos e estranhos, o corpo se conecta. Com a música, com a arte, com as pessoas que passam, com os artistas que “artesaneiam”. Deixemos o corpo, que se perde de si mesmo, na pluralidade de seus agenciamentos.

Não é mais corpo, mas corpos-relação. Talvez não ouçamos mais falar deste corpo, não é problema, pois vive nas conexões feitas com os vários outros “corpos-almas”, com ou sem nome, com ou sem definição. Uma zona de indiferenciação, de indiscernibilidade. Mas sob o olhar, atento, presente e conveniente, da lógica identitária: À margem da beleza, virou Beleza da Margem!

Se nada mais ficou, abandonamos o corpo e nos jogamos para pensar alguns movimentos dessa história por outros acontecimentos, que não mais tese...

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abecedário de Gilles Deleuze, O. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos, s/a, p. 19. Disponível: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>

ALVARENGA, G. C. A. Vida e arte – Criação na borda, no balanço paradoxal. Dissertação – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2012.

ARENDT, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUMAN, Z. O mal-estar da Pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

_____. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

_____. A arte da vida. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2009.

_____. Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2010.

BARROS, M. E. B. de. Modos de gestão e produção de subjetividade in: ABDALLA, M.; BARROS, M. E. B. de. (Orgs). Mundo e sujeito: aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus, 2004.

BARTHES, R. A morte do autor. In: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BELEZA DA MARGEM. Disponível em: <http://belezadamargem.com/>. Acessado em: 10 de março de 2013.

BERGSON, H. O pensamento e o movente: ensaios e conferências. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLANCO, M. Não alimente os mendigos. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/blogs/michel-blanco/n%C3%A3o-alimente-os-mendigios-221348670.html>>. Acessado em: 26 de julho de 2013.

BRASIL. Portal Brasil: O nascimento da cidadania digital. (2012). Sistema de cadastro do artesão – Sicab. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/03/19/governo-simplifica-cadastro-de-artesao-para-ampliar-alcance-do-setor>> Acessado em 11 de julho de 2013.

BRASIL. Casa Civil. (2009). Decreto Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm> Acessado em 12 de janeiro de 2013.

Cabral, M. C. C. & Kastrup, V. (2009). Leitura de Acolhimento: Uma Experiência de Devir Consciente.

Calvino, I. Palomar na praia: Leitura de uma onda” IN: Calvino, I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Calvino, I. Respostas a nove perguntas sobre o romance. In: Mundo escrito e mundo não escrito: artigos, conferencias e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015a.

Calvino, I. O Visconde partido ao meio. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CASTEL, R. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CAVALHEIRO, J. Dos S. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 11/2, p. 67-81, dez 2008.

COLASANTI, M. Eu sei, mas não devia. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1996.

COLETIVO BELEZA DA MARGEM. Disponível em: <http://belezadamargem.com/>. Acessado em: 14 de janeiro de 2013.

CONCEIÇÃO, A. L. Jovens Andarilhos no Curso Ciclo do Capital. Revista OKARA: Geografia em debate. João Pessoa, PB; DGEOC/CCEN/UFPB; V1, n 1, p. 1-152, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

_____. Kafka: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. (1997). O que é a Filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2002.

_____. Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

Deleuze, G. Parnet, C. Diálogos. Relógio D'Água Editores, 2004.

DELEUZE, G. O pensamento nômade. In: A ilha deserta: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. Espinosa, filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. Espinosa e o problema da expressão. Disponível: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Expressão1.pdf> /

Diálogos Históricos. Brasil Anos 60-70. Acessado: 09/01/2016. Disponível: <https://dialogoshistoricos.wordpress.com/historia/brasil-anos-60-e-70/EndFragment>.

DICIO. Dicionário online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/>. Acessado em: 05 de março de 2013.

DILMA, R. (2013). Reportagem editada por MENDES, P. Dilma anuncia na TV desoneração de produtos da cesta básica. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/03/dilma-anuncia-na-tv-desoneracao-total-de-produtos-da-cesta-basica.html>. Acessado em 15 de maio de 2013.

DOSTOIÉVSKI, F. Notas do Subsolo. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

_____. Memórias da casa dos mortos. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008a.

_____. O Idiota. São Paulo. Editora 34, 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. Polícia da Flórida prende rapaz por alimentar mendigos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u106187.shtml>>. Acessado em: 26 de julho de 2013.

FOUCAULT, M. A governamentalidade – Curso do Collège de France, 1 de fevereiro de 1978. In: Foucault, M. Microfísica do Poder. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciencias humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. Nacimiento de la biopolítica. Curso em El Collège de France (1978-1979). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

_____. O Governo de si e dos outros. Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. O que é o autor?. In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 264-298

FUGANTI, Luis. Saúde, desejo e pensamento. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. : Linha de Fuga, 2008.

Gastão, B. A. A ética em Michel Foucault: Do cuidado de si à estética da existência. Intuitiu, 2014, Vol. 7, nº 1, p. 157-168.

G1. Site de financiamento coletivo permite dividir projetos com amigos. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/05/site-de-financiamento-coletivo-permite-dividir-projetos-com-amigos.html>. Acessado em 28 de junho de 2013.

HARDT, M.; NEGRI, A. Império. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

_____. (2006). O que é Multidão? Entrevista com Michael Hardt e Antonio Negri. Revista Novos Estudos, 75, p. 93-108, julho de 2006. Entrevista concedida a Nicholas Brown e Imre Szeman.

HARVEY, D. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo, Ed. Loyola, 2008.

HECKERT, A. L. C. Globalização e os novos mecanismos de controle in: ABDALLA, M.; BARROS, M. E. B. de. (Orgs). Mundo e sujeito: aspectos subjetivos da globalização. São Paulo: Paulus, 2004.

iG – Internet Group. Bancos públicos dominam o mercado de crédito no Brasil. Disponível em : <<http://economia.ig.com.br/2013-07-27/bancos-publicos-dominam-o-mercado-de-credito-no-brasil.html>>. Acessado em 27 de julho de 2013.

JULLIEN, F. O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

JUSTO, J. S; NASCIMENTO, E. C. do. Errância e delírio em andarilhos de estrada. Psicol. Reflex. Crit. Porto Alegre, RS. Vol 18, n 2, 2005.

Kafka, F. Um relatório para uma Academia IN: Um medico rural: pequenas narrativas. São

Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KASTRUP, V. A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papyrus, 1999.

KASTRUP, V.; BENEVIDES, R. de B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Kastrup, V.; Cabral, M. Encontros que nos movem: a leitura como experiência inventiva. Disponível: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_283.pdf

KRAKAUER, J. Na natureza selvagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KUMAR, K. Da sociedade pós-industrial à pós-moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Lourau, R. O campo socioanalítico. In: Altoé, Sônia (Org.). Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2003.

MAFFESOLI, M. Sobre o nomadismo: vagabundagem pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MIRANDA, A. Práticas de ‘crowdfunding’, uma forma de financiamento coletivo organizada na internet. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/praticas-de-crowd-funding-uma-forma-de-financiamento-coletivo-organizada-na-internet-2828137>. Acessado em: 28 de junho de 2013.

MONTEIRO, M. Do S. De A. Autoria e discurso: diálogos com Michel Foucault... IX Semana de Letras: cultura e diferença. Anais, dados eletrônicos. FALE/PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, 401p.

NARDI, H. C. A propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. *PsicolSoc.*; 15:37-56, 2003.

NASCIMENTO, E. C. do; JUSTO, J. S. Vidas Errantes e Alcoolismo: uma questão social. *Psicol. Reflex. Crit.* Porto Alegre, RS. Vol 13, n 3, 2000.

NASCIMENTO, E. C. do; JUSTO, J. S.; FRANÇA, S. A. M. Errância e normalização social: um estudo sobre andarilhos de estrada. *Psicol. Estud.*, online. Vol 14, n4, p. 641-648, 2009.

NIETZSCHE, F. W. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Crepúsculo de los ídolos: o Cómo se filosofa con el martillo. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 2013.

Oneto, P. D. A nomadologia de Deleuze e Guattari. *Lugar Comum* N°23-24, pp.147-161EndFragment.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. de B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART, P. P. A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

- _____. Vida Capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- _____. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PELLEJERO, E. Literatura e fabulação: Deleuze e a política da expressão. Fortaleza, Vol. IV, nº 5, 2008, p. 61-78.
- PENN, S. Filme: Na natureza selvagem. EUA.. DVD, duração 2h28min. 14 de março de 2007.
- PERES, R. S.; JUSTO, J. S. Contribuições das técnicas projetivas gráficas para a compreensão da personalidade de andarilhos de estrada. Estud. Psicol. (Natal). Natal, RN. Vol 10, n 2, 2005.
- PERES, R. S. Tão longe, tão perto: andarilhos de estrada e a vivência do distanciamento familiar. Psic. São Paulo. Vol 3, n 2, 2002.
- PERES, R. S. Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância. Psico-USF (impr.), Itatiba. Vol 6, n 1, 2001.
- PESSOA, F. A liberdade é a possibilidade do isolamento. In: Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol III. Lisboa: Ática, 1982.
- PIMENTEL, M. A arte de resistir ou a re-existência da arte. Acessado: 14/02/2015. Disponível: http://deploy.extras.ufg.br/projetos/seminariodeculturavisual/images/anais/54_a_arte_de_resistir_ou_a_re-existencia_da_arte.pdf
- Pinto, A. F. O Tobiano Capincho, p. 37. In: Pinto, A. F.. Romances de estância e querências. Porto Alegre: Ed. Globo, 1959.
- Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Lei nº 11.586, de 5 de março de 2014. Disponível: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000033952.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>
- RAMIL, V. (1987). Joquim (Joey). Transcrição Vitor Ramil Baseado na vida de Joaquim Fonseca. In.: Disco Tango. Disponível em <<http://www.vitorramil.com.br/discos/tango.htm#>> acessado em 12 de julho de 2013.
- REVELLI, M. Oito hipóteses sobre o pós-fordismo. Disponível em: http://www.cddc.vt.edu/digitalfordism/fordism_materials/revelli.htm. Acessado em 25 de julho de 2013.
- ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina/UFRGS, 2006.
- Rolnik, S. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.
- Roman, A. R. O conceito de polifonia em Bakhtin – o trajeto polifônico de uma metáfora. Letras, Curitiba, n.41-42, p.195-205.1992-93. Editorada UFPR
- SALGADO, L. Financiamento de filmes por fãs vira moda no cinema. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-103617/>. Acessado em: 04 de agosto de 2013.

Sampedro, R. Cartas desde el infierno. Barcelona: Editora Planeta, 1999. Disponível: <https://fuentesdeinformacioniapb.files.wordpress.com/2013/06/7807992-sampedro-ramon-cartas-desde-el-infierno.pdf>

SANTOS, M. (1997). Globalização, regionalização: A proposta do MERCOSUL. In: SESI. Indústria e globalização da economia (Caderno Técnico, n. 24). Rio de Janeiro: SESI/DN. Não paginado.

SEIXAS, R. (1973). Ouro de Tolo. In.: Disco Krig-há, Bandolo. Disponível em <<http://letras.mus.br/raul-seixas/48326/>> acessado em 10 de fevereiro de 2013.

SILVA, R. A. N. (2005). A invenção da Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

Spinoza, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TIRADO, F. Resenha do livro The Politics of Life Itself. Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century. De Nikolas Rose. Athenea Digital – núm. 14:331-338 Reseñas, 2008.

TRIBUNA DO NORTE. Programa Minha Casa Melhor ultrapassa 100 mil contratos em um mês. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/news.php?not_id=255624>. Acessado em: 20 de julho de 2013.

VELOSO, C. O Quereres. Disponível em: <<http://letras.mus.br/caetano-veloso/44758/>>. Acessado em: 27 de julho de 2013.

VERÍSSIMO, F. O Caminho das Co-produções. Disponível em: <<http://www.filmeb.com.br/portal/html/materia3.php>>. Acessado em 15 de maio de 2013.

Ynoones, Nils Sobre o MIL-GAC. Acessado: 09/01/2016. Disponível: <http://www.oocities.org/autonomiabvr/mil.html>.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. Psicologia & Sociedade; 23 (3): 454-463, 2011.